Sangue, suor e lágrimas: o boxe em São Paulo de 1928 a 1953

-VERSÃO CORRIGIDA-

Mestrando: Breno Costa de Macedo

Orientador: Flavio de Campos

São Paulo, Dezembro de 2019

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

M141s Macedo, Breno
 Sangue, Suor e Lágrimas: o boxe em São Paulo de
 1928 a 1953 / Breno Macedo ; orientador Flávio de
 Campos. - São Paulo, 2019.
 298 f.

 Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras
 e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
 Departamento de História. Área de concentração:
 História Social.

 1. Boxe. 2. História. 3. Esporte. 4. Paulistas. 5.
 Brasileiros. I. de Campos, Flávio, orient. II. Título.

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): Breno Costa de Macedo

Data da defesa: 15/10/2019

Nome do Prof. (a) orientador (a): Flavio de Campos

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 14 / 01 / 2020

(Assinatura do (a) orientador (a))

Agradecimentos

Esta pesquisa de mestrado tornou-se, através dos anos, um dos meus maiores objetivos profissionais. Apesar de historiador graduado pela Universidade de São Paulo, nunca exerci a profissão de professor ou pesquisador, sendo o boxe minha verdadeira profissão. Inicialmente ‘ganhando a vida’ como pugilista amador, tornei-me treinador e dirigente desta modalidade, campos de atuação que sempre competiram com minha dedicação à historiografia.

Quando me perguntam quando comecei a me envolver com o boxe, respondo que foi antes de aprender a ler e escrever. Não trago na memória a primeira vez que calcei uma luva de boxe, assim como não nos lembramos quando foi a primeira vez que chutamos uma bola. Pela oportunidade de ser inserido no mundo do boxe ainda antes do meu nascimento, agradeço imensamente à vida, o acaso, a Deus. Pela particularidade de aprender a gostar de boxe com um dos melhores treinadores do país em sua época, agradeço ao meu pai Marcos Macedo. Sem você, pai, eu não seria nada no mundo do boxe, não teria sido atleta, não seria treinador, não seria um historiador que pesquisa boxe. Este trabalho é também para você, uma forma de retribuir tantos aprendizados que tive com você. O privilégio de poder consultar uma fonte dentro de casa foi essencial da minha pesquisa, e todo conhecimento que você transmitiu a mim, será passado a frente. O boxe é a maior herança que você poderia me dar. Obrigado por tudo.

Agradeço imensamente à minha família, à minha mãe Analice que tanto sofreu em períodos que seus dois filhos voltavam pra casa de olho roxo após as competições, sem nunca esmorecer ou nos desincentivar. Minha mãe que me ensinou a ler, que me estimulou a ir para Universidade, me dando liberdade em escolher uma área pouco valorizada, a História. O seu coração é o meu, mãe. Meu irmão Leonardo, com quem travei inúmeras batalhas dentro dos ringues desde nossa infância, quando nosso pai nos ensinava a nobre arte de esgrimir com os punhos. Com meu irmão Leo divido o privilégio de ser filho de um boxeador, ser herdeiro de um conhecimento e uma tradição do boxe paulista e brasileiro. Nós somos o boxe, Leo. À minha irmã Letícia agradeço pela parceria, pelas vezes que acompanhou a equipe de Rio Claro em competições, fazendo as vezes de líder de torcida com sua voz estridente. Seu engajamento com o ginásio de nossa família, principalmente no campo cultural e social, é apaixonante. Obrigado por ser minha irmã, minha parceira, minha amiga. Agradeço à minha companheira Rosane, pessoa que conheci em uma comemoração após uma vitória e

que sempre apoiou e admirou meu envolvimento com o boxe. Obrigado pelo apoio e companheirismo dos últimos anos, Rô, tua colaboração foi fundamental para que essa pesquisa ‘saísse’. Obrigado pela paciência e pelo amor emanado.

Agradeço a cada pessoa do mundo do boxe com quem tive contato, principalmente os mais antigos de quem sempre gostei de escutar suas histórias. Foi crescendo ouvindo histórias maravilhosas do nosso esporte que decidi trazer o boxe para dentro da Universidade. Agradeço imensamente ao senhor Newton Campos, presidente da Federação Paulista de Boxe aos 94 anos, enciclopédia viva do boxe brasileiro. Sua boa vontade em colaborar com a pesquisa foi em exemplo pra mim e me estimulou de forma gigantesca. Agradeço ao Nelson Oliveira, o Goiaba, e a toda sua família que colaborou com nossos encontros. Me sinto honrado em produzir uma pesquisa onde constam algumas das lindas memórias compartilhadas pelo senhor. Agradeço a Paulo Lofredo, filho do Lofredão, que dispensou grande atenção para auxiliar na pesquisa.

. Agradeço aos irmãos da MM Boxe de Rio Claro, os dos primórdios e os de agora. Citar o nome de cada um de vocês seria injusto com os que não terão seus nomes aqui relacionados. Agradeço aos meu treinador Messias Gomes, que me transmitiu rico conhecimento sobre este jogo. Agradeço aos camaradas do Boxe Autônomo, principalmente Guilherme e Piva, que me permitem o privilégio de trabalharmos juntos com o boxe. Agradeço aos boxeadores do Palmeiras com quem trabalhei boa parte dos anos desta pesquisa, principalmente Paco Garcia, Lucas, Jhonatan, Yuri, Cosme, Dino (Uendel), Fofão. Conviver com atletas de alto nível como vocês só me fez ter mais vontade de estudar os boxeadores do passado. Agradeço aos companheiros da Palestra Popolare Quarticciolo, principalmente Manu e Gianni, com quem convivi durante meio ano durante a realização desta pesquisa. Agradeço os companheiros de Roma, Bolonha, Genova, Torino, Napoli, Perugia e Pisa, que me ensinaram o que é antifascismo e como usar o boxe como ferramenta de ação direta.

Agradeço ao meu orientador, o professor Flavio de Campos por seu incentivo, desde o primeiro contato, quando me apresentei como um estudante da graduação que queria estudar o meu esporte. A todos companheiros do LUDENS deixo aqui meu agradecimento, principalmente ao Bruno Jeuken e Victor Ramalho, que tanto me ajudaram na pesquisa. Agradeço ao pessoal do Museu do Futebol, Ademir e Doris, pela simpatia e companheirismo.

Obrigado, vida!

Resumo

Esta pesquisa teve por objetivo analisar o cenário pugilístico paulista e brasileiro entre os anos 1928 e 1953, buscando identificar quais eram os principais agentes, personagens e condições dentro deste universo. O trabalho constituiu na identificação e análise de fontes primárias, produção e estudo de entrevistas, pesquisa em fontes jornalísticas e análise de fontes secundárias que lançaram luz ao boxe em São Paulo entre as décadas de 1920 e 50. Buscou-se compreender como o boxe circulou pela cidade em seus diferentes períodos, quais foram as condições de desenvolvimento e solidificação deste esporte na cidade. A pesquisa se aprofunda em qual era o cenário e o ambiente deste esporte antes das primeiras conquistas internacionais do boxe brasileiro, que tiveram início no final da década de 1950. Treinadores pioneiros, treinadores modernos, locais onde ocorriam lutas de boxe, desenvolvimento da modalidade em grupos esportivos, competições históricas, imigração, grupos sociais que praticaram boxe e engajamento político são alguns dos temas abordados nesta pesquisa de mestrado.

Palavras-chave: Boxe; Pugilismo; História do Boxe, História do Esporte, Era Vargas, Pacaembu, São Paulo

Abstract

This research aimed to analyze the scenario boxing of São Paulo and Brazil between 1928 and 1953, trying to identify which were the main agents, characters and conditions within this universe. The research consisted of identifying and analyzing primary sources, producing and studying interviews, researching journalistic sources, and analyzing secondary sources that shed light on boxing in São Paulo between the 1920s and 50s. We sought to understand how boxing circulated by the city in its different periods, what were the conditions of development and solidification of this sport in the city. The research goes deeper into what was the scenario and particularities of this sport before the firsts international achievements of Brazilian boxing, which began in the late 1950s. Pioneer coaches, modern coaches, places where boxing took place, development of the sport in Sports Clubs, historical competitions, immigration, social groups who boxing and political engagement are some of the topics covered in this master's research.

Keywords: Boxing; Boxing History, Sport History, Era Vargas, Pacaembu, São Paulo

Glossário

Árbitro – juiz de boxe que supervisiona a luta sobre o ringue, interferindo nas ações dos boxeadores com comandos de voz e de braços

Catch-as-cath-can – nome antigo do ‘catch’, que posteriormente popularizou-se por tele-catch, chamado no Brasil também de luta-livre ou ‘marmelada’. É um espetáculo teatral de simulação de luta-livre agarrada.

Corner – pessoa que orienta o pugilista em seu corner (esquina), passando instruções e ajudando-o a se recuperar nos intervalos de uma luta

Cruzado – golpe curvo do boxe que pode ser desferido com ambos os punhos, com uma trajetória ‘aberta’ ou ‘de fora para dentro’, com o braço curvo

Direto – golpe reto desferido com a mão de trás da guarda do boxeador com o braço estendido

Escada – boxeador profissional de baixo nível ou com muitas derrotas em seu cartel, comumente escolhido como adversário de algum boxeador que precisa ‘subir de nível’, utilizando um pugilista de baixo nível como uma ‘escada’, daí o nome.

Gancho – golpe curvo desferido de baixo para cima, chamado em inglês de *Uppercut*. Pode ser desferido com ambos os braços

Jab – golpe reto (braço estendido) desferido com a mão que fica a frente da guarda do boxeador, mão esquerda para destros e mão direita para canhotos.

Journeyman boxer - boxeador que possuiu boa qualidade técnica e física, mas não ao nível de ser bem cuidado por empresários e promotores. Basicamente, seria um boxeador mediano que, sem ter respaldo de dirigentes, é ‘jogado aos leões’, sem zelo por sua carreira ou preocupação com resultados negativos em seu cartel.

Jurado – juiz de boxe que julga o combate do lado de fora do ringue, votando no vencedor da luta de acordo com seu desempenho na partida.

Head coach – técnico principal de uma equipe

Luta Estelar - principal luta de um evento de boxe, em inglês chamado de *main event*.

Manager – empresário que gerencia a carreira de atletas de boxe

Matchmaker – pessoa que organiza lutas de boxe, quem define quais boxeadores devem se enfrentar. ‘Fazedor de lutas’ em tradução livre

Upper ou *Uppercut* - golpe curvo desferido de baixo para cima, em português bastante chamado de gancho. Pode ser desferido com ambos os braços

Sonado – pessoa que apresenta lesões cerebrais ocasionadas por excesso de pancadas na cabeça

Sparring (ação) – treino de simulação de combate onde atletas, usando material de proteção, praticam boxe livremente. Ex: Se João e José farão treino de luvas no ringue, eles farão um sparring.

Sparring (indivíduo) – aquele que se submete a um treino de simulação de combate com outra pessoa. Ex: Se João treina com luvas com José, João é sparring de José.

Sumário

Introdução

1 – Apresentação	10
1.1 – Fontes de pesquisa: fontes escritas	13
1.1.2 – Periódicos	13
1.1.3 – Bibliografia de pesquisa	14
1.1.4 – Banco de dados eletrônico: <i>BoxRec</i>	19
1.2 – Fontes orais	20
1.2.1 – Newton Campos	21
1.2.2 – Nelson ‘Goiaba’ Oliveira	22

Capítulo 1 – O Boxe e a Cidade

2.1 – Primórdios	24
2.2 – Renasce quem ainda não nasceu	25
2.3 – O boxe e a cidade de 1928 a 35	31
2.3.1 – Picadeiros	32
2.3.2 – Teatros e cinemas	35
2.3.3 – Frontões	36
2.3.4 – Clubes de futebol	37
2.3.5 – Rinkes	38
2.4 – Estádio Paulista: apogeu e queda nos anos 1930	39
2.5 – Ginásio do Pacaembu: uma nova era	49
2.6 – Clubes, estádios e circos: o boxe amador roda a cidade	55
2.6.1 – Circos, novamente	61

Capítulo 2 – Os mestres pioneiros

3.1 - Rio de Janeiro	65
3.2 - A veterana	67
3.3 – Caverzasio	70
3.4 – Sangiovanni	75

3.5 - Kid Pratt	80
Capítulo 3 – Kid Jofre, o elo entre pioneiros e modernos	87
4.1 - Kid Jofre e seus amadores	92
4.2 - Kid Jofre vai ao boxe profissional	102
Capítulo 4 – Mestres Modernos	108
5.1 – Waldemar Zumbano	108
5.2 – Luiz Campos Soares, o Gaúcho	110
5.3 – Oscar Davidson	121
5.4.– Benjamin Ruta	125
5.5 – Attilio Loffredo	132
Apêndice 1 - Imagens relativas aos capítulos 1, 2, 3 e 4	138
Capítulo 5 – Anos 1940: um passo à frente	148
6.1 - Inauguração do Pacaembu	149
6.2 – Forja de Campeões	153
6.3 – Boxe nos clubes de futebol e clubes de bairro	160
6.4 – Boxe em associações trabalhistas	165
6.5 – Temporada de 46	170
6.5.1 – Os empresários	170
6.5.2 – O torneio	174
6.5.3 – O mercado internacional	176
6.6 – Latino-americano amador de 47	178
6.7 – Olimpíadas de Londres 48	181
6.8 - Profissionalização em 49	185
Capítulo 6 – Boxeadores de fora	189
7.1 – Colônia Italiana	192
7.2 - Colônia Lusitana	199
7.3 – Imigrantes	207

7.3.1 – Imigrantes Europeus	207
7.3.2 – Imigrantes Sul-americanos	212
7.3.3 – Imigrantes de outras origens	215
Capítulo 7 – Boxeadores daqui.....	220
8.1 Migrantes	220
8.2 Negros	223
8.3 - Marinheiros	230
8.4 - <i>Bon Vivant</i>	233
8.4.1 – Zumbão	234
8.4.2 – Rubens	237
8.4.3 – Gibi	241
8.4.4 – Quem não lutava boxe	250
Capítulo 8 – Boxe e Revolução	251
9.1 - Origens dos Zumbano	252
9.2 - Engajamento político	256
9.3 - Zumbanos e o Boxe	264
9.4 - O polivalente Waldemar	267
9.4.1 – Atuação como atleta	267
9.4.2 – Atuação como treinador	269
9.4.3 – Atuação como dirigente	271
9.4.4 – Atuação como educador	272
Conclusão	276
Apêndice 2 – Imagens relativas aos capítulos 5, 6, 7 e 8	277
10 - Bibliografia –	291
10.1 - Bibliografia geral.....	291
10.2 - Bibliografia de pesquisa	291
10.3 – Filmografia	294
10.4 - Banco de dados eletrônico	294

Introdução

Que necessidade têm os homens de atacar? Por que ficam perturbados diante desse espetáculo? Por que dão tudo de si? Por que esse combate inútil? O que é esporte? O que, então os homens colocam no esporte? Eles mesmos, seu universo de homem. O esporte é feito para relatar o contato humano.

Roland Barthes¹

Se brincamos e jogamos, e temos consciência disso, é porque somos mais do que simples seres racionais, pois o jogo é irracional²

Johan Huizinga

1 - Apresentação

O boxe, mesmo sendo o maior esporte de combate do mundo, nunca se livrou do estigma de ‘não-esporte’ ou de esporte violento, brutal, selvagem. Existem obras de arte que retratam jogos de combates semelhantes ao boxe, onde apenas podia-se atacar e defender com os punhos, produzidos em civilizações da Mesopotâmia Antiga e Antigo Egito, há dezenas de séculos. Na Grécia Antiga também já existia algo semelhante ao boxe, o pugilato, prática esportiva que foi inclusive modalidade competitiva nos Jogos Olímpicos de 668 a.C., sendo também citado na Ilíada de Homero³, que tem data de produção próxima ao século VIII a.C.. No Império Romano também era presente o pugilato, praticado pelos gladiadores para deleite do público e dos imperadores. Já o surgimento do boxe moderno como conhecemos hoje ocorreu na Inglaterra da Revolução Industrial, em meio ao “processor civilizador” estudado por Norbert Elias, no século XVIII. O inglês James Figg é reconhecido como o primeiro campeão mundial de boxe em 1719, quando ainda se combatia sem o uso das luvas, e o primeiro conjunto de regras aplicadas universalmente entrou em vigor em 1867,

¹ Trecho do texto *O que é esporte?*, escrito em 1961 para o documentário *O esporte e os homens*, do canadense Hubert Aquin, no Brasil publicado pela revista *Serrote* nº3, novembro de 2009.

² HUIZINGA, Johan. *Homo ludens*. São Paulo: Perspectiva, 1996

³ Livro III – “No pugilato, príncipe das gentes/ Maternos meus irmãos: ou não largaram/ Da le Esparta, ou nos baixéis detidos/ Pejam-se de empenhar-se nas pelejas/ Que, por vitupério, se prolongam”

conhecido como as Regras do Marquês de Queensberry.⁴ As regras trouxeram um caráter mais esportivo ao boxe, que até então era praticado sem uso de luvas e sem número definido de rounds, sendo proibido e reprimido e forma ostensiva pelo poder público. O alto grau de violência dos combates não anula o caráter lúdico do boxe, tanto em tempos primórdios como atualmente. Johan Huizinga, em seu clássico *Homo Ludens*, escreveu que

“[...] não há dúvida que toda luta submetida a regras, devido precisamente a essa limitação, apresenta as características formais do jogo. Podemos considerar a luta como a forma de jogo mais intensa e enérgica, e ao mesmo tempo a mais óbvia e mais primitiva. Os cachorros e os garotinhos lutam ‘de brincadeira’, com regras que limitam o grau de violência; apesar disso, nem sempre os limites da violência permitida excluem o derreamento de sangue ou mesmo a morte de seus combatentes”⁵.

É interessante notar que o boxe não se trata de uma arte marcial, uma vez que estas artes são esportes que tem sua origem em combates de guerra. As lutas orientais como judô, jiu-jitsu, kung fu, tae-kwon-do, entre outras, tem suas origens situações de guerra, já o boxe surge como uma espécie de “jogo da agressão”, sem a filosofia oriental presente nas artes marciais. Isto influi também na forma que o boxe se organizou e se organiza, havendo no pugilismo uma hierarquização muito mais sutil do que nas lutas de origem oriental, as artes marciais. Não existe aqui a hierarquia definida por títulos (mestre, contramestre, sensei, primeiro dan, segundo dan) ou por faixas que indicam o nível do praticante, dando um caráter muito mais informal à sua prática, tanto em tempos passados como atualmente. O que de um lado pode ser interessante devido a uma maior horizontalidade entre os praticantes, pode gerar uma maior desorganização, já que para ensinar boxe basta que a pessoa acredite que seja capaz de ensinar. No Brasil o boxe teve sua origem nas primeiras décadas do século XX através de experiências empíricas de marinheiros e jovens aristocratas que conheceram a modalidade na Europa ou nos Estados Unidos, como nos aprofundaremos na presente pesquisa. Seu desenvolvimento foi bastante lento se compararmos com a vizinha Argentina, país com marcante imigração inglesa e francesa que faturou vinte medalhas olímpicas entre 1928 e 1952, enquanto a primeira medalha olímpica do Brasil conquistada por um boxeador foi o bronze de Servílio de Oliveira em 1968. Após a medalha de Servílio, o Brasil conquistaria novamente medalhas somente em 2012, nos Jogos de Londres.

⁴ FLEISCHER, Nat. ANDRE, Sam. *A pictorial History of Boxing*. London: Hamlyn. 1959

⁵ HUIZINGA, Johan. *Homo ludens*.p.101 São Paulo: Perspectiva, 1996

Como se expandiu o difundiu o boxe no Brasil, e principalmente São Paulo, é o tema desta pesquisa, que tem como recorte temporal os anos entre 1928 e 1953, sem deixar, porém, de abarcar os principais acontecimentos anteriores ou pouco posteriores ao limite temporal determinado. O recorte espacial proposto é o estado de São Paulo, estado em que, juntamente com o Rio de Janeiro, foi o que mais desenvolveu o boxe até o final dos anos 1990. Sabe-se que até os anos 1960 as grandes academias, destacados treinadores e competições importantes estavam concentradas no eixo Rio – São Paulo, o que naturalmente nos atrai a estudar o pugilismo destas regiões, sem, porém, abrir mão de investigar também o que se passava relacionado ao boxe em todo o Brasil.

O grande aumento de pesquisas acadêmicas no Brasil acerca do futebol a partir dos anos 1990, principalmente nas áreas das ciências sociais como História, Sociologia e Antropologia, trouxe uma importante investigação sobre os significados do futebol para a sociedade brasileira. Como definiu Norbert Elias⁶, o estudo do esporte não se restringe a entender a modalidade intrinsecamente, mas compreender o contexto social no qual o fenômeno da prática esportiva se insere e lhe confere, dando ao estudo do esporte um caráter extremamente importante para o entendimento da sociedade como um todo. O crescimento do boxe brasileiro nos últimos anos, com a conquista de medalhas olímpicas as duas últimas edições dos Jogos, infelizmente não refletiu num maior interesse pela modalidade pela Academia, pelas ciências humanas. Enquanto estudiosos de outras nacionalidades aproveitaram o forte caráter social do boxe para estudá-lo, no Brasil este nicho ainda não foi devidamente explorado. Para ilustrar as pesquisas internacionais existentes, podemos citar a obra do francês Loic Wacquant *Corpo e Alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*⁷, *Beyond the ring: the role of boxing in american society*⁸, produzida por Jeffrey Sammons, e *Boxing, a cultural History*⁹, escrita pela professora da University of Cambridge Kasia Boddy. São pouquíssimos trabalhos acadêmicos nacionais que se proponham a estudar esta modalidade, mais raros ainda os estudos que sejam da área das ciências humanas, sejam artigos, dissertações de mestrado ou de doutorado. Este fator pode estar ligado à marginalização do boxe, esporte historicamente praticado por classes sociais menos favorecidas e menos difundido nas classes mais abastadas e intelectualizadas. É fácil,

⁶ DUNNING, Eric; ELIAS, Norbert. Em busca da excitação. Lisboa: Difel, 1992, pp. 14-20.

⁷ WACQUANT, Loic. *Corpo e Alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*; Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2002

⁸ SAMMONS, Jeffrey. *Beyond the ring: the role of boxing in american society*; Illinois, University of Illinois Press, 1990

⁹ BODDY, Kasia. *Boxing: a cultural history*, Londres, Reaktion Books, 2008

portanto, entender a ausência de cientistas sociais que tenham uma relação mais íntima com o pugilismo a ponto de escolherem este tema de pesquisa.

1.1- As fontes da pesquisa: as fontes escritas

Como explanado anteriormente, existe pouquíssima bibliografia acadêmica sobre o boxe brasileiro produzida por cientistas sociais, o que dificulta o diálogo desta pesquisa com outros autores que se dedicaram ao estudo da história deste esporte no Brasil ou a influência do boxe na formação da sociedade brasileira. O historiador gaúcho Jonatas Marques Caratti se debruçou sobre a história do boxe no Brasil em sua tese de doutorado e em alguns artigos, com ênfase no boxe do Rio Grande do Sul. Sua tese de doutorado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, concluída em 2017, *“Dentro e Fora dos Ringues - o processo de esportivização do boxe moderno e sua difusão e recepção na América Latina: um estudo comparativo (Séculos XVIII-XX)”* traz importante contribuição para a presente pesquisa, porém aborda recorte temporal e geográfico diferentes. Caratti se debruça sobre o processo de constituição do boxe moderno, as primeiras experiências pugilísticas nos Estados Unidos e os primórdios pugilísticos no Sul do Brasil. O presente trabalho, entretanto, não aborda o processo de esportivização do boxe na Europa, nem mesmo os primeiros anos de boxe no Brasil, abordando um período em que o boxe já encontrava-se em processo de consolidação em São Paulo.

Não obstante os poucos estudos acadêmicos sobre boxe brasileiro, são também raras as publicações não acadêmicas que tem a história do boxe como tema, existindo poucas obras escritas sobre o pugilismo nacional. Porém, o pouco que temos a nossa disposição é de uma riqueza muito grande, havendo duas autobiografias de boxeadores dos anos 1940, uma biografia da maior e mais importante família de boxeadores do país e um livro de memórias que se propõe a ser “a história do boxe brasileiro”, escrito por um jornalista que vivenciou este esporte no Brasil a partir dos anos 1940.

1.1.2 – Periódicos esportivos

Utilizando a Hemeroteca Digital Brasileira, plataforma digital de periódicos nacionais subsidiada pela Fundação Biblioteca Nacional, foi possível termos acesso ao acervo dos mais importantes jornais de São Paulo e do Rio de Janeiro dentro do período estudado, que vai de 1928 a 1953. Além da consulta eletrônica de periódicos, parte da pesquisa foi feita manualmente, utilizando o rico acervo da Biblioteca do Museu do Futebol, localizado no Estádio do Pacaembu em São Paulo. Através da pesquisa nas

fontes primárias, foi possível acessar dados como nomes, datas, locais, comentários, fotografias, propagandas, endereços relacionados ao tema da pesquisa.

Os principais periódicos de São Paulo utilizados na pesquisa foram, em ordem de importância: A Gazeta Esportiva, Correio Paulistano, Correio de S. Paulo, Diário da Noite, Diário Nacional, Jornal de Notícias, A Gazeta, Mundo Esportivo, Nossa Voz, Il Pasquino: Coloniale e A Voz da Raça. No Rio de Janeiro, os principais periódicos consultados foram Jornal dos Sports, A Batalha, Diário de Notícias, Diário da Noite, Correio da Manhã, Diário Carioca, A Noite e O Jornal.

1.1.3 – Bibliografia de pesquisa

Como é comum em outros estudos sobre história do cotidiano, o estudo do boxe paulista foi norteado por algumas autobiografias de personagens deste esporte. Pugilistas que boxearam nos anos 1940 e 50 deixaram três autobiografias que foram essenciais para a realização deste trabalho, sendo elas *Eu Já Beije a Lona*, de Henrique Mateucci (1957), *No Mundo do Boxe*, de Juvenal Queiroz (1969) e *O Poeta do Ringue*, de Kaled Curi (2001). A autobiografia de Hiroito de Moraes Joanides, conhecido como Rei da Boca e um dos principais malandros do centro de São Paulo durante os anos 1950, foi fundamental para que a historiadora Márcia Regina Ciscati pudesse produzir estudo sobre a Boca do Lixo. A tese *Malandros da Terra do Trabalho: Malandragem e boemia na cidade de São Paulo (1930 -1950)*, defendida em 2001 na UNESP, trata sobre como se socializavam os personagens daquele grupo social, e boa parte da pesquisa foi elaborada utilizando uma autobiografia como base, além, obviamente, de outras fontes de pesquisa.

Janaína Amado, em seu artigo “O Grande Mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral”, analisa os principais historiadores que se dedicaram ao estudo da relação entre memória e história, apontando como a imaginação, tradição e cultura popular se combinam para produzir um discurso que não condiz com a realidade dos fatos. Baseando-se nas obras de grandes autores que se dedicaram ao estudo da memória e história, como Maurice Halbwachs, Jacques Le Goff e Michael Pollak, Janaína escreve que:

“parece-me necessário, antes de tudo, distinguir entre o vivido e o recordado, entre a experiência e a memória, entre o que se passou e o que se recorda daquilo que se passou. Embora relacionadas entre si, vivência e memória possuem naturezas distintas, devendo, assim, ser conceituadas, analisadas e trabalhadas como categorias diferentes, dotadas de especificidade. O vivido remete à ação, à concretude, às

experiências de um indivíduo ou de um grupo social. A prática constitui o substrato da memória; esta, por meio de mecanismos variados, seleciona e reelabora componentes da experiência.”¹⁰

A memória dos autores usados nesta pesquisa que reuniram suas memórias para escrever sobre a história do boxe, é, portanto, passível de interpretações, alterações, influências e lacunas sobre o que realmente pode ter ocorrido. Ao lembrar e escrever sobre suas lutas do passado, Kaled Curi alega frequentemente ser injustiçado em suas derrotas pois *“memória e história conjugam-se também para conferir identidade a quem recorda. Cada ser humano pode ser identificado pelo conjunto de suas memórias; embora estas sejam sempre sociais, um determinado conjunto de memórias só pode pertencer a uma única pessoa.”*¹¹ Portanto, ao estudar as autobiografias que serviram a este trabalho, estudamos um livro de memórias, passível de transformações, alterações, silêncios e interpretações do autor sobre os fatos descritos. Vejamos quais foram os principais autores utilizados nesta pesquisa:

.

1.1.3.1 - Kaled Curi – autor de “O poeta do Ringue”

O livro *O poeta do Ringue*, de autoria de Kaled Curi, é uma das fontes primárias de maior importância para a presente pesquisa. Trata-se de uma autobiografia escrita por Curi, que foi boxeador amador e profissional, jornalista, comentarista, empresário, promotor e membro da Federação Paulista de Boxe entre os anos 1940 e 1960. Curi teve sua entrada no boxe em 1938, fez sua estreia como atleta amador aos 16 anos em 1940 e participou de diversas competições de grande relevância, como campeonatos brasileiros e sul-americanos, sendo um elemento protagonista dentro do recorte temporal da pesquisa. Deu início na sua carreira profissional em 1949, boxeou oficialmente até 1962 e não se afastou do esporte de luvas até o final da sua vida, em 2012, aos 87 anos de idade. Seus relatos sobre seus treinamentos, seus combates, sua relação com outros atletas, a forma que se envolvia com os treinadores e empresários, são um importante documento sobre o boxe brasileiro e sul-americano nas décadas de 1940, 50 e 60, servindo de fonte primária para este estudo.

Kaled traz ricos detalhes sobre a organização do boxe no período em que atuou como atleta, citando nomes de adversários, locais das lutas, nomes dos juízes, nomes

¹⁰ AMADO, Janaína. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral. *História (São Paulo)*, v.14, p.125-136, 1995

¹¹ Idem, página 132

das equipes e dos treinadores, nomes das academias e endereço das mesmas. Já para a pesquisa no campo sociológico, a obra de Curi foi também de uma riqueza grande, trazendo informações importantes para o estudo da sociedade brasileira e da comunidade pugilística no período estudado, abordando temas como racismo, machismo, homofobia, desigualdade social, preconceito contra o boxeador, estratificação social, entre outros. Mesmo com a falta de fontes e as armadilhas da memória do autor, o livro *O Poeta do Ringue* se configura como uma das principais fontes de pesquisa daquele que se propõe a estudar o boxe brasileiro nos anos 1940, 50 e 60.

1.1.3.2 - Henrique Matteucci – autor de “*Eu já beije a lona*”, “*Galo de Ouro*” e “*Boxe – mitos e história*”

O jornalista especializado em boxe Henrique Matteucci produziu três das obras utilizadas como fontes primárias e secundárias na presente pesquisa: *Boxe – mitos e história*, *O Galo de Ouro* e *Eu Já Beije a Lona*. Nascido em 1924, Matteucci foi um dos maiores especialistas em boxe do jornalismo esportivo brasileiro de todos os tempos. O jornalista viveu até os 73 anos e faleceu em novembro de 1997, deixando publicadas as mais importantes obras de memórias e História do boxe brasileiro. Matteucci começou a acompanhar pugilismo na década de 1940, passando a escrever para jornais e semanários. Se envolveu de tal maneira com o esporte que tornou-se amigo íntimo de muitos boxeadores e treinadores, como Eder Jofre, seu pai Kid Jofre e demais membros da família Zumbano. Criticado por personagens do mundo pugilístico por “escrever sobre boxe mas não saber o que é um soco na cara”, decidiu participar de um campeonato oficial nos anos 1950, a Forja de Campeões, experiência que lhe fez escrever *Eu Já Beije a Lona*, lançado em 1957, de caráter autobiográfico. Matteucci foi um dos primeiros jornalistas a escrever biografias e romances de ícones esportivos brasileiros. Sua obra *O Galo de Ouro, - a vida romanceada de Eder Jofre*, foi lançada em 1979 e é mais do que uma biografia de Eder, mas sim uma biografia do clã Zumbano-Jofre. Escreveu também *Memórias de Mário Américo – o massagista dos Reis*, lançado em 1986, onde narra a trajetória do mais folclórico massagista do futebol brasileiro que fora boxeador amador e profissional nos anos 1930. Em 1988, Matteucci reuniu suas memórias e seu conhecimento sobre o boxe brasileiro em um pequeno livro batizado de *Luzes do Ringue: o boxe brasileiro da ‘pré-história’ a Adilson Maguila*, que depois foi relançado com o nome de *Boxe – mitos e história*, obra muito importante para a presente pesquisa.

O seu pequeno *Eu Já Beije a Lona*, lançado em 1957, é de caráter autobiográfico, trazendo informações importantes sobre como se organizava o boxe brasileiro nos anos 1950. Já o livro *O Galo de Ouro*, que se propõe como uma biografia de Eder Jofre, é na verdade um livro sobre a família Zumbano-Jofre e seus diversos boxeadores. A família Zumbano-Jofre é peça fundamental para o boxe brasileiro, uma vez que produziu grandes atletas (além do maior de todos, Eder), grandes treinadores e grandes dirigentes. Do início das atividades de Kid Jofre como treinador, em 1928, até a aposentadoria definitiva de Eder, em 1976, a família Zumbano-Jofre foi protagonista em todas as esferas do pugilismo nacional, por isso o livro de Matteucci sobre o clã é de enorme importância. A contribuição trazida pelos membros destas famílias ao boxe nacional é inestimável, é impossível falar da história do pugilismo brasileiro sem se aprofundar nos Zumbano-Jofre, sendo o texto de Matteucci o maior documento sobre este agrupamento familiar de amantes do boxe.

Seu último livro publicado sobre este esporte, *Boxe – Mitos e História*, foi lançado em 1988 e se propõe a reunir toda a história do boxe brasileiro desde seus tempos mais primórdios até o momento de sua edição. Suas primeiras palavras escritas no pequeno livro, antes mesmo dos agradecimentos e do prefácio, trazem os seguintes dizeres: *“Tenho certeza que um dia um historiógrafo de verdade escreverá a história do boxe brasileiro, com todos os nomes, todas as datas e toda a grandeza de cada episódio. Desde já, ofereço a ele estes modestos subsídios”*. Devido à dificuldade em fontes e documentos, Matteucci baseou esta obra em relatos de entrevistados e sua própria memória, lembranças de quem durante décadas acompanhou pelos bastidores o boxe brasileiro. Pierre Nora, historiador francês dedicado ao estudo da memória na História, defende que memória e história são praticamente opostas uma à outra. Enquanto a memória está em constante mutação, vulnerável a manipulações, suscetível a influências subjetivas, a história é a reconstrução problemática do que já não existe mais. A história exige análise e discurso crítico, enquanto a memória é afetiva e repleta de personalidade:

A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta e a torna sempre prosaica. A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, que lhe dá uma vocação para o universal. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A

história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo”¹².

Tanto Matteucci, como Kaled Curi ou Juvenal Queiroz, autores das obras de bibliografia de pesquisa do presente estudo, basearam seus escritos em memórias, sejam as suas ou de terceiros. Posto isso, o uso de seus livros foi utilizado de forma científica e historiográfica, sendo utilizados como importantes fontes mas não sem interpretação e cruzamento com diversas outras fontes.

1.1.3.3 - Juvenal Queiroz, autor de No Mundo do Boxe

Juvenal Queiroz foi um boxeador amador dos anos 1940 e 50 que, embora sem ter alcançado muito destaque, publicou livro de memórias que é um documento importantíssimo para a história do esporte no Brasil. Além de escrever sobre sua carreira esportiva, Juvenal se dedicou a escrever sobre personagens do mundo do boxe quais ele conviveu, sejam famosos ou desconhecidos. O paulistano afirma que sua obra preocupava-se em trazer a público a história não só dos grandes vencedores, como é comum, mas também histórias de boxeadores anônimos, treinadores desconhecidos e personagens alternativos. Esta sua preocupação foi de grande importância, uma vez que foi somente através de seu livro que tivemos acesso a alguns dados sobre atletas, treinadores, academias e locais de competição entre 1937 e 1952, anos em que realizou sua primeira e sua última luta amadora.

Queiroz viveu o auge do boxe amador paulista, que se deu na década de 1940 a partir da realização do Campeonato da Gazeta Esportiva (iniciado em 1941), inauguração do Pacaembu (1940), abertura do departamento do São Paulo FC (1943) e grande incentivo do Clube Espéria, agremiação cuja qual ele foi militante. Ele foi um dos participantes do 1º Campeonato da Gazeta, em 1941, foi vice-campeão da Gazeta de 1942, foi campeão paulista universitário em 1948, lutou no circo Seissel nos anos 1950 e foi vice-campeão da primeira edição do Luvas de Ouro, em 1952. O livro de Juvenal é uma raridade, uma vez que traz impressões, memórias e comentários de um dos personagens mais importantes do boxe: o pugilista amador anônimo, aquele que não fazia parte do primeiro escalão, como a grande maioria dos boxeadores.

¹² NORA, Pierre. Entre memórias e história - a problemática dos lugares. *Projeto História* 10, p. 9, São Paulo: PUC-SP, Dez/1993

1.1.4 - Banco de dados eletrônico: **BoxRec**

O sítio eletrônico *www.boxrec.com* é o maior e principal banco de dados sobre lutas de boxe que existe, reunindo uma infinidade de dados atualizados sobre combates do passado e do presente. Ele reúne dados de lutadores e combates de boxe profissional que datam do final do século XIX até o presente momento. Apesar de não ser filiado a nenhum órgão oficial, como o Conselho Mundial de Boxe, Organização Mundial de Boxe ou Comissão Atlética dos Estados Unidos, o site configura-se como a mais completa central de registros de lutas de boxe profissionais oficiais. O site exige uma série de medidas para computarem combates, dificultando a possibilidade do registro de lutas não-oficiais ou clandestinas. O site consta atualmente com o registro de 17 mil boxeadores ativos e 345 mil boxeadores não-ativos, além de um milhão e trezentas mil lutas computadas. Como o site também gerencia lutas atuais, estes números não param de crescer. O site também acolhe um fórum de historiadores amadores e pesquisadores de boxe, fórum este que reúne pessoas envolvidas com o estudo do boxe de todo o planeta.

Todos boxeadores elencados no site possuem um ID, um número de registro, e alguns deles possuem também uma pequena biografia, uma sessão de fotos e informações importantes como suas conquistas no amadorismo, seus títulos obtidos, quem foram seus treinadores, datas de nascimento, de estreia e de morte. Infelizmente não são disponibilizadas todas estas informações de todos os boxeadores registrados, sendo que alguns deles possuem apenas nome, sobrenome, datas e resultados das lutas, nome dos adversários e categoria de peso. O site disponibiliza também a pesquisa por datas, fazendo um levantamento dos eventos de boxe profissional que ocorreram em todo o mundo e quais combates foram realizados na data pesquisada. Esta ferramenta possibilita uma pesquisa mais ampla, permitindo a descoberta de quantas lutas foram realizadas na data desejada e quais atletas lutaram na mesma programação. É possível também a pesquisa por local, já que cada ginásio que sediou lutas tem uma página própria indicando em quais datas ocorreram programações e quais lutas foram realizadas na data pesquisada. No ginásio do Pacaembu, por exemplo, podemos checar que seu primeiro evento foi em 28 de abril de 1940, um domingo, onde foram realizadas três lutas profissionais, sendo uma delas a disputa do título brasileiro dos pesos médios. Essa informação, com a mesma data, foi também repassada nos livros de Curi, Matteucci, e nos relatos de Newton Campos, quando se propuseram a falar ou escrever sobre a inauguração do ginásio do Pacaembu.

Infelizmente o *BoxRec* não tem registro das lutas amadoras, nem atuais nem as de tempos passados, constando apenas os combates de boxe profissional. O site conta com mais de 150 colaboradores de diversas partes do mundo que alimentam a plataforma de forma voluntária, mas não deixa claro como faz a checagem de lutas que ocorreram há mais de cem anos. É um fato que existem pequenos erros neste banco de dados, tanto de omissão de lutas, erro de localidade, de grafia do nome dos atletas, de datas ou de resultados, mas o *BoxRec* é, sem dúvida, o principal recurso para a checagem de informações de combates de lutas profissionais, sejam elas ocorridas na década de 1910 ou em 2019.

1.2 – As Fontes Orais

Ao estudar um tema que é muito pouco explorado por pesquisas anteriores, a ausência de fontes escritas é uma realidade marcante, trazendo a necessidade do uso das fontes orais e da história oral para a realização desta pesquisa. Porém, como José Carlos Sebe Bom Meihy e Fabíola Holanda apontaram no seu *História Oral – como fazer, como pensar*, não devemos pensar a história oral exclusivamente como um meio de ‘tapar buracos documentais’, mas devemos ver o valor das narrações em si próprias. Sebe e Holanda entendem que “*ao se materializar em documento escrito, a história oral ganha objetividade de qualquer outro documento grafado ou de análise historiográfica, porém deve ser interpretada sob o crivo da subjetividade que a produziu*”¹³. O manual de história oral produzido pelo professor e pela professora serviu de base para as entrevistas, documentação das narrativas e análise das mesmas para a realização desta pesquisa.

Durante a produção desta pesquisa foram entrevistadas presencialmente três pessoas que fazem parte do universo explorado do boxe de antigamente. Dois dos personagens, Newton Campos e Nelson ‘Goiaba’ Oliveira, são fontes primárias, uma vez que foram personagens ativos no boxe dos anos 1940 e 50. Já Paulo Loffredo, que é filho de Atílio Loffredo, trouxe sua contribuição como fonte secundária, uma vez que seu pai foi um dos mais importantes boxeadores dos anos 1930 e grande treinador nos anos 1940 e 50. Além das entrevistas formais, diversos outros personagens do mundo do boxe colaboraram com a pesquisa, seja ao lembrar a data de um título, ao citar o nome de um treinador, ao narrar um acontecimento de bastidores. A colaboração

¹³ MEIHY, José Carlos Sebe Bom. HOLANDA, Fabíola. *História Oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2015

informal destas pessoas foi fundamental para a realização desta pesquisa e só foi possível graças ao objetivo único de todas elas em manter viva a história do boxe.

Alessandro Portelli, um dos maiores estudiosos de história oral, trouxe alguns exemplos de como a memória pode ser manipulada em seu texto *Sonhos ucrônicos – memórias e possíveis mundos dos trabalhadores*, onde relata sua experiência ao trabalhar com história oral junto a um grupo de *partigianis* italianos, para-militantes que combateram o fascismo nos anos 1930 e 1940.

A narrativa depende de fatores pessoais e coletivos. Filipponi era um homem velho e doente, quando foi entrevistado fazia tempo que já havia se afastado da liderança ativa do partido, contra seu desejo e após um confronto dramático. A medida que a conversa entre nós prosseguia, seu estilo de descrever sua experiência partigiana, no início épico e detalhado (embora factualmente impreciso), decaía gradualmente e ele deslizava cada vez mais profundamente para o reino da fantasia e da fábula.¹⁴

Nos relatos dos entrevistados, algumas vezes o tom épico se apresenta em suas narrativas, dependendo do assunto tratado e de qual era a participação do entrevistado no fato descrito. A questão da imprecisão factual é também bastante presente, já que a memória não é história e muitos dos acontecimentos lembrados possuem imprecisão em datas, locais, participantes, entre outros fatores. Tanto Campos como Goiaba narraram alguns acontecimentos não confirmados em outras fontes, apesar de que a maioria dos relatos serem confirmados quando cruzados com outras fontes, primárias ou secundárias. Os dois idosos senhores Newton Campos e Nelson Goiaba foram os maiores colaboradores para esta pesquisa, merecendo, portanto, apresentação especial.

1.2.1 - Newton Campos

O jornalista Newton Campos é, muito provavelmente, a pessoa que acompanha e trabalha pelo boxe brasileiro há mais tempo ainda em atividade. Aos 94 anos, Newton Campos ainda é o presidente da Federação Paulista de Boxe, além de ainda exercer a função de jornalista abastecendo jornais e rádios com informações sobre o esporte. Nascido em 1925, Campos aproximou-se do boxe nos anos 1940, na adolescência, quando era aficionado por vários esportes, entre eles futebol e boxe. Começou a se

¹⁴ PORTELLI, Alessandro, *Projeto História- Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP*. P.41, São Paulo, SP – Brasil, 1981

aproximar do jornalismo quando escrevia os resultados dos jogos de futebol da várzea, onde jogava, e repassava aos jornais esportivos da época. Aproximou-se do boxe como espectador e passou a escrever também sobre esta modalidade, informando resultados e tecendo comentários de lutas. Pouco a pouco foi se envolvendo cada vez mais, tornou-se árbitro e nunca mais se afastou da Federação Paulista de Boxe, sempre em cargos de relevância, até chegar à presidência nos anos 1970, cargo que ocupa até hoje. Devido à sua precoce entrada no pugilismo e seu papel atuante desde quando iniciou a vivenciar o pugilismo, Newton Campos possui um conhecimento gigantesco sobre boa parte do período estudado. Extremamente lúcido aos 94 anos de idade, Campos relata acontecimentos antiquíssimos, como a inauguração do ginásio do Pacaembu em 1940 e a disputa de Eder Jofre do título do mundo em 1960. Além disso, na maioria dos acontecimentos narrados, Campos era um dos protagonistas, havendo acompanhado de perto, ou pelos bastidores, os grandes feitos pugilísticos que ocorreram nos últimos setenta anos. É surpreendente ver que Newton se lembra do primeiro campeonato disputado por Eder Jofre, o maior boxeador brasileiro de todos os tempos, que fez sua estreia em 1953, ano que encerramos nosso recorte temporal pesquisado.

Newton Campos se relacionou com quase todos os personagens importantes do nosso boxe no período estudado: foi amigo de treinadores, colega de boxeadores, frequentou academias, viajou junto com delegações ao exterior, foi árbitro de lutas pelo título do mundo, atuou como representante da Federação Paulista em inúmeras competições. Essa trajetória de Campos o qualifica como uma das principais fontes primárias disponíveis para o estudo da história do boxe brasileiro, sendo figura capaz de trazer informações impossíveis de serem encontradas em outras fontes. Porém, não podemos ignorar o seu papel dentro do boxe, representante de um órgão oficial, para interpretar e estudar suas narrativas. Suas narrativas são as opiniões e memórias de um dirigente, de um cartola, um jornalista, e não a de um boxeador ou treinador.

1.2.2 - Nelson ‘Goiaba’ Oliveira

*Eu não tinha muita pancada nos golpes, mas era muito veloz em muito resistente pra aguentar pancada. E nunca caí em uma luta. Nem de cair e levantar. Tomei tanta pancada no queixo e nunca caí. Só fui cair quando comecei a treinar judô. Fiz mais de 100 lutas, mas não me lembro ao certo quantas.*¹⁵

Nelson Oliveira, conhecido no meio pugilístico, foi um boxeador amador e profissional dos anos 1950 e 60. Como amador chegou a ser campeão

¹⁵ Entrevista cedida ao autor em 10 de novembro de 2016

brasileiro e disputou os principais campeonatos nacionais da sua época, como o Campeonato Popular da Gazeta (depois rebatizada como Forja de Campeões), o Paulista, Brasileiro e o Latino Americano. Como profissional fez cinquenta combates oficiais, vencendo dezenove, perdendo vinte e um e empatando dez. Goiaba disputou o título brasileiro dos profissionais e lutou com os melhores e mais populares boxeadores contemporâneos a ele, como Kaled Curi, Pedro Galasso, Sebastião Ladislau 'Gibi' e Paulo de Jesus, além de ter enfrentado diversos pugilistas argentinos e uruguaios no Pacaembu e Ibirapuera. Paulista de Itatiba, Nelson migrou para a capital do estado com o irmão mais velho em 1944, quando tinha quatorze anos, para trabalhar. O jovem começou a praticar boxe em 1947 com o lendário treinador italiano Benjamin Ruta, na academia Guarani, que ficava no Parque Dom Pedro. Conciliando treinamentos e trabalho, Goiaba começou a competir em 1950, quando tinha 20 anos de idade. Ele é anterior ao próprio Eder Jofre, que começou a lutar no amadorismo quando Nelson já havia iniciado sua carreira profissional, em 1953.

O senhor de 89 anos lembra com riqueza de detalhes suas lutas nos anos cinquenta e sessenta, apesar de ser acometido por uma doença mental conhecida como Demência Pugilística, enfermidade que recebe esse nome por ser comum em ex-boxeadores que foram expostos a impactos na cabeça durante um período prolongado. Goiaba é famoso por seu 'queixo duro' e apenas três de suas 21 derrotas ele foi nocauteado, particularidade que aumenta a exposição à golpes. Sua memória atual é muito fraca, mas suas lembranças remotas são muito vastas. Goiaba é um personagem importantíssimo para esta pesquisa, uma vez que foi durante anos uma das peças mais importantes do quebra-cabeça do boxe: o lutador. Como ex-atleta padrão (pobre, negro, baixa escolaridade, trabalhador braçal) Goiaba traz um ponto de vista não encontrado nas outras fontes, uma vez que Newton Campos nunca fora um atleta e que Kaled Curi e Juvenal Queiroz, boxeadores que deixaram autobiografias, eram pertencentes à classe média. Goiaba reside com sua família na zona Leste de São Paulo (em 2019) e sem sua contribuição seria impossível a realização desta pesquisa.

Capítulo 1 – O Boxe e a Cidade

2.1– Os primórdios

A cena pugilística de São Paulo no final de década de 1920 retratada pelos jornais paulistanos era repleta de heróis anônimos, boxeadores ‘quase-celebridades’, críticos especializados e recebia uma considerável cobertura da incipiente mídia esportiva. Em 1929, o recém lançado semanário *A Gazeta Esportiva* dava relativo destaque ao pugilismo, não tanto como o futebol e o atletismo, mas equiparado à *bola ao cesto* (basquete), tênis, natação, ciclismo, esgrima, peteca, remo, *ping pong* (tênis de mesa) e a columbofilia (corrida de pombos). Estas eram as modalidades esportivas mais praticadas na São Paulo do fim dos anos 20, esportes que eram retratados pela mídia impressa como a *Gazeta Esportiva*, *Correio de S. Paulo*, *Correio Paulistano* e os *Almanaques Esportivos* anuais.

São Paulo, juntamente à então capital federal Rio de Janeiro, era um dos polos de desenvolvimento de uma recém nascida cultura esportiva. Em 1929 a cidade já tinha uma população superior a um milhão de habitantes¹⁶ e recebia um fluxo migratório cada vez maior. Imigrantes de diversas regiões da Europa e da América do Sul se radicavam na capital paulista desde a segunda metade do século XIX, vindos de países como Itália, Espanha, Portugal, Polônia, França, Alemanha, Armênia, Estônia, Hungria, Argentina, Uruguai, Chile, entre outros. A cidade ainda não havia recebido o fluxo migratório de brasileiros do Nordeste do país, fluxo este que se iniciaria nos anos 1950, e a maior parte dos imigrantes ou filhos de imigrantes na cidade tinha origem estrangeira. Este fluxo migratório de europeus diminuiria somente em 1930¹⁷, mas até então a cidade sofria forte influência destes novos habitantes estrangeiros. Ser um polo internacional de imigração foi fator determinante para o nascimento de uma cultura esportiva em São Paulo, já que praticamente todos os esportes praticados tinham sua origem na Europa, com exceção da peteca, que tem suas raízes nos jogos indígenas dos nativos do Brasil, e do basquete, com origem estadunidense.

¹⁶ *Anuario Estadístico de São Paulo (Brasil), 1929 - publicação: 1935*». Fundação SEADE, disponível em <http://produtos.seade.gov.br/produtos/bibliotecadigital/view/singlepage/index.php?pubcod=10011084&parte=1>

¹⁷ Nóbrega, Ricardo Avelar da ; *DAFLON, V. T.* . Da escravidão às migrações: raça e etnicidade nas relações de trabalho no Brasil. In: XXVIII International Congress of the Latin American Studies Association, 2009, Rio de Janeiro. Website da Latin American Studies Association, 2009.

Assim como no futebol ou rugby, modalidades em que foi fundamental a influência de agentes europeus, com o boxe não foi diferente. O mito fundador do boxe brasileiro é atribuído a marinheiros franceses no ano de 1913, em um episódio amplamente difundido, mas sem nenhuma comprovação documental. O mito fundador do boxe no Brasil foi um sparring, ou um combate amistoso, entre um marinheiro francês e um esportista brasileiro chamado Luiz Araripe Sucupira, combate este realizado em São Paulo, no Campo da Floresta, na Ponte Grande, onde atualmente fica o Clube de Regatas Tietê. Antigos memorialistas do boxe brasileiro, como Henrique Matteucci, Waldemar Zumbano e Newton Campos, indicam o episódio em São Paulo como a primeira vez que se praticou boxe no país. Entretanto, a plataforma eletrônica BoxRec indica que o primeiro combate oficial de boxe em terras brasileiras foi em 1894, no Rio de Janeiro, tendo como protagonista o marinheiro inglês Jack Hare. Em sua carreira, Jack Hare acumulou lutas no Reino Unido, Brasil, Austrália, Estados Unidos, França, África do Sul, Índia, Canadá e Egito. A luta ocorrida na capital federal em 1894 não teve continuidade e eventos passaram a ser realizados de forma contínua no Rio de Janeiro somente em 1912. O marinheiro estadunidense Jack Murray, que tinha experiência de lutas nos Estados Unidos, se radicou no Brasil e passou a realizar lutas de boxe no Rio. Suas lutas, ocorridas em 1912, 13, 14, 19, 20 e 21, foram noticiadas pelos periódicos da época como Jornal do Brasil, O Paiz, O Imparcial, entre outros, comprovando os dados contidos no BoxRec.

As notícias de lutas em de Jack Murray, realizadas em teatros e casas de espetáculos em 1912, descontroem o mito fundador de Sucupira, que teria ocorrido em 1913. Entretanto, o fato é que na década de 1910 ninguém, ou praticamente ninguém, conhecia ou praticava boxe no Brasil. Segundo palavras de Matteucci, antes da década de 1920 “[...] *não havia uma só pessoa nesse país que realmente pudesse ensinar boxe.*” Os primeiros treinadores com o mínimo de recursos para ensinar a modalidade no Brasil viriam então nos anos seguintes, da Europa e da América do Sul, como veremos neste trabalho. Vindos da Itália (Celestino Caverzasio, Adriano Delaunay), Argentina (Aristides Kid Jofre, Armando Kid Pratt), Estônia (Oscar Davidson), Alemanha (Fritz Selten) e de outros países, os principais detentores de conhecimento sobre boxe no começo e nas primeiras décadas deste esporte no Brasil, eram estrangeiros.

2.2 - Renasce quem ainda não nasceu

Apesar de ser um esporte com menos de duas décadas de existência no Brasil no final dos anos 1920, o boxe já era denunciado como pária por jornalistas esportivos.

Em 14 de janeiro de 1929, um editorial da *Gazeta* não assinado discorre sobre a ‘falência’ do pugilismo do Brasil, causado por “*peessoas de poucos escrúpulos em que os meios justificam os fins*”, que aproveitaram o apelo popular do pugilismo (“*que quase se rivalizou com o futebol*”), e logo enxergaram no boxe ‘negócio dos mais rendosos’. O texto denuncia que “*surgiam empresários de todos os estofos, surgiam campeões de todos estofos*”, e então “*cenas vergonhosas começaram a ser registradas numa sequência entristecedora*”. O texto indica que naquele período o boxe deixava de ser uma grande promessa, um esporte popular com assistência, para tornar-se um esporte desmoralizado devido à ação destes personagens, falsos empresários, falsos campeões, pessoas que se aventuravam a trabalhar com boxe sem terem capacidade para o mesmo. A maior parte das lutas de boxe realizadas no início da década de 1920, tanto em São Paulo como no Rio, eram programadas em locais de entretenimento, sendo a luta de boxe um espetáculo promovido para gerar renda aos envolvidos na organização. A prática amadora da modalidade surgiria somente nos anos 1930, trazendo um pouco mais de esportividade ao pugilismo, que até então era mero entretenimento. O editorial de janeiro de 1929 destaca a ação da Comissão, órgão que regia o boxe até a fundação das Federações na década de 1930, que “*sempre procurou evitar sua desmoralização*”, mas diz que “*nosso pugilismo se não deixou de existir, deixou de ser rei*”. Tais afirmações escritas em 1929 denunciam a situação do boxe para o autor: houve um passado glorioso, onde o boxe poderia inclusive ter sido esporte da grandeza do futebol, mas que devido à má gestão e despreparo dos profissionais (treinadores, atletas, empresários, managers), o pugilismo estava fadado ao fracasso, tornou-se “*um verdadeiro pária*”. O boxe no Brasil apenas nascia, mas já era tratado como ‘esporte maldito’ por parte da imprensa.

O editorial de janeiro de 1929 critica as ‘*cenas vergonhosas*’ geradas pelo boxe, referindo-se a lutas pitorescas, boxeadores sem técnica alguma, combates desinteressantes que foram protagonizados por ‘*aventureiros*’ que viram no esporte um nicho para se ganhar dinheiro e popularidade. Ao cruzarmos cartéis de boxeadores anunciados na época com os registros oficiais dos mesmos disponíveis hoje pela plataforma digital BoxRec, é possível notar muitas divergências. O jornal de 10 de junho de 1929 dá destaque à chegada do boxeador alemão Frederico Hauber, que veio de Curitiba para São Paulo trazido pelo manager e treinador italiano Celestino Caverezasio, um dos principais dirigentes, treinadores, manager e match-maker da sua época. A notícia anunciava um bom cartel de 40 lutas e apenas 4 derrotas para o alemão, o que o qualificaria como um experiente e valoroso pugilista. Porém, ao checarmos o registro oficial do europeu no BoxRec, vemos que seu cartel é de uma vitória, quatro derrotas e

dois empates. Como já fora citado anteriormente, o BoxRec é passível de erros e de omissão de combates, mas é pouco provável que haja uma discrepância tão grande entre o registro oficial do referido atleta (seis lutas) e seu cartel anunciado na época (quarenta e quatro lutas). Assim como em diversos outros casos, o empresário e/ou o atleta criaram um cartel falso, que deveria passar ao público e à imprensa a irreal imagem de um grande boxeador. Em fevereiro de 1931, para pontuar outro exemplo, o português Isidro Sá enfrentaria no Rio de Janeiro o uruguaio Angel Sierra, e a Gazeta anunciou que o cartel do platino seria de 38 vitórias e nove derrotas, um recorde respeitável. Porém, o registro oficial de Sierra é de apenas duas lutas e duas derrotas. Situações como estas não eram incomuns, e estas ‘pequenas mentiras’ para engradecer eventos e reuniões de boxe, causavam na verdade frustrações, revolta e indignação por parte do público.

Notícia de 9 de julho de 1934, ainda na Gazeta, tem como título “O *desfecho vergonhoso da reunião de sabbado ultimo*”. A nota relata a ‘lambança’ que o ex-boxeador e então empresário Italo Hugo teria feito em uma programação:

“Oriunda de uma reclame bem feita, a reunião pugilística realizada sábado ultimo no Colyseu, sob patrocínio da Empresa ‘Italo Hugo’, logrou atrair um numeroso publico ao antigo cinema do Largo do Arouche, ávido por um espetáculo grandioso que de há muito não se realizava em nossa capital.

Do programa, os organizadores ressaltavam a luta de fundo, a que ia ser travada entre Spalla e Zbyszko. O primeiro conhecíamos e, quanto ao segundo, a apresentação esteve a cargo daquela empresa, cujos diretores não trepidaram em fazer uma reclame bombástica em torno do seu nome. Diziam ser ele um perfeito conhecedor de boxe, mau grado de uns tempos pra cá vinha se dedicando a luta livre.

Assim, diante de umas afirmativas categóricas como essas, os nossos amantes da nobre arte acorreram, presunçosos, ao Colyseu, certos de que iam ser espectadores de uma luta bonita sobre todos os aspectos, de vez que o polonês Zbyszko, com seus ‘profundos conhecimentos’ de boxe, iria maravilhar a todos. Tudo, porém, nada mais foi do que uma ‘tapeação’ bem passada e na qual caíram, como é logico, todos quantos apreciam o esporte do murro.

Esse tal de Zbyszko nunca praticou o boxe em sua vida, sendo inverdades tudo quanto a Empresa anunciou a seu respeito. Se o tivesse praticado, saberia, ao menos, que segurar o adversário pelas pernas e joga-lo fora do tablado não é permitido...

Saberia, também, que o boxe é jogado dentro do rink e não fora dele.

Mas, reconheçamos, a maior, toda a culpa cabe à Comissão promotora da reunião. Zbyszko foi um palhaço em suas mãos, nada mais. Ela sim, a Comissão, é que merece as mais severas censuras por ter logrado o público daquela maneira: vergonhosamente.

Não fossem as preliminares terem agradado um pouco e estamos certos que os espectadores, com inteira razão, virariam aquilo de pernas pro ar. E seria bem feito para que, na próxima vez, a Comissão pesasse bem o quanto é perigoso e indecente iludir o público da maneira como iludiu.”

As duras críticas à luta realizada, ao que tudo indica, não foram em vão. O promotor Italo Hugo, ávido em promover eventos com grande público, se aproveitou da presença do veterano boxeador Ermínio Spalla no Brasil para promover esta 'super-luta'. Spalla era conhecido do público brasileiro por seu fulminante nocaute sobre Benedito dos Santos, o Ditão, em 1924, nocaute este que deixou sequelas irreversíveis na saúde do brasileiro. Após a vitória, Ermínio deu prosseguimento a sua carreira pelo mundo, lutando nos Estados Unidos, Itália, Espanha e Argentina, retirando-se dos ringues em 1927. Spalla foi o primeiro boxeador italiano a deter um título europeu, em 1923, e em 1934 foi tirado da aposentadoria que já durava sete anos para realizar mais três lutas no Brasil. Dos seus três combates, apenas o primeiro foi 'verdadeiro', contra o ex-campeão nacional francês Marcel Nilles. Nilles também encontrava-se aposentado após extensa carreira de mais de setenta lutas por toda a Europa, mas fez uma bela apresentação frente a Spalla perante ao público brasileiro no Estádio Paulista (Largo do Arouche) em abril de 1934, perdendo por Nocaute Técnico. Já as próximas duas lutas que envolveram Spalla, foram contra adversários 'falsos'. Um deles foi o citado polonês Wladek Zbyszko, que na verdade trata-se de um lutador de luta-livre, a popular 'marmelada' ou o *catch*, como dizia-se na época. Italo Hugo, o empresário responsável pelo evento, àquela altura dedicava-se também a organizar eventos de *catch*, esporte bastante criticado pela mídia pugilística.

Em notícia de 13 de agosto de 1934 sobre o *catch*, na Gazeta Esportiva, anexa a uma reportagem sobre uma reunião de boxe, o autor ignora os resultados das lutas de *catch* argumentando: *"Deixamos de comentar a luta de 'catch-as-catch-can' porque o público a considerou como uma 'burla', e achamos que já é tempo de se acabar com esses encontros por estarem destituídos de seriedade"*. O outro adversário de Spalla foi o estadunidense Laverne Baxter, que foi nocauteado no primeiro round. No registro de Baxter consta apenas esta única luta de boxe, nenhuma precedente e nenhuma após o evento. Isto nos leva a deduzir que o americano não era um boxeador, talvez apenas um estrangeiro grande e forte a fim de ganhar algum dinheiro fazendo uma 'luta internacional' para o público brasileiro. Um fato curioso é que atuando como corner de Spalla nesta luta, estava Benedito dos Santos, o Ditão, a quem Spalla enfrentara em 1924, dez anos antes.¹⁸

Spalla quase matou Ditão em 1924 devido à grande discrepância de nível de boxeadores e poderia ter feito o mesmo em solo brasileiro dez anos depois do triste episódio. O brasileiro tinha três lutas e enfrentou um campeão europeu com mais de

¹⁸ Gazeta Esportiva, São Paulo, 16 de julho de 1934

quarenta lutas. Sem aprender com os erros, empresários brasileiros repetiram o feito, com o mesmo boxeador, ao colocarem dois estreantes frente ao veterano o italiano. Talvez a tragédia só não fora maior pois, diferentemente de Ditão, que acreditava em sua vitória e travou uma ‘guerra’ contra Spalla, Zbyszko e Baxter pouco se importavam com o resultado da luta, poupando-se de um castigo maior. Esta é a postura dos empresários criticada pelo editorial citado no início deste capítulo, que denunciava a ‘falência do boxe’ em 1929. Falta de responsabilidade com a modalidade, falta de respeito com o público, promoção de eventos baseada em mentiras, lutas internacionais feitas entre atletas sem o menor nível ou experiência, tudo pela ganância por dinheiro, por fama, por grandeza. Italo Hugo fora um boxeador experiente e renomado, sabia muito bem o que fazia ao colocar um lutador de catch frente a um boxeador, mas mesmo assim o fazia, depreciando assim a imagem do boxe perante ao público. O que deveria ser um esporte, tornava-se um circo, causando assim uma perda da credibilidade da modalidade no Brasil perante a imprensa, público e patrocinadores.

Porém, como percebemos pelo tom da reportagem supracitada, estas falcatuas e lambanças não eram bem aceitas por parte do público e da imprensa. Existia já em São Paulo uma ‘consciência pugilística’, disposta a criticar, denunciar e combater situações vexatórias como estas dentro do pugilismo. Uma notícia de 4 de fevereiro de 1929 dá destaque às lutas entre amadores realizadas no então novo Colyseu Boxing Clube, lutas estas que não causavam as mesmas polêmicas que as lutas entre profissionais:

“O Colyseu Boxing Clube, situado na avenida Rangel Pestana, esta se tornando o local preferido para as nossas reuniões pugilísticas que, embora mui modestas, são populares sem as espalhafatosas reclamações das celebres reuniões entre profissionais de pouco valor, na maioria das vezes, que durante longo tempo assistimos e cujo resultado ao invés de fazer aumentar o entusiasmo pelo pugilismo entre nós contribuíram para seu fracasso. No Colyseu, graças à iniciativa de pessoas bem intencionadas, semanalmente se pratica em publico um pouco de pugilismo são, pois os rapazes competidores são amadores de nossas academias. Assim, o publico que la vae, volta satisfeito com o espetáculo. [...]”

Porém, apesar de sofrer duras críticas na mídia impressa, o boxe ainda dispunha de prestígio entre as publicações esportivas. O *Almanach Esportivo* de 1929, em seu segundo ano, tem como principal anunciante a Academia Paulista de Pugilismo, dirigida por Francisco Sangiovanni. Na contracapa do Almanaque podemos encontrar uma propaganda de uma página inteira da Academia Paulista, localizada no Frontão do Braz, na Avenida Rangel Pestana, 327. A publicidade dava ênfase ao elevado número de boxeadores que fazem parte da Academia e ao fato que “[...] as suas reuniões públicas

semanais tem sido sempre coroadas do mais completo êxito e sendo presenciadas por uma numerosa e distinta assistência". De fato, era no Frontão do Braz onde ocorriam as principais reuniões naqueles anos no final da década de 20, principalmente rodadas de lutas amadoras que eram noticiadas pela Gazeta semanalmente, como veremos no presente capítulo.

Ainda que duramente criticado por reuniões desastrosas, o boxe possuía prestígio em meio a mídia esportiva no final dos anos 1920. A Gazeta Esportiva do dia 10 de junho de 1929 trazia em sua contracapa uma ilustração de uma página toda de Italo Hugo, acompanhada de um texto destacando os feitos do boxeador, até então ídolo paulista. *"Muito embora a nobre arte não ocupe, em nosso país, o justo lugar que merece ao lado dos demais esportes, temos um punhado de bons amadores entusiásticos e de alguns profissionais de valor"*. Italo é apresentado como o 'mais popular e técnico', e 'um dos primeiros rapazes que procuraram se aperfeiçoar na arte de Dempsey em São Paulo', que ' [...] graças ao seu esforço e entusiasmo tornou-se o principal pugilista nacional(...)'. O texto diz ainda sobre o *"ressurgimento lento, mas sadio que vem se notando em nossa nobre arte"*, movimento onde Italo ocupava posição de destaque. Irônico notar que Italo Hugo, quando atleta, era exaltado como um dos responsáveis pelo renascimento do boxe, porém, menos de cinco anos depois, já como empresário e manager, era denunciado como um dos responsáveis pelo detrimento da modalidade.

Outro ponto interessante é a presença constante do termo "ressurgimento" do boxe no Brasil naqueles tempos, fenômeno citado em diversas oportunidades. Enquanto a descrição do campeão Italo Hugo o aponta como destaque do 'ressurgimento lento, mas sadio' que ocorria do boxe, uma notícia de 23 de setembro de 1929, ainda na Gazeta, traz como destaque o *"ressurgimento da nobre arte da Paulicéia"*. Ao usarem este termo, os jornalistas da época fazem menção a um passado glorioso do boxe, antes de um período de ostracismo que o boxe caíra. Porém, analisando o cenário do boxe antes da década de 1930, vemos que ele praticamente inexistia em São Paulo no começo dos anos 1920. Poucos eram os atletas, as academias, os treinadores e sequer haviam títulos sendo disputados. A versão amadora do esporte não era incentivada antes dos anos 1930, e nem mesmo haviam ainda a Federação Paulista de Pugilismo (fundada em 1936) e a Confederação brasileira de Pugilismo (1933). Caberia melhor o termo surgimento, ao invés de ressurgimento; nascimento, ao invés de renascimento, mas, obviamente, os críticos da época não viam desta forma. Ditão, boxeador que quase foi à óbito em 1924, foi um dos mais populares nomes do boxe paulista de seu tempo, mas fez apenas quatro combates. O episódio em que foi nocauteado no nono round pelo campeão europeu Erminio Spalla, deixando-o inválido para a prática do esporte,

trouxe uma rápida e severa consequência ao boxe. O prefeito Firmiano Pinto baixou uma portaria proibindo a prática de Boxe em São Paulo¹⁹ naquele mesmo ano, proibição essa que só seria revogada em abril de 1925 pelo prefeito interino Luciano Gualberto²⁰. Não nos aprofundaremos neste episódio e nem em suas consequências, como uma provável crise do boxe (crise essa indicada pelos jornalistas do final daquela década), uma vez que o recorte temporal da presente pesquisa inicia-se em 1928. Porém, a fim de contextualizar o boxe paulista e brasileiro no período a que nos propomos a estudar, pontuamos a quase que onipresente sensação de 'renascimento' do boxe em 1928, 29 e 30, anos iniciais do período estudado neste trabalho. Vejamos, então, os locais onde eram praticado boxe em São Paulo dentro do recorte temporal deste estudo, que se inicia em 1928 e vai até 1953.

2.3 - O boxe e a cidade - 1928 a 1935

Os espaços de diversões e lazer na São Paulo do início do século XX eram circos, teatros, cinemas, cine-teatros, pavilhões, salões de exposição, velódromos, rinks de patinação, cafés, cabarés, salões de festas, cassinos, hipódromos, rinhas, praça de touros, frontões, entre outros. O livro '*Salões, circos e cinemas de São Paulo*'²¹, de autoria de Vicente de Paula Araújo, traz vasta documentação sobre espaços de lazer, diversão, artes e esportes de uma São Paulo antiga, sendo abordado no livro o período de 1897 a 1914. Apesar do fim do recorte temporal do livro supracitado ser anterior ao início recorte temporal desta pesquisa, alguns espaços de lazer catalogados e citados na publicação foram importantes centros pugilísticos no final dos anos 20 e início dos anos 30.

Teatros, circos, cassinos, cinemas, pavilhões, riques (espaços de patinação) e frontões (canchas de pelota basca) foram os espaços de lazer que abriram suas portas para lutas de boxe, tanto amadoras como profissionais, nos primórdios do boxe em São Paulo e no Brasil. A grande variedade e a alta rotatividade dos locais onde aconteciam

¹⁹ MATTEUCCI, Henrique. *Boxe: mitos e história*. São Paulo: Editora Hemus, 1988

²⁰ Luciano Gualberto teve forte envolvimento com o Boxe, sendo presidente da Comissão de Pugilismo no início dos anos 1930. Gualberto foi, nos anos 1920, vereador, deputado estadual, vice-prefeito, prefeito interino de São Paulo, deputado estadual e secretário de saúde. Entre 1950 e 1951 foi também reitor da Universidade de São Paulo, e após a reitoria assumiu a presidência da companhia aérea VASP (viação Aérea São Paulo). De carreira pública renomada, seu envolvimento com o boxe é praticamente desconhecido do grande público. Ao pesquisar seu nome no Google, por exemplo, juntamente com a palavra boxe, nenhum resultado de pesquisa relaciona seu nome a este esporte.

²¹ ARAÚJO, Vicente de Paula. *Salões, Circos e Cinemas de São Paulo*. São Paulo: Perspectiva, 1981

programações de boxe pela cidade poderiam ser interpretadas como um indício da difusão do esporte em diversos pontos na cidade, mas na verdade indicam uma dificuldade para o boxe ter um local fixo para suas atividades. Muitos espaços que receberam eventos de boxe o fizeram por poucas oportunidades ou por pouco tempo, por menos de dois ou três anos seguidos. A falta de uma ‘casa’ para o boxe era problema encontrado não só em São Paulo, mas também no Rio de Janeiro, como indica a reportagem do jornal carioca A Batalha, do dia 14 de janeiro de 1931:

A reunião pugilística de sábado último veio demonstrar que o nosso boxe pode vencer definitivamente. O que lhe dificultava, em parte, os passos, era a falta de um local coberto e sobretudo confortável para receber uma numerosa assistência. Com a inauguração do Colyseum Internacional, à praça da Republica, 67 e 69, teve o público satisfeita suas necessidades, nesse particular, e foi o que se observou: - as 22 horas já a polícia proibia a venda de ingressos por excesso de lotação. Foram felizes os assistentes, pois, para completar o êxito da inauguração daquele belo local, a empresa que promovia o espetáculo apresentou um bom programa [...]

2.3.1 - Picadeiros

O que seria a ‘nova casa’ do boxe no Rio, chamado Colyseu Internacional de Box, na verdade durou apenas dois anos, entre 1931 e 32, e recebeu apenas dez programações de boxe. Já em São Paulo, circos e pavilhões circenses foram grandes propagadores do boxe, abrindo seus picadeiros para que o ringue fosse montado em noites de combates. Os sábados eram os dias reservados ao boxe nestes espaços, onde as atrações circenses e o picadeiro eram trocados pelas lutas de boxe e o ringue. O Pavilhão Queirolo, Pavilhão Alcebíades, Pavilhão Dudu e Pavilhão Piolin receberam programações de boxe entre 1924 e 1947. Já os Circos Democrata, Florimond e Chicarrão tiveram lutas de boxe de 1920 a 1933. Somando as programações em todos estes espaços de espetáculo circense, ao todo foram oitenta e duas rodadas de boxe profissional²² e centenas de combates realizados no ‘picadeiro’, isso sem contar as rodadas de lutas amadoras. O Pavilhão Queirolo foi o circo que mais recebeu eventos de boxe, trinta e quatro programações entre 1928 e 1930, sendo rebatizado inclusive de Madison Square Paulistano pelos aficionados da época. Em 1929, por exemplo, ele serviu de casa ao boxe paulista, realizando vinte e nove reuniões de boxe profissional dentre as trinta e seis que ocorreram na cidade aquele ano. O apelido carinhosamente dado ao Queirolo remete ao famoso complexo de arenas esportivas em Nova York, principal palco do boxe nos Estados Unidos até do início das realizações de grandes

²² www.boxrec.com

eventos em Las Vegas no final dos anos 1970. O Madison Square em Nova York já era referência nos anos 20 e 30, tornou-se palco de lutas memoráveis nos anos 50, como embates de Sugar Ray Robinson e Rocky Marciano, nos anos 70 recebeu Muhammad Ali e atualmente ainda é um dos maiores polos pugilístico do planeta. Já o Madison Square Paulistano, que ficava na rua Formosa, no coração do centro da cidade, parou de realizar rodadas de boxe em 1930. O sonho de termos o nosso Madison Square durou apenas dois anos, para então o boxe voltar a ficar desabrigado. Notícias da Gazeta do final de 1929 indicam que o Queirolo era o principal local onde se apreciava boxe em São Paulo durante o período que esteve em funcionamento.

*O público que anteontem afluíu ao centro da ‘nobre arte’ do Pavilhão, se bem que não fosse tão numeroso como o da reunião anterior, garantiu o ‘sucesso financeiro’, pois, a lotação local foi ocupada totalmente*²³

Notícias e chamadas para eventos de luta-livre, que posteriormente recebeu o pejorativo nome de ‘marmelada’ e era chamada de *catch* pelos aficionados da época, também eram comuns. Além do *catch*, o Queirolo recebia também desafios entre modalidades de combate, como no embate entre o japonês Omori, mestre de jiu-jitsu, e dois adversários diferentes, que foi premeditado por combates de ‘luta-romana’ no dia 4 de fevereiro de 1929. Estas atrações esportivas demonstram que não foi somente ao boxe que os pavilhões abriram suas portas, mas também a outras modalidades de combate (ou de simulação de combate), como o *catch*, a luta-romana e o jiu-jitsu. Em maio de 1929, por exemplo, foi noticiada na Gazeta uma luta de exibição de jiu-jitsu no Pavilhão Dudu, picadeiro que recebera evento de boxe naquele mesmo ano. Apesar de dividirem alguns mesmos espaços, o boxe não se limitava a estes locais de entretenimento para suas exibições, ao contrário das outras modalidades citadas.

Analisando as mudanças de locais onde eram realizadas rodadas de boxe através dos anos, percebemos que o boxe teve dificuldade em encontrar um ‘lar’, um espaço onde pudesse ser praticado e difundido de forma contínua e ordinária. Somente nos anos 1940 o boxe paulista teria sua ‘casa’, o Ginásio do Pacaembu, local onde ocorreriam programações de boxe por mais de quarenta anos consecutivos. Em suas ‘casas’ anteriores, o boxe nunca ficava mais do que um ou dois pares de anos, havendo necessidade de se migrar para outro espaço por motivos pouco claros. Notícia do dia 9 de dezembro de 1929, na Gazeta, anuncia a mais nova mudança de espaço:

²³ A Gazeta Esportiva, São Paulo, 2 de dezembro de 1929

“Com uma apreciável assistência, tivemos anteontem, no pavilhão da rua Formosa [Queirolo] a ultima reunião pugilística naquele local pois, como é sabido, doravante o Pathé Palacio, completamente adaptado, será o centro de atividade da empresa que vem promovendo espetáculos de sucesso”

Empresários e jornalistas, ávidos em anunciar uma nova casa do boxe em São Paulo, indicaram o Pathé Palácio (Teatro Pathé) como o substituto do Queirolo naquele dezembro de 1929. Porém, a suposta ‘última reunião pugilística’ no pavilhão não foi a última, já que em janeiro e fevereiro de 1930 foram realizadas oito reuniões no picadeiro do Queirolo, no Anhangabaú. Já o Pathé, para onde anunciaram que seriam transferidas as noites de boxe, recebeu lutas somente naquele ano de 1929, não sendo mais registradas programações em suas dependências depois da notícia citada acima. As lutas passaram a ser realizadas no Cassino Antártica naquele ano de 1930, com programações rotineiras durante os próximos quatro anos. O Cassino Antártica, propriedade da empresa de bebidas homônima, se localizava também na região Anhangabaú, havendo sido inaugurado em 1914. O espaço já havia recebido programações de boxe entre os anos de 1922 e 1925, totalizando um expressivo número de 17 rodadas de boxe profissional nestes três anos de fase embrionária do boxe brasileiro. Porém, entre novembro de 1925 e fevereiro de 1930 não foi realizada nenhuma atividade com o boxe no espaço, que recebia também shows com artistas famosos e bailes de carnaval. No momento em que reassumiu o posto de ‘casa’ do boxe paulista, o Teatro Cassino Antártica realizou rodadas de boxe semanais em todo o primeiro semestre de 1930, totalizando 18 reuniões. Realizaria ainda programações em 1931, 32 e 34. O Cassino foi ‘escalado’ como um dos palcos de lutas internacionais acontecidas de março a junho de 1932 em São Paulo. O manager, treinador e empresário Celestino Caverzasio trouxe para a cidade boxeadores argentinos que figurariam em nossos ringues durante treze rodadas²⁴. Apenas uma das rodadas foi no Cassino Antártica, duas no ringue São Paulo e outras nove no Pavilhão Alcebíades.

É importante ressaltar que não houve em nenhum momento um ‘monopólio’ de lugares realizando boxe durante os anos vinte e trinta, já que mesmo quando um dos espaços recebia eventos semanalmente, ainda aconteciam reuniões de pugilismo em diferentes locais da cidade. Em 1930, por exemplo, apesar do Teatro Cassino Antártica ter recebido a maioria das programações de boxe em São Paulo, também aconteceram eventos no Queirolo, Pavilhão Piolim (segundo semestre de 30) e Frontão do Braz. Já em 1931, ano em que as atividades no Cassino Antártica diminuíram, tiveram reuniões

²⁴ Gazeta Esportiva, São Paulo, 22 de fevereiro de 1932

pugilísticas também no Teatro República, Democrata Circo, Frontão do Braz e Pavilhão Alcebiádes. Foi o pavilhão Alcebiádes quem ocupou o posto de ‘nova casa do boxe’, recebendo eventos rotineiros em seu picadeiro de maio de 31 a fevereiro de 33, com uma pausa de seis meses no segundo semestre de 1932 devido à revolução dos paulistas desencadeada em 9 de julho daquele ano. Chamadas publicadas na Gazeta Esportiva em abril de 1931 informavam o novo espaço para as lutas, que era localizado na avenida São João, também região central da cidade:

*A reunião, desta vez, será realizada no Circo Alcebiádes, lugar de pequena lotação, porém, mais bem apropriado que o Frontão do Braz. A Empresa resolveu ainda cobrar preços populares, sendo as gerais a 5\$000, cadeiras de semi-ringue a 10\$000, cadeiras de ringue a 15\$000 e frizas a 100\$000. Por todos esses motivos é de esperar-se que o próximo torneio constitua mais um sucesso para o box paulista.*²⁵

*Os organizadores [...] fizeram uma sensível redução nos preços do costume, apesar de ser o torneio realizado no circo Alcebiádes, local mais acanhado que o Frontão do Braz, porém, mais perto do centro e mais comodo para espetáculos desta natureza.*²⁶

Na terceira rodada ocorrida no Alcebiádes, os jornais diziam:

*: “[...] Hoje a noite, no Pavilhão Alcebiádes o primeiro espetáculo de box com o concurso de profissionais promovido pela Empresa Nacional de Box, que arrendou e adaptou convenientemente aquele local”*²⁷

2.3.2 – Teatros e Cinemas

Teatros e cinemas também deram abrigo ao boxe em seus primórdios em São Paulo. Os teatros Colyseu, Pathé, Colombo, Braz-Polytheama e Olympia colocavam entre suas atrações programações de pugilismo entre 1922 e 1934. Já o Cine-Theatro Apollo, que funcionava na Vila Mariana, recebeu lutas de boxe em 1922 e em 1934. O Teatro Pathé, chamado de Pathé Palácio nas rodadas de boxe, realizou grandes lutas em 1929, sendo citado nas caricaturas do dia 18 de novembro de 29 na Gazeta Esportiva. A realização de eventos de boxe em teatros e cinemas, locais exclusivos para entretenimento, demonstra a face espetacular do início do pugilismo no Brasil. O boxe era, ainda, muito mais próximo de uma apresentação artística do que um esporte regulamentado, por isso sua presença em locais de espetáculos teatrais e filmográficos.

²⁵ Gazeta Esportiva, São Paulo, 26 de abril de 1931

²⁶ Gazeta Esportiva, São Paulo, 27 de abril de 1931

²⁷ Gazeta Esportiva, São Paulo, 14 de junho de 1931

2.3.3 - Frontões

Palavra pouco usada em nosso vocabulário atual, ‘frontão’ é o nome que recebe a parede onde é arremessada a bola no jogo de Pelota Basca, esporte muito popular em São Paulo desde o início do século XX até ser proibido no Brasil em 1941. Frontão era também o nome que recebiam os espaços onde eram disputadas partidas de pelota basca, como o Frontão do Braz, Frontão Boa Vista e Frontão Moderno, onde foram realizadas reuniões de boxe entre 1926 e 1940. O jogo de Pelota Basca era muito relacionado a apostas, sendo esta uma das principais formas do torcer neste esporte, prática que levou à proibição da Pelota no início dos anos 1940, exterminando assim os Frontões e a prática da Pelota Basca no Brasil. O esporte tem origens medievais, na região do País Basco (norte da Espanha e sudoeste da França), e foi trazido ao Brasil por imigrantes espanhóis, uma das maiores comunidades estrangeiras do país no início do século XX, juntamente com os portugueses e italianos. A Pelota Basca foi modalidade oficial nos Jogos Olímpicos de Paris, em 1900, e modalidade de apresentação nos Jogos de 1968 e 1992. Diversos eram os Frontões na década de 20 e de 30 em São Paulo, e no interior destes ginásios de Pelota Basca o boxe também encontrou abrigo.

O Frontão do Braz ficava localizado na Avenida Rangel Pestana, número 327, conforme propaganda do Almanach Esportivo de 1929. No espaço realizavam-se reuniões e combates oficiais, mas também era a sede da Academia Paulista de Pugilismo, associação esportiva que aparece em uma vistosa propaganda na primeira página do Almanach Esportivo daquele ano. No reclame, diz-se que *“as suas reuniões públicas semanais tem sido sempre coroadas do mais completo êxito, e sendo presenciada por uma numerosa e distinta assistência”*. O renomado treinador Francisco Sangiovanni, que dirigia a academia instalada no Frontão do Braz, declarou em entrevista²⁸ em janeiro de 1931 que *“em São Paulo só existe um local apropriado para as reuniões de pugilismo: o Frontão do Braz. Esse é um dos motivos porque o box aqui está francamente estacionado.”* Interessante notar que o treinador culpabiliza a falta de espaços para eventos de boxe como um dos motivos da estagnação do boxe naquele momento. Constatamos que o Frontão do Braz mudou de endereço ao longo de suas atividades, passando a atuar na Ladeira Porto Geral, que fica a 700 metros do endereço original. A data da mudança é desconhecida, mas já em 1935 as reuniões pugilísticas no Frontão do Braz eram anunciadas como no *‘estádio da Ladeira do Porto Geral’*²⁹ pela Gazeta. Ali na Ladeira Porto Geral, região central da cidade, localizava-se também o

²⁸ Diário Nacional, Rio de Janeiro, 22 de janeiro de 1931

²⁹ Gazeta Esportiva, São Paulo, 25 de novembro de 1935

Frontão da Boa Vista, que em 1 de janeiro de 1930 era notícia no noticiário Correio Paulistano:

A REABERTURA DO FRONTÃO DA BOA VISTA HOJE

Tendo sido adaptado, reabre-se hoje, nesta capital, a antiga casa de diversões na Ladeira Porto Geral, em que de novo serão realizadas competições de esportes da pelota, que já grangeou extraordinária aceitação entre nós [...]

A notícia sobre a reabertura do ‘antigo’ Frontão da Boa Vista é do primeiro dia de 1930, mas rodadas de boxe profissional só passaram a fazer parte da programação do local em 1935. Em diversas outras oportunidades os eventos de pelota eram destacados pelos jornais da época, que referiam-se à pelota basca como um esporte ‘elegante e violento’. Os frontões da Boa Vista, do Brás e Moderno tiveram uma importância grande também em fazer programações de boxe amador, em lutas sem remuneração aos atletas e com regras diferenciadas. Em 1929, por exemplo, eram corriqueiras nas páginas da Gazeta Esportiva notícias sobre as rodadas de amadores realizadas no Frontão do Braz, organizadas pela Academia Paulista. As lutas amadoras no Frontão da Boa Vista eram realizadas pelo Colyseu Boxing Club, como citada na Gazeta Esportiva de 25 de março de 29. O Frontão Moderno também ficava na avenida Rangel Pestana, no Brás, ajudando a formar um núcleo de jogatina e apostas esportivas no centro de São Paulo. Os Frontões recebiam também eventos de outros espetáculos de combate, como o *catch*, já citado anteriormente. Em notícia de outubro de 1935 recebe destaque a programação de *catch* daquela noite, que teria o ex-boxeador Italo Hugo como um dos juízes nas lutas no Frontão da Boa Vista. Mais uma vez vemos o boxe dividindo espaço com o *catch* (marmelada, luta-livre), apesar da relação pouco ou nada amistosa entre as duas modalidades.

2.3.4 – Clubes de Futebol

Enquanto no mesmo período (1928 a 1934) no Rio de Janeiro os grandes eventos de boxe aconteciam nas sedes de clubes esportivos, como na quadra de tênis do Fluminense, no campo do América F. C. e do São Cristóvão, em São Paulo as lutas eram realizadas em espaços de lazer, cultura e de apostas. Nos anos 1940 a prática de boxe nos clubes futebolísticos, como Palmeiras, São Paulo e Corinthians, com departamentos e academias equipadas, mas as rodadas de boxe não eram realizadas nas dependências dos clubes, salvo raras exceções. No estádio da Floresta, por exemplo, pertencente ao São Paulo Futebol Clube, houve apenas uma programação em toda a década de 1930, no ano de 1935, quando o campeão europeu Primo Carnera,

ex campeão do mundo, se apresentou em São Paulo contra um adversário norte-americano. O último evento até então realizado nas dependências do clube havia sido em agosto de 1928, e depois da midiática luta do gigante italiano nunca mais ocorreram reuniões pugilísticas ali. Já no Palestra Italia aconteceram reuniões esporádicas até 1941, ano de início de realização do Campeonato Popular de Boxe Amador da Gazeta Esportiva, torneio que levava algumas de suas rodadas para o clube ítalo-brasileiro.

2.3.5 – Rinqes

Até mesmo rinqes de patinação, populares salões de diversão e esportes na cidade, serviram de morada ao boxe nos anos 1930 em São Paulo. Os rinqes de patinação que abriram seus salões para que fosse armado um ringue foram o Rinqe São Paulo e Rinqe Guarany, que entre 1932 e 1934 fizeram sete programações de pugilismo. O Rinqe São Paulo ficava na rua Augusta e recebeu apenas três reuniões de boxe, sendo as duas primeiras delas de caráter internacional. Ele foi alugado pela Sociedade Paulista de Pugilismo para a realização da terceira luta entre o francês Angelo Ledoux e o português Antonio Rodrigues, em maio de 1932. O francês era radicado em São Paulo e, após contestar uma derrota e um empate contra Rodrigues no Rio de Janeiro, só aceitou fazer a terceira luta entre ambos se fosse em São Paulo.

O salão de patinação, *[...]local coberto que oferece maiores comodidades ao público*³⁰, foi adaptado e recebeu grande assistência, que pode conferir de perto uma nova derrota de Ledoux para Rodrigues, desta vez perante o público paulista. O evento foi um sucesso e os promotores apostaram em continuar a realizar eventos ali, mas uma notícia dois dias depois da segunda programação diz que *‘a reunião pugilística de anteontem não teve o sucesso daquela precedente*³¹. Esta segunda reunião fazia parte de uma série de treze rodadas internacionais que aconteceram na cidade entre março e junho de 32, onde pugilistas argentinos foram trazidos à São Paulo para enfrentar boxeadores brasileiros e estrangeiros radicados no Brasil. Uma terceira reunião foi realizada ainda no Rinqe da rua Augusta, em dezembro de 1932, no que seria a última aparição do boxe naquela quadra de patinação. O Rink Guarany, localizado no Largo do Arouche, número 27, realizava bailes de carnaval, bailes dançantes, espetáculos e, obviamente, patinação e hockey. Entre novembro de 1933 e janeiro de 34 o Rink Guarany recebeu também rodadas de boxe, apenas quatro sábados, entrando também para o rol das ‘casas do boxe paulista’. Importante frisar que haviam diversas casas de

³⁰ Gazeta Esportiva, 21 de maio de 1932

³¹ Gazeta Esportiva, 6 de junho de 1932

patinação em São Paulo na década de 1930, como o Rink Penha, Rink Concórdia, Paraizo Hockey Clube, Rink São Caetano, Rink Vergueiro, Rink Arouche, entre tantos outros, porém, somente em dois deles ocorreram lutas de boxe.

2.4 – Estádio Paulista – apogeu e queda nos anos 1930

Em 1934, já com a ausência do Alcebíades, Queirolo e Frontão do Braz, surgiu um novo espaço para o boxe em São Paulo: o Estádio Paulista. O ginásio, que se transformou em sede do *‘ringue permanente da Empresa Paulista de Pugilismo’*, realizou impressionantes dezessete eventos de profissionais em sete meses de atividade, entre abril e novembro de 1934. Em março o Estádio Paulista já era notícia nos jornais devido às reuniões de amadores que realizava em suas dependências, no Largo do Arouche, número 27, no mesmo endereço onde anteriormente funcionava o salão de patinação Rink Guarany, citado anteriormente. O jornal Correio de S. Paulo deu destaque para a abertura do espaço:

“INAUGURA-SE HOJE O ESTÁDIO PAULISTA NO LARGO DO AROUCHE

- A Empresa Pugilística Paulista organizou para esta noite um excelente programa de lutas -

*São Paulo vai viver, de novo, os seus belos tempos em que o pugilismo empolgava um número formidável de apaixonados e se tornava esporte da moda. Assim é que, com a noite pugilística de hoje a noite, no Rink do Stadio Paulista, no Largo do Arouche, entrará definitivamente para as arenas das competições e das lides comerciais e esportivas a nova empresa de Box dirigida pelo dr Ary de Carvalho, esportista dos mais distinguidos e cavalheiro de projeção no mundo social de São Paulo.*³²

Em abril de 34 o Estádio Paulista seria palco para o grande e renomado boxeador italiano Ermínio Spalla, ex-campeão europeu, adversário de campeões do mundo e famoso ao público brasileiro por haver nocauteado Benedicto dos Santos, o Ditão, em 1924. Porém, antes de receber este grande campeão, o Estádio Paulista tratou de organizar rodadas só de amadores, como está que foi notícia em 24 de março de 34.

“AS LUTAS DE HOJE NO ESTÁDIO PAULISTA ENTRE AMADORES – pela primeira vez, a Empresa do ‘Estádio Paulista’ vai oferecer a São Paulo uma competição em

³² Correio de S. Paulo, São Paulo, 17 de março de 1934

*cujo programa só figuram lutas entre pugilistas amadores. A ter em conta sua combatividade, aliada a perfeita lealdade, espera-se por certo que essas lutas agradem sob todos os pontos de vista. Assim, o publico paulista, que ora vem tendo uma fase animada de pugilismo, vai se deleitar com uma noitada inegavelmente interessante. A luta final será entre Victor Nilles e Waldemar Zumbano”.*³³

Ao organizar rodadas somente com lutas amadoras, os promotores paulistas davam um importante passo para a consolidação do boxe na cidade, estimulando a prática de um boxe menos espetacularizado, violento e monetarizado. Interessante citar que esta e outras rodadas de amadores realizadas nas dependências do Estádio Paulista tinham suas rendas destinadas em ‘*benefício dos órfãos e viúvas da revolução constitucionalista*’, como o desafio entre cariocas e paulistas, amadores, em março de 34. Não podemos deixar de apontar que, assim como os circos, pavilhões, cinemas, teatros, frontões, cassinos e riques que recebiam lutas de boxe na cidade, o Estádio Paulista também tinha o caráter privado, já que nenhum destes espaços citados era de iniciativa pública. A interferência do poder público no cenário esportivo de São Paulo viria apenas anos mais tarde e seria fator primordial para o desenvolvimento do esporte paulista.

A inauguração do Estádio Paulista e a presença de um grande boxeador peso pesado na cidade mexeu com a cena pugilística naquele ano de 1934. Erminio Spalla estava aposentado há quase seis anos, com 37 anos e muitos quilos a mais do que costumava apresentar no auge de sua carreira, mas ainda era Spalla. Havia enfrentado grandes nomes de sua geração, como o argentino Luiz Angel Firpo (com quem boxeceu doze rounds em Buenos Aires), o campeão do mundo estadunidense Gene Tunney e o espanhol desafiante ao título do mundo Paulino Uzcundum, grande nome da época. Spalla tinha experiência de lutas na Itália, França, Alemanha, Inglaterra, Espanha, Estados Unidos, Senegal e Argentina, somando-se 53 combates e diversos títulos, como o de campeão italiano e o de campeão europeu. Por mais que tivesse ‘velho e gordo’, não havia no Brasil nenhum boxeador, nacional ou estrangeiro, que se igualasse a ele em experiência, qualidade técnica e títulos conquistados. Não havia atleta com seu nível em nenhuma divisão de peso, muito menos entre os pesos pesados, categoria mais chamativa do esporte de luvas. Como apontou o Correio de S. Paulo após o evento, “*Spalla, apesar da sua gordura, ainda possui golpes violentos*”. Além de todo esse respeitável histórico, Spalla também tinha fama entre os brasileiros devido ao combate em que travou em São Paulo com Benedicto dos Santos, o Ditão, em 1924.

³³ Correio de S. Paulo, São Paulo, 24 de março de 1934

Ditão foi o primeiro ‘fenômeno’ do boxe brasileiro, fenômeno este que durou apenas quatro lutas e acabou precocemente aposentado após o encontro com Spalla. O italiano já possuía dezenas de lutas e colecionava títulos, enquanto Ditão tinha experiência de três lutas disputadas, onde cada luta durou um round. O castigo foi tão grande que Ditão ficou com sequelas irreversíveis, retirando-se dos ringues e gerando uma crise no emergente boxe paulista. Spalla deixou seu nome marcado entre os brasileiros naquele ano de 1924. Dois anos depois voltou a se apresentar no Brasil, após passagem pela Argentina e antes de regressar a Europa. Enfrentou e perdeu para o estadunidense Joe Boykin no Teatro Braz-Polytheama, em São Paulo, após ter passado uma temporada nos Estados Unidos. Interessante o fato que Ditão apareceu como representante, manager e treinador de Spalla em seu retorno ao Brasil em 1934, demonstrando cavalheirismo e fair play entre os antigos rivais, que dez anos depois da quase-tragédia ocorrida tornaram-se companheiros.

Toda essa atmosfera sobre Spalla fazia com que seu nome fosse relacionado à sucesso de público, casa cheia e espetáculos pugilísticos de alto nível. Sua relação com o Brasil era próxima, sendo que após aposentar-se em 1927, migrou para São Paulo junto com a família, e por isso encontrava-se na cidade, disponível para mais alguns combates por aqui. Como o nível dos adversários no Brasil não se igualava aos enfrentados na Europa, Estados Unidos ou Argentina, Spalla aventurou-se em mais alguns combates de despedida. Seu retorno aos ringues contra o francês Marcel Nilles foi, portanto, bastante ventilado na imprensa da época, causando um certo ‘alvorço’ na cidade. A luta foi marcada para o dia 7 de abril de 1934, no que seria a primeira rodada de boxe profissional no Estádio Paulista, inaugurado há pouco.

O EMBATE ENTRE MARCEL NILLES E HERMININO SPALLA

A Empresa Pugilística, por nosso intermédio, tem o prazer de comunicar ao respeitável público amante do box, que na presença dos senhores representantes do Marcel Nilles, Herminio Spalla e do seu manager Benedicto dos Santos assinou o contrato da luta que será travada entre os pugilistas Marcel Nilles e Herminino Spalla, ex-campeão europeu de todos os pesos. Esse embate que vem sendo ansiosamente aguardado, terá lugar no próximo 7 de abril no Estádio paulista, sito no Largo do Arouche, 27³⁴

A chamada para o combate saiu no jornal Correio de S. Paulo, no dia 21 de março e, a partir do anúncio da super-luta, iniciou-se uma ‘guerra-fria’ entre promotores

³⁴ Correio de S. Paulo, São Paulo, 21 de março de 1934

na cidade. No dia seguinte, dia 22 de março de 1934, o mesmo jornal trazia a notícia que no dia 7 de abril, além da já programada luta entre Spalla e Nilles, haveria também uma outra reunião pugilística promovida pela 'Empresa Italo Hugo' que contaria com o embate entre o italiano Marco Lenzi e o estoniano radicado no Brasil Oscar Davidson. Italo Hugo havia acabado de retirar-se dos ringues no ano anterior e iniciava sua carreira como promotor e manager, havendo fundado sua própria empresa e passado a organizar reuniões de boxe e de *catch*. A chamada para a reunião organizada por Hugo não fazia menção ao local onde seria realizado o combate, apenas trazia o nome dos boxeadores que se enfrentariam e a data do embate. Somente no dia 4 de abril, três dias antes da data estipulada como o dia do evento, é que a Empresa Italo Hugo informou o local das lutas: Cine Teatro Apollo, local que não recebia eventos de boxe desde 1922, ou seja, há doze anos. Novamente, na mesma página onde havia a chamada para Spalla vs Nilles, noticiava-se também Lenzi vs Davidson para a mesma data. Ainda no noticiário daquele 4 de abril, destacava-se uma pequena manchete: *"Empresa Pugilística Italo Hugo ofereceu jantar a imprensa esportiva"*, relatando um evento voltado à jornalistas esportivos organizado por Italo Hugo na sede de sua nova empresa, o Teatro Apollo. Apesar de ser impossível saber o teor deste evento, é fácil deduzir que o ex-boxeador Italo Hugo tentava agradar a imprensa, buscando reconhecimento e notoriedade para seus eventos futuros.

O tal evento Lenzi vs Davidson, que surgiu às pressas para competir com a super-luta Spalla vs Nilles, a ser realizada no novíssimo Estádio Paulista, por fim não aconteceu naquela data. Dia 7 de abril de 1934 aconteceu apenas uma reunião pugilística em São Paulo, e foi justamente aquela do recém inaugurado Estádio do Largo do Arouche. A luta anunciada pela empresa Italo Hugo seria realizada somente em maio, no dia 19, mais de um mês depois de realizado evento Spalla vs Nilles. O local também não foi o mesmo que o divulgado, passando do Teatro Apollo para o Cassino Antarctica. O Cassino Antarctica não recebia lutas de boxe há dois anos, desde abril de 32, e após este evento ficaria mais oito anos sem sediar reuniões pugilísticas. Na imprensa da época não há informações sobre o adiamento e a mudança de local do evento, havendo apenas notas e notícias sobre como foram as reuniões.

Por que Italo Hugo teve pressa em anunciar um evento na mesma data da inauguração do Estádio Paulista? Ele blefou ao divulgar um evento que ainda não estava confirmado? Ou ele realmente tentou organizar a reunião na mesma data, mas não conseguiu? Teria sido Italo Hugo convencido ou coagido a mudar a data do seu evento em troca de algo? Dentre as dúvidas, surgem algumas certezas: disputava-se em São Paulo o controle dos espaços boxísticos, assim como o protagonismo na

organização e promoção de reuniões. Além disso, a ‘lambança’ pré-evento Lenzi vs Davidson é mais uma prova da desorganização e da ausência de um local próprio para o boxe na cidade durante os anos 1930. Na primeira vez que o evento foi anunciado, não indicava o local. Na segunda citação à luta, apenas três dias antes, o ginásio foi mencionado. Ainda assim, o evento seria concretizado apenas um mês depois em um outro endereço, finalizando a novela criada. Além de tudo, na nova data do evento promovido por Italo Hugo, 19 de maio, houve também programação no Estádio Paulista, onde lutas envolvendo boxeadores locais foram realizadas. As fontes checadas, tanto primárias como secundárias, não nos permitiram aprofundar nas relações pessoais existentes entre as duas promotoras, Empresa Italo Hugo e Empresa Pugilística Paulista, portanto não podemos afirmar categoricamente que havia rivalidade ou uma boa relação entre elas, mas é notável que ambas não estavam alinhadas na promoção do boxe em São Paulo. Se assim estivessem, não promoveriam duas rodadas em dois locais diferentes no mesmo dia, obrigando assim o público a escolher entre um ou outro evento.

O evento Spalla vs Nilles foi o primeiro de uma série de 17 reuniões consecutivas de boxe profissional realizadas no Estádio Paulista. Enquanto o novo espaço organizava lutas a todo vapor, Italo Hugo rodava São Paulo atrás de uma ‘casa’ para suas promoções, organizando lutas em no mínimo quatro locais diferentes naquele ano de 1934: Teatro Apollo, Rinqe Guarany, Cassino Antártica e Teatro Colyseu. Spalla seria ainda pivô de mais uma polêmica naquele ano, envolvendo as Empresas Pugilísticas que atuavam em São Paulo e os locais onde elas realizavam suas reuniões. O italiano fez mais uma luta no Estádio Paulista, em junho, sob supervisão da Empresa Paulista. Italo Hugo, ávido por ser o protagonista dos maiores eventos boxísticos na cidade, conseguiu trazer Spalla para sua organização, a Empresa Italo Hugo, e organizou uma luta para o gigante italiano em julho fora do Estádio Paulista. Italo promoveu um grande evento no Teatro Colyseu, espaço para espetáculos localizado no Largo do Arouche, próximo do rival Estádio Paulista. Seria um duro golpe à empresa do Estádio Paulista ver o maior boxeador em solo brasileiro lutando no ginásio vizinho, sob contrato com a empresa rival. Este tiro, porém, saiu pela culatra, uma vez que a luta fora horrível. Spalla enfrentou o polonês Wladek Zbyszko, boxeador de nível técnico terrivelmente medíocre. Zbyszko na verdade sequer era boxeador, não havia lutas antes enfrentar Spalla e nem realizou outros combates, e sua falta de técnica causou protestos por parte do público e da mídia, como já apontamos no subcapítulo 1.2 do presente trabalho.

As duras críticas não foram em vão, uma vez que é notória a falta de comprometimento com a qualidade da luta promovida. Lutas de desnível como estas,

infelizmente, não eram exclusividade de um ou outro promotor, sendo algo recorrente nas reuniões pugilísticas na cidade. Esta triste realidade colaborava para uma depreciação do boxe perante ao público e à imprensa, enfraquecendo a modalidade. Em uma tentativa de combater esta situação, a Empresa do Estádio Paulista que não fora a organizadora da ‘papagaiada’ Spalla vs Zbyzsko, resolveu afastar pugilistas forasteiros de seu ringue, como publicado no Correio de S. Paulo³⁵:

“Diante do fracasso das lutas disputadas em São Paulo entre pugilistas estrangeiros, que com raras exceções entram no ringue já de antemão preparados para vencer ou perder, de acordo com as combinações que fazem anteriormente, a Empresa do Estádio Paulista, afim de proporcionar lutas de verdade, embora entre pugilistas modestos mas que entram no ringue para defender a bolsa estipulada e pelear com vontade e energia para não tapear o público que aprecia a nobre arte do box, resolveu não mais fazer realizar reuniões em que tomam parte boxeadores estrangeiros. De agora em diante, aquela Empresa, todos os sábados, organizará um programa em que figurarão apenas pugilistas patrícios, quer profissionais como amadores”.

Buscando também promover o boxe amador, o Estádio passou a organizar lutas amadoras todas as quartas-feiras, movimentando seu ginásio e transformando-o no centro do Boxe paulista:

É com empenho que o estádio paulista comunica realizar lutas de amadores todas as quartas-feiras. São Paulo terá, todas as quartas-feiras, mais uma atração: as lutas de amadores. A reunião pugilística de quarta-feira próxima é dedicada em homenagem ao jubileu esportivo de Arthur Friedenreich, ao qual será enviado delicado convite oferecendo-lhe uma frisa [mesa] especialmente preparada e reservada para o astro do nosso futebolismo.³⁶

Estas rodadas amadoras contavam também com atletas do Rio de Janeiro, em um importante intercâmbio que o Estádio Paulista fazia questão de noticiar:

“Não podendo e não devendo o Estádio Paulista deixar de pugnar pelo verdadeiro desenvolvimento pugilístico nacional, estabeleceu diversos acordos no Rio para a vinda de elementos selecionados, com ao quais pudesse dar aos jovens amadores paulistas as verdadeiras oportunidades que necessitam para o futuro profissionalismo que os aguarda. Assim agindo incentivara mais ativamente o

³⁵ Correio de S. Paulo, São Paulo, 20 de junho de 1934

³⁶ Correio de S. Paulo, São Paulo, 7 de julho de 1934

amadorismo e daí a série de reuniões que irá promover, auxiliando os jovens amadores paulistas”³⁷

Engana-se, porém, quem pensar que o Estádio Paulista promovia apenas lutas de boxe em suas dependências. Esportes de combate ainda pouco difundidos no Brasil, como a luta-livre e o jiu-jitsu, também figuravam entre as atrações do espaço. Apesar de não terem a mesma frequência do que as reuniões de boxe, apresentações, eventos e programações destas lutas ocorriam esporadicamente no ginásio do Largo do Arouche. Em outubro de 1934, por exemplo, a Empresa Pugilística Paulista contratou a trupe Landory Chomukan³⁸, formada por lutadores japoneses de jiu-jitsu, para uma série de apresentações da arte marcial oriental. Até mesmo o cônsul do Japão no Brasil foi convidado para acompanhar as apresentações da até então desconhecida arte marcial. Não eram raros, também, eventos mistos, com lutas de boxe combinadas com exibições de *catch* ou jiu-jitsu acontecendo no mesmo ringue, na mesma programação. Em 26 de maio de 1934, por exemplo, ocorreu um ‘*espetáculo misto de catch-as-catch-can e boxe*’ no Estádio Paulista, com três lutas de boxe amador, duas de profissionais e uma de *catch*. Esta mistura entre modalidades, porém, nem sempre foi bem aceita, como vemos na nota sobre o citado evento misto: “*Na segunda parte do programa figurava a exibição do violento esporte de catch-as-catch-can, entre os profissionais Gardini e Martinez. Na realidade foi uma demonstração do referido esporte, e o seu desfecho influiu muito no espírito do público que desconfiou das possibilidades dos futuros encontros*”³⁹. As lutas de *catch* sofriam resistência do grande público, que acostumados com o combate franco e disputado das lutas de boxe, não entendiam ou não se empolgavam com o combate finto do esporte norte-americano. Muitos dos eventos terminavam em vaias e a mídia esportiva criticava fortemente as lutas de *catch*, como podemos ver no trecho de reportagem abaixo:

A luta de sábado entre Gardine e Zbyszco foi mais uma exploração grosseira que o público compreendeu e contra a qual protestou com energia

É quase inacreditável o ponto a que atingiu a audácia dos que propuseram explorar a boa fé do público paulista com temporadas do violento esporte norte-americano ‘catch-as-catch-can’. De mãos dadas com uma trupe de aventureiros, que tem deixado fama em toda parte onde tem passado, pelo seus métodos grosseiros de extorquir dinheiro, tornaram-se de há muito merecedores de especiais atenções da polícia. De violento, o ‘catch-as-cath-can’ que ora se exhibe me S. Paulo, só tem no

³⁷ Correio de S. Paulo, São Paulo, 4 de julho de 1934

³⁸ Correio Paulistano, São Paulo, 19 de outubro de 1934

³⁹ Correio de S. Paulo, São Paulo, 28 de maio de 1934

nome. Nenhuma partida de sinceridade existe nessas lutas travadas entre profissionais da mesma troupe. Nelas, a única preocupação está no lucro financeiro.

*No começo da temporada, os lutadores ainda se deram o trabalho de sustentar algumas pelepas demoradas, com a necessária 'mise-em-scene', para efeito de propaganda. Agora, realizada a conveniente publicidade, para a qual contribuíram com boa fé e ingenuidade os cronistas esportivos, os exploradores se revelam de não menos admirável falta de escrúpulos [...] Em 3 e 5 minutos se decide uma vitória entre esses velhos leões do tapete, feras domesticadas pelo capitalista do domador Stanislaú... [...]*⁴⁰

Percebemos que o polonês Zbyszko, além das críticas recebidas pela luta de boxe, também era alvo de insatisfação na luta-livre. Em outubro⁴¹, o Correio de S. Paulo trouxe uma reportagem cujo o título era 'Apresentou falhas a reunião pugilística de sábado no Estádio Paulista', em que narrava o fato de que duas das lutas anunciadas não foram realizadas e o público reagiu de forma severa, chegando a gritar que 'o boxe de São Paulo está morto'. Erros de arbitragem também contribuíram para um descrédito das programações de boxe no Estádio Paulista. Críticas à Comissão de Pugilismo de São Paulo, organização que arbitrava e supervisionava os combates, sempre existiram, mas no final de 1934 parece que a paciência do público chegava ao fim, vaiando, atirando objetos no ringue e pouco a pouco deixando de assistir o boxe.

A injustiça praticada pela Comissão de Boxe dando como empatada a luta Antolin – Gambi, Quando a vitória do espanhol foi nítida

Ficou provado ontem, com a vultosa assistência que ocorreu ao Estádio Paulista, que o nosso público sabe apreciar os bons programas de boxe. Pena é que nem sempre possa sair inteiramente satisfeito do Estádio, embora os empresários se esforcem para fazê-lo. Assim é que no decorrer da brilhante noite de sábado, a Comissão de Boxe não deixou de dar sua nota dissonante, fazendo jus aos assobios da plateia. De fato, não se justifica de maneira nenhuma a decisão dada ao encontro semi-final entre Gambi e Antolin Rodrigo.

*[...] Vê-se, por aí, que dando um simples empate como decisão da luta, a Comissão de Box teve um gesto profundamente injusto [...]. É impossível que os membros da comissão e Box não pudessem constatar a mesma verdade que toda a assistência presenciou sábado no Estádio Paulista. [...] Que pesem bem suas responsabilidades, vejam que por motivo de injustiças como a de anteontem, o público do box já decresceu bastante, prejudicando as empresas que não são culpadas. Mas atentam, sobretudo, na perspectiva de saraivada de ovos frescos e legumes, quando o público, regressando aos estádios, atraído pelo reclame de boas lutas, verifica que nenhum respeito se tem pela verdade nem pela sua presença.*⁴²

⁴⁰ Correio de S. Paulo, São Paulo, 13 de agosto de 1934

⁴¹ Correio de S. Paulo, São Paulo, 1 de outubro de 1934

⁴² Correio de S. Paulo, São Paulo, 5 de novembro de 1934

O texto acima citado refere-se à reunião do dia 3 de novembro de 1934, naquela que viria a ser a última programação oficial do Estádio Paulista, encerrada sob chuva de tomates. Em nota do dia 8 de novembro de 34, no mesmo Correio de S. Paulo, informa-se que a Comissão de Box de São Paulo suspendeu as aulas para juízes que eram ministradas às quintas-feiras nas dependências do Estádio Paulista. Depois dessa notícia, o boxe no Estádio Paulista nunca mais foi citado no Correio de S. Paulo, simplesmente desaparecendo do noticiário. No periódico Correio Paulistano, entretanto, noticiou-se o fechamento oficial da casa de espetáculos pugilísticos no dia 11 de novembro de 1934, uma semana após a reunião encerrada sob vaias e chuva de legumes devido a erros da arbitragem:

A EMPRESA DO ESTÁDIO PAULISTA TERMINOU SUA ATIVIDADE - Mais uma empresa pugilística que acaba de encerrar sua atividade em nossa capital. Cansada com tantos deficits, resolveu fechar as portas. Para o nosso pugilismo é sem dúvida uma grande perda, porquanto os amantes da nobre arte não mais poderão assistir aos bons programas oferecidos pela Empresa do Estádio Paulista.

Infelizmente o boxe está fadado a não se incrementar em nossa cidade; numerosos são os empresários que tentaram reergue-lo, mas os contínuos prejuízos os obrigaram a desistir da empreitada. Com a extinção da Empresa do Estádio Paulista tão cedo não teremos reuniões de box entre profissionais em nossa capital.⁴³

Acabava assim, precocemente, o sonho paulista de ter um Estádio de boxe contínuo, duradouro, como há tanto tempo se fazia necessário na cidade de São Paulo. O estádio Paulista durou pouco mais de oito meses, promovendo dezessete reuniões profissionais e outras tantas reuniões amadoras, agitando e promovendo o boxe da região. Enquanto isso, no Rio de Janeiro, a 'casa do boxe carioca', o Estádio Brasil, promovia eventos continuamente em ritmo acelerado desde a sua inauguração em 1933. Em 1934, no Estádio Brasil ocorreram trinta e sete eventos, em 1935, quando o Estádio Paulista já não existia mais, foram trinta e duas rodadas. Em 1936 foram quinze programações, vinte e uma em 1937, trinta em 1938, dezesseis em 1939. A nível de comparação, entre 1935 e 1938 foram realizadas apenas cinco rodadas em São Paulo: quatro em 1935 e uma em 1938, sem registros de lutas de boxe profissional na capital paulista em 1936 e 37. Já o estádio Brasil, que ficava no largo Riachuelo, centro do Rio, ao todo realizou impressionantes 186 eventos de boxe profissional entre 1933 e 1942, sendo o mais importante difusor do boxe em terras cariocas durante os anos 1930.

⁴³ Correio Paulista, São Paulo, 11 de novembro de 1934

Outros locais também recebiam boxe na então capital federal, como o Estádio Riachuelo (dezessete eventos em 1934), Estádio Manoel Schwartz, Estádio Federal, Pavilhão Floriano, Pavilhão Dudu, Campo do Jequiá Futebol Clube, entre outros. Porém, é inegável a figura de ‘quartel general’ do boxe carioca desenvolvida pelo Estádio Brasil durante os seus quase dez anos de atividade. Em 1935, por exemplo, dos trinta e três eventos ocorridos no Rio de Janeiro, trinta e dois foram no Estádio Brasil. Já em 1938, todas as trinta reuniões de boxe profissional ocorridas no Rio de Janeiro foram realizadas em suas dependências. Por mais que ocorressem reuniões em outros pontos da cidade, era no Estádio Brasil onde aconteciam a maioria dos eventos.

A agitada cena pugilística carioca perante o ocaso do boxe paulista a partir da metade dos anos 1930 evidenciou uma mudança do principal centro boxístico brasileiro, que deixava de ser disputado entre São Paulo e Rio e passou a ser dominado pelo Rio de Janeiro. O domínio carioca do cenário esportivo fez até com que grandes treinadores paulistas, como Celestino Caverzasio e Kid Pratt, transferissem-se para o Rio de Janeiro a partir de 1934. Em entrevista para o Correio de S. Paulo, em março de 1934, o argentino/paulista Kid Pratt (cujo nome de batismo era Armando Jofre, irmão de Kid Jofre e tio de Eder Jofre) fala sobre sua transferência ao Rio de Janeiro. Com o título *‘Kid Pratt, o manager paulista que é manager-técnico do Estádio Brasil, fala ao Correio de S. Paulo sobre o pugilismo no Rio’⁴⁴*, a entrevista traz informações sobre o pugilismo em terras cariocas, onde o treinador estava morando e dedicando suas atividades à Empresa Pugilística Brasileira S. A. Chama atenção a ótica de Kid Pratt sobre a necessidade de se ter uma ‘casa’ para o boxe, seja em São Paulo como no Rio: “O pugilismo no Rio tem progredido desde que foi feita a construção do Estádio Brasil, que ficou em 280:000\$. Era o que se precisava realizar também aqui em São Paulo”, afirmava um dos responsáveis pelo sucesso do Estádio Brasil. A tentativa dos paulistas em terem uma casa para o boxe aconteceu naquele mesmo ano de 1934, mas infelizmente não conseguiu funcionar até a chegada do ano seguinte.

Em janeiro de 1935, porém, um grande acontecimento seria visto em São Paulo, mesmo sem um espaço oficial para realização de lutas de boxe na cidade. O italiano ex campeão mundial Primo Carnera esteve na capital paulista, onde realizou um combate oficial contra oponente norte-americano que foi trazido especialmente para esta luta. O encontro foi realizado no campo do São Paulo Futebol Clube, conhecido como estádio da Floresta, localizado na Ponte Grande, região central, onde atualmente fica o Clube de Regatas Tietê. Não aconteciam lutas no estádio da Floresta desde 1928, e após o

⁴⁴ Correio de S. Paulo, São Paulo, 27 de março de 1934

super evento com Carnera, o local não voltou a receber reuniões pugilísticas. Apesar de ter reunido de 3 a 4 mil pessoas⁴⁵ e ter agitado a cena boxística paulistana, o evento com o grande astro não teve continuidade e nem interferiu diretamente no crescimento das reuniões de boxe. No decorrer daquele ano de 1935, pouquíssimas notícias sobre boxe eram ventiladas nos jornais *A Gazeta Esportiva*, *Correio Paulistano* e *Correio de S. Paulo*, que eram obrigados a informar sobre eventos realizados no Rio frente a ausência de rodadas em São Paulo. Alguma continuidade na promoção de eventos de boxe profissional em São Paulo seria vista somente nos últimos meses de 1939, quando o Frontão Boa Vista recebeu nove eventos entre setembro de 39 e janeiro de 40. Mas seria em abril de 1940 que o boxe paulista iniciaria uma nova fase, uma fase onde tinha uma casa para seu público, seus boxeadores, treinadores e aficionados: o Ginásio Municipal do Pacaembu.

2.5 – Ginásio do Pacaembu – uma nova era

O fechamento do Estádio Paulista no final de 1934 trouxe sérias consequências para o boxe em São Paulo. Apesar de ter funcionado por menos de um ano, o ginásio tornou-se uma referência na cidade e conseguiu manter uma regularidade nas reuniões que promovia. Como profetizado na nota que informava o fechamento da casa, sem a empresa do Estádio Paulista o boxe teve dificuldades em encontrar um teto na cidade. Em 1935 foram realizadas apenas cinco reuniões pugilísticas na capital paulista, enquanto no Rio de Janeiro, a nível de comparação, ocorreram trinta e cinco. Os anos seguintes foram ainda mais cruéis: em 1936, 37 e 38, nenhum boxeador profissional subiu no ringue em São Paulo. Já no Rio, então capital federal, nestes três anos foram realizadas setenta e sete rodadas de boxe, quase todas elas no Estádio Brasil, ginásio que organizou combates em ritmo alucinante até janeiro de 1942, quando encerrou suas atividades.

A falta de eventos de boxe em São Paulo fez com que os boxeadores paulistas viajassem ao Rio para lutarem durante os anos de penúria paulista (de 1935 a 1939). Um dos maiores ídolos paulistas dos anos 30, Attilio Loffredo ficou fora do alcance do público paulista no auge da sua carreira, entre 1935 e 1940. Loffredo arrastava multidões no Queirolo, Cassino Antártica, Alcebíades, Pavilhão Piolin, Estádio Paulista e outros espaços em São Paulo, mas ficou sem lutar em sua terra natal até o final de 1939, nas vésperas da inauguração do Ginásio do Pacaembu. No período que ficou

⁴⁵ A Gazeta Esportiva, São Paulo, 13 de janeiro de 1935

afastado, fez vinte e seis lutas, vinte três delas no Estádio Brasil no Rio de Janeiro e três em Porto Alegre. O paulista Brasilino Fino, um dos melhores e mais ativos boxeadores brasileiros durante os anos 1930, fez sua estreia em 1932 em São Paulo, mas a partir de 1934 passou a lutar exclusivamente no Rio de Janeiro. Brasilino voltaria a lutar em sua terra natal somente em 1940 com a inauguração do Pacaembu, após ter feito mais de sessenta combates no Rio, Lisboa, Porto, Madrid, Buenos Aires, Porto Alegre e Santos. O carioca Rubens Soares, acostumado a lutar nos ringues do Cassino Antártica, Queirolo, Frontão do Braz, ficou de 1930 a 1940 sem combater em São Paulo, voltando à capital paulista somente em 1940 para lutar na inauguração do Pacaembu. Exemplos como estes demonstram a penúria que viveu o pugilismo em São Paulo após o fechamento do Estádio Paulista, 1935, má fase que só foi superada com a abertura do Ginásio do Pacaembu, em 1940. Além falta de um espaço para se realizar boxe a partir do final de 1934, outro fator contribuiu para o retrocesso do boxe em terras paulistas: a aposentadoria de grandes nomes. Victor Manini, um dos ídolos da colônia italiana, fez sua última luta em março de 1935. Attilio Bianchi, outro oriundo, afastou-se dos ringues em novembro de 34. Italo Hugo, que durante anos foi o maior nome do boxe brasileiro, não subia no ringue desde abril de 1933, atuando a partir de então como manager e empresário. Armando Ragazzi, Manuel Heredia e Johannes Tom eram boxeadores ativos até 1934, quando despediram-se dos ringues e desfalcaram o seleto grupo de boxeadores paulistas que se enfrentavam em São Paulo.

A situação do esporte em São Paulo fez até com que treinadores paulistas buscassem melhor sorte no Rio de Janeiro, como foi o caso de Caverzasio e Kid Pratt, os dois principais treinadores de boxe em solo brasileiro em suas épocas de atividade. Em entrevista ao jornal Correio de S. Paulo em março de 1934⁴⁶, Armando Jofre, nome de batismo do técnico argentino Kid Pratt, afirmou ter se mudado ao Rio de Janeiro para ser ‘manager-técnico’ da Empresa Pugilística Brasileira, grupo que geria o Estádio Brasil. Não foi possível checar até qual ano o treinador, que mantinha uma academia junto ao seu irmão Kid Jofre em São Paulo, manteve-se na então capital federal. Celestino Caverzasio, italiano radicado em São Paulo, também foi tentar melhor sorte no Rio em ano impossível precisar nas fontes checadas. Em janeiro de 1937⁴⁷, o jornal carioca A Batalha informava que Antonio Rodrigues e Brasilino Fino, pupilos de Caverzasio, fizeram suas preparações para próximos combates em Petrópolis, no campo do Serrano F. C., onde Caverzasio mantinha um *camp* de treinamento.

⁴⁶ Correio de S. Paulo, São Paulo, 27 de março de 1934

⁴⁷ A Batalha, Rio de Janeiro, 7 de janeiro de 1937

O Estádio Municipal do Pacaembu foi inaugurado no sábado, dia 27 de abril, com um *“grandioso desfile e parada de esportistas”* que dava início à semana de inauguração do aparelho, que durou de 28 de abril a 5 de maio. O ginásio do Estádio Municipal recebeu sua primeira reunião de boxe no dia 28 de abril de 1940, um domingo, em meio à ampla programação esportiva e festividades. Naquela primeira semana de funcionamento do complexo esportivo ocorreram diversas de competições: no domingo de manhã houveram duelos de florete (esgrima), no salão de festas do Estádio; à tarde a piscina foi estreada com provas de saltos e de nado, para homens e mulheres, contando com a participação de Maria Lenk e competidores estrangeiros, dando caráter internacional às provas. Ainda pela tarde, no estádio, ocorreram as primeiras partidas de futebol no gramado do Pacaembu: Palestra Itália versus Coritiba as 14h e Corinthians versus Atlético Mineiro as 16:30h. De noite ocorreram as lutas de boxe nas dependências do ginásio e na segunda-feira houve uma partida de basquete, chamado ainda de Bola ao Cesto pelos jornais da época, entre os selecionados universitários do Brasil e da Argentina. Para que o empreendimento da Diretoria de Esportes do Estado de São Paulo alcançasse sucesso total, proibiu-se a realização de competições esportivas de qualquer natureza na cidade durante a semana de inauguração do Pacaembu, centralizando toda atividade esportiva no novel complexo.

A primeira reunião pugilística no Pacaembu contava com uma programação que reunia nomes populares da época. Dois veteranos e famosos boxeadores, um carioca e um paulista, disputaram o título brasileiro dos médios. Rubens Soares, do Rio, era o detentor do título, e voltava a boxear em São Paulo após dez anos longe dos ringues paulistas. Soares havia lutado em 1930 no Frontão do Brás e no Cassino Antártica, mas só voltaria a combater em São Paulo na inauguração do Pacaembu. O paulistano Attilio Loffredo, que ostentava em seu cartel mais de 70 lutas àquela altura, também retornava aos ringues paulistas após anos de afastamento de sua terra natal, já que passara as últimas temporadas boxeando longe de São Paulo. Aquela seria a penúltima luta de sua carreira, já que faria um combate de despedida seis anos após a disputa do cinturão dos pesos médios, que acabou ficando nas mãos do carioca. Fato curioso é que esta foi a única luta entre brasileiros da programação, já que as outras foram entre um gaúcho e um português (Luiz Campos Soares e Antonio Soares) e entre um italiano e um alemão (Benjamim Ruta e Ernest Kogler). Os estrangeiros, porém, eram todos radicados em São Paulo, velhos conhecidos do público paulista. A chamada publicada dois dias antes da inauguração convoca o público para acompanhar boas lutas dos principais nomes do boxe paulista.

A PRIMEIRA NOITADA PUGILÍSTICA DO ESTÁDIO MUNICIPAL

*O programa para a estreia do tablado erguido no centro do ginásio do estádio Municipal está sendo comentado satisfatoriamente pelos entendidos de boxe nessa capital. De fato, nele figuram três combates entre profissionais dos mais prestigiosos dos que lutam em nosso ambiente, isto além de cinco combates amadores pela disputa do cinturão de campeão paulista de boxe*⁴⁸

Após a primeira rodada, o Pacaembu receberia mais seis reuniões de boxe com o espaçamento máximo de duas semanas entre elas, imprimindo um forte ritmo de atividades pugilísticas. Os primeiros eventos já tinham um público numeroso e alguns deles mesclavam as lutas de boxe com 'lutas', ou apresentações, de luta-livre, o antigo *catch*. Na véspera da terceira rodada, no dia 18 de maio de 1940, o Correio Paulistano escreveu sobre o estádio:

[...] O amplo logradouro do nosso estádio, com grandes e indispensáveis acomodações para numeroso público, certamente continuará a ser lotado por seleta assistência, ávida pelo desenrolar das lutas, nas quais se empenharão exhibições de tão destacados elementos

Apesar de ter nascido já como uma referência para o boxe em São Paulo, o ginásio Municipal do Pacaembu, que atualmente [2019] tem capacidade para 2,5 mil pessoas, teve boa aceitação inicial, porém demorou a 'embalar' de verdade com o esporte das luvas. Seria somente na metade dos anos 1940 que o número de eventos no Ginásio e na cidade de São Paulo pudesse ser equiparado ao número de eventos na época do Estádio Paulista (dezoito eventos em 1934), Queirolo (vinte nove eventos em 1929) ou Cassino Antartica (dezoito eventos em 1930). Em 1940, ano de sua inauguração, o Estádio Municipal do Pacaembu recebeu sete programações de boxe profissional. Os anos seguintes ainda foram pouco movimentados pelo boxe no estádio, com seis rodadas em 1941, três em 42, nenhuma em 43, três em 44 e seis em 45. O Pacaembu não surgiu monopolizando os espaços onde ocorriam boxe em São Paulo, já que tiveram eventos no Frontão da Boa Vista (dois em janeiro 1940, ainda antes da inauguração), Cassino Antartica (um em 1942) e Ginásio da Associação Atlética São Paulo (dois em 1942), clube localizado próximo ao rio Tietê, na altura da Ponte das Bandeiras. Porém, esse monopólio se deu naturalmente a partir de 1943 e durou até 1957, com exceção dois eventos realizados fora das dependências do estádio municipal: uma rodada no Teatro Coliseu, em 1946, e uma no Circo Seyssel em 1951. Afora estas duas reuniões, todos os eventos de boxe profissional realizados em São

⁴⁸ Correio Paulistano, São Paulo, 26 de abril de 1940

Paulo entre 1944 e 1957 (ano de inauguração do Ginásio do Ibirapuera) foram no Pacaembu.

O 'boom' de eventos realizados em São Paulo teve início na metade dos anos 1940 e teve seu auge nos anos 1950, quando o número de reuniões boxísticas na capital paulista ultrapassou a quantidade de eventos realizados no Rio de Janeiro. O fechamento do Estádio Brasil, em 1942, provocou uma queda do número de eventos organizados no Rio, enquanto a inauguração do Pacaembu, em 40, fez com que cada vez mais eventos fossem realizados em São Paulo. Em 1944, enquanto o Rio não realizou nenhuma reunião, três foram organizadas no Pacaembu. Em 45, seis rodadas foram feitas no ginásio municipal paulista, e apenas três no Rio de Janeiro, já não mais no Estádio Brasil. Em 1946, com a temporada internacional em São Paulo, a discrepância ficou ainda maior: vinte seis rodadas em São Paulo (vinte e cinco no Pacaembu) e sete no Rio. Nos onze anos seguintes, de 1947 a 1958, São Paulo fez 261 rodadas, uma média de quase 24 eventos por ano, um a cada quinze dias. Já no Rio, no mesmo intervalo de tempo, fez apenas trinta eventos, com uma média de menos de três rodadas por ano. Inegável a importância da construção do estádio Municipal para que o boxe em São Paulo ressurgisse, figurando como principal palco pugilístico da cidade (e do Brasil) durante os próximos quinze anos. O Pacaembu conseguiu o que o Queirolo, Cassino Antártica, Estádio Paulista não conseguiram fazer: receber reuniões de boxe de forma permanente e contínua, tornando-se referência para o público do boxe ao passar dos anos.

Espaços de lazer privados como os frontões, circos, pavilhões, teatros e cassinos não conseguiram dar guarida por muito tempo ao cenário pugilístico paulista nos anos 1920, 30 e 40. Foi necessária a 'intervenção' pública no campo esportivo para que o boxe pudesse encontrar morada, abrigo, espaço para crescer, se desenvolver e se difundir entre o grande público. Ao que consta, o novíssimo ginásio do Pacaembu tinha apenas um problema: a localização. Enquanto os antigos locais onde ocorriam boxe se localizavam na região central da cidade, o novo estádio municipal ficava em uma zona afastada do centro, um bairro ainda em construção, de difícil acesso. Até aquele ano de 1940, o público do boxe sempre esteve habituado a assistir as programações na região central de São Paulo, desde os primórdios deste esporte na cidade. O Pavilhão Queirolo, ou Madison Square Paulistano, ficava na rua Formosa, região do Anhangabaú. O Cassino Antártica, que além de eventos de boxe recebia shows, apresentações e bailes, também ficava no Anhangabaú. O Estádio Paulista era na altura do número 27 do Largo do Arouche, em frente a praça com o nome do Largo. Até mesmo outros locais que não tiveram tanta expressividade como palcos boxísticos

ficavam na região central da cidade: Circo Alcebíades era na Avenida São João, Frontão do Brás e Frontão Boa Vista na Ladeira Porto Geral, Rink São Paulo na rua Augusta, Frontão Moderno na avenida Rangel Pestana (próximo ao Brás), Rince Guarani no Largo do Arouche (no mesmo número onde viria a ser o Estádio Paulista), Teatro Pathé na Praça João Mendes. Ou seja, para se assistir boxe na São Paulo dos anos 20 e 30, não era preciso sair do centro da cidade. Em uma capital que crescia desenfreadamente, a busca por novos espaços longe do centro tornou-se natural, obrigando a municipalidade a propor alternativas de espaços de sociabilidade e de práticas esportivas em outras zonas da cidade. Nos anos iniciais de atividades no Pacaembu, no começo da década de 1940, a Federação Paulista de Pugilismo, preocupada com a locomoção do público até o estádio municipal, solicitava à Empresa de Auto-Ônibus que fossem disponibilizados meios de transporte extra. Nas chamadas para eventos, após texto com detalhes sobre as lutas, os boxeadores e seus feitos, era comum avisos sobre como se deslocar até o novo estádio.

CONDUÇÃO EM QUANTIDADE⁴⁹

Para dirigir-se ao ginásio do Estádio Municipal do Pacaembú, basta tomar-se um ônibus que passe pela avenida Angélica ou pela rua da Consolação, ou ainda pela avenida Paulista, como também bondes que passem por estas artérias. Da Praça do Patriarca haverá uma linha de ônibus que tráfegará diretamente para o local das lutas.

O sucesso do Pacaembu no cenário esportivo da cidade foi imediato, com o público comparecendo ao complexo desportivo para acompanhar não só o boxe, mas o futebol, basquete, tênis, natação, esgrima e outras modalidades. A quantidade de reuniões boxísticas no ginásio em seus anos iniciais foi tímida, não passando de dez por ano até 1946. Em 1943 não foram realizadas rodadas de boxe profissional no Pacaembu e em São Paulo, uma vez que o amadorismo começava a ganhar cada vez mais força na cidade. Com a grande temporada internacional de 1946, o número de reuniões profissionais saltou para vinte e seis naquele ano, para depois retornar a números mais modestos nos anos seguintes. Foi no ano 1949 que a quantidade de eventos no Pacaembu voltou a crescer de forma continuada e manteve-se alta pelos próximos oito anos, graças a profissionalização de bons amadores, como nos aprofundamos no Capítulo Anos 40, Subcapítulo 6.8. O número de eventos foi crescendo gradativamente a partir do penúltimo ano da década de 1940: em 1949 foram realizados doze eventos, catorze em 1950, quinze em 1951, vinte e dois em 1952, vinte e oito em 1953, vinte e nove em 1954, trinta e seis em 1955, onde está registrado o pico

⁴⁹ Correio Paulistano, São Paulo, 30 de outubro de 1941

de atividade de boxe profissional no Pacaembu. No ano seguinte o número de reuniões pugilísticas manteve-se alto, com trinta e três reuniões em 1956, quando o Pacaembu ainda era o único local em São Paulo que recebia lutas de boxe profissional.

Somente com a construção do Ginásio do Ibirapuera, inaugurado em janeiro de 1957 e que recebeu sua primeira rodada de boxe em março do mesmo ano, é que o Pacaembu perdeu o status exclusivo de 'casa do boxe' paulista. No ano de inauguração do ginásio do Ibirapuera, que atualmente tem capacidade para 10 mil pessoas, dos vinte e nove eventos de boxe profissional realizados em São Paulo, apenas cinco foram no Pacaembu e vinte e quatro no Ibirapuera. No ano seguinte, 1958, o Pacaembu não receberia nenhuma rodada de boxe, contrastando com as trinta e três reuniões que recebera dois anos antes, em 1956, concentrando todas as rodadas pugilísticas realizadas na cidade naquela temporada. Todos os trinta e dois eventos pugilísticos na capital paulista naquele ano de 1958 foram realizados no Ibirapuera, tornando o Pacaembu uma casa alternativa ao boxe paulista, recebendo eventos esporádicos e espaçados ao redor dos próximos anos e da década de 1960.

A arrancada paulista no cenário pugilístico brasileiro, iniciada nos anos 1940 com a construção do Pacaembu, não se resumia apenas ao número de eventos realizados na cidade, mas também na qualidade e resultados por pugilistas de São Paulo. Nos anos 1950, os maiores nomes do boxe brasileiro eram paulistas, como Ralph Zumbano, Vicentão, Romeu Barbosa 'Lasanha', Paulo Sacomã, Nelson de Andrade, Milton Rosa, Paulo de Jesus, Chico Pacheco, Luisão, Kaled Curi, Pedro Galasso, Sebastião Gibi Ladislau, Nelson Goiaba, entre outros. E foi seguindo a crista desta onda que o boxe brasileiro, através de punhos paulistas, conseguiu seus primeiros títulos internacionais no final da década de 1950: medalha de ouro no Pan de 55 com Luisão, campeão sul-americano dos leves com Pedro Galasso em 1958 e campeão mundial dos galos com Eder Jofre em 1960. Luisão, Galasso e Eder são frutos de um cenário boxístico paulista rico, movimentado, agitado, cenário este que só foi possível graças à existência de ginásios públicos onde o boxe encontrou sua morada, o Pacaembu e o Ibirapuera. Sem a construções destes aparelhos esportivos municipais/estaduais, o pugilismo em São Paulo continuaria 'pulando de galho em galho' nos anos 40 e 50, em espaços privados como teatros, picadeiros e cassinos, tornando difícil a estruturação e difusão do boxe em terras paulistas, como ocorreu nas décadas de 1920 e 30.

2.6 - Clubes, estádios e circos: o boxe amador roda a cidade

Com o alto número de eventos profissionais acontecendo no Pacaembu durante a década de 1940, os dirigentes, empresários e promotores brasileiros haviam resolvido um antigo problema do boxe paulista. Entretanto, engana-se quem pensar que as programações de boxe na cidade ficaram restritas apenas àquele aparelho público. Se a partir de 1944 o Pacaembu receberia todas⁵⁰ as rodadas profissionais realizadas em São Paulo nos próximos 13 anos, no mesmo período o boxe amador circulava livremente pela cidade. A realização dos Campeonatos Populares de Boxe Amador da Gazeta foi um dos fatores que mais fez o boxe amador ir à diferentes pontos de São Paulo a partir de 1941, quando a competição teve início. A expansão do boxe amador naquela década, com o engajamento de times de futebol e o aumento significativo de academias e atletas, também fez com que o boxe amador precisasse de mais espaços para além do Pacaembu. O aumento de competições foi tão grande que fez com que dirigentes, que já ‘tinham’ o Pacaembu, procurassem outros espaços para abrigar o boxe amador, como veremos neste subcapítulo.

Antes mesmo do campeonato da Gazeta, o boxe amador já tinha grande mobilidade na cidade, estando presente em vários clubes, academias e ginásios da cidade. Em 26 de agosto de 1940, duas rodadas amadoras foram realizadas na cidade, uma no Palestra Itália e outra no Espéria, clube da ponte das Bandeiras. O Espéria, que com o início da Forja se tornaria a maior potência amadora do país, organizou um festival pugilístico em sua sede, onde se exibiu uma criança de apenas 4 anos e meio, chamada Eder Jofre. Filho de Kid Jofre, Eder fez luvas com seu primo, chamado pela Gazeta Esportiva de Zumbano VI, quem sabemos ser Ricardo Zumbano, cinco anos mais velho que Eder. Esta foi a primeira vez que o nome de Eder Jofre aparece nos jornais esportivos, treze anos antes dele fazer sua estreia oficial nos ringues, em 1953. Em 1940 o Espéria também recebia as eliminatórias para o campeonato brasileiro daquele ano, o que mostra que o boxe já era presente no clube antes da realização da Gazeta. O clube receberia por anos reuniões amadoras em sua sede, tanto rodadas de competições oficiais, como o Paulista de 1944, como eventos comemorativos, como uma reunião beneficente em setembro de 1942. O evento pugilístico que mais público levava ao clube, que se localizava na rua Voluntários da Pátria número 51, eram as rodadas da Forja de Campeões, como a final de 1943 em que compareceram mais de 10 mil pessoas segundo diferentes fontes.

O Campeonato Popular da Gazeta foi o principal causador da capilarização do boxe amador em São Paulo, uma vez que suas rodadas não eram realizadas em locais

⁵⁰ Entre 1944 e 1956, somente um evento profissional não foi realizado no Pacaembu, em 1951, quando ocorreu uma rodada no Circo Seyssel. No mesmo ano, 12 reuniões aconteceram no Pacaembu.

fixos. A cada nova edição, novos clubes se candidatavam a receber alguma rodada do campeonato, gerando assim um cenário de expansão territorial do boxe em São Paulo. Assim como foi importante o boxe ter uma 'casa' fixa, com rodadas constantes no mesmo local, foi importantíssimo também a disseminação do pugilismo por diferentes regiões da cidade, promovendo, divulgando e popularizando a modalidade. Nos anos iniciais da realização do Campeonato da Gazeta, de 1941 a 1946, mais de dez locais diferentes receberam rodadas do campeonato, fazendo o público, atletas e treinadores circularem pela cidade.

A academia da Guarda Civil, localizada sob o viaduto na Santa Efigênia (rua Brigadeiro Tobias), foi um dos locais que mais recebeu reuniões da Gazeta em seus anos iniciais. A localização central do ginásio, assim como as boas condições para receber um bom público, foram primordiais na escolha do ginásio. Além das rodadas, o ringue da Santa Efigênia recebeu durante algumas oportunidades a pesagem geral dos atletas e o exame de suficiência, onde os participantes eram submetidos a treinamentos com luvas para terem sua inscrição aceita no certame. Outra academia muito utilizada para a pesagem e a prova de suficiência era a Academia Brasileira, de Kid Jofre. A academia ficava na avenida São João, próximo ao Lago do Paissandu, e sua boa localização a colocava em condições de receber as pesagens e os exames de suficiência, apesar de não abrigar as lutas oficiais. A academia de Kid Jofre ficou na São João até 1948, quando mudou-se para a Barra Funda, onde permaneceu até 1950, quando migrou novamente para a Santa Efigênia, número 176.

Clube Espéria e Parque Antarctica foram também dois dos locais que mais receberam reuniões amadoras durante os anos 1940. Tanto o Espéria como o Palestra Itália, que passaram a se chamar Floresta e Palmeiras em 1942, recebiam rodadas amadoras da Federação Paulista desde antes da realização da Gazeta. Foi, porém, com o Campeonato Popular que os clubes passaram a organizar reuniões com mais regularidade, atraindo públicos gigantescos às suas sedes. O Palmeiras organizava suas rodadas de maior público no gramado de seu estádio, como as finais das duas primeiras edições da Forja em que compareceram 20 mil pessoas. Em rodadas de menor relevância, porém, o ringue era armado em outros espaços do clube, como na quadra de basquete ou ginásio social do clube. O Floresta, além de receber ao menos uma rodada da Forja de cada uma das edições iniciais, também fornecia seu ringue para que fosse usado em outros locais. O ringue do Floresta era um dos melhores da cidade e em parceria com a Federação Paulista o ringue era desmontado e montado em outro local que receberia reunião de amadores. Tal procedimento foi muitas vezes realizado

e não passava despercebido pela mídia, que informava onde o ringue do Floresta encontrava-se armado.

Algo interessante de ser notado é que nem sempre os clubes que recebiam as programações de boxe, ostentavam suas próprias equipes de competição. Diversos clubes que não tinham atletas inscritos no Campeonato da Gazeta, por exemplo, se mobilizaram para receber rodadas do torneio em diferentes anos. Na primeira edição da Forja, o Centro Esportivo da Penha e o Clube Atlético Ipiranga receberam rodadas em suas sedes, mesmo sem nenhum pugilista defendendo suas cores. A Federação Paulista informava que para se chegar ao clube da Penha, localizado na rua Cap. João Cesário, devia-se pegar o bonde ou ônibus Penha até o ponto final. O Clube Atlético Ipiranga, localizado na rua Sorocabanos, no bairro homônimo ao clube, havia aberto seu departamento de boxe em 1940, e em 41 e 42 recebeu rodadas da Forja em sua sede, embora não tenha inscrito atletas. Quem também recebeu lutas sem que tivesse representantes inscritos foi o Juventus, da Mooca, que sediou diversas programações amadoras na rua Javari nos anos 1940. O clube futebolístico começaria a tomar parte nas competições amadoras de boxe somente nos anos 1950, mas recebia o público paulistano antes mesmo de participar dos campeonatos. A primeira rodada da Gazeta de 1953 foi justamente no Juventus, oportunidade em que Eder Jofre fez sua estreia oficial nos ringues paulistas.

Enquanto alguns clubes começaram a receber lutas de boxe para depois montarem suas próprias equipes, em algumas agremiações o processo foi o contrário, com a formação de uma equipe competitiva para posteriormente o recebimento de reuniões pugilísticas. O Clube Atlético Sorocabana, clube esportivo dos funcionários da Linha de Ferro Sorocabana, somente recebeu eventos em sua sede no ano em que começou a participar de competições de boxe. Localizado na rua João Theodoro, na Luz, região central da cidade, o clube recebeu rodadas da Forja de 1943, a única edição em que sediou rodadas. O Corinthians, localizado na zona leste de São Paulo, no Parque São Jorge, passou a sediar programações do Campeonato Popular também em 1943, ano em que montou sua equipe para disputar o torneio. A partir de então, diversas programações amadoras foram realizadas no Corinthians durante os anos seguintes. O bairro do Parque São Jorge já havia recebido reuniões amadoras antes das organizadas no clube alvinegro, pois a Gazeta já havia passado em 1942 pela academia Guarani, localizada na rua São Jorge, número 704. O boxe amador chegou com força na zona leste na Gazeta de 1946, quando a fase preliminar da competição foi toda realizada entre Belém e Penha, enquanto a final foi no Floresta. O União Radium FC, localizado na rua Siqueira Bueno, no Belém, recebeu 10 mil pessoas em suas dependências na

rodada inicial do campeonato. Aquela era a primeira participação do União Radium em campeonatos da Federação Paulista, e o ringue do Floresta foi armado de frente às arquibancadas do clube. O mesmo ringue foi utilizado pelo CE Penha, que organizou duas das rodadas do Campeonato Popular de 46 em sua sede no bairro homônimo.

O Campeonato da Gazeta Esportiva manteria esta característica itinerante durante as próximas décadas, levando o boxe amador a dezenas de locais em diversas regiões da cidade, inclusive em suas extremidades. Enquanto o boxe profissional estabelecia-se cada vez mais no Pacaembu, com pouquíssimos eventos fora do ginásio municipal, o boxe amador circulava cada vez mais por São Paulo. Embora fosse a casa do boxe profissional, o Pacaembu também recebia rodadas amadoras, aumentando ainda o rol de locais destinados à prática do boxe amador na cidade. Em 1944, sob influência do sucesso da Gazeta, começaram a ser organizadas reuniões amadoras com entrada paga no Pacaembu. Naquele ano ocorreram o desafio São Paulo FC vs Flamengo, teve o Torneio Triangular (SPFC X Floresta X Rio de Janeiro) e o campeonato brasileiro, todos no Pacaembu. A partir de então, não mais deixaram de acontecer eventos amadores no ginásio, tornando-se ele uma espécie de ‘porto seguro’ ao boxe paulista, tanto amador como profissional.

2.6.1 – Circos, novamente

A partir de 1947 o boxe paulista voltou a ser realizado em locais que há tempos havia abandonado: os circos. Entre o final da década de 1920 e primeiros anos da década de 1930, circos, pavilhões e picadeiros recebiam reuniões pugilísticas com frequência, tornando estes espaços um importante refúgio do boxe paulista. Queirolo, Piolim, Alcebiades foram circos que receberam dezenas de programações de boxe entre 1928 e 1933, ao lado de cinemas, teatros, frontões e riques de patinação, como apontamos no início deste capítulo. A partir de 1933, porém, o boxe deixou de ser praticado em circos e pavilhões, estabelecendo-se majoritariamente em teatros, cassinos, estádios e, finalmente, no ginásio do Pacaembu. A partir da metade da década de 1940 havia lutas de boxe amador acontecendo em toda a cidade, seja pelo Campeonato Popular da Gazeta, rodadas avulsas ou outros torneios promovidos pela Federação Paulista. Foi neste contexto de alta rotatividade de locais onde eram realizadas as lutas amadoras que surgiu o intuito de estabelecer um lugar único para as reuniões, sem, porém, impedir a circulação de eventos pela cidade.

Em 1947 formou-se em São Paulo a União Pugilística Brasileira, a UPB, órgão que congregava atletas, ex-atletas, treinadores, praticantes, árbitros, entusiastas do

boxe. A organização não visava ser uma concorrente da Federação Paulista, nem mesmo uma forma de oposição a ela, mas sim um organismo que trabalhasse em conjunto com a Federação. Henrique Matteucci definiu a UPB como uma espécie de *‘sindicato de classe’* dos boxeadores, e Newton Campos lembra da UPB como uma organização destinada a *‘proteger os técnicos, atletas e ex atletas de boxe’*. Embora tenha tido duração limitada, já que foi desfeita em 1963, a UPB foi a responsável por trazer o boxe de volta aos circos de São Paulo. Kaled Curi, em entrevista ao Jornal de Notícias em 8 de março de 1947, apontava que uma das principais metas da recém-criada UPB era a realização de lutas amadoras em rodadas semanais com entrada paga. O foco era dar ritmo aos amadores paulistas tendo em vista o Latino Americano daquele ano, em novembro. Em julho, poucos meses depois da fundação do órgão, era realizada a primeira reunião pugilística da UPB, já tendo como sede o circo Seyssel.

O boxeador amador Kaled Curi, um dos fundadores da União Pugilística Brasileira, relata em sua autobiografia como surgiu a ideia de organizar lutas no circo Seissel, que estava localizado no largo da Pólvora, próximo à praça da Liberdade, no bairro homônimo:

“[...] Os bondes elétricos – o transporte mais popular da época – trafegavam pela Vergueiro, passando eu diariamente em frente ao circo. Não tive dúvidas. Entendendo o que era um local bem mais propício, propus ao Henrique [Seissel, um dos proprietários do circo] a sessão do local para realização de espetáculos de boxe amador. A princípio ele relutou, pois temia que alguma má decisão dos jurados pudesse levar o público, revoltado, a depredar as instalações do circo. Mas, dada minha insistência e a um corpo de guardas improvisados, formado por pugilistas veteranos com faixas características nos braços, concordou em ceder aquele local que se tornou ideal para as noites. As mesmas passaram a ser realizadas as segundas-feiras, folga exatamente dos espetáculos circenses. Orgulho-me dessa criatividade que representou um passo importante para o progresso do pugilismo em nosso meio, pois os amadores passaram a ganhar boas importâncias [...]”

A escolha do local, o circo Seissel, foi prontamente aprovada pelo público e pela mídia, tal como podemos notar na reportagem do Correio Paulistano em 18 de julho de 1947:

“Merece atenção especial e louvores a feliz ideia dos dirigentes da UPB, escolhendo o circo Seyssel para local da reunião. Situado em ponto central da cidade, sem os inconvenientes de distância e falta de condução, o circo Seyssel é o ponto ideal para reuniões pugilísticas, podendo atrair avultado número de afeiçoados do esporte das luvas, tal como se sucedia ao tempo em que se efetuavam reuniões pugilísticas no circo Queirolo. Assim sendo, os adeptos do nobre e viril esporte, com facilidade e comodamente, poderão apreciar seus amadores prediletos sem necessitar dar longa caminhada até o Ginásio do Pacaembu”

Ao utilizar a estrutura do circo em dias que não havia espetáculos, os dirigentes paulistas conseguiram levar o boxe em mais uma ótima localidade, popularizando a modalidade perante o público e abrindo ainda mais o leque de lugares onde aconteciam boxe na São Paulo dos anos 1940. As rodadas iniciadas em 1947, que preparavam tanto atletas como o público para o Latino Americano daquele ano, tiveram continuidade nas temporadas seguintes, tornando o boxe amador às segundas-feiras uma ‘tradição’. No começo dos anos 1950, jornais anunciavam rodadas no circo como “*a habitual reunião de segunda-feira no Circo Seissel*”, mostrando que o público já estava acostumado a comparecer ao local para as lutas amadoras. As reuniões aleatórias que ocorriam sob a lona do circo, em pouco tempo deram lugar às rodadas oficiais do calendário da Federação Paulista, como o campeonato de Novos e Novíssimos ‘Mario Geri’, realizado no Seissel em julho de 1950. Àquela altura, o campeonato da Federação recebia patrocínio do Departamento de Esportes do Estado de São Paulo, tornando ainda mais viável a organização das competições. Importante salientar que as rodadas semanais no Seissel não influenciaram as reuniões amadoras em outros pontos da cidade, tanto em competições oficiais (Gazeta, Paulista, Brasileiro) como em eventos avulsos.

Em janeiro de 1951, após quatro anos recebendo o boxe, o circo Seissel foi obrigado a mudar de local, uma vez que o proprietário do terreno onde o circo se estabelecia solicitou o uso do espaço. O circo foi para o centro, embaixo do Viaduto Santa Efigênia, mas o boxe não o acompanhou em sua mudança. Menos de dois anos depois da mudança, já sem receber lutas de boxe em suas dependências, o circo Seissel pegou fogo em 21 de dezembro de 1952. Com a mudança do Seissel, dirigentes da União Pugilística Brasileira e da Federação Paulista articularam para que outro circo recebesse as programações de boxe a partir de 1951, e o Circo Piolim foi quem abriu as portas para a modalidade. O Piolim, que havia recebido lutas de boxe profissional em 1930, ficava na rua General Olímpio da Silveira, próximo à praça Marechal Deodoro, onde seria construído anos depois o Minhocão. Mesmo com sua boa localização, o Piolim recebeu reuniões pugilísticas por pouco tempo, de 1951 a 1953, quando desapareceram os eventos de boxe do local. Como e porque se deu o encerramento das lutas de boxe no circo nos anos 1950 não conseguimos apurar, mas reforçamos seu papel de grande importância entre 1947 e 1953, momento áureo do boxe brasileiro.

Capítulo 2 - Os mestres pioneiros

A propagação e difusão do boxe em terras paulistas foi um movimento baseado em duas vertentes: público espectador e público praticante. O público espectador necessitava de eventos rotineiros, boas lutas, cobertura da mídia e surgimento de ídolos para sua expansão. Já o público praticante necessitava de locais para a prática da modalidade, bons treinadores e competições constantes. Na realidade, ambos grupos estão interligados, já que o público praticante do boxe é aquele que retroalimenta o público espectador, uma vez que a formação de boxeadores feita nas academias é condição primordial para o surgimento de bons valores pugilísticos, consequentemente boas lutas e eventos populares. Sem boas academias e bons treinadores, não surgiriam bons boxeadores, não se organizava eventos atraentes e o boxe não demandaria espaços para sua difusão.

Fazer um mapeamento das principais academias e ginásios de boxe em São Paulo, do final da década de 1920 até o meio da década de 1950, é tarefa ousada, para não dizer impossível. Se até o fim da década de 1930 eram escassas as academias e poucos eram os nomes de treinadores gabaritados na cidade, a partir dos anos 1940 houve uma grande expansão de associações esportivas, clubes de bairros, de empresas, indústrias e agremiações de caráter poliesportivo. Muitos destes locais onde era praticado boxe caíram no esquecimento, com nenhuma ou poucas citações em jornais da época, informações desconexas e escassas por parte de esportistas veteranos. Diversas agremiações pugilísticas são citadas apenas uma vez para nunca mais serem mencionadas nos periódicos da época. Até mesmo o estudo de academias lendárias e duradouras é complexo, dada a falta de documentação sobre o tema. Técnicos e instrutores que ensinaram boxe em épocas remotas também tornaram-se anônimos com o passar dos anos, tornando impossível fazer um levantamento de cada pessoa que foi treinador de boxe nos primórdios deste esporte na cidade. O objetivo do presente estudo não é catalogar cada academia ou cada treinador de boxe de São Paulo dentro do recorte temporal proposto, mas sim traçar um panorama geral de como o boxe era organizado e praticado, identificar quais eram os agentes e personagens deste nicho.

No final da década de 1920 existiam apenas três academias de boxe em São Paulo, academias estas que eram chefiadas por Celestino Caverzasio, Kid Pratt e Francisco Sangiovanni, nomes citados constantemente pela imprensa da época como os preparadores dos boxeadores em atividade na cidade. Apesar de não terem sido os

primeiros a ensinar boxe na cidade, as atividades e o legado deixado por estes três personagens foi ímpar, atuação em que nos aprofundaremos no presente capítulo. Nesta chamada para reunião pugilística de 1931, todos os três técnicos eram citados pela Gazeta:

*“REUNIÃO DE AMADORES AMANHÃ NO RING PAULISTA - Realiza-se amanhã, no Ring Paulista, antigo Frontão do Braz, a projetada reunião pugilística entre os melhores amadores das academias Sangiovanni, Caverzasio e Kid Pratt. [...]”*⁵¹

Em entrevista ao Diário Nacional em fevereiro de 1931, Armando Jofre, o Kid Pratt, declarou:

Sobre o que tem sido o desenvolvimento deste esporte, basta lembrar-se que neste momento nesta capital existem nada menos que três academias. A minha, permita que lhe diga foi a primeira que se fundou entre nós, é a veterana. As outras são a de Caverzasio e a de Sangiovanni.

Cada um destes três nomes está por trás de uma ou mais grandes academias, formou bons pugilistas, preparou boxeadores já iniciados em outras partes do mundo, capacitou novos treinadores e instrutores. Seriam eles antepassados remotos na ‘árvore genealógica’ do boxe brasileiro, uma vez que o trabalho por eles desempenhado noventa anos atrás floresceu, frutificou e deu origem a outros tantos treinadores e academias importantes das décadas seguintes. Infelizmente, todas as academias em que trabalharam estes treinadores não existem mais, com exceção dos departamentos de boxe dos clubes futebolísticos, departamentos estes que jamais tiveram continuidade e funcionamento permanente. Não há, em São Paulo e nem no Brasil, uma academia de boxe que tenha suas origens nos anos 1940 ou 1950 e que esteja em funcionamento até hoje de forma ininterrupta. Clubes que começaram a trabalhar com boxe no início da década de 20, como o Espéria e o Palestra Itália (hoje Palmeiras), tiveram muitas oscilações durante suas atividades, com departamentos de pugilismo fechando e reabrindo com o passar dos anos. À grosso modo, o funcionamento dos departamentos de boxe destes clubes depende do esforço pessoal de algum membro da diretoria ou do Conselho que seja entusiasta do boxe. Quando existe um ‘manda chuva’ no clube que gosta e apoia o boxe, o esporte recebe incentivos e é desenvolvido. Quando não há um cartola incentivador do pugilismo, ele simplesmente desaparece. Foi assim no

⁵¹ Gazeta Esportiva, São Paulo, 20 de março de 1931

São Paulo F.C. Palmeiras, Corinthians, Espéria, Paulistano, Portuguesa, Juventus, entre outros clubes, seja nos anos 1930 ou nos anos 2000. Tal situação expõe a fragilidade do boxe para se manter dentro de grandes agremiações esportivas, que ora apoiam, ora não apoiam o esporte de luvas. Em uma crônica datada de 1 de março de 1926, escrita por Thomaz Mazzoni na Gazeta, o famoso cronista esportivo fala sobre os problemas encontrados para o desenvolvimento no boxe do Brasil. No final da sua explanação, Mazzoni aborda a falta de academias e clubes onde possa ser desenvolvido o boxe, principalmente no amadorismo:

O único remédio é este: abram as portas dos clubes, das academias aos moços que querem praticar o pugilismo, não como foi feito até agora: fomentem estes centros com razoáveis porcentagens, retiradas das rendas das lutas entre profissionais, e das bolas dos pugilistas; incitem os amadores com prêmios nos campeonatos (medalhas, diplomas e cinturões); trabalhem para este fim, público, instrutores, empresários, etc, e então teremos o pugilismo nacional, teremos futuros campeões do pugilismo, em São Paulo, no Brasil!

A carência de academias e clubes pugilísticos em São Paulo no final dos anos 1920 está totalmente relacionada à escassez de treinadores capacitados para ensinarem boxe nesta capital. No Rio de Janeiro, então capital federal, raros também eram os professores de boxe, mais raros ainda do que em São Paulo, como veremos mais adiante. Em outras grandes cidades da época, como Salvador, Porto Alegre, Belém e Recife, não foram encontrados registros de mestres e nem de academias de boxe nestes últimos anos da década de 1920, apesar de terem ocorrido reuniões pugilísticas pontuais em algumas destas capitais no período citado. No meio da década de 1930, a carência de treinadores no Rio era tão grande que fez com que os treinadores que atuavam em São Paulo se transferissem para a cidade litorânea. As nacionalidades dos imigrantes que chegavam em São Paulo contribuíram para que na cidade se encontrassem aficionados pelo boxe, como os italianos e os argentinos. Portugueses e espanhóis, presentes tanto no Rio como em São Paulo, também tinham afeição pelo boxe, mas com menor apelo do que entre italianos e argentinos, mais numerosos na capital paulista que em outras cidades do Brasil. Os argentinos, inclusive, devem a sua tradicional escola de boxe à influência dos europeus que lá buscaram morada no século XIX e XX: italianos, franceses e ingleses. Enquanto na Itália, França e Inglaterra o boxe era muito difundido e possuía uma 'boa escola', em Portugal e Espanha, países originários da maior parte dos imigrantes no Brasil, não possuíam uma forte tradição com o boxe. Este é um dos motivos que o boxe na Argentina é muito mais forte, tradicional e popular do que no Brasil, apesar de serem países vizinhos (ambos estão

longe da Europa e Norte América), com histórico semelhante e condições econômicas similares.

3.1 – Rio de Janeiro

Ao contrário do que acontecia em São Paulo, onde os treinadores recebiam destaque na mídia, eram entrevistados, tinham suas academias anunciadas e seus feitos publicitados, no Rio de Janeiro não havia treinadores que recebessem o mesmo tratamento pela mídia, tanto carioca quanto paulista durante as décadas de 1920 e 30. Boxeadores de São Paulo tinham seus nomes constantemente relacionados aos seus treinadores, enquanto no Rio tal situação não se aplicava. Quando foi capa da Gazeta⁵² em novembro de 1929, o pugilista Attilio Bianchi era chamado de *‘jovem aluno de Caverzasio’*, que *‘firmou-se como um dos melhores pugilistas nacionais em categorias inferiores’*. Quando foi a vez de Victor Manini ser capa da principal publicação esportiva de São Paulo à época, em junho de 1930, a Gazeta escreveu⁵³ que *“o jovem aluno da Academia Caverzasio é, sem dúvida, um dos mais valorosos pugilistas surgidos em São Paulo”*.

Noticiários cariocas da mesma época, ao falarem dos grandes nomes do pugilismo do Rio, como Waldemar Adão e Tobias Bianna, não apontavam o nome de seus treinadores. Em julho de 1929, quando uma equipe de seis pugilistas cariocas veio a São Paulo para combater com paulistas, eles eram acompanhados de um ‘diretor’ (Villaça Guedes, nunca mais citado nas reportagens), e não de um treinador. Em compensação, os paulistas levados por Celestino ao Rio para lutar eram chamados de ‘a turma de Caverzasio’, sempre orientados pelo treinador europeu. Quando Loffredo viajou ao Rio de Janeiro para se enfrentar com o português radicado no Rio Isidro Sá, em seu corner estava Sangiovanni, renomado treinador paulista. Já no corner do carioca estava Annibal Prior, boxeador ainda em plena atividade naquele março de 1934. Tal situação nos traz os questionamentos: quem era o treinador de Isidro e de Anibal? Porque não há a presença de um técnico de boxe no corner de Isidro? Por que um boxeador, e não um treinador, orientava Isidro em seus combates? Não conseguimos apurar mais a fundo o caso para resolver tais questionamentos, mas é situação notável a ausência de nomes fortes cariocas no rol de treinadores de boxe até a segunda metade dos anos 1940. O carioca Jack Tigre foi um dos primeiros boxeadores do Rio de Janeiro a se transferirem para São Paulo em busca de melhores condições de

⁵² Gazeta, 18 de novembro de 1930

⁵³ A Gazeta, 30 de junho de 1930

treinamento, no começo de 1930. O então campeão brasileiro dos leves foi foco de uma reportagem que falava sobre seu transferimento aos cuidados de Sangiovanni, sem que o nome de seu antigo treinador no Rio de Janeiro fosse mencionado:

“[...] No Rio de Janeiro lutou 36 vezes, das quais venceu 28. Agora, com a disputa do título de campeão brasileiro dos leves, inscreveu-se e veio residir nesta capital [SP]. A sua atuação nas eliminatórias foi destacada, e o público já a conhece de sobra. Vendo, porém, que o certame era ‘sério’, resolveu procurar novo treinador, passando então a lutar sob os cuidados de Sangiovanni, há um mês e meio. Fez 10 lutas, vencendo todas.”⁵⁴

Até mesmo grandes nomes dos primórdios do boxe carioca como Rubens Soares, campeão brasileiro e ídolo nacional, não tem o nome de seus treinadores em evidência. Em todas as fontes checadas, nenhuma delas indica qual o nome do primeiro professor de Rubens, onde ele começou a praticar boxe, e nem mesmo quem o preparava para suas grandes lutas pelos títulos brasileiros. Em algumas oportunidades que veio boxear em São Paulo, Rubens ficava sob os cuidados de Sangiovanni, este sim citado pela imprensa⁵⁵, ignorando, seja por omissão ou pela inexistência, o nome de seu treinador no Rio de Janeiro. O primeiro grande nome de treinador carioca foi José Santa Rosa Lopes, ou simplesmente Santa Rosa, que começa a ter seu trabalho como treinador reconhecido pelos noticiários, tanto cariocas como paulistas, somente em 1947, quando era auxiliar técnico da equipe carioca que disputaria com os paulistas as vagas para o Latino Americano amador daquele ano. Santa Rosa se tornaria um treinador de extrema importância nas décadas seguintes, participando inclusive de Jogos Olímpicos e tendo formado grandes nomes do boxe carioca nos anos 1960, 70, 80 e 90. Nascido em 1915, Santa Rosa iniciou sua trajetória no boxe⁵⁶ em 1934, na Marinha, em anos que a as Forças Navais tinham forte participação no cenário pugilístico. De carreira tímida como pugilista, tornou-se um grande treinador com a sua lendária academia no centro do Rio. Manteve-se ativo no boxe como treinador até sua morte, em 2001, quando foi vítima de um covarde assassinato pelas mãos de um ex-pupilo. O ex-aluno alegou que Santa Rosa, então com 85 anos, lhe devia o dinheiro referente a bolsa de uma luta que não lhe foi pago, sendo esta a motivação do brutal assassinato.

⁵⁴ Diário Nacional, Rio de Janeiro, 24 de junho de 1930

⁵⁵ A Batalha, Rio de Janeiro, 10 de julho de 1932

⁵⁶ Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, 19 de julho de 1982

3.2 - A Veterana

A disputa pelo título de academia ‘veterana’ em São Paulo era acirrada entre os três treinadores, Caverzasio, Kid Pratt e Sangiovanni, com todos eles descrevendo suas academias como a mais antiga na cidade naquele final da década de 1920. Em propaganda no Almanach Esportivo de 1929, a Academia Paulista de Pugilismo, chefiada por Sangiovanni, alegava ser ‘a *veterana*’ da cidade, além de ser ‘a *mais benquista e acreditada*’. Kid Pratt, em entrevista em 1931, declarava que das três academias na cidade, a sua foi a veterana, e depois vieram Caverzasio e Sangiovanni. Caverzasio, que aos periódicos da época não se auto intitulava o mais antigo treinador da cidade, é apontado por memorialistas como o primeiro técnico gabaritado em São Paulo, inclusive sendo mentor de Pratt e Sangiovanni.

Como lutas de boxe em São Paulo são registradas desde 1922⁵⁷, é fácil deduzir que existiam locais destinados à prática do pugilismo já no início da década de 1920, talvez ainda antes. O europeu ítalo-suíço Adriano Delauney foi um dos primeiros treinadores de boxe no país, mas viu sua carreira como treinador entrar no ostracismo após o trágico ‘acidente’ com Ditão, um dos seus pupilos, em 1924. Delaunay era o treinador da Internacional Boxing Club em 1922, academia que lançou Italo Hugo, Quirino Rosa e Ditão no começo dos anos 1920. Baptista Bertagnolli, paranaense filho de italianos, foi adversário de Delaunay nos ringues em São Paulo, mas também era treinador da Boxing Club Paulista, academia contemporânea da Internacional Boxing Club nos primeiros anos da década de 1920. Apesar de terem sido, muito provavelmente, os primeiros mestres de boxe de São Paulo, tanto Delauney quanto Bertagnolli já não mais eram treinadores no final da década de 1920, havendo ambos desaparecido das competições amadoras ou profissionais.

Apesar de termos apenas três academias de boxe com destaque no final dos anos 1920, estas não foram as únicas e nem as primeiras academias a se praticar boxe em São Paulo. Diversas agremiações surgiam e desapareciam, assim como os departamentos de boxe de clubes esportivos e futebolísticos da cidade. Italo Hugo era boxeador da equipe do Palestra Itália no ano de 1922, clube que não mais atuaria com o boxe no final daquela década de 1920, mas voltaria com força total nos anos 1940 e 50. Hugo era ainda instrutor de boxe do Club de Box do Braz em dezembro de 1923, mesmo período em que funcionava o Club de Box de Santa Cecília, ambos citados na

⁵⁷ O banco de dados BoxRec aponta a primeira reunião pugilística oficial em São Paulo em março de 1922 no Teatro Rio Branco

mesma reportagem⁵⁸ da Gazeta Esportiva. Em 1927 anunciava-se a Academia Vila Mariana como participante da programação de amadores, juntamente com Academia Paulista e Academia Caverzasio. Foi impossível obter mais informações sobre a Academia Vila Mariana, o Club Internacional de Box, Club de Box de Santa Cecília e do Braz, academias nunca mais citada em reportagens. O Clube Espéria também foi um dos primeiros a manter uma academia e equipe de boxe, também na primeira metade da década de 1920, exemplificando novamente como já haviam sido criadas academias pugilísticas em São Paulo antes de Caverzasio, Sangiovanni ou Kid Pratt. Porém, todas as academias citadas não estavam em funcionamento entre 1928 e 1930, justificando a ‘briga’ pelo termo de a mais antiga academia em São Paulo ainda em funcionamento. Mesmo que não tenham conseguido se firmar no emergente cenário pugilístico paulistano, tais espaços existiram, sendo eles precursores das famosas academias em que nos aprofundaremos neste estudo.

Os três principais nomes de treinadores de boxe do final dos anos 20 e início dos anos 30 não eram também os únicos e nem os primeiros professores de boxe em São Paulo. Reportagem⁵⁹ de dezembro de 1926 indica que Kid Pratt era instrutor da academia American Boxing Club juntamente com José Volpi, nome que aparece uma única vez nos noticiários esportivos. Adriano Delauney, citado acima, era o treinador responsável por Benedicto dos Santos, o Ditão, nos anos de 1923 e 24. A tragédia envolvendo seu pupilo em maio de 1924 interferiu na sua atuação como treinador no cenário pugilístico paulistano, impedindo que o europeu ganhasse destaque como um técnico habilitado. O italiano Guido Aliberti é citado por Matteucci⁶⁰ como o um dos primeiros a montar uma academia em São Paulo, apesar de não ter seu nome ou de sua academia ventilados na mídia esportiva dos anos 1920. Nomes anteriores a Sangiovanni, Pratt e Caverzasio trabalharam com boxe em São Paulo, mas nenhum deles foi capaz de alcançar uma estruturação e evolução do cenário pugilístico como fariam os três treinadores no final dos anos 1920. Seja por incapacidade profissional, falta de incentivo, ausência de ambiente favorável ou inexistência de cultura esportiva, o fato é que somente após a trilha de treinadores paulistas é que inaugurou-se uma era tecnicista no boxe brasileiro, onde técnicos e preparadores eram reconhecidos e tinham seu trabalho valorizados.

⁵⁸ A Gazeta, São Paulo, 29 de dezembro de 1923

⁵⁹ O Combate, São Paulo, 14 de dezembro de 1926

⁶⁰ MATTEUCCI, Henrique. *Boxe: mitos e história*. São Paulo: Editora Hemus, 1988

O memorialista Henrique Matteucci apontou Caverzasio como mestre de Kid Pratt e Kid Jofre no seu livro *Mitos e Histórias*. Esta informação foi impossível de ser checada, uma vez que não constam documentos onde o nome dos irmãos Jofre apareça relacionado ao treinador italiano. Se Pratt foi aluno de Caverzasio, ou ao menos treinou sob sua orientação, não sabemos, mas é fato em 1928 ambos tinham suas respectivas academias e não trabalhavam juntos. Sendo ou não discípulo do renomado treinador, o fato é que Pratt escolheu trilhar o próprio caminho e virar mestre, fugindo da sombra do técnico europeu. Nos noticiários, Caverzasio é o nome que mais aparece nos anos de 1928 e 29, sendo ele o treinador mais famoso da época, em detrimento de Sangiovanni e Kid Pratt. Diversas são as reportagens com os ‘pupilos de Caverzasio’, como Attilio Bianchi, Attilio Loffredo, Giuseppe Gambi, Antonio Rodrigues, Victor Manini, Oscar Davidson, José Brickman. O famoso peso médio Italo Hugo, um dos mais populares boxeadores brasileiros na década de 1920, foi iniciado por Caversazio, mas em 1931 rompeu com o italiano e foi treinar com Kid Pratt. Quando foi enfrentar Antonio Rodrigues, pupilo do ex-treinador, a mídia esportiva não deixou passar em branco o detalhe:

UM PARTICULAR INTERESSANTE - Hugo Italo foi, em tempos, pupilo de Celestino Caverzasio, atual manager de Antonio Rodrigues. O ‘menino de ouro’ rompeu com o professor italiano e assim terá extraordinário interesse em levar de vencida o aluno do seu ex manager dando-lhe uma dura lição⁶¹

A mudança de treinadores não era rara e suas condições são obscuras. Não podemos afirmar com categoria que todo rompimento entre treinador e atleta era calçado em brigas e desentendimentos, mas algumas dessas rupturas foram exploradas pela mídia. Caverzasio foi o campeão em rompimentos com pupilos, alunos estes que imediatamente uniam-se a Kid Pratt ou a Sangiovanni. Quando Italo Hugo abandonou o mestre para ir treinar com Kid Pratt, o veterano boxeador Giuseppe Gambi, italiano como Caverzasio, acompanhou Hugo e passou a orientar o paulista em suas lutas, ao lado de Pratt. Victor Manini, que tinha sua imagem bastante ligada à Caverzasio, rompeu com o treinador e manager por discordâncias contratuais. Attilio Loffredo, um dos principais boxeadores brasileiros entre o final da década de 1920 e a década de 1930, também rompeu com o mestre italiano, quando escolheu resolveu trocar de treinador e passou a preparar-se com Sangiovanni em 1934, para no ano seguinte voltar às mãos de seu antigo mestre. O grande número de rompimento com atletas pela parte de Caverzasio, muito provavelmente está relacionado ao fato que o treinador era também

⁶¹ A Batalha, Rio de Janeiro, 16 de setembro de 1931

manager e *match maker* de seus pupilos, somando interesses financeiros aos objetivos esportivos que tinha junto a seus alunos.

3.3 - Caverzasio

Henrique Matteucci, memorialista do boxe, apontou em sua obra Celestino Caverzasio como o “*primeiro técnico realmente habilitado a trabalhar com boxe no Brasil*”. Ele foi o primeiro treinador com fama em São Paulo, sendo constantemente citado pelos periódicos esportivos a partir de 1928. Sua atuação como treinador e manager fez com que fosse o ‘homem por trás do espetáculo’ das mais importantes rodadas pugilísticas durante o fim da década de 1920 e início dos anos 1930. Pelas suas mãos passaram Antonio Rodrigues, Attilio Loffredo, Attilio Bianchi, José Brickman, Antonio Coradi (italiano), Oscar Davidson (estoniano), Brasilino Fino, Victor Manini e Italo Hugo, apenas para citar alguns de seus atletas de destaque. Manini e Hugo romperam com Caverzasio no meio de suas carreiras, passando a ser treinados por Sangiovanni e Kid Pratt, respectivamente. Em reportagem⁶² de uma página inteira sobre reunião pugilística no ‘Madison Square Paulista’, em setembro de 1929, surge uma caricatura do treinador italiano com a legenda: “*Caverzasio, a alma do negócio*”, já que o técnico era também manager e empresário, organizando e promovendo as reuniões pugilísticas que envolviam seus boxeadores. Como diz o antigo ditado popular, ele ‘acendia o rojão e corria atrás da vareta’.

Antes de chegar ao Brasil, Caverzasio foi fundador do Club Pugilístico Nazionale⁶³, em Milão, junto a Pietro Boine, reconhecido como o primeiro campeão italiano peso pesado, em 1912. O nome de Caverzasio é praticamente desconhecido entre estudiosos da história do boxe italiano, enquanto Pietro Boine, com quem fundou o Club Pugilístico Nazionale, é tido como um dos iniciadores do boxe naquele país. Sua cidade de origem, ano de imigração e qual sua motivação para emigrar ao Brasil são desconhecidas, mas é fato que Caverzasio já trabalhava com boxe em Milão antes de chegar à São Paulo. Em uma das fontes checadas⁶⁴, jornalistas apontavam que o treinador já possuía larga experiência como treinador em seu país natal, tendo inclusive fazer chegar ao título de campeão europeu um de seus pupilos, Erminio Galla. A informação, porém, não foi confirmada pelo banco de dados BoxRec, não havendo nenhum boxeador com registro em nome de Erminio Galla. Caverzasio, caso tenha sido

⁶² A Gazeta Esportiva, São Paulo, 30 de setembro de 1930

⁶³ <https://www.iogiocopulito.it/pietro-boine-campione-italiano-dei-pesi-massimi-a-sua-insaputa/>

⁶⁴ A Batalha, Rio de Janeiro, 16 de dezembro de 1933

boxeador, também não tem registro no site, o que afasta a possibilidade de que ele tenha feito combates profissionais de boxe. Isso, porém, não impede que ele tenha sido um boxeador amador, já que lutas amadoras não são computadas pelo sistema BoxRec e são impossíveis de serem checadas, deixando esta possibilidade em aberto.

O nome de Caverzasio não esteve ligado a nenhuma academia como Sangiovanni (Academia Paulista) e Kid Pratt (Academia Brasileira). Sua atuação, ao que tudo indica, era independente, e sua academia era chamada simplesmente Academia Caverzasio. Jornal⁶⁵ de janeiro de 1931 apontava o endereço da Academia Caverzasio sendo na rua do Seminário, número 9, ao lado da praça do Correio, mesmo endereço indicado quatro anos antes em abril de 1927⁶⁶. Não se sabe em que ano a academia foi fundada e nem até quando funcionou no local. Em 1932, Caverzasio fazia a preparação de seus pupilos em um sítio⁶⁷, uma espécie de *camp* de treinamento, como nos moldes de hoje onde atletas ficam confinados e concentrados por semanas em uma área rural para preparação de grandes combates, realizando seus treinamentos isolados de possíveis distrações da cidade. À esta altura, Caverzasio era um treinador renomado, assim como um importante manager e *matchmaker*, vivendo exclusivamente de sua profissão esportiva.

A fama do mestre Caverzasio fazia com que boxeadores de outras partes do Brasil viessem até São Paulo para serem treinados com ele. Em janeiro de 1931, jornais cariocas⁶⁸ anunciavam a transferência de Antonio Sebastião para São Paulo, onde se tornaria um dos pupilos de Caverzasio. *“Foi um dos mais acertados passos de Sebastião, pois lá não faltarão os ensinamentos de um técnico e sparrings a granel”*. Sua fama no Rio de Janeiro se deve grande parte pelas viagens que fazia com seus pupilos naqueles anos, quando levava seus melhores boxeadores para enfrentarem atletas cariocas, grupo sempre chamado de “Turma de Ouro” pelos jornais cariocas. Sua boa relação com o Rio aliada ao crescimento do boxe carioca e o ocaso do boxe paulista no início da década de 1930 fez com que o treinador se transferisse para a então capital federal, em busca de melhores condições de trabalho. Em 1933 Caverzasio participou da fundação da Empresa Pugilística Carioca, ocupando o cargo de diretor-técnico da mesma, quando já se encontrava trabalhando no Rio de Janeiro. Àquela altura, quase na metade da década de 1930, o mercado pugilístico do Rio atraiu não só Caverzasio, mas também Kid Pratt e diversos de seus pupilos. O treinador

⁶⁵ A Batalha, Rio de Janeiro, 17 de janeiro de 1931

⁶⁶ Correio Paulistano, São Paulo, 6 de abril de 1927

⁶⁷ A Gazeta Esportiva, São Paulo, 16 de maio de 1932. Não há informações sobre a localização do sítio.

⁶⁸ A Batalha, Rio de Janeiro, 27 de janeiro de 1931

italiano ficaria baseado no Rio até sua morte, em 1939, sem, porém, perder o vínculo com São Paulo.

Caverzasio traz também em seu ‘currículo’ um feito grandioso para a época, que foi passar, junto a dois de seus pupilos, uma temporada boxeando na Europa. Não era comum treinadores brasileiros viajarem ao exterior com seus boxeadores, sendo Caverzasio o primeiro a realizar tal feito. Em maio de 1935, o mestre italiano, juntamente com o português radicado no Brasil Antonio Rodrigues e o paulista Brasilino Fino, chegou a Lisboa, onde seus atletas fariam diversas lutas. O trio ‘brasileiro’ ficou entre Portugal e Espanha por um ano e dois meses, entre maio de 1935 e julho de 1936, realizando lutas em Lisboa, Porto e Madri. Rodrigues fez 16 lutas (venceu 13, perdeu duas e empatou uma) e Brasilino fez 15, vencendo todas elas, feito impressionante para boxeadores sul americanos na Europa na década de 1930. A maioria dos eventos em que participaram, onze ao todo, contava com ambos os boxeadores na programação, com Brasilino lutando entre os pesos médios e Rodrigues como meio-pesado. A campanha dos ‘brasileiros’ fica ainda mais grandiosa quando observamos seus adversários, já que enfrentaram os maiores nomes do boxe da península ibérica naquela década. Rodrigues empatou com o espanhol Ignácio Ara, campeão europeu e desafiante ao título do mundo em 1934 e 35, que possuía o impressionante cartel de 95 vitórias, 10 derrotas e 7 empates quando o enfrentou. O pupilo de Caverzasio venceu uma e perdeu outra para Jose Martinez de Alfara, espanhol que faturou o título europeu dos meio-pesados em 1934. Dos dezesseis adversários de Rodrigues naquela temporada, apenas um tinha o cartel negativo, quando seus números apontam mais derrotas do que vitórias⁶⁹. Já Brasilino, por sua vez, também não encontrou adversários fracos entre Portugal e Espanha. Por lá, enfrentou boxeadores da França, Bélgica, República Tcheca, Cuba, Espanha e Portugal, totalizando quinze oponentes, treze deles com cartéis positivos (mais vitórias do que derrotas).

As lutas de Rodrigues e Brasilino na Europa recebiam pouca atenção da mídia esportiva da época, muito em parte pela dificuldade na comunicação intercontinental. Apesar de contar com Caverzasio como o treinador da equipe, estima-se que o intercâmbio não tenha sido organizado por ele, que era italiano, mas sim por Rodrigues, este sim português, uma vez que os ‘brasileiros’ não passaram pelo país natal do treinador, fazendo a maioria de seus combates em Lisboa e Porto. Independentemente de quem foi o mentor e organizador do intercâmbio, todos os envolvidos, treinador e

⁶⁹ O belga Leonard Steyaert, que tinha o cartel de 10-12-9 quando lutou com Rodrigues em Lisboa em 7 de novembro de 1935.

atletas, adquiriram uma experiência ímpar para o boxe brasileiro na época, colaborando muito para o desenvolvimento de cada um deles em suas respectivas funções.

Rodrigues pendurou as luvas pouco tempo depois do intercâmbio, mas antes de aposentar-se disputou, pela primeira vez na história, um título do mundo no Brasil, em janeiro de 1937, menos de seis meses depois de seu retorno da Europa. O luso-brasileiro conseguiu um empate em 15 rounds com o belga Gustave Roth, em evento realizado no Estádio Manoel Schwartz, no Rio de Janeiro. Com o empate, Roth manteve a posse do título meio-pesado da International Boxing Union, organização que durou de 1911 até 1946, quando foi desmembrada devido à conflitos políticos da Segunda Guerra Mundial. “[...] *Por que essa luta foi realizada no Brasil e não em outro centro mais organizado, não foi possível apurar, mas é sem dúvida um registro histórico importante*” escreveu o jornalista Henrique Matteucci ao tratar sobre a inédita disputa de título mundial por aqui. Realmente as fontes checadas não apontam porque Gustave Roth, que nunca havia lutado fora da Europa, veio ao Rio de Janeiro colocar seu título em jogo. Esta foi a primeira e única vez que o belga veio à América nos 137 combates que realizou em sua extensa carreira.

Apesar de ser impossível de afirmar com exatidão, é muito provável que a temporada de Rodrigues, Brasilino e Caverzasio na Europa tenha sido fator primordial para a realização deste evento em solo brasileiro, seja devido ao contatos com promotores europeus ou devido ao bom desempenho dos atletas frente a boxeadores do ‘velho continente’, galgando visibilidade à Rodrigues como desafiante ao título mundial. Tal evento coloca mais uma vez Caverzasio em posição de vanguarda do boxe brasileiro, sendo ele o primeiro treinador em solo nacional a ter um pupilo disputando o cetro máximo de sua categoria. Além disso, o episódio demonstra como a conexão com centros pugilísticos fora da América do Sul (Europa ou América do Norte) eram importantes para o crescimento do boxe nacional, pois somente através ligações com estes centros é que seria possível os agentes brasileiros se envolverem em grandes eventos e disputa de títulos de relevância internacional. Caverzasio e seus atletas foram um ponto fora da curva, já que era raríssimo intercâmbios como este, e demonstraram que se mais treinadores, empresários e atletas tivessem tido a oportunidade de se conectar com o exterior, mais eventos grandiosos teriam ocorrido com a participação de brasileiros. Ao ficarem isolados no cone Sul (Argentina, Chile e Uruguai), os boxeadores brasileiros da década de 1930 dependiam de eventos esporádicos e raros, como o intercâmbio de Caverzasio e seus pupilos, para ter contato com o avançado boxe praticado na Europa e Estados Unidos.

Após o histórico empate com um campeão do mundo, Antonio Rodrigues realizaria mais cinco combates em Buenos Aires, para então se aposentar em 1939. Já Brasilino, que se manteve invicto na Europa, manteria sua invencibilidade por cinco anos (de novembro de 1935 a novembro de 1939 fez 49 lutas, com 45 vitórias e 4 empates). Tornou-se campeão brasileiro meio-pesado e boxearia até 1947, com uma pausa de seis anos entre 1941 e 47. A experiência adquirida por Brasilino em terras europeias foi primordial para que ele se tornasse um dos principais boxeadores nacionais em seu período de atuação, aposentando-se com o impressionante cartel de 55 vitórias, 10 empates e apenas 6 derrotas, quatro delas ocorridas no início de sua carreira como pugilista. A trajetória esportiva de Brasilino o classifica como um dos maiores boxeadores da história do boxe brasileiro, apesar de ser pouco conhecido pelo grande público.

O 'paulista' Caverzasio já se encontrava no Rio de Janeiro quando realizou o intercâmbio em 1935, e após a vitoriosa viagem à Europa, continuou trabalhando com boxe no Rio. Em 1936 e 37, publicações cariocas já noticiavam que o treinador preparava seu fiel pupilo, o também paulista Brasilino Fino, no Rio. Notícia⁷⁰ de janeiro de 1937 informava que Caverzasio treinava Brasilino em Petrópolis, no campo do Serrano F.C. Em agosto de 1938, o treinador foi hospitalizado em São Paulo e precisou afastar-se dos treinamentos de seus atletas no Rio, sendo impedido também de acompanhá-los nos combates:

*Causou verdadeiro celeuma notícia de que o famoso técnico italiano Celestino Caverzasio, em repouso por prescrição médica em Petrópolis, viria dirigir o combate de seu pupilo. Infelizmente, ainda desta vez, tal não é possível: o estado de saúde de Caverzasio não lhe permite trabalhar. Entretanto, mesmo assim, ele descerá da cidade serrana para assistir a luta de Brasilino Fino*⁷¹

Com a impossibilidade de acompanhar seu atleta em uma importante luta, Caverzasio designou outro pupilo seu, o já conhecido Antonio Rodrigues, para acompanhar Brasilino no corner. Este afastamento de Caverzasio seria definitivo, uma vez que o mesmo viria a falecer em julho de 1939, devido à causa não identificada. O italiano faleceu em sua chácara, em Santo Amaro, causando comoção nos meios esportivos. Em abril de 1940 ele já era citado como 'saudoso técnico italiano Celestino Caverzasio', ausente no corner de Brasilino, sendo substituído por Rodrigues. O antigo mestre não pôde acompanhar o crescimento e massificação do boxe durante os anos

⁷⁰ A Batalha, Rio de Janeiro, 7 de janeiro de 1937

⁷¹ Diário Carioca, Rio de Janeiro, 10 de setembro de 1938

1940, mas seus discípulos deram continuidade ao trabalho que este realizava, já que, além de importantes atletas daqueles anos, vários dos principais treinadores no Brasil dos anos 40 foram seus pupilos, como Attilio Loffredo, Benjamin Ruta e Attilio Bianchi. *“Por tudo que fez, Caverzasio não pode ser esquecido e merece ter o nome perpetuado em um estádio ou praça pública”*, escreveu Matteucci em 1988, sem saber porém que no século XXI o nome do treinador italiano não seria usado em um estádio, nem praça, nem academia e seria praticamente desconhecido do público pugilístico. Ao fazer uma pesquisa no Google⁷² com seu nome, pouquíssimos resultados aparecem, sendo todos eles relacionados à jornais dos anos 1930 ou a simples transcrição de um trecho da obra de Matteucci que fala sobre ele.

3.4 - Sangiovanni

Um dos pupilos⁷³ de Caverzasio foi Francisco Sangiovanni, ou Chico Sangiovanni, que ainda nos anos 1920 dissociou-se do mestre para fundar sua própria equipe. Uma vistosa propaganda da Academia Paulista de Pugilismo ocupa a primeira página do Almanach Esportivo de 1929, publicação organizada por Thomaz Mazzoni. Aquela edição do almanaque trazia informações sobre onze modalidades esportivas: atletismo, futebol, natação, esgrima, remo, tênis, bola ao cesto, ciclismo, “ping pong” (hoje chamado de tênis de mesa), peteca e pugilismo. Na contracapa do Almanaque podemos encontrar uma propaganda de uma página inteira da Academia Paulista de Pugilismo, localizada no Frontão do Braz, na Avenida Rangel Pestana, 327. A Academia, que se auto intitulava *“a mais perfeita instituição pugilística de São Paulo”*, gabava-se de ser a *“iniciadora de reuniões pugilísticas de amadores no Brasil; sua ação tem sido elogiada pela imprensa local e dos demais estados, como uma instituição perfeita de cultura física e boxe em geral”*. De fato, notícias anunciando lutas amadoras no Frontão do Braz eram comuns nos jornais desde 1927, sendo o espaço o principal centro de reuniões amadoras daqueles anos finais da década de 20. O reclame diz ainda que *“os principais campeões amadores paulistas pertencem à Academia Paulista de Pugilismo”*, e que *“as suas reuniões públicas semanais tem sido sempre coroadas do mais completo êxito e sendo presenciadas por uma numerosa e distinta assistência”*. No final da publicidade, a frase: *“Quereis aprender o boxe ou praticar salutareos exercícios de cultura física? Matriculai-vos na Academia Paulista de Pugilismo, a veterana, benquista e acreditada escola de São Paulo”*. A propaganda não traz o nome

⁷² Em abril de 2019

⁷³ Há apenas uma fonte que aponta Sangiovanni como discípulo de Caverzasio: Henrique Matteucci em seu *Boxe: Mitos e Histórias*. Jornais da época não comentavam sobre a ‘linhagem’ de Sangiovanni.

do treinador responsável pelas atividades, mas fontes checadas indicam que o personagem por trás da Academia Paulista era Francisco Sangiovanni, famoso treinador cuja nacionalidade não foi possível identificar. Apesar do sobrenome europeu, Sangiovanni não é citado como italiano nas reportagens da época, ao contrário de Celestino Caverzasio, constantemente chamado de ‘famoso treinador italiano’ pelos cronistas. Isso nos leva a crer que Sangiovanni deveria ser brasileiro, muito provavelmente paulista, já que a mídia esportiva da época ignorava sua nacionalidade. O noticiário carioca Diário Nacional de 22 de janeiro de 1931 descreveu Sangiovanni como “o preparador da maioria dos astros do nosso tablado”, demonstrando sua relevância no cenário pugilístico da época.

A academia onde trabalhava o treinador, muitas vezes era chamada de Academia Sangiovanni, Academia S. Giovanni ou simplesmente “academia de boxe do treinador Francisco Sangiovanni”, demonstrando que o nome ‘Academia Paulista de Pugilismo’ não era a principal referência quando se falava ou escrevia do centro pugilístico tocado por Sangiovanni. O nome do centro pugilístico aparece e desaparece dos noticiários no transcorrer dos anos 1930, 31 e 32, não sendo possível precisar se houve ou não uma mudança oficial do nome. O treinador teria mantido sua academia no Frontão do Braz, na avenida Rangel Pestana, até o ano de 1932, quando sua academia foi transferida para a rua da Alfândega, número 12, quase na esquina com a rua do Gasômetro, ainda na região do Brás.

A ACADEMIA DE SANGIOVANNI TEM UMA ÓTIMA EQUIPE DE BOXEURS PROFISSIONAIS

São Paulo, possui, incontestavelmente, as melhores academias de pugilismo, quer do profissionalismo. Dentre as muitas que lá existem podemos destacar a Academia Sangiovanni, que tem a direção do técnico Francisco Sangiovanni. Bem instalada à rua da Alfandega, n 12, a Academia Sangiovanni possui todos os requisitos que exigem as grandes academias e conta com um elevado numero de amadores.⁷⁴

Apesar de possuir ‘menos cartaz’ do que seus contemporâneos Caverzasio e Kid Pratt, aparecendo menos na mídia e sendo pouco lembrado pelos que estudam a história do boxe no Brasil, Sangiovanni teve uma importância enorme na difusão e evolução do boxe em São Paulo e no Brasil. Por suas mãos passaram grandes nomes do boxe nacional como Italo Hugo, Jack Tigre, Victor Manini, Peter Johnson, Attilio

⁷⁴ A Batalha, Rio de Janeiro, 10 de julho de 1932

Bianchi, e Giuseppe Gambi. Alguns desses nomes, como Manini, Gambi e Italo, foram treinar com Sangiovanni após romperem com Caverzasio, trocando então de academia e preparador. Loffredo, por exemplo, trocou seu antigo mestre Caverzasio por Sangiovanni em 1934, devido a uma questão geográfica: Caverzasio estava no Rio e Loffredo não queria mais ficar na capital federal, queria estar em São Paulo próximo a sua família. A mudança de treinador repercutiu na mídia:

LOFFREDO DECLARA QUE CONFIA NA DIREÇÃO DE SANGIOVANNI

Quando se fez anunciar a peleja Izidro vs Loffredo, diversos 'boxeurs' patricios, encabeçados por Kid Simões, dirigiram um abaixo assinado ao valente esmurrador patricio. Compreendia ele um apelo para que Loffredo abandonando a direção de Sangiovanni, viesse à de Caverzasio, aqui no Rio⁷⁵

A opção de ser treinado por Sangiovanni ao invés de Caverzasio gerou polêmica, já que jornalistas e outros boxeadores, duvidando da qualidade profissional de Sangiovanni, alertavam a Loffredo que sua preparação corria riscos. Até mesmo um abaixo-assinado foi entregue ao boxeador para que ele permanecesse no Rio aos cuidados de Caverzasio. Loffredo foi obrigado a dar declarações acalmando a situação, alegando que em São Paulo encontrava condições tão boas quanto encontrava no Rio. Disse ainda que Sangiovanni era um excelente treinador, havendo inclusive preparado um seu oponente vitorioso anos antes, quando ele ainda era pupilo de Caverzasio. Esta repercussão na mídia com a mudança de treinador, ao que parece, se tratava muito mais de uma rivalidade regionalista do que esportiva, fazendo os aficionados cariocas se sentirem traídos por Loffredo ter deixado o Rio e ido treinar em São Paulo. Algumas das mudanças de treinadores, porém, eram sim polêmicas, como quando Victor Manini, um dos mais importantes pupilos de Caverzasio dos anos 1920 e 30, abandonou seu treinador em 1932:

“VICTOR MANINI ESTÁ COM SANGIOVANNI

Victor Manini, o técnico ex-pupilo de Celestino Caverzasio, está agora, sob direção técnica de Francisco Sangiovanni. Com Caverzasio, ultimamente, o popular Manini vinha fracassando fragorosamente, o que não se registra, agora, com Sangiovanni, pois que Victor Manini é outro homem e vem fazendo lutas com absoluto êxito. Hoje, Victor Manini é um dos mais cracks pesos médios que possuímos e está em condições de se bater com os grandes astros que venham para os nossos rings. Será que Sangiovanni vem 'barrando' o técnico italiano?”⁷⁶

⁷⁵ Diário Carioca, Rio de Janeiro, 21 de fevereiro de 1934

⁷⁶ A Batalha, Rio de Janeiro, 22 de julho de 1932

Percebemos uma tentativa de alimentar rivalidade entre os treinadores, rivalidade esta que não pudemos comprovar pelas fontes checadas e sequer pelas entrevistas realizadas, uma vez que os anos de atuação dos treinadores distam de nós mais de 90 anos. Porém, em entrevista em janeiro de 1931, o próprio Sangiovanni aponta a baixa rivalidade entre as academias como um problema para o desenvolvimento do boxe em São Paulo, nos levando a crer que a relação entre os principais treinadores era amistosa:

*[...]Existem em São Paulo unicamente três academias de boxe, todas elas localizadas no centro, de modo a não manter viva a efervescência, o fogo sagrado da torcida e da rivalidade, o que se daria se se localizasse uma escola em cada bairro. Então sim, em todas reuniões haveria assistência e entusiasmo*⁷⁷

Sangiovanni referia-se as três academias paulistas: a sua, no bairro do Braz, a de Caverzasio, na rua do Seminário, e a de Kid Pratt, na Praça da Sé, todas elas distantes menos de um quilometro uma da outra. Segundo as palavras do treinador, ao menos até o início de 1931, as equipes não tinham rivalidade entre si, apesar de competirem constantemente umas com as outras. Sangiovanni ganhou relevância no início dos anos 1930 por promover em no espaço da sua academia reuniões de amadores, buscando estruturar o boxe a partir das suas bases iniciais.

A PRÓXIMA REUNIÃO DE AMADORES DE BOXE – Uma bela iniciativa de Sangiovanni que mereceu o justo apoio da Comissão de Pugilismo

Com o intuito de concorrer para o ressurgimento do pugilismo entre nós o sr Francisco Sangiovanni, conhecido treinador, obteve da comissão de pugilismo permissão para realizar uma reunião pugilística entre os amadores, que estão sob seu cuidado, bem assim como os que se acham treinando com Kid Pratt e Caverzasio. [...]

*A reunião será realizada no antigo Frontão do Braz, pois as empresas proprietárias das casas de diversões somente as cedem mediante pagamento de aluguéis exorbitantes [...]*⁷⁸

Apesar de sua relevância no cenário pugilístico paulista e brasileiro, Sangiovanni ‘desaparece’ dos noticiários em março 1935, quando seu nome é citado pela última vez no Correio de S. Paulo em uma notícia sobre pugilismo. Era ele o técnico da equipe paulista que disputava o campeonato Brasileiro de amadores no Rio de Janeiro naquele

⁷⁷ Diário Nacional, Rio de Janeiro, 22 de janeiro de 1931

⁷⁸ Diário Nacional, Rio de Janeiro, 10 de março de 1931

ano. A temporada de 1935 foi muito difícil para o Boxe em São Paulo, com pouquíssimos eventos profissionais na cidade, apenas cinco, ante a vinte seis rodadas que ocorreram no ano anterior, quando ainda estava em funcionamento o Estádio Paulista. Os anos seguintes foram piores ainda, sem nenhuma reunião pugilística na capital paulista em 1936, em 37 e apenas uma em 38. Caverzasio e Kid Pratt transferiram-se para o Rio, onde, entre 1935 e 1938, ocorreram 112 rodadas de boxe. Sangiovanni não acompanhou a mudança de seus colegas, sendo então ‘forçado’ a afastar-se do boxe. Seu nome desapareceu totalmente dos noticiários, voltando somente em 1947, doze anos depois, mas não mais por suas atividades como técnico de boxe, mas sim como empresário e juiz de ‘luta-livre’, a popular ‘marmelada’. A experiência adquirida como empresário e *matchmaker* de boxe nos anos 1930 fizeram com que ex-treinador obtivesse sucesso em sua empreitada no emergente ‘esporte’, organizando e promovendo eventos grandes deste espetáculo esportivo/teatral.

. Em seu retorno ao mundo das lutas, Sangiovanni tentou estabelecer-se como treinador de boxe, atuando como preparador de Antonio Soares em uma importante luta contra Américo Capitanelli. *“Dessa vez, reconhecendo o valor e a capacidade do adversário que irá enfrentar, Soares submeteu-se a rigoroso treinamento, sob orientação técnica de Francisco Sangiovanni [...]”*, diz a notícia de 12 de junho de 1947 do Correio Paulistano. Em janeiro deste mesmo ano, o nome de Sangiovanni era mencionado como juiz de uma das programações de luta-livre, demonstrando que tentava conciliar as atividades pugilísticas com as da ‘marmelada’. Porém, suas atividades no meio pugilístico, seja como treinador, empresário ou match-maker, foram ofuscadas pelo seu envolvimento com a luta-livre, prática a qual se tornou importante empresário. Nos anos 1950, a Gazeta Esportiva noticiava:

*“O empresário Aaron Nowina e seus sócios Antonio Chiavone e Francisco Sangiovanni, vem trabalhando incansavelmente para que o público paulistano tenha oportunidade de ver, no ringue lutando, as maiores expressões mundiais da luta livre[...]”*⁷⁹

Cabe citar que Antonio Chiavone, citado na reportagem como sócio de Sangiovanni, também iniciara sua carreira empresarial no boxe, aliando-se a Jacob Nahum em 1946 para promover uma grande rodada internacional de pugilismo em São Paulo. Foi esta temporada internacional que trouxe o peso-médio Aaron Nowina para o Brasil, boxeador de origem polonesa radicado na Argentina. O boxeador Nowina tornar-

⁷⁹ Gazeta Esportiva, São Paulo, 10 de novembro de 1958

se-ia, ao lado de Chiavone e Sangiovanni, o principal empresário e organizador de luta-livre no Brasil nos anos 1950, abandonando o boxe e dedicando-se ao *catch*.

3.5 – Kid Pratt

Kid Pratt, nome adotado por Armando Jofre, era uma homenagem ao boxeador argentino Jess Pratt (José Pérez García), que veio de Buenos Aires a São Paulo em 1923 para tentar a vida como boxeador⁸⁰. Como pugilista Jess Pratt fez bons combates contra os melhores brasileiros de sua época, mas seu maior feito foi ter passado seu legado para seu pupilo Armando Jofre, argentino nascido no Brasil, que se tornaria um dos maiores treinadores, managers e empresários do boxe brasileiro em seu período de atuação. Sobre a nacionalidade de Armando Jofre, pesa uma curiosidade: nascera no Brasil quando seus pais retornavam de uma viagem da Europa no início do século XX, mas subitamente transferiu-se para a Argentina, país de origem de toda sua família. Por seu forte sotaque e sua criação em San Justo, zona metropolitana de Buenos Aires, Armando era chamado de ‘gringo’ pelos brasileiros, ficando no meio do caminho entre Brasil e Argentina. O ano em que o esportista transferiu-se de San Justo para São Paulo é incerto, mas em 1924 já encontrava-se radicado na capital paulista. Kid Pratt fez sua estreia nos ringues como boxeador no dia 2 de fevereiro de 1924, no Cassino Antártica, em reunião que também combateu seu mentor, Jess Pratt. Especula-se que ambos foram pupilos de Caverzasio, informação difundida por Matteucci mas sem nenhuma comprovação nas fontes primárias (jornais da época).

A carreira do boxeador Kid Pratt foi curtíssima, com apenas duas vitórias e uma derrota, todas em solo brasileiro. Porém, seu maior feito seria do lado de fora dos ringues, como preparador físico, técnico de boxe e dirigente esportivo. Além da sua atuação direta, Kid Pratt foi responsável indireto pelo crescimento e desenvolvimento do boxe no Brasil através de seu irmão Aristides, chamado Kid Jofre, que foi seu discípulo e se tornou o maior técnico de boxe do Brasil em seu período de atuação, comandando equipes brasileiras em Jogos Olímpicos, preparando inúmeros boxeadores de desataque e formando o primeiro campeão mundial do país, seu filho Eder Jofre. Kid Jofre, irmão mais novo de Kid Pratt, deu continuidade ao trabalho iniciado pelo irmão mais velho, colocando o nome da família na história do boxe brasileiro e mundial, como nos aprofundaremos mais adiante.

⁸⁰ Informação obtida no Correio da Manhã, do Rio de Janeiro, dia 6 de fevereiro de 1924.

No final da década de 1920, o nome de Kid Pratt começa a figurar nos noticiários esportivos como ‘instrutor-chefe’ do Centro de Cultura Physica da Associação dos Empregados no Comércio de São Paulo, local destinado à prática da atividade física que ficava no palacete Santa Helena, na Praça da Sé, número 53⁸¹. O edifício de sete pavimentos fora inaugurado em 1925 e foi um dos primeiros prédios multifuncionais da cidade, destinado ao comércio e serviços, com 276 salas de escritórios, lojas no piso térreo, duas sobrelojas, um cinema e um cine-teatro com capacidade para 1500 pessoas. O prédio ficaria de pé somente até o ano de 1971, quando foi demolido para a expansão da Praça da Sé e construção da linha de metrô na capital paulista⁸². No final da década de 1920, o Centro de Cultura Física e academia de boxe ‘Kid Pratt’ funcionaria em uma das sobrelojas do Palacete, sendo a primeira das diversas ‘casas’ que a escola de boxe dos irmãos Jofre encontraria abrigo.

Atuando como preparador físico, Kid Pratt começou a ter notoriedade na capital paulista, tornando o seu Centro de Cultura Física uma referência na época. Importante salientar que nas primeiras décadas do século XX, não existiam cursos superiores de Educação Física e a prática de esportes não era difundida como é hoje, sendo o conhecimento sobre atividades físicas restrito a um pequeno grupo de esportistas. Boxeadores, treinadores de boxe e ex-boxeadores eram os principais detentores de conhecimento sobre preparação física naquela época, uma vez que o boxe sempre utilizou treinamentos bastante modernos ao seu tempo. Diversos treinamentos realizados por pugilistas das décadas de 1910 e 1920, por exemplo, foram ‘redescobertos’ pela Educação Física moderna, tendo sua eficácia comprovada por meio de estudos científicos. Alguns dos exercícios utilizados atualmente pelo *Cross Fit* ou Treinamento Funcional, atividades ‘da moda’ em 2019, já faziam parte da rotina de preparação de boxeadores há quase cem anos atrás, tais como a *medicine ball* (bola de peso), uso da barra fixa, pular corda, calistenia (série de exercícios onde se usa o peso do corpo objetivando aumentar a potência e a força), exercícios respiratórios, alongamentos, abdominais, *footing* (corrida), entre outros. A Calistenia, por exemplo, apesar de ter sua origem na Europa do século XIX, foi durante décadas e décadas abandonada por esportistas, mas não pelos boxeadores, que a usavam com frequência nos anos 1930, 40, 50 e 60 para fortalecimento dos grupos musculares. Há menos de dez anos, no início da década de 2010, houve um ‘boom’ da calistenia no Brasil, com grupos de esportistas treinando com afinco (e como se fosse algo novo, diga-se de passagem) os mesmos treinamentos que os irmãos Jofre ensinavam há noventa anos

⁸¹ Gazeta Esportiva, São Paulo, 29 de julho de 1928

⁸² http://www.saopaulominhacidade.com.br/historia/ver/9596/midia_2

atrás, explicitando assim a posição de vanguarda que os treinadores de boxe ocupavam no campo da preparação física em suas épocas. Em entrevista ao Correio de S. Paulo em julho de 1932, Kid Jofre, então um dos responsáveis pelos treinamentos do centro de cultura física de seu irmão, falava sobre as técnicas de treinamento e sobre a carência de academias de atividades físicas:

“[...] - Na minha opinião, São Paulo, que repute uma das maiores cidades progressistas que tenho conhecido, tem um número insuficiente de centros de cultura física. Reputo a ginástica uma das coisas mais importantes para a conservação da saúde e aperfeiçoamento do físico. Sendo esta capital um centro industrial muito desenvolvido que agasalha grande número de operários, deviam ser organizados ginásios, mantidos pelo governo, para que a noite pudessem exercitar-se, na prática metódica de exercícios, aqueles que vivem das fábricas para suas residências, na maioria das vezes sem as devidas comodidades.

- Qual é a ginástica que aconselha para melhor desenvolvimento físico?

- Aprecio e sou apologista do boxe, pois além de tudo educa enormemente a força de vontade e a coragem. Os exercícios feitos durante os treinos só servem para adquirir a forma e conservar a saúde, principalmente os exercícios calistênicos e os de respiração. Estes, no entanto, devem ser praticados com muito método para evitar graves consequências futuras. [...]”

Jornalistas destacavam o conhecimento dos irmãos Kid Pratt e Kid Jofre no campo das atividades físicas no início da década de 1930, como nesta reportagem do Correio de S. Paulo:

“UM CENTRO DE CULTURA PHYSICA – Os cuidados de Kid Pratt para com seus discípulos

[...] Esta academia é dirigida pelo conhecido técnico e competente treinador Kid Pratt, que já tem feito muito pela nossa mocidade esportiva, onde é estimado por todos que o conhecem. Kid Pratt, antes de tudo, cuida muito da saúde dos seus discípulos. Os seus ensinamentos revelam cabalmente o quanto é ele conhecedor do corpo humano e da arte de treinar. Durante os exercícios, quantas e quantas vezes temo-lo visto auscultar o coração, contar as pulsações cardíacas, observar a tensão dos nervos, dos moços entregues aos seus cuidados profissionais. É, em verdade, um treinador cômico de seus deveres e metuculofo nos seus ensinamentos.

[...] O que podemos afirmar é que se todos os clubes e agremiações esportivas contassem com um homem da tempera de Kid Pratt, por certo que em bem pouco tempo conseguiríamos bastante, no campo da nossa eugenia”⁸³

Trabalhando junto ao seu irmão José Aristides ‘Kid’ Jofre a partir de 1928, quando o caçula migrou para São Paulo, Pratt continuou a se configurar como um dos treinadores de boxe mais destacados da cidade, formando vários bons boxeadores e treinando tantos outros oriundos de outras academias. Sua atividade como preparador físico era intimamente ligada com o trabalho desenvolvido junto ao boxe, onde atuava em praticamente todos os campos: treinador, manager, match-maker, árbitro, jurado. Kid Pratt é relacionado no corpo de arbitragem de eventos pugilísticos em jornais⁸⁴ de 1929, atuação que nem todos treinadores se aventuravam (Caverzasio e Sangiovanni, por exemplo, não atuavam como árbitros).

Seu sucesso como treinador e dirigente fez com que fosse atraído para a então capital federal em 1932, onde, naquele período, o centro do boxe no Brasil era o Rio de Janeiro. Desde fins dos anos 1920 era comum que os três principais treinadores paulistas viajassem frequentemente ao Rio para participar de competições, comumente realizadas em circos (Democrata), teatros (Teatro República, Palácio, Phenix) e estádios (Estádio Manuel Schwartz, Estádio Brasil, Campo Riachuelo). Os técnicos paulistas eram bastante assediados pela mídia esportiva carioca, com entrevistas, prognósticos, avaliações e declarações sobre as lutas e os boxeadores. Até 1932, as equipes, que eram compostas normalmente por um treinador (Kid Pratt, Caverzasio ou Sangiovanni) e dois, três ou quatro boxeadores seus, chegavam ao Rio poucos dias antes de seus compromissos e retornavam à São Paulo ao final das competições. Foi justamente no ano da Revolução Constitucionalista que Kid Pratt decidiu fixar-se no Rio de Janeiro, tirando proveito da situação favorável ao desenvolvimento de seu trabalho como técnico de boxe. Kid Pratt expandiu seus horizontes sem, porém, salvar o trabalho que desenvolvia em São Paulo através de seu irmão mais novo. A notícia da transferência de Pratt ao Rio foi veiculada com entusiasmo aos leitores cariocas:

*KID PRATT VIRÁ MONTAR SUA ACADEMIA NESTA CAPITAL*⁸⁵

Dentro em breve, o nosso pugilismo será enriquecido de um magnifico professor de boxe, que há muitos anos vem exercendo sua atividade em São Paulo. É ele muito

⁸³ Correio de S. Paulo, São Paulo, 10 de abril de 1932

⁸⁴ A Batalha, Rio de Janeiro, 22 de dezembro de 1929

⁸⁵ A Batalha, Rio de Janeiro, 3 de janeiro de 1932

competente, criterioso e, sobretudo, honesto, qualidade rara nos managers de São Paulo.

Trata-se da figura minúscula de Armando Jofre, o popularíssimo Kid Pratt [...] Kid montará uma academia com todo conforto e higiene entre nós, mas conservará a já existente em São Paulo, que ficará a cargo de se irmão, Aristides Jofre.

Em sua estadia no Rio, Pratt passou a se envolver de forma mais incisiva com a luta-livre, seguindo seu faro empresarial. O emergente esporte passava a atrair um bom público, rivalizando com o boxe em termos de popularidade. A luta-livre difundida era, na realidade, uma exibição/ encenação de atletas da luta-livre, em inglês *Wrestling*, esporte de combate agarrado em que o objetivo é jogar o oponente no chão e imobilizar suas costas no solo. Segundo o mestre de luta-livre Roberto Leitão⁸⁶, o *Catch* surgiu quando empresários perceberam que a encenação de combates pelos lutadores gerava renda e permitia a continuidade e alta frequência dos “combates”, uma vez que os atletas não se machucavam como nos combates à vera. Era uma ‘luta-show’, encenada, como num espetáculo teatral onde ninguém se feria ou se lesionava verdadeiramente. Desta maneira, lutadores podiam fazer turnês de exibição em circos e ginásios sem correrem riscos de lesões graves. A luta-livre real, no entanto, existe, com suas técnicas e posições de quedas e imobilizações, exigindo preparação e conhecimento aprofundado por parte dos seus praticantes. Lutadores de *catch* da época aventuraram-se em lutas agarradas reais, como por exemplo quando o ‘campeão mundial’ de luta-livre (*catch*) Roberto Rhumman enfrentou o mestre de Jiu-jitsu George Gracie em 1939, vencendo no 5º assalto ao colocar as costas de Gracie no chão. Rhumman vencera também Oswaldo Gracie, irmão de George, em uma programação mista de luta-livre e boxe orquestrada pela Federação Paulista de Pugilismo naquele mesmo ano de 1939. Apesar da existência de combates onde ambos lutadores buscavam a vitória, o que se popularizou no Brasil nas décadas de 1930, 40 e 50 foi a ‘marmelada’, o *catch*, que nos anos 1980 e 90 seria chamado de *telecatch*, tão popular nos Estados Unidos (pro-Wrestling) e México (Lucha-libre).

Astuto, articulado, capacitado e percebendo o potencial financeiro existente no *catch*, Kid Pratt resolveu escolher ambas as modalidades para atuar, por mais que críticas à ‘marmelada’ fossem recorrentes no meio pugilístico. Em março de 1933, após um ano na capital federal, um jornal paulista⁸⁷ dizia que “[...] *durante sua estada no Rio,*

⁸⁶ Mestre de luta-livre carioca, escreveu um artigo sobre as diferenças entre a luta-livre e o *catch*, *telecatch* e *marmelada*, disponível em <https://blogs.oglobo.globo.com/mma/post/nao-confundam-tele-catch-com-luta-livre-artigo-do-mestre-roberto-leitao.html>

⁸⁷ Correio de S. Paulo, São Paulo, 7 de março de 1933

Kid Pratt dedicou-se a estudos técnicos referentes à luta-livre, tendo sido preparador dos mais famosos campeões". Como e com quem Kid Pratt aprendera a luta-livre não se informava, mas enfatizava que "[...] *completamente entusiasmado com o novo ramo de esporte a que se dedicou, pretende na sua academia de cultura física preparar vários lutadores, tanto da categoria de amadores como dos profissionais*". Pratt passou a empresariar lutadores de *catch*, como os sírios libaneses Roberto Rhumman e Caiser Tabanja, que em 1933 eram preparados em sua academia. A abertura de Kid Pratt a outras modalidades de combate que não o boxe interferiu no funcionamento de sua academia, que passou a oferecer cursos de luta-livre, jiu-jitsu e capoeira. O boxe, no entanto, era o carro-chefe, tendo como diretor e treinador Kid Jofre, que especializava-se cada vez mais na arte de ensinar o pugilismo.

Um dos principais treinadores da década de 1930, Kid Pratt mudou de área nos anos 40, deixando à cargo de seu irmão Aristides o treinamento de atletas e dedicando-se à área empresarial do mundo das lutas, seja no boxe ou no *catch*. Atuando nos bastidores, Kid Pratt passou a receber menos atenção da mídia esportiva, sendo muito menos citado pelos jornais em comparação quando dirigia seus pupilos nos combates. Seu nome é citado como organizador e *match-maker* de reunião de luta livre no Pacaembu em 1941 e 1942, pelo jornal Correio Paulistano. Em 1 maio de 1949, o Jornal de Notícias ventilava que o programa da próxima reunião pugilística a ser realizada no Pacaembu *"está sendo elaborado por Kid Pratt, que é, sem dúvida, o maior dos entendidos dos nossos 'match-makers'"*. Em 25 de novembro de 1950, prestes a completar 46 anos, o lendário treinador veio a óbito, sendo lembrado em sua nota de morte como *"militante do esporte das luvas, onde teve atuação destacada, dedicando-se ultimamente a empresário, proporcionando temporadas internacionais que alcançaram grande êxito"*⁸⁸. Para Matteucci, Kid Pratt *"morreu jovem e pobre, após uma dura vida de empresário de boxe num país onde o boxe ainda não fora compreendido"*. Pratt foi responsável pela difusão e aprimoramento do boxe brasileiro nas décadas de 1920 e 30, colaborando para o crescimento do esporte em diversas áreas: formação de atletas campeões, formação de treinadores gabaritados, popularização do boxe entre não-atletas no seu Centro de Cultura Física, divulgação do pugilismo em suas várias entrevistas a jornais, realização de eventos amadores no Frontão do Braz, realização de eventos profissionais no Estádio Paulista, organização de combates como *match-maker*, entre outros. Kid Pratt colaborou para a consolidação do clã Zumbano-Jofre, e uma de suas filhas, Anita Lucrécia, casou-se com Ralph Zumbano, cunhado de seu irmão Aristides, em 1948. Sua tímida atuação como empresário nos anos 1940 não lhe

⁸⁸ Correio Paulista, São Paulo, 28 de novembro de 1950

trouxe os mesmos louros que sua atividade nas décadas anteriores, mas tampouco o tirou do epicentro do cenário pugilístico paulista e brasileiro. Além de colaborar para imortalizar o sobrenome Jofre-Zumbano no boxe nacional, Kid Pratt é responsável direto pela formação e existência do cenário pugilístico brasileiro.

Capítulo 3 – Kid Jofre : O elo entre pioneiros e modernos

À medida que Kid Pratt dedicava-se cada vez mais à função de empresário e *match-maker*, seja de boxe ou de luta-livre, seu irmão Kid Jofre assumia com mais afinco a responsabilidade de preparar boxeadores, tornando-se um treinador disciplinado, rígido, competente e vencedor. Se no final dos anos 20 e anos iniciais da década de 30 Kid Pratt era um dos principais treinadores do Brasil, ao lado de Caverzasio e Sangiovanni, a partir da metade dos anos 30 Pratt ‘passou o bastão’ para seu irmão mais novo, que estava no Brasil desde 1928. Aristides chegou no Brasil no dia 24 de janeiro de 1928, atraído pelo convite do irmão mais velho para vir ‘tentar a vida’ em São Paulo. Nascido e criado em San Justo, zona metropolitana de Buenos Aires, mas que na década de 1920 era ainda zona rural, José Aristides Jofre trabalhava ordenhando vacas de fazendeiros locais. Após uma injusta acusação de assassinato⁸⁹ em 1927, quando estava prestes a cumprir 20 anos, Aristides migrou para a capital argentina, Buenos Aires, onde teve contato com o boxe pela primeira vez. Na cidade grande, Jofre foi desafiado por um pugilista a um duelo de punhos, devido a uma ‘desavença amorosa’, já que ambos estavam interessados na mesma mulher. O duelo foi realizado em uma academia de boxe no bairro de San Telmo, a Liga Patriótica Argentina, e Jofre, após sofrer um duro castigo por três rounds, conseguiu nocautear seu desafiante. A ‘briga com luvas’ inspirou Jofre, que fez matrícula na academia e passou a treinar rotineiramente.

Antes ainda de completar um ano na capital argentina, Jofre recebeu um convite de seu irmão Armando, que já trabalhava com boxe em São Paulo, convidando-o a ir viver naquela cidade. Jofre veio no início de 1928 e automaticamente passou a praticar pugilismo na Academia Kid Pratt, que ficava na zona central da capital paulista. A academia dos irmãos Jofre foi, ao passar dos anos, chamada de diferentes formas: Academia Kid Pratt (somente nos anos 1920 e 30), Academia Brasileira e Academia Paulista. Citada de forma corriqueira e concomitante como academia Brasileira ou Paulista, utilizaremos ambas denominações para se referir ao ginásio de Kid Jofre no presente trabalho. Kid Jofre fez sua primeira e única luta oficial em março de 1930, no Cassino Antártica, ocasião em que venceu seu oponente por pontos. Devido à escassez de boxeadores em sua divisão de peso na cidade, categoria mosca, Jofre seria obrigado a enfrentar adversários maiores e mais pesados caso decidisse seguir adiante sua carreira. Jofre pesou 49,8 kg e seu único combate oficial, como noticiado na Gazeta

⁸⁹ Episódio narrado por Matteucci em O Galo de Ouro, após entrevistas com Kid Jofre

Esportiva de 17 de março de 1930. Usando este argumento, Armando convenceu Aristides a ser seu auxiliar técnico na academia, fazendo assim que Kid Jofre abandonasse o sonho de ser lutador e alimentasse o sonho de ser um grande treinador.

Sob a ‘sombra’ de seu famoso irmão mais velho, Aristides atuava como auxiliar de Armando, aprendendo a ciência do boxe e desenvolvendo seu próprio método de ensinamento. Com a ida de Kid Pratt ao Rio e sua dedicação à função de dirigente, recaiu sobre Kid Jofre a função de ‘*head coach*’ da Academia de Boxe Kid Pratt, passando a se configurar como um dos principais treinadores de São Paulo na segunda metade da década de 1930, juntamente a Caverzasio. Enquanto Pratt dedicava-se a promover eventos mistos de boxe, luta-livre e jiu-jitsu, como a reunião em que organizou no Teatro São Paulo em março de 1939, Kid Jofre preparava diariamente pupilos que se tornariam seus primeiros astros, como Waldemar Zumbano, Zumbão e Tobis. Sua dedicação total à arte de ensinar boxe e preparar pugilistas aconteceu por dois fatores: a obstinação esportiva e a necessidade econômica. Ao passo que era um treinador dedicado e com sede de vitórias, Jofre necessitava da academia cheia, seja de atletas ou alunos, para que a renda oriunda do boxe fosse suficiente para sua manutenção. Propaganda de 14 de dezembro de 1932, no Correio de S. Paulo, buscava atrair alunos para o centro esportivo dos irmãos Jofre:

*“ACADEMIA DE BOX KID PRATT – Aulas de gymnastica diurnas e nocturnas –
tratamento da obesidade – curso especial de gymnastica para alunos particulares –
preços módicos*

Director-instrutor: KID JOFRE – Rua Libero Badaró, 40”

Na biografia⁹⁰ de Eder Jofre, que na verdade trata-se de uma biografia da família Zumbano-Jofre, Henrique Matteucci relata detalhes da vida particular de Kid Jofre, pai de Eder, que durante praticamente toda sua carreira como treinador de boxe teve dificuldades financeiras. Sua situação econômica melhoraria somente após o ano de 1960, quando seu pupilo e filho Eder Jofre sagrou-se campeão do mundo. Antes disso, nos anos 30, 40 e 50, por mais que já fosse um treinador respeitado e gabaritado, a pobreza sempre rondara os Jofre-Zumbano.

Em 1933 Aristides casou-se com Angelina Zumbano, irmã de alguns pugilistas que treinavam sob seus cuidados. Entre os Zumbano, dos nove irmãos, sendo duas mulheres e sete homens, apenas um não se relacionou com o boxe. Com exceção de

⁹⁰MATTEUCCI, Henrique. *O Galo de Ouro: a história de Eder Jofre*. São Paulo: Editora Soma, 1979.

Walter Zumbano, o segundo filho em ordem cronológica, todos os filhos homens foram boxeadores, amadores ou profissionais, e as duas mulheres se casaram com pugilistas. Higino (Nêgo), Waldemar (Neno), Antonio (Tonico), Erasmo, Ralf (Ditinho) e o caçula Ricardo subiram em ringues oficiais. Já Olga Zumbano casou-se com Hans Norbert, boxeador austríaco de destaque no Brasil e na Europa, e Angelina (Nininha) esposou-se com Kid Jofre. No mesmo ano em que representou o Brasil nas Olimpíadas de Londres, 1948, Ralf casou-se com Anita Jofre, filha de Kid Pratt e sobrinha de Kid Jofre, seu cunhado. Além dos seis irmãos Zumbano filhos de Salvador e Maria que boxearam, diversos primos, tios, sobrinhos e netos ligados à família se tornariam boxeadores, sendo o mais destacado membro do clã Eder, filho de Kid Jofre e Angelina Zumbano. Nos aprofundaremos na família Zumbano mais a frente, mas é importante citar que o matrimônio entre Aristides e Angelina em 1933 consolidou a união das famílias, que já se encontravam ligadas devido às atividades pugilísticas. O casamento civil foi feito no cartório da Luz e a lua de mel foi no Rio de Janeiro, onde Jofre viajara para acompanhar alguns pupilos e aproveitou a viagem para fazer as núpcias com a esposa. Após seus compromissos profissionais com seus pupilos, atletas retornaram a São Paulo e o casal recém-esposado permaneceu mais alguns dias no Rio, aproveitando a lua de mel.

Kid Jofre atravessou a crise do boxe paulista da segunda metade da década de 1930, entre o fechamento do Estádio Paulista (final de 1934) e a abertura do ginásio municipal do Pacaembu (abril de 1940). Enquanto Kid Pratt e Caverzasio transferiram-se para o Rio e Sangiovanni desapareceu do cenário pugilístico, Kid Jofre manteve-se resistente na capital paulista, fomentando o boxe mesmo em momentos de crise, com poucos eventos e raros praticantes nas academias. Em março de 1936, ano em que não ocorreu nenhuma reunião de boxe profissional em São Paulo, o periódico *Correio de S. Paulo*⁹¹ dizia que Kid Jofre “*mostrou-se desolado com a falta de atividades dos nossos meios pugilísticos, garantindo que, brevemente, irá movimentar os inúmeros adeptos da nobre arte*”. Um detalhe interessante é que a notícia foi publicada cinco dias após Aristides ser posto em liberdade após passar três meses detido pelo DOPS por uma falsa acusação de agitação comunista, em caso que nos aprofundaremos no capítulo 8, onde falamos sobre boxe e revolução. Ainda no mês de março de 1936, Jofre teria mais uma boca para alimentar em casa, já que seu segundo filho, Eder, viria ao mundo no dia 26.

Kid Jofre foi um dos responsáveis pelo renascimento do boxe em São Paulo no final da década de 1930, pouco antes da inauguração do Pacaembu. Em 1936 e 37 não

⁹¹ *Correio de S. Paulo*, São Paulo, 5 de março de 1936.

ocorreram rodadas profissionais na capital paulista, em 1938 teve apenas uma reunião em local não identificado. Com a falta de eventos na capital, Kid Jofre abraçou uma oportunidade de passar alguns meses trabalhando com boxe em Santos naquele ano de 1938, mudança essa que movimentou o cenário pugilístico da cidade portuária. Segundo Matteucci, Aristides “*transferiu-se com toda a família para a praia do Gonzaga e ali permaneceu vários meses trabalhando, sempre como técnico, algumas vezes como co-empresário, ou simplesmente como montador de ringue*”⁹². Santos foi um polo pugilístico importante entre 1930 e 1931, contando com programações que reuniam grandes nomes do boxe brasileiro, como Italo Hugo, Manuel Heredia, Jack Tigre, Victor Manini, Attilio Bianchi e Jose Brickmann.

Foi em Santos, inclusive, que em 1930 ocorreu a primeira morte em uma luta de boxe que se tem notícia. O jovem paulista de 20 anos Savino de Lucca veio a óbito no dia 29 de março após um confronto contra Cesar Mari no Eden Parque, em Santos. A curta carreira de Savino foi intensa, já que o peso médio realizou 17 lutas no espaço de sete meses, entre sua estreia em julho de 1929 e sua morte em março de 1930, uma média aproximada de uma luta a cada nove dias. Savino foi contemporâneo aos eventos realizados em circos em São Paulo e de suas dezessete lutas, fez quinze no Pavilhão Queirolo, uma no Cassino Antártica e a luta derradeira em Santos. O ritmo intenso de combates, alguns deles com duração de 10 ou 8 rounds, certamente foi um fator agravante para a saúde do boxeador. Das sete derrotas que constavam em seu cartel, todas foram por pontos, o que demonstra que Savino tinha um ‘queixo-duro’, absorvendo golpes sem ser colocado fora de combate. Esse fator é outro influenciador da sua morte, já que ao resistir ao nocaute, o atleta mantinha-se boxeando e recebia ainda mais golpes, o que agrava possíveis lesões cerebrais. No sétimo round de seu combate contra o inexperiente Cesar Mari, que havia até então o modesto cartel de três lutas e três empates, Savino foi ao solo, coisa então inédita em sua carreira. Jornais da época divulgaram que ele costumava dizer que “só irei a nocaute o dia que me matarem”. É fácil imaginar que não havia a estrutura médica para socorrer alguém rapidamente naquele longínquo março de 1930, e Savino de Lucca faleceu antes de ser levado ao hospital, onde foi declarada como causa mortis ‘*syncope cardíaca*’ pelos médicos. Uma semana após a morte de Savino foi organizada uma reunião no ‘Madison Square Paulistano’ em que a renda seria destinada aos pais do falecido boxeador, que eram sustentados pelo mesmo. O memorialista Henrique Matteucci, que entrevistou pessoas que conviveram com Savino, afirma que “Savino morreu em Santos por sua

⁹² MATTEUCCI, Henrique. *O Galo de Ouro: a história de Eder Jofre*. São Paulo: Editora Soma, 1979. P 125

própria culpa, já que tomou, horas antes de lutar e sem autorização médica, uma injeção chamada 914 (contra sífilis) de efeito devastador”. Tal informação não consta em nenhum noticiário da época ou qualquer outra fonte checada, portanto não podemos afirmar que tal injeção ocorrera ou que seja um boato criado nos meios pugilísticos para relativizar a morte de um atleta.

Voltemos, porém, a Kid Jofre. Entre 1932 e 1938 não ocorreu nenhuma reunião de boxe profissional em Santos, mas com a chegada de Kid Jofre na cidade ocorreram quatro eventos profissionais no segundo semestre de 1938. Todas as programações contavam com pupilos de Jofre, que passara alguns meses na cidade litorânea: Eugenio Salvador, Hans Norbert, Geraldo Silva eram alguns dos atletas de Jofre que combateram em Santos. Ainda segundo Matteucci, antes de regressar a São Paulo, Kid Jofre passara alguns meses no Rio de Janeiro com a família, dirigindo boxeadores por lá. Porém, nem Santos nem o Rio ‘prenderam’ Aristides, paulistano de coração, que retornaria a São Paulo e jogaria sua energia naquele centro, treinando atletas e organizando eventos.

Em 1939, Aristides organizou eventos no ginásio da Associação Atlética São Paulo, onde estrearia Zumbanão em 22 de abril daquele ano, e lutariam também seus outros pupilos que o acompanharam em Santos no ano anterior. O Correio Paulistano de 9 de maio de 1939 destaca o trabalho como manager de Kid Jofre, que *“tem experimentado o público na esperança que este corresponda ao seu esforço para que seja possível fazer organizações mais valiosas”*. O boxe em São Paulo voltava a crescer e reuniões pugilísticas foram realizadas também no Frontão da Boa Vista, antiga casa de diversões que ficava na Ladeira Porto Geral, número 2. Neste momento, último ano da década de 1930 e início da década de 1940, Jofre já se destacava no cenário pugilístico como treinador, contando com mais de dez anos de experiência auxiliando seu irmão Kid Pratt e preparando atletas. Se sua ascensão como treinador não foi por diferenciada capacidade técnica, foi por ‘teimosia’, já que sua obstinação e dedicação à arte de ensinar boxe lhe mantivera ativo mesmo em períodos que outras academias fechavam as portas. Consolidado como figura importante nos meios esportivos, Jofre encontraria nos anos 1940 uma situação pugilística melhor do que encontrara seu irmão nos anos 1920 e 30. A inauguração do ginásio municipal do Pacaembu, o início dos Campeonatos Populares da Gazeta Esportiva e o incentivo ao boxe por parte dos clubes futebolísticos foram fatores que possibilitaram a arrancada de Kid Jofre, que a partir da metade dos anos 1940 se tornaria o mais importante treinador de boxe do país, até chegar no seu ápice no final dos anos 1950, quando seus pupilos conquistaram os primeiros títulos internacionais para o Brasil, como nos aprofundaremos mais adiante.

Caverzasio, Sangiovanni e Kid Pratt não possuíam nenhum apoio governamental para desenvolver o boxe, dependendo somente da ‘mão invisível’ do mercado esportivo para conseguirem trabalhar. Além da ausência de incentivo estatal, os treinadores dos anos 1920 e 30 não encontravam abrigo para suas atividades boxísticas em associações e clubes esportivos, possuindo um campo muito restrito de atuação. Já nos anos 1940 tal cenário mudaria, se tornaria mais propício ao desenvolvimento do boxe como esporte, com um ginásio público onde aconteciam as reuniões, clubes esportivos com departamentos de boxe ativos, associações de bairro, empresa ou fábrica que ofereciam pugilismo aos associados, torneios regulares e com ampla divulgação midiática. Dependendo da porcentagem das bolsas de seus atletas e pagamento de mensalidade de seus alunos particulares, os antigos treinadores dos anos trinta tinham poucas possibilidades de crescimento profissional e econômico, trabalhando em um esporte pouco estruturado e em um momento de pouca disseminação da cultura esportiva. Foram eles, porém, que prepararam o árido terreno do boxe brasileiro, terreno que seria germinado nos anos 40 e que floresceria nos anos 50.

4.1 - Kid Jofre e seus amadores

Assim como todo o cenário pugilístico paulista, Kid Jofre se beneficiou muito com a ‘virada’ que o boxe deu a partir dos anos 1940. Trabalhando arduamente com este esporte em condições adversas há mais de dez anos, Jofre empolgou-se com a realização do 1º Campeonato Popular de Boxe Amador da Gazeta em 1941. Não somente Jofre teve uma injeção de ânimo com a realização dos campeonatos da Gazeta, mas todos treinadores e equipes em atividade em São Paulo naquele início dos anos 1940, como nos aprofundaremos mais adiante no capítulo sobre os anos 1940. Entretanto, a realização dos torneios da Gazeta traria uma mudança direta e significativa para a atividade de Aristides, já que, devido ao engajamento de times de futebol no boxe amador, sua academia passara a ser patrocinada por um grande clube.

À época da divulgação do primeiro Campeonato da Gazeta, vários novos pupilos passaram a frequentar a Academia Paulista, que naquele momento situava-se na Avenida São João, no Largo do Paissandu. Segundo Matteucci, Jofre conseguiu transferir sua academia para o local, mais amplo do que a antiga academia na rua do Seminário, com o dinheiro arrecadado durante a temporada que passara em Santos em 1938. Com o dinheiro foi possível ainda comprar uma casa no Parque Peruche, bairro da zona norte de São Paulo que naquele final dos anos 1930 era uma área periférica

da cidade. Alguns de seus cunhados mudaram-se também para o Peruche, tornando o bairro o reduto da família Zumbano-Jofre. Eder Jofre nasceu na academia da rua do Seminário, mas cresceu nas ruas de terra do Peruche, que até os anos 1960 não tinha asfalto nem luz elétrica. A relação da família de boxeadores com o bairro foi deveras forte, onde assumiram um papel de liderança comunitária com o passar dos anos. Diversos boxeadores treinados por Kid Jofre e os Zumbanos nas décadas seguintes eram jovens do Peruche, como Luisão e Paulo Sacomã, fazendo com que o bairro ganhasse fama de reduto de pugilistas, fama que permanece até hoje entre os mais velhos do bairro.

A Academia Paulista dirigida por Kid Jofre, com auxílio de Waldemar Zumbano, era uma das principais referências naquele início de anos 1940 quando a Gazeta Esportiva passou a realizar seu campeonato. Diversos entusiastas engrossaram as fileiras de boxeadores amadores de Jofre com o objetivo de disputar o torneio da Gazeta de 1941. O próprio Kid Jofre colocou sua academia à disposição de jovens que quisessem tomar parte na competição inédita. Em 5 de abril de 1941, pouco mais de um mês antes do início das disputas, a Gazeta Esportiva divulgava uma bela foto de Kid Jofre e dezenas de boxeadores da Academia Paulista, informando que o treinador aceitava receber gratuitamente amadores interessados em disputar o torneio pioneiro. A organização do campeonato aceitava a inscrição de atletas ‘avulsos’, que não representavam nenhuma equipe formalmente, desde que fossem aprovados na prova de suficiência que eram submetidos todos os inscritos. Entretanto, apenas um pugilista foi inscrito como avulso naquele ano, o que indica que os esportistas que não tinham academia formal matricularam-se oficialmente nas equipes que compuseram o torneio. Abrir as portas da academia para os ‘avulsos’ se prepararem era uma boa maneira de conseguir novos atletas, e não foi apenas Kid Jofre que usou desta tática. Colocaram-se a disposição dos atletas independentes as academias do Palestra Itália, Espéria, Polícia Especial e Guarani. Em maio, a Gazeta relatava o entusiasmo dos treinadores: *“os técnicos que nos visitaram disseram que em seus clubes estão treinando, afim de tomar parte do campeonato popular de boxe amador, numerosos rapazes de bom físico e cheios de grande vontade e que até este momento nunca haviam pensado em calçar luvas para pelejar, e muitos deles tem queda para este belo e violento esporte “*

Dentre as dez equipes que disputaram o torneio da Gazeta de 1941, somente a Academia Paulista de Kid Jofre era a que não fazia parte de nenhuma outra organização maior, como time de futebol, associação esportiva, agremiação trabalhista ou departamento de repartição militar. Ainda que fosse a única equipe autônoma, que não usufruía das dependências de nenhum órgão superior e nem recebia benefícios de

nenhuma organização, a Academia Paulista foi a segunda colocada em número de atletas inscritos: 23. O Clube Espéria entrou com cinco atletas a mais, 28, e a equipe de boxe da Guarda Civil foi a terceira em número de participantes com 11, menos da metade o número de representantes da Academia Paulista. Dentre os mais de vinte pugilistas inscritos por Kid Jofre na competição, dois eram seus cunhados, irmãos de sua esposa. Higino Zumbano foi vice-campeão e Erasmo Zumbano não subiu no pódio após vencer dois combates e ser derrotado nas quartas-de-final. Além de cunhados de Jofre, os atletas eram irmãos de Waldemar, auxiliar técnico da Academia Paulista. O resultado final da competição confirmou que o time treinado por Kid Jofre e Zumbano era o segundo mais importante de São Paulo naquele ano, ficando na segunda colocação com 3 medalhas de ouro, atrás do Espéria que fizera 8 campeões. A única equipe autônoma entre os dez times inscritos dava provas concretas de sua qualidade, ficando à frente das equipes do Palestra Itália, Polícia Especial e AA Guarani.

No ano seguinte, 1942, a Academia Paulista manteve-se entre as equipes mais vencedoras do 2º Campeonato Popular da Gazeta, mas decaiu da segunda para a terceira colocação coletiva. O Espéria manteve-se no topo, mas a segunda colocação ficou com o AA Guarani, com 5 ouros e 3 pratas. A Associação Atlética Guarani que participava de forma marcante dos torneios de boxe nos anos 1940 tinha sede na rua São Jorge, número 704, no Parque São Jorge, próximo ao rio Tietê na zona leste de São Paulo. O clube, que durou até os anos 1960, tinha como cores o vermelho e o preto, sendo constantemente chamado de rubro-negro do Tatuapé. O treinador do clube era o italiano Benjamin Ruta, que substituíra o argentino Norman Tomazulo em agosto de 1941 no comando da equipe de boxe do clube. Tanto Ruta como Tomazulo foram boxeadores de sucesso nos ringues nacionais e tiveram destacada atuação como treinadores nos anos 1940 e 50. A academia Paulista do clã Zumbano-Jofre fez em 1942 três campeões e dois vice-campeões, entre eles Erasmo Zumbano, prata entre os penas, que foi derrotado pelo expressivo Arthur Taccioli.

Devido à boa atuação dos pugilistas da Academia Paulista no 1º e 2º Campeonato Popular da Gazeta, Kid Jofre foi procurado pelo São Paulo Futebol Clube para uma parceria para a disputa do 3º Campeonato, realizado em 1943. A Gazeta Esportiva anunciava com entusiasmo a estreia do time são-paulino em seu campeonato, que reunia agora boxeadores dos maiores clubes futebolísticos da capital:

SÃO PAULO, CORINTHIANS E PALMEIRAS NO CAMPEONATO GIGANTE DE BOX

O São Paulo Futebol Clube anunciou em cima da hora a sua inscrição no Campeonato, surpreendendo o jornal. O técnico da Academia Brasileira Aristides Jofre

*é apresentando como o provável preparador do SPFC, uma vez que todos os amadores da sua academia passaram a defender as cores do clube do Canindé. Com a entrada do SP, os três grandes clubes participariam da Gazeta: Italo Hugo no Palmeiras e Ditão no Corinthians*⁹³

Entrando na onda de seus rivais, o São Paulo decidiu montar uma equipe de boxe para tomar parte do popular torneio da Gazeta, que naquele momento era um dos eventos esportivos de maior popularidade em São Paulo, perdendo apenas para o futebol. Entretanto, ao invés de montar uma academia própria, o São Paulo resolveu ‘adotar’ uma equipe, no caso a Academia Paulista (chamada também de Academia Brasileira) de Kid Jofre. Além da alta qualidade do trabalho desenvolvido por Kid Jofre e Waldemar Zumbano, a Academia Paulista era a única equipe de boxe que não mantinha vínculos com nenhuma organização maior, o que possibilitou a parceria com o São Paulo FC. O clube, que ainda mandava seus jogos no Canindé, preferiu relacionar seu nome a uma academia já em funcionamento ao invés de montar seu próprio ginásio de boxe. Jacob Nahum, um dos conselheiros do time que era aficionado ao boxe, foi um dos responsáveis pela criação do departamento e sua ligação com a equipe de Kid Jofre. Jacob se configuraria anos depois como um dos principais empresários do boxe brasileiro, como nos aprofundaremos no capítulo sobre os anos 40, subcapítulo 6.5. Desta maneira, atletas que já estavam em atividade passaram a representar as cores do time, assim como os treinadores da Academia Paulista, que a partir de então manteve vínculo com o tricolor paulista.

Detalhes das condições em que foi feita a parceria entre a Academia Paulista e o São Paulo FC não foram possíveis de serem checados, mas Newton Campos relatou em entrevista que o clube passou a dar suporte material para a Academia Paulista, com o financiamento do aluguel do prédio da Santa Ifigênia e fornecimento de equipamentos de treinos. A parceria que iniciara-se em 1943, com a abertura do departamento de boxe do clube, duraria muitos anos, atravessando décadas e colocando o São Paulo FC no topo do boxe paulista e brasileiro. Quando Eder Jofre foi campeão mundial, em novembro de 1960, ele treinava e competia sob as três cores do São Paulo FC, trazendo grande publicidade ao clube. Quando Eder se aposentou, em 1976, era ainda também um atleta são-paulino. Em junho de 1973, trinta anos depois do início da parceria entre o São Paulo FC e a Academia Brasileira de Pugilismo, reportagem da revista Placar informava que “a academia da rua Santa Efigênia também pertence ao São Paulo FC,

⁹³ Gazeta Esportiva, São Paulo, 5 de abril de 1943

que paga metade do aluguel e fornece todo o material para o treinamento, além do pequeno salário de Kid.”

Naquela sua primeira competição de boxe em 1943, o São Paulo tinha como concorrentes seus antigos rivais dos gramados, o Palmeiras e o Corinthians. O clube alviverde estreava seu novo nome, já que até 1942 usava seu nome original: Palestra Itália. O alinhamento político do Brasil com os países aliados durante a Segunda Guerra Mundial colocou como inimigos a Itália, Alemanha e Japão, países de origem de grande parte da população paulista. Diversas associações esportivas que tinham nomes nos idiomas dos países do Eixo, ou que faziam referência a estes países, foram obrigados a mudar de nome pelo governo brasileiro. Desta maneira, o Palestra Itália passou a se chamar Palmeiras e o Espéria, também de origem italiana, passou a se chamar Associação Desportiva Floresta. Quem comandava a equipe do Palmeiras era Italo Hugo, carismático ex boxeador que havia tentado, sem muito sucesso, a carreira de empresário de boxe e *catch* nos anos 1930. Apesar de ser um exímio conhecedor da ‘nobre arte’, Hugo não é muito lembrado por seus feitos como treinador, uma vez que não obteve muito sucesso neste campo de atuação. Hugo havia sido atleta do Palestra Itália nos anos 1920, quando o clube italo-brasileiro era o único grande time futebolístico a ostentar um departamento de boxe em São Paulo. O Corinthians, por sua vez, era comandado por Ditão no 3º Campeonato da Gazeta, também famoso ex-boxeador paulista dos anos 1920. Ditão apresentava dificuldades de locomoção devido às sequelas cerebrais de seu trágico combate com Ermínio Spalla em 1924, e apesar de ser muito popular, também não se destacou como treinador de boxe.

Nem São Paulo, nem Corinthians, nem Palmeiras conseguiram acabar com a hegemonia do Espéria, agora chamado de Floresta, no torneio da Gazeta. O clube do rio Tietê inscrevera 60 boxeadores, número impressionante tanto para a época como para tempos atuais, fazendo 17 campeões e 13 vice-campeões. O São Paulo conseguiu apenas 4 ouros e 4 pratas, número muito menor do que a equipe campeã, mas o suficiente para colocá-lo na segunda colocação coletiva em seu primeiro campeonato de boxe. Um dos campeões preparados por Jofre e Waldemar em 43 foi Ralph Zumbano, mais um cunhado de Aristides que iniciava sua carreira no pugilismo. Cabe citar que o grande número de medalhas distribuídas se deve ao fato que eram quatro as classes disputadas no campeonato: estreantes, novos, novíssimos e veteranos, divididas em oito categorias de peso cada. O resultado do time de Kid Jofre reforçava sua posição de destaque entre os treinadores paulistas, mesmo que ainda não tivesse obtido a primeira colocação no mais disputado torneio do Brasil. O estoniano Oscar Davidson, treinador do Floresta e vencedor das três primeiras edições do campeonato

da Gazeta, foi o profissional escolhido para dirigir a equipe paulista que disputou o Brasileiro de 1943, em detrimento de Kid Jofre. O torneio foi realizado no Rio de Janeiro, no campo do São Cristóvão, e contava com quatro boxeadores do Floresta, dois pupilos de Jofre, um do Palmeiras e um da C A Sorocabana, clube com sede no bairro da Luz, em São Paulo. Podemos perceber que no começo dos anos 1940, Kid Jofre já era um treinador de elevada importância, mas ainda não alcançara posição unânime de 'melhor treinador do Brasil', posição essa que consolidaria no final daquela década e a manteria por muitos anos.

Em 1944, Aristides perdeu seu braço direito, Waldemar Zumbano, que foi contratado pelo Floresta para substituir Oscar Davidson, deixando de trabalhar oficialmente na Academia Paulista. Apesar de Kid Jofre e seu cunhado passarem a defenderem equipes adversárias, eles continuaram sempre unidos, realizando treinamentos em conjunto e trabalhando lado a lado em oportunidades que defendiam o selecionado estadual de São Paulo. Zumbano foi para o Floresta mas não levou nenhum atleta consigo, já que passou a preparar os boxeadores que já militavam pelo clube. Os irmãos de Waldemar, por exemplo, continuaram a defender as cores do São Paulo e a treinarem com Kid Jofre. Entretanto, no 4º Campeonato Popular da Gazeta, Waldemar e Aristides eram adversários, cada um comandando uma das principais equipes de São Paulo. Zumbano conseguiu manter a tradição do Floresta, que vencera as três primeiras edições da Gazeta, e manteve o clube campeão com 14 ouros e 10 pratas. O São Paulo teve que contentar-se novamente com a segunda colocação, com 10 ouros e 9 pratas, resultado mais parecido do que foi no ano anterior quando conseguiu apenas de um quarto das medalhas do Floresta. O Palmeiras de Italo Hugo e o Corinthians de Ditão ficaram empatados na terceira colocação, com três ouros e uma prata cada.

Ao contrário do que possa parecer, a transferência de Waldemar para outro clube não dificultou o trabalho de Kid Jofre na Academia Brasileira da Santa Ifigênia. Como o vínculo entre ambos era fortíssimo, vínculo este criado em mais de 15 anos de convivência e trabalho em prol do boxe brasileiro, a transferência de Zumbano ao vitorioso Floresta fez fortalecer a união entre o clube e a equipe de Kid Jofre. A família Zumbano-Jofre agora comandava as duas equipes mais importantes do boxe paulista e brasileiro. Em agosto de 1944 foi realizado pela primeira vez um torneio triangular, onde três equipes amadoras disputavam entre si o título de campeão da taça. Os melhores boxeadores do Floresta e do São Paulo FC enfrentaram uma equipe de boxeadores selecionados do Rio de Janeiro, todos da classe de veteranos. O torneio, que foi realizado pelo Departamento de Esportes do Estado de São Paulo e teve organização

da Federação Paulista de Pugilismo, foi realizado em três rodadas no ginásio do Pacaembu, que fora inaugurado quatro anos antes. Diferentemente do Campeonato Popular da Gazeta, foi cobrada a entrada do público, porém a preços populares, como indicam notícias da época. Explicitando a hegemonia do boxe paulista naquela metade dos anos 1940, as equipes que mais fizeram campeões foram São Paulo em primeiro, Floresta em segundo e o selecionado carioca em terceiro. Esta foi a primeira vez que o São Paulo FC sagrava-se campeão coletivo de algum campeonato amador de boxe, superando pela primeira vez a equipe do Floresta. A inédita vitória da equipe de Kid Jofre sobre o time de seu cunhado Zumbano foi bastante destacada nos noticiários, que dava ênfase ao pouco tempo de funcionamento do departamento de boxe do São Paulo FC. Apesar da equipe de pugilismo do São Paulo funcionar há apenas dois anos, Kid Jofre já se configurava como um dos melhores treinadores do país há anos, fato esse não exposto pela mídia impressa.

Depois que o time de Kid Jofre venceu o torneio triangular, que apesar da relevância não possuía a mesma importância que outros campeonatos realizados em solo nacional, sua equipe não mais deixaria a primeira colocação nos pódios durante muitos anos. No Paulista daquele mesmo ano de 1944 o São Paulo pela primeira vez desbancaria o Floresta em uma competição regular do calendário da Federação Paulista. A partir desde ano Kid Jofre se tornaria o treinador de boxe mais vitorioso do boxe brasileiro, posição que ocuparia pelas próximas décadas. Ao falar sobre a relevância de Aristides, o jornalista Henrique Matteucci escreveu:

Seu clube era campeão paulista desde 1944 e ganhador quase certo de todos os certamos realizados na Paulicéia. Sob sua direção, o São Paulo FC obteve o título treze anos seguidos, recorde jamais igualado, além de quase todos campeonatos para estreantes, novíssimos e novos. Jofre era o artífice e, por tal razão, o técnico preferido para dirigir as seleções paulistas e brasileiras. Com duas ou três exceções, foi o responsável pelas seleções formadas entre 1946 e 1960, sem contar que pelo menos 70% dos melhores boxeadores surgidos no Brasil desde 1933 foram seus discípulos⁹⁴

Em 1945, ano de realização do 5º Campeonato Popular de Boxe Amador da Gazeta, o time dirigido por Kid Jofre superou o tetracampeão Floresta, faturando o título

⁹⁴ MATTEUCCI, Henrique. *Boxe: mitos e história*. São Paulo: Editora Hemus, 1988

que ainda faltava ao São Paulo FC. Kid Jofre começava a consolidar sua hegemonia no boxe paulista, vencendo novamente o Paulista daquele ano. O campeonato estadual foi realizado no Pacaembu com cobrança de entrada do público, e as finais foram realizadas somente entre pugilistas do São Paulo e do Floresta, as duas principais equipes do estado. O Floresta, assim como na Forja, ficou na segunda colocação. Apesar de estarem em corners opostos, Waldemar e Aristides trabalhavam juntos em algumas oportunidades, como já foi dito anteriormente. No Campeonato Brasileiro daquele mesmo ano, ambos foram os treinadores da equipe paulista que viajou até o Rio de Janeiro para a disputa do Brasileiro. Os vitoriosos técnicos orientaram seus pupilos contra adversários do Rio de Janeiro (estado), do Distrito Federal (Rio de Janeiro capital) e do Rio Grande do Sul. A equipe paulista foi campeã brasileira mais uma vez, contando com Ralph Zumbano como um dos campeões nacionais. Ralph era um dos membros do clã Zumbano-Jofre a defender as cores do São Paulo FC, sendo orientado por seu cunhado Kid.

O grande sucesso da equipe de amadores de Kid Jofre o fez participar de dezenas de competições internacionais de grande relevância, sendo convocado para dirigir o time de boxeadores brasileiros em diversas oportunidades. Àquela época, não existia uma equipe olímpica fixa, e cada atleta selecionado para competições no exterior mantinha-se em treinamento em seu próprio clube. Nas vésperas do campeonato, a equipe se reunia e algum treinador convocado passava a treinar o time brasileiro somente poucos dias antes das competições. Este sistema perdurou até os anos 1990, e foi modificado somente com a chegada de treinadores cubanos no Brasil. Foi somente no ciclo olímpico de 1996, Atlanta, que o sistema de Equipe Olímpica Permanente foi implementado. Nele, o atleta selecionado para fazer parte da seleção brasileira deve treinar exclusivamente com os preparadores da seleção nacional, que por sua vez se dedicam exclusivamente também aos atletas da Equipe Olímpica. Entretanto, nos anos 1940 o técnico da seleção era selecionado a cada nova convocação, assim como os boxeadores. Kid Jofre, como era o treinador de muitos dos atletas convocados pela Confederação Brasileira de Boxe em diferentes épocas, ocupou o cargo de treinador da seleção nacional em muitas oportunidades. No Latino americano de 1947, por exemplo, Jofre era um dos principais nomes cotados para dirigir o time brasileiro:

NOMES EM FOCO - Nos domínios do esporte das luvas, São Paulo possui diversos treinadores que tem revelado apreciáveis dotes e aos quais se deve um pugilo de bons amadores. No SPFC temos como técnico Aristides Jofre, o popular Kid, que com esforço e dedicação formou uma plêiade de excelentes pelejadores, salientando-se Kaled Curi, Ralf Zumbano e Vicente dos Santos, que se tornaram campeões sob sua exclusiva orientação.

*Na A. D. Floresta, milita Waldemar Zumbano, que a par de um bom técnico, é um erudito em coisas da nobre arte. Luiz Campos Soares, popular Gaúcho, tem sob sua direção a guapa rapaziada do E. C. Corinthians Paulista, e basta ver-se os seus pupilos no ringue para constatar-se o esmero e a eficiência do seu método de treinamento.*⁹⁵

A reportagem de agosto de 1947 citou ainda os treinadores Norman Enzo Tomazulo (Palmeiras), Attilio Loffredo (General Motors), Humberto Spagnolo, Julio Capella e Aron Nowina. A Federação Paulista deveria escolher qual treinador dirigiria a equipe paulista no Campeonato Brasileiro que aconteceria em setembro, enquanto a Confederação Brasileira indicaria os treinadores que ficariam frente ao time nacional no latino americano em novembro, ambos em São Paulo. Como era esperado, Kid Jofre e Waldemar Zumbano foram os escolhidos, auxiliados por Santa Rosa, treinador carioca que começava a se destacar no cenário pugilístico nacional. A comissão técnica contou ainda com Gaúcho, treinador do Corinthians, que foi o massagista da equipe nacional no Continental. Aquela foi a primeira vez que ocorreu uma concentração total da equipe de amadores antes de uma competição, fato esse noticiado pela mídia impressa. Os boxeadores, titulares e reservas, ficaram alojados no Floresta, na Ponte das Bandeiras.

Após lutas eliminatórias, a equipe foi formada por seis paulistas, um carioca e um gaúcho, que conquistou quatro outros e uma prata. Ao todo os boxeadores brasileiros conseguiram quatro medalhas de ouro através de Kaled Curi (pena), Ralph Zumbano (leve), Jorge Matuck (médio) e Geraldo Jesus (meio pesado). Curi e Ralph, que eram atletas do São Paulo FC, foram os únicos brasileiros invictos na competição, já que os outros dois se sagraram campeões mas foram derrotados no campeonato. Matuck era pupilo de Zumbano (Floresta) e Geraldo de Gaúcho (Corinthians). O sistema 'todos-contra-todos' elegia o campeão da categoria através da soma de vitórias e derrotas de cada atleta, permitindo assim um atleta ser campeão mesmo que houvesse sido derrotado no torneio. A mão de Kid Jofre mais uma vez se revelava, uma vez que os únicos boxeadores campeões invictos eram seus pupilos. Além da invencibilidade, Ralph levou para casa o título de melhor atleta da competição que reuniu argentinos, uruguaios, chilenos, bolivianos e brasileiros. Outro pupilo de Kid Jofre que brilharia muito nos anos seguintes também participou deste Latino Americano: Vicente dos Santos, o Vicentão, ficou com a medalha de prata entre os pesos pesados. A única derrota de Vicentão contra o chileno foi bastante contestada pela mídia esportiva, e o peso pesado foi considerado (e premiado) como 'campeão moral' do certame.

⁹⁵ Correio Paulistano, São Paulo, 7 de agosto de 1947

O bom trabalho realizado com os amadores do São Paulo FC nos torneios regionais, com os atletas paulistas nas competições nacionais e com pugilistas brasileiros nos compromissos internacionais fizeram Kid Jofre chegar à Londres, Inglaterra, para a participação dos Jogos Olímpicos de 1948. O bom resultado dos brasileiros no latino Americano do ano anterior animaram os dirigentes, que enviaram quatro atletas para Londres. Confederação Brasileira, Federação Paulista e Federação Metropolitana (carioca) foram criticados por especialistas, que exigiam que uma equipe completa de boxeadores fosse enviada aos Jogos Olímpicos, com representantes nas oito divisões de peso. O Comitê Olímpico Brasileiro, entretanto, orientara as organizações esportivas que seriam enviados a Londres apenas “atletas com possibilidades reais de bom desempenho, que tenham marcado performance que os credenciam a se apresentarem com possibilidades de chegar às finais”⁹⁶. Alegando dificuldades financeiras, os dirigentes decidiram enviar apenas quatro boxeadores, todos eles acompanhados por Kid Jofre em sua primeira participação olímpica.

Em dezembro de 1947, a Confederação Brasileira já avisava que “*naturalmente não podemos nutrir grandes esperanças de triunfos*” dos nossos pugilistas na Olimpíada do ano seguinte. Era a primeira vez⁹⁷ que pugilistas brasileiros participavam da maior competição esportiva do mundo, e sabia-se que o boxe brasileiro ainda não se equiparava às grandes potências da Europa e da América do Norte. Após a realização de três rodadas eliminatórias de lutas entre paulistas e cariocas, foi definida a equipe olímpica com quatro membros: Manoel do Nascimento (peso galo carioca), José Dias (peso pena carioca), Ralph Zumbano (peso leve paulista) e Vicente dos Santos (peso pesado paulista). Pupilo e cunhado de Kid Jofre, Ralph Zumbano teve uma participação acima da esperada, já que venceu dois oponentes europeus (Luxemburgo e França) antes de ser derrotado por um estadunidense nas quartas-de-final. O desempenho de Ralph em suas vitórias e o fato de ter perdido para um grande nome (Wallace ‘Bud’ Smith, que se tornaria campeão do mundo profissional anos depois) fizeram com que Ralph fosse bastante comemorado. Um jornal britânico o chamou de “A Maravilha Brasileira”, dizendo que sua leveza no ringue lembrava a de um bailarino. Foi através dos punhos de Zumbano que o Brasil conseguiu suas únicas vitórias no boxe em Londres 48, já que Vicentão e Manuel foram derrotados na estreia, enquanto José Dias se lesionou na véspera das competições e não pode lutar.

⁹⁶ Diário da Noite, São Paulo, 24 de dezembro de 1947

⁹⁷ Em Berlim, 1936, Walter Neves fez parte da delegação olímpica mas não pode competir devido a falta de passaporte olímpico.

Ao dirigir o time brasileiro na maior competição amadora do planeta, Kid Jofre consolidou-se como o principal treinador do Brasil, cargo esse que já ocupava alguns anos antes da realização de Londres 48. Na Olimpíada seguinte, em Helsinki 1952, quem comandou a equipe de amadores brasileiros foi Luiz Soares 'Gaúcho', e dentre os cinco pugilistas da delegação havia um de Kid Jofre, Pedro Galasso. A convocação de Gaúcho no lugar de Kid Jofre foi cercada de polêmicas, assim como nos primeiros Jogos Panamericanos em 1951, em Buenos Aires. Kid Jofre acompanhou a equipe ao Pan, substituindo Gaúcho, que fora o indicado pela Confederação Brasileira. A Federação Paulista bateu o pé e solicitou que Kid Jofre fosse o responsável pela equipe, mudança atendida pelo órgão nacional. Kid Jofre ficou de fora dos Jogos Olímpicos em 1952, mas retornou ao comando da equipe em 1956 Melbourne, na Austrália, quando dirigiu o time de amadores que representou o Brasil. Entre os amadores que foram para a Austrália estava Eder Jofre, filho de Kid, na categoria peso galo.

Com a profissionalização de Eder em 1957, Kid Jofre naturalmente começou a dedicar-se mais ao profissionalismo, sem, porém, deixar de atuar com os amadores do São Paulo FC. Em 1960, por exemplo, Kid Jofre abriu mão da participação na Olimpíada de Roma para acompanhar o treinamento de Eder em Los Angeles, que já encontrava-se próximo da disputa do título do mundo, em novembro daquele ano. Quem dirigiu o time olímpico em 1960 foi Waldemar Zumbano, eterno parceiro de Kid Jofre, que àquela altura já dirigia a famosa academia Wilson Russo.

4.2 - Kid Jofre vai ao boxe profissional

Apesar de trabalhar com boxeadores profissionais desde a década de 1930, a consolidação de Jofre no papel de principal treinador do Brasil se deu através de seus amadores. Kid não deixou de trabalhar com o boxe profissional em nenhum momento de sua carreira, mas graças à situação do cenário pugilístico brasileiro nos anos 1940, o boxe amador (ou olímpico) foi o que o levou ao 'estrelato'. Mesmo com uma situação favorável ao boxe amador nos anos 1940, o boxe profissional manteve-se ativo nesta década, sem, porém, que Kid Jofre tivesse atuação destacada. Dentre os principais boxeadores do período, destacavam-se Antonio Mesquita, Benjamin Ruta, Luiz 'Gaúcho' Soares, Oswaldo 'Oitenta e Quatro', Loffredinho, Zumbanão. Dos nomes citados, apenas o último era pupilo de Kid Jofre, evidenciando sua carência de atletas profissionais no período. A partir do final dos anos 1940 e por toda a década de 1950 o quadro mudaria, com diversos pupilos de Jofre alcançando patamar de altíssima relevância no profissionalismo: Pedro Galasso, Kaled Curi, Romeu Barbosa, Vicentão,

Luisão, Ralph Zumbano, entre outros. Foram os pupilos de Kid Jofre que começaram a alcançar os primeiros títulos internacionais do Brasil, demonstrando que o insucesso de Aristides no profissionalismo nos anos 1940 era só uma questão de tempo.

Antes que os melhores amadores de Kid Jofre se profissionalizassem e passassem a ter destaque também no campo do boxe remunerado, o treinador preparava alguns boxeadores de forma pontual, tímida e sem muito destaque. Irineo Caldera, uruguaio que veio ao Brasil algumas vezes entre 1944 e 1947, fora treinado por Kid Jofre nos poucos dias em que ficou em solo brasileiro. O boxeador necessitava de um treinador para a preparação final, assim como para lhe fazer o córner durante suas lutas. Nas oito lutas que fez no Brasil, Caldera empatou uma e perdeu sete, mesmo com o veterano Jofre em sua esquina. Vale lembrar que o treinador recebia uma porcentagem das bolsas dos atletas profissionais, criando uma relação estritamente profissional com seu preparado. Outro estrangeiro que foi treinado brevemente por Jofre em solo brasileiro foi o argentino Alfredo Lagay, em uma das oportunidades que boxeou no país. Jofre também treinou para algumas lutas o peso pesado português Antonio Soares, sem criar forte vínculo com o boxeador, que trabalharia ainda com outros treinadores da capital paulista. Dos profissionais de destaque dirigidos por Aristides no transcorrer da década de 1940, somente Tonico Zumbano, o Zumbanão, era verdadeiramente um pupilo seu, personagem sobre o qual nos debruçamos no Capítulo 8.

Kid Jofre alcançaria sólido sucesso no profissionalismo somente quando seus ‘meninos de ouro’ do amadorismo ingressaram no boxe profissional, repetindo os bons desempenhos que obtiveram na versão não-remunerada do esporte. Se durante toda a década de 1940 Kid Jofre era ‘treinador de aluguel’ de alguns profissionais, a partir de 1949 era ele quem preparava os melhores profissionais do Brasil, posto este que seria mantido por toda a década de 1950 e 60. A trajetória de sucesso da carreira de Aristides como treinador de boxe traçou percurso semelhante ao tido como correto ser traçado pelo Boxe brasileiro. Caverzasio, Kid Pratt, Sangiovanni, Waldemar Zumbano e Kid Jofre afirmavam com frequência que o boxe brasileiro só avançaria quando o pugilismo amador tivesse uma boa estrutura, para posteriormente o nível do boxe profissional também progredisse. Mesmo que tal plano de evolução do boxe brasileiro tenha sido repetido pelos treinadores desde os anos 1930, foi somente após o ‘boom’ da década de 1940 que tal tática foi posta em prática.

Com o crescente investimento no amadorismo que se deu a partir de 1941, Kid Jofre pôde acompanhar seus pupilos na trajetória tida como ideal, tornando-se uma

referência nos campeonatos amadores para depois alcançar semelhante sucesso no boxe profissional. Cuidando e preparando com esmero seus pupilos desde os primeiros anos da década de 1940, Kid Jofre esperou o momento certo para lançar seus boxeadores no profissionalismo, provocando o amadurecimento e consolidação dos seus talentos na esfera amadora da modalidade. Em janeiro de 1948, pouco após o sucesso de três de seus amadores no Latino Americano de 47, Kid Jofre veio à público⁹⁸ informar que seus atletas não se profissionalizariam antes dos jogos olímpicos de Londres, que aconteceria no meio do ano. As medalhas de ouro conquistadas por Ralph e Kaled, assim como a prata de Vicentão, fez com que a Confederação Brasileira se entusiasmasse com a possibilidade de bons resultados olímpicos. Entretanto, a Confederação temia que os valorosos amadores paulistas se profissionalizassem e perdessem a condição de amadores, ficando excluídos da participação olímpica. Sabiamente, Kid Jofre 'segurou' seus amadores, esperando ainda um ano para os lançar (e lançar-se de vez) no profissionalismo.

Kaled Curi, campeão Latino americano em 47, era um dos nomes cotados para representar o Brasil nas Olimpíadas de Londres, mas ficou de fora após perder as eliminatórias para um boxeador carioca. Em sua autobiografia, Kaled alega que foi prejudicado pela arbitragem e perseguido pelos dirigentes da Federação Paulista e da Confederação Brasileira, uma vez que naquele ano começara a atuar como jornalista/comentarista e não poupava críticas aos cartolas do boxe. Desiludido pelos desmandos dos dirigentes, Kaled migrou para Buenos Aires, onde passou nove meses atuando como amador. O libanês naturalizado brasileiro fez 14 lutas por lá, retornando ao Brasil em outubro de 1949 com vasta experiência pugilística. A base adquirida como amador, representando ao São Paulo FC, o estado de São Paulo e o Brasil nas competições internacionais, fez com que Kaled iniciasse sua carreira profissional já como um veterano. A mesma situação se aplicou aos seus colegas de equipe Vicentão e Ralph, assim como aconteceria com diversos outros boxeadores de Kid Jofre nos próximos anos.

Vicentão, também conhecido como 'Touro de Osasco', foi levado para Londres em 48, sendo um dos quatro pugilistas brasileiros que participaram daquela edição dos Jogos Olímpicos. Vicente Antonio dos Santos fez vitoriosa carreira no amadorismo, sempre aos cuidados de Kid Jofre, como fazia questão de ressaltar em suas entrevistas. Estreou em 1944 na Forja de Campeões e venceu todos os campeonatos paulistas e brasileiros de 44 até 48, conquistou a prata nos Latinos Americanos de 46 e 47, mas

⁹⁸ Diário da Noite, São Paulo, 6 de janeiro de 1948

obteve o ouro em 1948. Em Londres, foi sorteado para enfrentar o representante dos Estados Unidos Jay Lambert logo na primeira rodada. Vicente fez um bom combate, mas foi superado por pontos pelo estadunidense Lambert, que venceria ainda o representante da Bélgica, mas não subiria no pódio ao perder para boxeador sul-africano nas quartas-de-finais. Após sua participação Olímpica, Vicentão iniciou sua carreira no profissionalismo recebendo bastante destaque da mídia:

*Vicente dos Santos, o popular Vicentão, foi um amador que por várias vezes sagrou-se campeão paulista e brasileiro, culminando com a conquista do título de campeão latino americano, no recente certame realizado em Santiago, no Chile. Bem orientado e sob os cuidados técnicos do manager Kid Jofre, o ex defensor do São Paulo FC tornou-se o melhor peso pesado do continente Sul Americano, encorajando-o a ingressar no profissionalismo*⁹⁹

Vicentão estreou no profissionalismo no dia 2 de julho de 1949, e exatamente uma semana depois, no dia 9 de julho, seu companheiro nos Jogos Olímpicos Ralph Zumbano também fez sua estreia como profissional, ambos no Ginásio do Pacaembu. Dentre os três pupilos de Kid Jofre aqui citados, Zumbano era o de maior destaque e com melhores resultados. Campeão Latino em 1947 e em 1948, Ralph teve um excelente desempenho nos Jogos Olímpicos, vencendo duas lutas e perdendo nas quartas-de-final para atleta dos Estados Unidos. Ralph era sem dúvida o amador de maior destaque do Brasil naquele final da década de 1940, e sua estreia no profissionalismo atraiu grande atenção da mídia. Tanto Ralph como Kaled e Vicente, apesar de serem amadores, eram atletas com muita visibilidade, notoriedade até mesmo maior do que alguns dos melhores profissionais em atividade naquele momento. Seus nomes e fotos eram constantemente citados nas manchetes esportivas, e suas lutas de três rounds atraíam grande público pagante em São Paulo.

O destaque dado aos amadores de Kid Jofre não era em vão, já que suas qualidades e suas conquistas os colocavam na condição de celebridades do mundo esportivo. O início da carreira profissional dos três são-paulinos evidenciou o nível em que se encontravam os atletas, uma vez que venceram em suas primeiras lutas os melhores profissionais em atividade no país. Vicentão fez sua estreia frente ao veterano Antonio Soares, pugilista que militava entre os profissionais desde 1935 e contava com mais de 40 lutas. A vitória coube ao boxeador de Osasco por nocaute técnico no décimo round. Ralf e Kaled estrearam com vitória frente a oponentes sem muita relevância, mas na segunda luta de ambos enfrentaram o mesmo adversário, o rodado Antonio

⁹⁹ Correio Paulistano, São Paulo, 2 de julho de 1949

Mesquita, conhecido como o Índio da Armada. Mesquita tinha em seu cartel 45 lutas quando enfrentou Ralf e 51 lutas quando encarou Kaled, sendo que ambos faziam a luta de número dois de suas carreiras profissionais. Mesquita, que fora campeão brasileiro profissional em 1938 e 1940, não conseguiu impor sua vasta experiência, sendo derrotado por pontos por Zumbano em Santos e por nocaute técnico por Kaled no Pacaembu. É importantíssimo ressaltar que há uma enorme diferença entre lutas de três rounds e lutas de dez rounds, que foi o número de rounds disputados pelos três logo no início de suas carreiras. É comum um boxeador neoprofissional começar sua carreira boxeando quatro rounds, para depois de alguns combates subir para seis, em seguida oito, dez até chegar a doze rounds, gradativamente, subindo o número de assaltos de forma moderada. Em países onde o boxe profissional é forte, como no México, classifica-se informalmente um boxeador profissional pelo número de rounds que ele boxea: se é novato, faz quatro rounds, se tem menos de dez lutas, faz seis ou oito rounds, quando luta dez rounds já está praticamente 'pronto', e quando luta doze rounds já é um boxeador experiente. É comum demorar dois ou três anos para chegar a lutar dez ou doze rounds, mas os pupilos de Kid Jofre alcançaram tal patamar nos primeiros meses de suas carreiras.

O início arrebatador dos atletas de Kid Jofre naquele ano de 1949 reforçou ainda mais a sua posição de melhor treinador do Brasil. Recém chegado dos Jogos Olímpicos, Aristides via seus pupilos progredirem luta após luta, tanto no campo do profissionalismo como no amadorismo. O irmão de Kid Pratt manteve-se ativo no campo do amadorismo, levando a equipe do São Paulo FC a faturar diversas edições da Forja de Campeões, Paulista e outros torneios promovidos pela Federação Paulista. Foi justamente da sua base de amadores que continuaram surgindo os melhores profissionais de Kid, que comprovava sua teoria de que para construir bons profissionais, era preciso dar um lastro amador ao pugilista. Luís Ignácio, o popular Luisão, foi um dos mais destacados amadores de Kid Jofre na primeira metade da década de 1950. Morador do Parque Peruche assim como seu treinador, Luisão foi o primeiro boxeador brasileiro a conquistar uma medalha de ouro nos Jogos Pan-americanos, em 1955, na Cidade do México. Naquele mesmo ano, Luisão se profissionalizaria e conquistaria o título brasileiro dos meio-pesados. Em 1959, ele se tornaria o segundo brasileiro a obter um título internacional profissional, quando faturou o sul-americano dos meio-pesados. O primeiro a trazer um cinturão para o Brasil foi Pedro Galasso, outro pugilista de Kid Jofre. Galasso foi iniciado no boxe por Waldemar Zumbano, mas quando transferiu-se para o São Paulo FC passou para a tutela de Jofre ainda no amadorismo. Galasso participou da Olimpíada de Helsinki 1952, e no profissionalismo Kid Jofre o levou ao título sul-

americano dos leves em 1958, o primeiro conquistado por um brasileiro. O terceiro título internacional viria pelos punhos de outro aluno de Aristides, Eder Jofre, pai e treinador do peso galo. Eder conquistou o título continental em fevereiro de 1960, e em novembro do mesmo ano chegaria ao tão sonhado título mundial. Desta maneira, os três primeiros títulos internacionais conquistados por boxeadores profissionais brasileiros vieram das mãos de atletas de Kid Jofre.

Para ilustrar a abrangência de Kid Jofre no cenário pugilístico nacional nos anos 1950, entre 1951 e 1957 o título de campeão brasileiro dos leves teve cinco diferentes detentores, que lutavam constantemente entre si, fazendo com que o cinturão circulasse entre eles. Os boxeadores eram Ralph Zumbano, Kaled Curi, Pedro Galasso, Sebastião Ladislau Gibi e Romeu Barbosa, todos discípulos de Kid Jofre. Quando dois dos seus alunos lutavam entre si no profissionalismo, um deles se afastava dos treinos sob supervisão de Kid e buscava outro ginásio, para que Jofre pudesse se dedicar a apenas um deles. Devido ao parentesco, Ralph Zumbano foi o único que sempre esteve ao lado do velho treinador em todos os combates. Preparados por Kid ou não, o fato é que foi o treinador argentino quem os iniciou no boxe, mantendo pra sempre o vínculo de mestre e aluno. Cito aqui alguns dos profissionais de maior destaque de Kid Jofre para exemplificar sua grande relevância no transcorrer da década de 1950, já que deu continuidade à carreira vencedora iniciada nos anos 1940. Aristides Jofre não foi apenas o primeiro treinador brasileiro a conquistar o título do mundo, mas sim o primeiro técnico atuante no Brasil a preparar atletas em alto nível, com condições de enfrentar de igual para igual e vencer no exterior, seja em Jogos Olímpicos ou em disputas de cinturões profissionais. Resumir Aristides ‘Kid’ Jofre à simplesmente “pai do Eder” seria uma injustiça. Analisando o retrospecto do treinador, é mais justo classificar Eder como filho de Kid Jofre, um dos maiores mestres que o boxe brasileiro já teve.

Capítulo 4 – Mestres da Era Moderna

Aristides 'Kid' Jofre foi, sem dúvida, o treinador que melhor personificou a mudança que o boxe paulista e brasileiro passou entre os anos 1930 e 50, mudança que o levou a ser um dos esportes mais populares do Brasil. Entretanto, se no final dos anos 1920 e começo dos anos 1930 haviam apenas três técnicos gabaritados atuando em São Paulo, nos anos 1940 e 1950 tal realidade se transformou, surgindo diversos treinadores com boas capacidades pugilísticas. Tal como fizemos ao nos debruçarmos sobre Kid Pratt, Caverzasio e Sangiovanni, referências máximas durante os primeiros anos abordados no presente estudo (1928 a 1940), não pretendemos fazer uma catalogação de todos treinadores de boxe que atuaram em São Paulo a partir da segunda metade do período estudado (1940 a 1953). Tal tarefa seria impossível de ser realizada, uma vez que inúmeros técnicos ou instrutores de boxe surgiram e desapareceram do cenário pugilístico sem deixar rastros. Com o 'boom' no surgimento de agremiações boxísticas iniciado na segunda metade dos anos 1940, muitas academias participavam de competições da Federação Paulista sem que o nome do responsável pelos treinamentos fosse divulgado, deixando assim uma lacuna nas fontes pesquisadas como jornais da época, documentação da Federação Paulista e entrevistas com personagens que viveram o período.

Entretanto, alguns mestres alcançaram boa relevância, desenvolvendo e difundindo o boxe nacional durante o período estudado. Muitos deles são até hoje lembrados pela 'velha guarda' do boxe paulista, membros que comunidade pugilística que conviveram com os treinadores nos anos 1960, 70 ou 80, quando já eram velhos veteranos dos anos 1940 e 50. Ao analisarmos a trajetória esportiva, profissional e pessoal de alguns destes antigos mestres, temos como objetivo analisar qual era o perfil dos treinadores de boxe em São Paulo no período estudado, como trabalhavam e qual era sua relação com o esporte. Desta maneira, elencamos e analisamos alguns treinadores que atuaram entre 1940 e 1953, sem deixar de reverenciar aqueles treinadores que trabalharam em prol do boxe brasileiro e que não tem seus nomes citados no presente trabalho:

5.1 - Waldemar Zumbano

Discípulo dos irmãos Kid Pratt e Kid Jofre, Waldemar passou a atuar como auxiliar técnico de Aristides quando ainda era atleta, no início dos anos 1930. Zumbano

foi sem dúvida um dos treinadores brasileiros de maior relevância dos anos 1940 e 50, dando continuidade à sua atuação como técnico durante as décadas seguintes. Quando encerrou sua carreira como boxeador oficialmente, em 1942, o militante comunista passou a dedicar-se ainda mais à arte de ensinar, sem, contudo, abandonar outras funções dentro do cenário pugilístico como juiz, jurado, anunciador, organizador de eventos, professor de arbitragem, diretor de reuniões, presidente da União Pugilística Brasileira, entre outros.

Em 1944, Waldemar deixou de ser auxiliar de Kid Jofre na academia do São Paulo FC e passou a comandar sozinho o clube Espéria, que naquele ano era campeão de todas as três edições da Forja de Campeões promovidas pela Gazeta. No comando da principal equipe amadora do país, Zumbano revelou grandes nomes, como Pedro Galasso, Romeu Babosa e Paulo Sacomã, atletas que fizeram parte da elite do boxe nacional nos anos 1950. Nos anos 1970, outro aluno de Zumbano chamado Miguel de Oliveira atingiria grande relevância ao conquistar o título mundial profissional. Dentre os seus pupilos do Espéria estava Antonio Carollo, boxeador amador sem muita relevância dos anos 1940, mas que se tornaria um dos maiores treinadores do Brasil entre os anos 1960 e 1990.

Em 20 de julho de 1942, com apenas 16 anos, Antonio Carollo representou o Espéria em um evento na sede da Light, na avenida do Estado, em evento de comemoração da abertura do departamento da AA Light & Power. Dois anos depois, em maio de 1944, Antonio Carollo foi orientado por Waldemar Zumbano no Campeonato Popular da Gazeta, a Forja de Campeões, onde conquistou o título dos meio-médios na classe Novíssimos. Carollo não deu continuidade a sua carreira, retirando-se dos ringues em 1945 após seu casamento. Entretanto, passou a ensinar o boxe que aprendera com Zumbano na década seguinte, montando a equipe de boxe da Pirelli no final dos anos 1950. A grande quantidade de resultados positivos de seus pupilos fez com que Antonio Carollo passasse a dirigir a equipe brasileira em importantes competições internacionais, como no Pan-americano em São Paulo de 63, quando era auxiliar de seu antigo mestre, Waldemar. Carollo deveria ser auxiliar de Kid Jofre nos Jogos Olímpicos do México 1968, mas problemas de saúde de Jofre o impediram de viajar, deixando a direção da equipe aos cuidados de Carollo. Servílio de Oliveira, peso mosca atleta da Pirelli, conquistou uma inédita medalha de bronze ao boxe brasileiro, e Carollo se tornaria o técnico 'oficial' da seleção nacional, dirigindo a equipe nos Jogos Olímpicos de Munique 72, Montreal 76, Moscou 80 e Barcelona 92. Ter colaborado na formação de um treinador da grandeza de Antonio Carollo é, sem dúvidas, um dos maiores feitos do mestre Zumbano. O cunhado de Jofre foi superado por seu aprendiz

em número de participações olímpicas, uma vez que foi 'só' para duas edições dos Jogos, em Roma 60 e Tóquio 64, quando atuava como *head coach* da academia de boxe Wilson Russo.

Grande divulgador e incentivador do boxe no Brasil, Zumbano lançou o livro '*Box ao alcance de todos*' em 1951, tornando-se assim mestre indireto de milhares de entusiastas do esporte em todo Brasil. Logo na abertura do livro, Waldemar destaca que o maior objetivo do manual é levar o boxe àqueles que não tem acesso a ele. Ao compartilhar publicamente boa parte de seu conhecimento como treinador de boxe, Waldemar demonstrava que sua preocupação era com o esporte como um todo, e não o desempenho e vitórias apenas de seus pupilos. O presente trabalho aprofunda-se mais na trajetória de Waldemar Zumbano no capítulo 8 – Boxe e Revolução, onde falamos sobre seu ativismo político e sua atuação no cenário pugilístico, tanto como atleta, treinador e dirigente.

5.2 - Luiz Campos Soares, o Gaúcho

Enquanto Waldemar Zumbano é um dos antigos mestres do boxe mais frequentemente lembrado no meio pugilístico, seja pela fama de sua família, seja pela pluralidade de suas ações, Gaúcho é um importantíssimo preparador dos anos 1940 e 50 pouco lembrado pelos aficionados. No livro tido como a 'bíblia' da história do boxe brasileiro, 'Mitos e Histórias', de Henrique Matteucci, Gaúcho apenas é citado como um dos pugilistas que lutaram na rodada inaugural do Ginásio do Pacaembu, sem que suas décadas de atuação como treinador fosse mencionada. Sua trajetória como treinador de sucesso nos anos 1940 e 50, assim como nas décadas de 60 e 70 não são citadas pelo memorialista, sendo pouco lembradas também na informalidade. Entretanto, Gaúcho foi um dos mais importantes treinadores do Brasil entre 1945 e toda a década de 1950, chegando a dirigir o time de boxeadores brasileiros nos Jogos Olímpicos de Helsinki, em 1952, além de outras competições internacionais de grande relevância.

Luiz Campos Soares foi o primeiro treinador negro de destaque em São Paulo, já que seus contemporâneos eram todos de origem europeia ou argentinos. Ditão, que foi seu precursor como técnico do Corinthians, era negro como Gaúcho, mas suas atividades como treinador não chegaram a ter notoriedade. Já Gaúcho, entretanto, teve carreira sólida como treinador, formando inúmeros boxeadores e ganhando vários títulos ao clube em que construiu sua carreira, o Sport Cube Corinthians Paulista. Tal como Kid Jofre que passou décadas no São Paulo FC, Gaúcho chegou no Corinthians em 1945, e lá permaneceu como treinador até o final dos anos 1970. Antes de chegar

no clube alvinegro, o treinador nascido no Rio Grande do Sul teve vistosa carreira como boxeador, tanto amador como profissional.

Aos vinte anos de idade, em 1934, Luiz Soares trocou seu estado natal pelo Rio de Janeiro, então capital federal. Segundo seu próprio relato em uma entrevista¹⁰⁰, inscreveu-se na Academia Villaça Guedes, na Lapa, e com apenas vinte dias de treino o colocaram para lutar. Venceu a estreia e a partir de então passou a constar em programações amadoras na capital carioca. Forte, robusto e de boa altura, Gaúcho lutava como meio-pesado e pesado, variando de categoria no passar dos anos. Seu nome aparece como o meio-pesado do Flamengo a partir de 1934, defendendo o clube rubro-negro e diversas competições. Como profissão, o boxeador amador era “praça do 1º Batalhão da Polícia Militar”, como descreve reportagem¹⁰¹ de fevereiro de 1934. Quatro anos depois, Gaúcho era citado como “praça do 2º batalhão da Polícia Militar, aquartelado em Botafogo”, demonstrando que deu continuidade à sua carreira dentro da Polícia. Em 1940, quando já era profissional e residia em São Paulo, novamente sua atividade junto à Polícia Militar era mencionada, desta vez servindo ao estado de São Paulo. Segundo Newton Campos, que acompanhou Gaúcho até o final de sua trajetória no boxe, o treinador manteve suas atividades junto à Polícia Militar por décadas, porém não soube especificar qual era sua função dentro do órgão.

Como amador, Luiz Soares fez 26 lutas e foi campeão carioca e brasileiro, participando inclusive de um Sul-americano amador em Córdoba, na Argentina, em 1935, na sua única experiência internacional como atleta. No ano de 1937, aos 23 anos, Gaúcho deu início a sua carreira profissional, escolha que o faria a se transferir para São Paulo em 1939 em busca de maior número de combates. Como profissional, Gaúcho nunca foi uma unanimidade, vencendo adversários importantes, mas perdendo ou empatando de outros sem muita relevância. Entretanto, Gaúcho enfrentou alguns dos melhores boxeadores de sua época sempre oferecendo bons espetáculos. Contra o português Antonio Soares, já bastante citado neste trabalho, Gaúcho fez sete combates, onde venceu quatro, perdeu duas e empatou uma. Brasilino Fino, que era amigo de Gaúcho e um dos boxeadores brasileiros de melhor qualidade de sua época, fez duas lutas com ele, empatando ambas. Contra Norman Tomazulo, boxeador argentino que se tornaria treinador nos anos 1940 assim como ele, Gaúcho empatou uma e perdeu duas. Seu nome era constantemente citado como um dos expoentes do esporte das luvas no Brasil, ao lado de Rubens Soares, Attilio Loffredo, Isidro Sá, Jack Tigre, entre outros. Em 1938, após sua vitória sobre o valoroso cubano Kid Charol II

¹⁰⁰ Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, 4 de junho de 1938

¹⁰¹ O Radical, Rio de Janeiro, 9 de fevereiro de 1934

(primo de Kid Charol, um dos maiores nomes do boxe cubano nos anos 1920), o Diário Carioca escreveu:

A assistência delirou com o feito de Gaúcho, invadindo o recinto do ringue e carregando-o em seus braços. A vitória é bem mais expressiva se consideramos que Brasilino Fino, campeão brasileiro dos meio pesados, nos dois últimos encontros com Charol não logrou vence-lo de modo a evidenciar superioridade técnica. Numa previsão ousada, conservando esta marcha ascensional, Gaúcho será o futuro titular dos meio-pesados e quiçá dos pesados!

Gaúcho não venceu o título dos meio-pesados, mas subiu de categoria e conseguiu o cinturão de campeão brasileiro dos pesos pesados em agosto de 1940, quando derrotou por pontos o dono do título, Antonio Sebastião, que voltou da aposentadoria de cinco anos para disputar o título com Gaúcho. Pouco antes de conquistar o título, Gaúcho fez a luta estelar da inauguração do Ginásio do Pacaembu, em abril de 1940. Era seu sexto combate com Antonio Soares, e Gaúcho venceu por pontos em dez rounds, abrilhantando a primeira noite daquele espaço que se tornaria a casa do boxe brasileiro por quase vinte anos seguintes. Entretanto, a carreira de Gaúcho não decolou, ele fez apenas mais cinco lutas após conquistar o título brasileiro, e afastou-se oficialmente dos ringues em 1942 com o cartel de 12 vitórias, 6 derrotas e 7 empates. Não sabemos com quem Gaúcho treinava em São Paulo e no Flamengo, e apenas o nome de seu primeiro treinador (o carioca Villaça Guedes) aparece em reportagens, por isso é impossível traçar sua ‘árvore genealógica’ pugilística. Forçando a memória, Newton Campos disse que Gaúcho fora treinado por Oscar Davidson em São Paulo, no Espéria, mas tal informação não foi confirmada por nenhuma outra fonte.

Após sua aposentadoria em 1942, seu nome voltaria aos noticiários esportivos apenas em 1944, quando foi escalado como jurado de uma rodada de boxe na Penha, zona leste de São Paulo. Gaúcho era morador do Parque São Jorge, também na zona leste, próximo à sede do Corinthians, mas não sabemos que já morava na região antes da sua contratação para o clube ou se fixou residência no bairro após iniciar suas atividades na equipe em 1945. O Corinthians criou seu departamento de boxe em 1942 para participar do torneio amador da Gazeta Esportiva (Forja), e tinha como seu treinador o lendário Ditão. Diferentemente do São Paulo FC, que apadrinhou uma academia com ginásio, treinadores e atletas próprios (Academia Brasileira), o Corinthians montou sua academia na sua sede no Parque São Jorge e contratou um

treinador. Os resultados do time sob comando de Ditão foram tímidos em 42, 43 e 44, e em 1945 o clube anunciava sua nova contratação:

GAÚCHO É O NOVO TÉCNICO DE BOX DO CORINTHIANS – Luiz Campos Soares (Gaúcho), campeão brasileiro dos pesos pesados profissionais, acaba de ser contratado pelo EC Corinthians Paulista, para técnico de sua secção de pugilismo. [...] Benedicto dos Santos, que até aqui vinha treinando a turma corintiana, por não possuir diploma da Escola de Educação Física, em obediência as leis, foi obrigado a afastar-se daquele posto, todavia, acreditamos que continuará a ser útil àquela secção, como tem sido até aqui”¹⁰²

Baseados em um decreto de 1939, que obrigava treinadores esportivos em cidade com mais de 100 mil habitantes terem diploma de treinadores esportivos da Escola Superior de Educação Física, a diretoria do Corinthians dispensou o lendário Ditão e contratou Gaúcho. Luiz Soares formou-se na Escola de Educação Física treinador especializado em pugilismo em 1942, tendo como companheiros de curso Aristides Jofre, Waldemar Zumbano, Italo Hugo, Adriano Delauney, Oscar Davidson, Ernesto Kogler e o desconhecido Adrião Alves Nunes. Não eram raros cursos rápidos destinados a preparadores de pugilistas, cursos que visavam passar noções básicas da ciência da atividade física aos antigos treinadores que pautavam seus treinamentos em conhecimentos empíricos. Cabe mencionar que, além do diploma, a experiência boxística de Gaúcho era muito maior do que a de Ditão, já que fora atleta amador do Flamengo e como profissional durante meia década. Já Ditão teve carreira curtíssima, com apenas quatro lutas e menos de um ano de duração. Além disso, Ditão tinha dificuldades de locomoção devido às sequelas sofridas em seu último combate, o que muito provavelmente dificultava sua atuação como treinador. O departamento de boxe do Corinthians foi a primeira experiência profissional de Gaúcho como treinador, que não treinara nenhuma equipe antes de ser contratado pelo time paulistano.

No seu primeiro ano de comando da equipe, Luiz Soares repetiu o feito de Ditão no ano anterior, colocando os amadores do Corinthians na terceira colocação da Forja de Campeões de 1945. Com a participação do São Paulo, Palmeiras e Corinthians, os três maiores clubes futebolísticos da capital passaram a dar atenção especial ao boxe amador, investindo em seus departamentos de boxe, como nos aprofundamos no capítulo sobre a década de 1940. Desta maneira, os torneios promovidos pela Federação Paulista, em especial o Campeonato Popular de Boxe Amador da Gazeta, tinham grande importância para as equipes de times de futebol. No seu segundo ano de

¹⁰² Gazeta Esportiva, São Paulo, 30 de abril de 1945

comando da equipe, em 1946, Gaúcho levou o Corinthians para a segunda colocação coletiva, superando a potência que era o Floresta (Espéria), vencedor dos quatro primeiros campeonatos da Gazeta. O campeão foi o São Paulo FC, o primeiro a desbancar o Floresta no ano anterior, que ficou na terceira colocação em 1946.

O São Paulo de Kid Jofre seria o grande adversário do Corinthians de Gaúcho, já que o clube da família Zumbano-Jofre passou a vencer praticamente todos os campeonatos a partir de 1945. A disputa cruzou as cordas dos ringues e chegou até os treinadores, que disputavam o status de 'melhor treinador' paulista naquele fim de década de 1940 e início dos anos 1950. Kid Jofre levava vantagem, já que sua numerosa equipe lançava diversos nomes, um atrás do outro, fazendo com que o treinador nascido na Argentina recebesse grande atenção da mídia e dos dirigentes. Waldemar Zumbano, que ficou no Floresta entre 1944 e 1949, provava cada vez mais que não era um simples auxiliar de seu cunhado, mantendo o alto nível da esquadra que dirigiu por cinco anos. Gaúcho, por sua vez, mantinha seu trabalho com os amadores do Corinthians, lançando nomes como Geraldo de Jesus, prata no Latino Americano de 47 em São Paulo. Foi justamente nesta competição que os três mais destacados treinadores do período trabalharam juntos pela primeira vez. Wlademar Zumbano e Aristides Jofre foram inscritos como os treinadores da equipe juntamente com o carioca Santa Rosa, que começava a receber projeção como bom técnico de boxe. Gaúcho fez parte da equipe, mas fora escalado oficialmente como massagista, apesar de ter pupilos representando o Brasil na importante competição. Talvez Gaúcho fora inscrito como massagista pela impossibilidade de inscrever quatro técnicos oficiais, configurando assim como um treinador 'extra oficial'. Se atuou como massagista ou como treinador durante a competição, não sabemos, mas é fato que Gaúcho foi um massagista profissional.

É notável é relação entre a massoterapia e a comunidade boxística, existindo diversos casos de boxeadores, ex-boxeadores e treinadores que se tornaram massagistas, em sua maioria das vezes de jogadores de futebol. Gaúcho, que atuou por mais de três décadas no Corinthians, especializou-se como massagista, como lembra Newton Campos. O dirigente afirmou que a verdadeira profissão de Gaúcho era a de massagista, e que ser treinador de boxe era "uma boquinha pra ele". Cabe lembrar que Gaúcho dirigiu a equipe de boxe do Corinthians por todas as décadas de 1940, 50, 60 e 70. Um dos massagistas mais famosos do Brasil, Mário Américo, foi boxeador amador e profissional na década de 1930, categoria meio-médio. Mário Américo foi amador do Madureira Esporte Clube, no Rio, se profissionalizou em 1938 e lutou até 1940, aposentando-se com o tímido cartel de três vitórias, três derrotas e um empate. Mario Américo foi o massagista oficial da seleção brasileira de futebol durante sete Copas do

Mundo, de 1950 a 1974, tendo passado pelas suas negras mãos Pelé, Garrincha, Zagallo, Ademir da Guia, entre tantos outros grandes nomes. É ele uma das maiores celebridades dos bastidores do futebol brasileiro, mas poucos sabem que seu início no esporte foi através do boxe. Tobis, apelido de João dos Santos, chegou a ser campeão brasileiro dos leves em 1939 e lutou profissionalmente durante mais de 15 anos. Quando se aposentou, Tobis passou a integrar a equipe de Kid Jofre como massagista, tornando-se figura lendária no antigo ginásio da rua Santa Efigênia. Oscar Davidson, treinador de boxe de origem estoniana, trocou o departamento de boxe do Espéria em 1944 pelo cargo de massagista de futebol do Vasco da Gama, no Rio. Davidson também foi boxeador profissional entre 1929 e 1937, categoria peso pesado. No submundo do boxe, um dos motivos apresentados para o alto índice de massagistas boxeadores é que eles tinham dupla serventia, uma vez que eram de grande 'utilidade' em casos de brigas no campo. Com o avanço da fisioterapia e a diminuição das brigas generalizadas em jogos de futebol, pouco a pouco foram desaparecendo os massagistas boxeers.

Voltando ao trio de treinadores Gaúcho – Zumbano – Jofre, no Latino Americano de São Paulo em 47 foi a primeira vez que os três trabalharam oficialmente juntos, com seus pupilos obtendo bons resultados. Jofre fez dois campeões (Kaled Curi e Ralph Zumbano), Waldemar fez um (Jorge Matuk) e Gaúcho também fez um (Geraldo de Jesus). Interessante ressaltar que todas as medalhas de ouro foram conquistadas por boxeadores paulistas, e só uma prata veio por um carioca (Manuel Nascimento). Geraldo de Jesus, amador do Corinthians, ficou com o ouro entre os meio-pesados, resultado bastante comemorado pela mídia esportiva. Ainda naquele mesmo ano o trio de treinadores se reunia em uma 'Tuma Volante' da Federação Paulista, que percorria cidades do interior paulista fazendo lutas de exibição. O objetivo da expedição era difundir e promover o boxe fora da capital, e para tanto mandaram os três principais treinadores do estado para orientar seus pupilos em combates de exibição. Tal formação aconteceu novamente no ano seguinte, 1948, com uma equipe formada pelos melhores treinadores e atletas do Corinthians, São Paulo e Floresta (Espéria).

O bom resultado dos paulistas no Latino Americano de 47 fez criar expectativas sobre os Jogos Olímpicos de Londres em 48. Apesar de apenas paulistas terem sido campeões no torneio, lutas eliminatórias selecionaram para a Olimpíadas dois paulistas e dois cariocas. Geraldo de Jesus, o pupilo de Gaúcho campeão latino, foi cotado para representar o Brasil na categoria meio-pesado, mas a escolha de apenas quatro boxeadores para compor o time olímpico o deixou de fora. Os dois paulistas que viajaram à Inglaterra foram Ralph Zumbano e Vicentão, atletas de Kid Jofre, tornando óbvia a escolha do treinador do São Paulo FC para dirigir a equipe olímpica brasileira.

Gaúcho e Kid Jofre continuariam intercalando a preferência dos dirigentes para dirigir equipes de brasileiros no exterior. Em 1949, por exemplo, Gaúcho comandou o time nacional que participou do XXIII Campeonato Latino Americano em Guayaquil, no Equador. A partir de 1951, entretanto, começou a surgir polêmicas acerca do nome de Gaúcho. Para a participação do 1º Jogos Pan-americanos de Buenos Aires, a escolha do treinador se deu de forma confusa. A Confederação Brasileira de Pugilismo (atual CBBBoxe), que tinha sua sede no Rio de Janeiro, indicou um treinador carioca para dirigir a equipe, em sua grande maioria formada por paulistas. A Federação Paulista, que àquela altura era um órgão com bastante força política, exigiu que o treinador fosse algum dos técnicos paulistas, em preferência Kid Jofre. A exigência da Federação foi reforçada pelos jornais paulistas, que alegavam ser prejudicial aos atletas serem dirigidos por um treinador totalmente desconhecido a eles:

Considerando ser em quase todos os paulistas os amadores escalados, com exceção do peso mosca que é gaúcho, a entidade bandeirante do esporte das luvas fez sentir aos dirigentes da CBP a inconveniência da escolha de um técnico carioca para dirigilos, argumentando que é completo o desconhecimento dos elementos que iria ter sob suas ordens.

Baseados nesse critério, os dirigentes da FPP indicaram o nome de Kid Jofre, técnico dos mais abalizados, cuja folha de serviços ao pugilismo nacional é digna de encômios, e por ser ele profundo conhecedor dos amadores que constituem a equipe que nos representará no magno certame. [...] Entregues os amadores aos cuidados de Kid Jofre, que os conhece bem nos seus defeitos e qualidades, está o técnico bandeirante habilitado a submetê-los a um treinamento acurado, corrigindo as falhas e orientando-os durante as refregas em que se empenhar.¹⁰³

A Confederação então, seja por critério técnico ou como demonstração de poder, indicou Luiz Soares Gaúcho e não Jofre para dirigir a equipe, indicação ventilada na mídia esportiva. A indicação, entretanto, não foi aceita pela Federação Paulista, que fornecia sete dos oito pugilistas da equipe. Às vésperas da competição surgia a notícia de que Kid Jofre substituiria Gaúcho no comando do selecionado porque o “*treinador do Corinthians fez muitas exigências*”. A alegação de que Gaúcho teria colocado empecilhos ao seu comando da equipe, porém, não se aprofundou e não se justificou. Poucos dias depois o Correio Paulistano esclarecia que a substituição de Gaúcho por

¹⁰³ Correio Paulistano, São Paulo, 9 de fevereiro de 1951

Kid Jofre foi uma exigência da Federação Paulista, utilizando critérios técnicos para justificar a escolha:

*Não discutimos mérito e competência de Gaúcho, cuja dedicação a nobre arte não sofre contestação, mas julgamos que por todos títulos e justiça, o posto cabe a Kid Jofre, visto que seus pupilos sagraram-se, em maioria, campeões brasileiros e paulistas, os quais integram a equipe nacional que representará o Brasil nos Jogos Pan-americanos*¹⁰⁴

Gaúcho tinha dois pupilos no time selecionado para o Pan, o mesmo número de pupilos de Kid Jofre na equipe. Do Corinthians eram o leve Leo Kolton e o pesado Arlindo de Oliveira, já do São Paulo constavam o pena Pedro Galasso e o médio Paulo Sacomã. Na primeira edição da maior competição esportiva do continente americano, a equipe brasileira conquistou duas pratas com Sacomã e Lúcio Grotone, meio pesado santista. Lutando em casa, a Argentina fez oito campeões nas oito categorias de peso. Se no Pan de 51 Gaúcho foi preterido por Jofre devido a conflitos políticos entre as federações, nas Olimpíadas de 1952 nova polêmica cercaria a escolha do treinador, polêmica dessa vez baseada em critérios técnicos. Através do jornal Diário da Noite¹⁰⁵ podemos perceber que Gaúcho foi alvo de críticas pelo seu trabalho:

[...] após a escalação desses esmurradores, não aceitamos como boa a designação de Luiz Campos Soares para ser o técnico da delegação de box. Justificamos amplamente o nosso ponto de vista, depois surgiu uma série de críticas condenando o técnico pelo que vinha fazendo no que diz respeito ao preparo físico e técnico desses nossos representantes.

A reportagem, que acompanhou um dos últimos treinos do selecionado olímpico antes que embarcassem para a Finlândia, inicia-se com a observação acima, onde o Diário da Noite assume sua discordância na escolha de Gaúcho como treinador olímpico. Após longo texto que traz pequenas entrevistas com alguns dos boxeadores, além de breves avaliações das perspectivas e qualidades de cada um deles, a reportagem com o time olímpico brasileiro finaliza de forma um pouco mais positiva sobre Gaúcho:

¹⁰⁴ Correio Paulistano, São Paulo, 14 de fevereiro de 1951

¹⁰⁵ Diário da Noite, São Paulo, 28 de junho de 1952

CAÍRAM POR TERRA TODAS AS INVENCIONICES- como término desta reportagem, cabe esclarecer que caíram por terra todas as invencionices ultimamente lançadas contra o preparador Gaúcho, de que o mesmo estaria esgotando os seus pupilos com exercícios em demasia. Não foi exatamente isto que presenciamos quarta-feira no ginásio do Pacaembu, todos os esmurreadores sob sua direção apresentaram-se fisicamente em boas condições. Tecnicamente apresentaram-se com algumas falhas, entretanto isto não impede que possamos informar aos nossos leitores que a equipe brasileira está boa muito, boa mesmo”

Cabe observar que, por mais que Kid Jofre não tenha sido citado na reportagem com o time olímpico, semanas antes seu nome foi erroneamente divulgado como o treinador que acompanharia os boxeadores em Helsinki. Quatro meses antes dos Jogos Olímpicos, em fevereiro de 52, foi Kid Jofre quem acompanhou a delegação brasileira no Campeonato Latino Americano de Boxe em Lima, Peru. Mesmo com parte da imprensa contra, foi Gaúcho que dirigiu a equipe de cinco boxeadores brasileiros em Helsinki em julho, equipe esta que não contava com nenhum atleta do seu Corinthians. Havia um atleta do São Paulo FC, Pedro Galasso, aluno de Aristides Jofre que venceu uma luta e perdeu outra, resultado comemorado pelos dirigentes brasileiros.

As críticas sobre a capacidade de Gaúcho podem ser interpretadas de diferentes formas, sob o ponto de vista meritocrata, político e até racial. Luiz Campos Soares, politicamente, não tinha a mesma força de Kid Jofre ou Waldemar Zumbano, uma vez que não fazia parte do mais importante clã do boxe brasileiro. Sob a perspectiva da meritocracia, Jofre mostrava-se realmente um técnico mais vencedor do que Gaúcho, tendo seus pupilos do São Paulo mais resultados positivos que os do rival Corinthians. E sob a perspectiva racial, é relevante o fato que Gaúcho era o único treinador negro destacado naquele cenário pugilístico, apesar de haverem tantos boxeadores negros de relevância. Discorrendo sobre suas lembranças sobre Gaúcho, o presidente da Federação Paulista Newton Campos disse que “ninguém gostava dele. Era sério, sisudo, não brigava muito com os outros, mas era um técnico enérgico”. Disse ainda que “ele era crioulo, mas era racista. Não gostava de branco”. O entrevistado não deu mais detalhes sobre o suposto ‘racismo inverso’ que exercia Gaúcho, mas é notável que um dos seus atletas de maior destaque no Corinthians no início dos anos 1950 foi Leo Kolton, alemão naturalizado brasileiro. Gaúcho, entretanto, era adepto do que hoje é chamado ‘amor afrocentrado’, já que se casou com uma senhora negra como ele, que aparece ao seu lado em uma confraternização na sede do Corinthians, em almoço comemorativo pelos resultados na Forja de 1957. O filho do casal era um rapaz preto retinto, assim como Gaúcho, e também compunha a fotografia.

Pelas palavras do dirigente que conviveu décadas com Gaúcho, o treinador do Corinthians não era possuidor de grande carisma ou popularidade, fator que colaborou pelo seu enfraquecimento político dentro do boxe. Newton Campos narrou um fato ocorrido entre ele e Gaúcho, em ano não identificado, em ocasião de um congresso técnico que reunia os treinadores da Federação Paulista. Falando sobre seus métodos de treinamento, o corintiano disse *“Ah, eu chego na academia, faço os meninos se trocarem e sigo o treinamento deles. Esse negócio de aprender a caminhar é muita bobagem, ponho eles no ringue e vamos lá, eu falo pra eles ir pra frente”*. Campos, que apesar de ser grande conhecedor das técnicas do boxe nunca praticou a modalidade, respondeu que o correto seria inicialmente consolidar técnicas básicas, como o caminhar e a combinação de jab-direto. Como resposta, o ex-campeão brasileiro dos pesos pesados respondeu rispidamente: *“então, se você sabe tudo, vai lá você ensinar boxe pros garotos no meu lugar”*. Campos teria dito que a ocupação de técnico profissional era a de Gaúcho, que recebia salário de um clube para bem ensinar a juventude, portanto que ele deveria se atentar mais a temas técnicos. Gaúcho então, desafiou Campos para que ele falasse alguma coisa relevante sobre a técnica do boxe, e o dirigente explanou sobre algumas das técnicas usadas por Sugar Ray Robinson, boxeador estadunidense campeão mundial nos anos 1940 e 50. Após a fala de Newton, os técnicos presentes o aplaudiram, enquanto Gaúcho ficou quieto. Ao final da reunião, todos os treinadores saíram da sala e restou apenas Gaúcho, o que deixou Newton Campos amedrontado, pensando que seria agredido pelo corpulento treinador. Entretanto, Luiz Soares se aproximou de Campos e, estendendo a mão, lhe falou: *“desculpas por hoje, realmente o senhor me ensinou. Realmente eu não tenho escolaridade, tenho algumas dificuldades, e não esperava que o senhor fosse me ensinar alguma coisa. Obrigado”*. Segundo Newton Campos, após aquele episódio ele passou a gostar e respeitar Gaúcho, mesmo com seu temperamento introvertido e austero.

Sobre o temperamento rígido de Gaúcho, podemos citar a reportagem da Revista Placar de 7 de maio de 1976, quando o promissor João Mendonça era alvo de bastante assédio da mídia esportiva e de aficionados do pugilismo. A reportagem dizia que Gaúcho havia acabado de completar 31 anos de serviços ao Corinthians, e que o treinador não via com bons olhos o grande assédio sofrido por seu pupilo, que despontava como um grande nome do boxe brasileiro. *“O clima de promoção e sucesso que estão fazendo em torno dele pode acabar prejudicando-o. Tanto mais pra ele, que tem um temperamento instável e uma personalidade ainda não completamente formada”*, disse o professor, alegando que o convite excessivo a eventos, jantares e

entrevistas estavam atrapalhando a carreira de João Mendonça. A disciplina e retidão que o antigo treinador tentava impor a seu atleta não foram seguidas, e João teve um fim trágico. Acometido por alguma doença psíquica não identificada, João ‘enlouqueceu’ quando ainda estava no auge de sua carreira, quando estava com os títulos brasileiro e sul-americano dos super meio-médios em seu poder. Após valorosa carreira de 20 vitórias e um empate, João foi derrotado duas vezes seguidas em 1978, agravando seu quadro de saúde e afastando-o precocemente dos ringues.

João Mendonça foi o último grande atleta do treinador Gaúcho, vencendo o título sul-americano dos profissionais em 1977. Gaúcho manteve-se ativo no boxe por todas as décadas de 1950, 60 e 70, assim como seu antigo concorrente Kid Jofre. Porém, se o treinador nascido na Argentina alcançou o estrelato nas décadas seguintes, fazendo seu filho campeão mundial e produzindo diversos outros boxeadores de grande relevância, o técnico negro brasileiro viveu muitos anos no ostracismo, fazendo um trabalho tímido e singelo com os amadores do Corinthians. Praticamente sem trabalhar com boxe profissional, Gaúcho também foi pouco aproveitado pelos dirigentes do boxe amador brasileiro. Em 1961 o corintiano dirigiu uma equipe de amadores brasileiros em Buenos Aires, Argentina, em uma das únicas oportunidades junto ao selecionado nacional após compor o time olímpico de 52. A participação olímpica de Gaúcho foi única, já que em Melbourne 56 o treinador selecionado voltou a ser Kid Jofre, em Roma 60 e Tóquio 64 Waldemar Zumbano acompanhou os atletas, em México 68, Munique 72 e Montreal 76 quem dirigiu o boxe brasileiro foi Antonio Carollo. O presidente da Federação Paulista relatou que Gaúcho não morreu pobre, tinha uma condição material classificada como ‘normal’, com uma casa no Parque São Jorge, próximo do Corinthians. O treinador manteve-se ativo no boxe até onde sua saúde permitiu, se afastando da modalidade apenas quando já se encontrava idoso e com a saúde enfraquecida. Com sua desvinculação, a comunidade pugilística não acompanhou sua condição, recebendo a notícia de sua morte dois ou três meses após o ocorrido, em ano não identificado.

Luiz Campos Soares foi um bom amador nos anos 1930, campeão brasileiro profissional nos anos 1940, treinador olímpico nos anos 1950, dirigiu o Corinthians por mais de 30 anos, e mesmo assim seu nome é pouco lembrado dentro da comunidade boxística quando comparamos com Jofre ou Zumbano. Ao analisar a trajetória de Gaúcho como treinador, fica claro que sua projeção foi ofuscada pela notoriedade do clã Zumbano-Jofre, de quem foi concorrente direto por tantos anos. O auge de sua carreira como treinador, entre final dos anos 1940 e início dos anos 1950, foi coincidentemente o momento de início de maior projeção de Aristides Jofre e Waldemar

Zumbano. Alegar que Gaúcho não obteve tanto destaque quanto Kid Jofre devido a possíveis falhas técnicas seria uma injustiça, já que o treinador argentino também possuía metodologia bastante criticada. Apesar do seu alto número de atletas campeões, Kid Jofre também é reconhecido como um treinador que ensinava grosseiramente seus pupilos, estimulando-os a 'brigar' e 'andar pra frente'. O ex boxeador Nelson Goiaba de Oliveira, que foi amador no início dos anos 1950, relatou em entrevista que foi vítima de perseguição por parte dos dirigentes por 'não ser apresentável' para representar o Brasil no exterior. Negro, pobre e com falhas nos dentes, Goiaba perdeu injustamente sua vaga para representar o Brasil no Latino Americano amador de 1951 para Leo Kolton, boxeador branco, de origem alemã e proprietário de 'um comércio'. Kolton, coincidentemente, era pupilo do negro Gaúcho, e tinha suas fotos constantemente em destaque nos jornais, apesar de seus resultados como boxeador serem tímidos. Passados quase 70 anos do ocorrido, Goiaba elencou o racismo como um dos fatores para que ele, atleta, fosse preterido em lugar de um boxeador branco e empresário.

É fácil fazer a conexão entre o racismo sofrido por um boxeador e o desprezo por um treinador negro naquele Brasil dos anos 1940 e 50. Ao olharmos para os treinadores de futebol de sucesso, tanto de tempos passados como de atualmente, percebemos a discrepância entre o número de atletas e o número de treinadores e dirigentes negros. O racismo estrutural não poupou Gaúcho, tornando-o um personagem de fácil esquecimento no meio pugilístico. Ao escrever sobre treinadores em sua obra *'Boxe: Mitos e Histórias'*, Matteucci não se esquece de Celestino Caverzasio, Armando Kid Pratt, Chico Sangiovanni, Aristides Kid Jofre, Attilio Loffredo, Waldemar Zumbano, Oscar Davidson, Benjamin Ruta, Horácio Molina, Antonio Carollo, entre outros treinadores brancos, mas 'se esquece' de Gaúcho, o único negro dentre os treinadores de destaque do passado. O objetivo deste trabalho é, justamente não permitir seu esquecimento, trazendo-o à luz que ele merece, o de um dos arquitetos do boxe brasileiro.

5.3 - Oscar Davidson

O estoniano Oscar Davidson é um dos treinadores estrangeiros em atividade no Brasil de maior sucesso na década de 1940. Seu sucesso como treinador esteve atrelado ao clube Espéria, onde desempenhou a função de técnico por quase uma década. O clube oferecia diversas modalidades olímpicas, dentre elas o remo, praticado no rio Tietê, que ladeia a sede da agremiação esportiva. Após início nos anos 1920, o

departamento de boxe foi reaberto em 1935, mas não obtivemos a informação se Davidson era o treinador do clube desde o seu ano de reabertura. Em 1937, seu nome já constava como instrutor de boxe do Clube Espéria, orientando os treinamentos segunda, quarta e sexta das 19h às 21h. Em 1938, foi o estoniano quem recebeu o jovem Kaled Cury na academia de boxe, onde desempenhava a função que ocuparia até 1944.

Assim como quase a totalidade de seus colegas de profissão, Davidson foi boxeador profissional, possuidor de uma carreira sem muito destaque, mas merecedora de respeito. Reportagem do Correio de S. Paulo de 1934 dizia que Davidson, então com 26 anos, estava no Brasil fazia sete anos, tendo chegado em São Paulo em 1927. O europeu começara a praticar boxe em 1929, já habitando em seu 'novo' país, não contando com carreira amadora nem na Estônia nem no Brasil. Segundo Juvenal Queiroz, que foi seu aluno na década de 1930, Davidson praticava esqui em seu país natal. Em São Paulo seu nome aparece como participante de algumas provas de atletismo, principalmente arremesso de peso, prova que competia em 1936, quando ainda era boxeador. Todas 19 lutas de sua carreira profissional foram no Brasil, entre São Paulo e Rio de Janeiro. O europeu boxeceu num período bastante remoto, tendo sua estreia em 1929 no lendário Pavilhão Queirolo. Sem obter muito destaque na mídia, Oscar lutou ainda no Cassino Antarctica, Pavilhão Alcebíades, Estádio Paulista e Estádio Brasil, no Rio, todos locais estudados no presente trabalho no Capítulo 1. Dentre seus adversários mais importantes figura Arturo Godoy, boxeador chileno campeão sul-americano até hoje tido como um dos melhores pugilistas da história do Chile. Davidson foi nocauteado no primeiro round em luta no Rio de Janeiro, em 1935, recebendo muitas críticas da mídia sobre seu desempenho frente a Godoy. Obtivemos a informação que Francisco Sangiovanni era seu manager em 1935, sem conseguir a confirmação se era ele também o treinador de Davidson. Oscar aposentou-se em 1937, antes da inauguração do Pacaembu em 1940, não vivendo, portanto, o 'boom' dos anos 1940 quando ainda era atleta.

Em 1937 Davidson exercia concomitantemente a função de boxeador profissional e treinador do Espéria, situação muito comum na época. É grande o número de treinadores que começaram a atividade de educador quando ainda treinavam e lutavam, com incontáveis exemplos. Em 1955, por exemplo, Pedro Galasso foi recebeu a incumbência de ensinar boxe em um novo ginásio que a firma Wilson Russo inaugurava na rua da Consolação. Notícias¹⁰⁶ da época indicavam que a academia tinha

¹⁰⁶ Diário da Noite, São Paulo, 24 de fevereiro de 1955

como objetivo oferecer um local apropriado para que Galasso pudesse treinar e dar aulas para os funcionários da empresa, cujos donos eram amigos do boxeador. A carreira de Davidson como treinador foi alavancada pela movimentada década de 1940, e principalmente pela criação da Forja de Campeões, que originalmente recebia o nome de Campeonato Popular de Boxe Amador da Gazeta Esportiva. A primeira edição do torneio se deu em 1940, mas em 1940 Davidson já figurava como um dos treinadores de amadores de relevância dentro da Federação Paulista de Pugilismo. Em julho de 1940, ele dirigiu uma 'Turma Volante' da FPP que foi até Araçatuba, interior de São Paulo, participar das festividades de inauguração do novo estádio municipal Adhemar de Barros. O estoniano levou alguns pugilistas para que fizessem combates de exibição com boxeadores (ou aventureiros?) locais.

Em 1941 Davidson foi aprovado no exame da Escola Superior de Educação Física, de onde sairia diplomado em 1942. Enquanto seus colegas Kid Jofre e Waldemar Zumbano escolheram como modalidades para estudar o boxe e o basquete, Davidson escolheu o pugilismo e a massoterapia, sendo um dos únicos treinadores de boxe com diploma de massagista. Todos os formados elencavam duas ou três modalidades para se formarem durante o curso de um ano. Sua atividade como massagista, inclusive, começou antes mesmo que fosse diplomado, como por exemplo em março de 1941, quando viajou junto com a delegação do Espéria para participação em uma competição no Rio de Janeiro atuando como massagista.

O clube, que tinha como um grande incentivador o diretor italiano Mario Geri, incentivava o boxe desde antes da realização da Forja, recebendo diversas rodadas em sua sede. As eliminatórias paulistas para o Brasileiro de 1940, por exemplo, aconteceram no Espéria. Os amadores de Davidson levaram o Espéria a vencer os três primeiros Campeonatos da Gazeta, em 1941, 42 e 43. Com rodadas itinerantes, algumas das reuniões da Forja em seus anos iniciais eram no Espéria, como na final de 1943 onde o público chegou a 10 mil pessoas. Na primeira edição, o clube às margens do então límpido rio Tietê fez oito campeões, enquanto o segundo colocado, Academia Paulista de Kid Jofre e Waldemar Zumbano, fez apenas três. Na segunda edição, em 1942, o Espéria aumentou ainda mais sua superioridade, com 10 campeões, frente a 5 ouros do Guarani, vice colocado. A equipe de Kid Jofre e Zumbano ficou em terceiro com apenas três campeões. Em 1943, terceira edição da Forja, o Espéria adotou um novo nome, Associação Desportiva Floresta, pelo mesmo motivo que fez o Palestra Itália passar a se chamar Palmeiras. No ano em que estreava seu nome novo, o Floresta inscreveu nada menos que 60 pugilistas, número realmente impressionante. Poder-se-ia fazer um campeonato inteiro somente com os boxeadores inscritos pelo clube, o que

demonstra a força do departamento de boxe dirigido por Mario Geri e Oscar Davidson. Como resultado, o Floresta fez 17 campeões e 13 vice-campeões, muito acima do São Paulo FC que fez 4 campeões e 4 vices. O São Paulo FC fazia sua estreia no boxe, tendo como representante a equipe da Academia Paulista de Kid Jofre. Os bons resultados dos atletas de Davidson fizeram com que ele fosse o técnico escolhido para chefiar a equipe paulista que disputou o Brasileiro de 1943, no Rio de Janeiro, no campo do São Cristóvão. Metade (quatro) dos atletas da equipe paulista eram pupilos do estoniano, justificando assim sua convocação para comandar a equipe do estado. O Floresta manteria sua supremacia no boxe amador de São Paulo ainda por mais um ano, vencendo também a Forja de 1944, mas não mais com Oscar Davidson como treinador.

A equipe preparada por Oscar Davidson foi aumentando sua superioridade sobre as rivais ano após ano, até o ápice em 1943, quando conquistou quase o triplo de medalhas do segundo colocado. Davidson, que destacava-se como o treinador mais vitorioso de São Paulo naquela década de 1940, decidiu abandonar o departamento de boxe do Floresta em 1944 para se dedicar a outra atividade que também já desempenhava: a de massagista. Em sua autobiografia esportiva, o ex-boxeador Juvenal Queiroz, que era um dos amadores do Floresta quando Davidson abandonou o clube, relatou que *“[...] por volta de 1944 recebeu uma proposta para ser massagista de futebolistas. Considerando que Davidson vivia sempre em situação financeira um tanto precária, não vacilou em abandonar de uma vez pra sempre o mundo do soco em favor do mundo do chute”*. A ficha técnica do campeonato brasileiro de futebol de 1944, quando o campeonato ainda era disputado por federações estaduais, e não por clubes, comprova o relato de Juvenal. Dentre os escalados para representar a Federação Paulista de Futebol no Rio de Janeiro estavam o técnico Vicente Feola, o goleiro Oberdan, o atacante Leônidas da Silva e o massagista Oscar Davidson¹⁰⁷. Feola, 14 anos mais tarde, levaria a seleção brasileira de futebol a conquistar seu primeiro título do mundo, com um time que contava com outro massagista-boxeador: Mario Américo. Em 1946, o nome de Davidson começa a constar como massagista do Corinthians em jogos oficiais. Cinco anos depois, em 1951, ele viajaria com o time corintiano para Montevidéu, onde o time participaria de um torneio ‘quadrangular’. Pelas fontes consultadas, não ficou claro se Davidson foi contratado do Corinthians ou se trabalhava para o clube em oportunidades não continuadas, atuando como *free-lancer*. O fato é que ao abandonar a função de treinador do Floresta em 1944, Davidson deixou de ser um dos principais técnicos de boxe de São Paulo, posto alcançado à base de anos de

¹⁰⁷ Correio Paulistano, São Paulo, 29 de novembro de 1944.

dedicação no clube da Ponte das Bandeiras. Apesar de seu pupilo Juvenal Queiroz apontar que Davidson ‘abandonou de vez o esporte das luvas’, o estoniano ainda voltou a exercer a função de mestre de boxe em 1948, mas sem muito sucesso. Era ele o técnico do Clube de Boxe União Rádio naquele ano, quando ainda exercia a função de massagista para o Corinthians.

Analisando trajetória do treinador Oscar Davidson no boxe paulista dos anos 1930 e 40 podemos notar um ponto fundamental para o presente estudo. Mesmo sendo o treinador mais vencedor do boxe amador paulista em seus anos de atuação, mesmo recebendo apoio de um grande clube poliesportivo, mesmo sendo preparador de famosos pugilistas, mesmo sendo convocado por sua federação para comandar o selecionado estadual, Davidson abriu mão do boxe para dedicar-se a outra atividade que lhe renderia melhor estabilidade financeira. Entre ser o principal personagem de uma equipe de boxe e ser um ‘simples’ massagista de um time de futebol, o estoniano escolheu ser um coadjuvante do esporte da bola. O horário dos treinamentos que Davidson oferecia no Espéria em 1937 eram de treinos de duas horas três vezes por semana, no começo da noite, o que indica que durante o horário comercial Oscar deveria exercer outra atividade remunerada. Treinadores de boxe mal remunerados, ou que dependiam de outras atividades para complementar a renda, eram comuns nas décadas de 1930 e 40, como infelizmente ainda são em 2019. Se até os mais vencedores treinadores de boxe das décadas passadas não obtinham estabilidade financeira através do boxe, é fácil imaginar como sobreviviam treinadores menos renomados. O caso do treinador vencedor das três primeiras edições da Forja de Campeões nos traz essa reflexão. Os títulos não foram suficientes para mantê-lo no boxe, e seu afastamento acabou deixando o caminho aberto para outros treinadores consolidarem-se, como Kid Jofre, W. Zumbano, Gaúcho e Benjamin Ruta.

5.4 - Benjamin Ruta

O italiano Benjamin Ruta seguiu a ‘cartilha’ da maioria dos treinadores de boxe de sua época: iniciou-se como atleta amador, teve carreira profissional para posteriormente passar a exercer a função de técnico. Segundo Juvenal Queiroz, que conviveu com o treinador italiano, Ruta era originário de Napoli e chegou ao Brasil em 1925, com a idade de 12 anos. Radicado em São Paulo, foi na capital paulista que o napolitano iniciou-se no boxe, tendo como mestre o lendário Celestino Caverzasio, italiano como ele. Ruta mantinha relação próxima com seu país natal, chegando a passar alguns meses boxeando por lá após ter iniciado sua carreira profissional no

Brasil. Duas de suas viagens à Napoli, em 1935 e em 1956, foram noticiadas por periódicos da época. Sua origem italiana gerou inclusive uma dupla grafia de seu nome, já que aparece algumas vezes como Beniamino Ruta, mesmo que Benjamin fosse a forma mais utilizada.

Em 1932 o nome de Ruta constava como um dos amadores que participaria de uma rodada de boxe em benefício do boxeador Ditão, que necessitava de ajuda financeira devido ao seu quadro de saúde. O local da cidade de São Paulo em que ocorreu a programação não foi mencionado, nem mesmo o clube que Ruta defendia como amador. Em 1934, em evento de inauguração do Estádio Paulista no largo do Paissandu, o italiano peso meio-médio (welter) fez sua estreia profissional, fazendo a preliminar do evento Spalla vs Nilles. Na noite de estreia do estádio Paulista, lutaram também Waldemar Zumbano e Attilio Bianchi, dois boxeadores que se tornariam importantes treinadores, assim como Benjamin. Ruta inaugurou sua carreira junto com o Estádio Paulista e fez ainda mais três lutas naquele estádio, acompanhando o sucesso do novo local para lutas na capital paulista. O fechamento do estádio no final de 1934 acabou interferindo na carreira do boxeador, que decidiu passar uma temporada em sua terra natal.

Em junho de 1935, quando Beniamino tinha um ano de carreira profissional, o jornal Correio de S. Paulo¹⁰⁸ informava que o boxeador partia para uma temporada de dez meses na Itália, onde enfrentaria os melhores pesos médios do Velho Continente. O Estádio Paulista encontrava-se fechado e somente cinco reuniões pugilísticas ocorreram em São Paulo naquele ano, frente a mais de trinta eventos do ano anterior, quando Ruta se profissionalizou. Quando retornou da Itália, em fevereiro de 1936, o mesmo Correio de S. Paulo¹⁰⁹ informava que Ruta havia feito onze lutas entre Napoli, Roma e Genova, com sete vitórias, duas derrotas e dois empates. Tais lutas, entretanto, não constam em seu cartel oficial no BoxRec. No seu cartel, porém, consta um hiato de 14 meses entre suas lutas em solo brasileiro, justamente no período em que ficou longe do Brasil. Ruta, chamado de paulista pelo Correio de S. Paulo, viajou em meio à crise do boxe na cidade, quando retornou ao Brasil fez sete lutas no Rio de Janeiro e uma em Santos. Ruta voltaria a lutar em São Paulo somente em 1940, ano da inauguração do Pacaembu, onde o italiano fez quatro das 19 lutas que constam em seu cartel na plataforma BoxRec. Com modesto cartel oficial de 9 vitórias, 8 derrotas e 2 empates,

¹⁰⁸ Correio de S. Paulo, São Paulo, 19 de junho de 1939

¹⁰⁹ Correio de S. Paulo, São Paulo, 16 de fevereiro de 1936

Ruta teve uma carreira tímida, tendo como um dos seus principais adversários Waldemar Zumbano.

Em 1939, quando ainda era atleta, Ruta já começava a configurar como um dos nomes escalados para a arbitragem em lutas de amadores no Frontão da Boa Vista. Além de árbitro, Beniamino colaborava com a organização dos campeonatos de forma interessante: servia de sparring para testar boxeadores amadores inscritos nos campeonatos da Federação Paulista. Em 1941, por exemplo, Ruta subiu ao ringue com dezenas de jovens amadores para testá-los na prova de suficiência, exigência para a aceitação da inscrição no Campeonato Popular de Boxe Amador da Gazeta. Após alguns rounds de sparring com algum boxeador veterano, os amadores eram classificados entre estreantes, novos, novíssimos e veteranos. Os que não tinham domínio nenhum da técnica tinham sua inscrição negada, e os que já boxeavam tinham seu nível estabelecido no exame de suficiência. Em 1957, já com 44 anos e aposentado há mais de dez, Ruta era ainda um dos experientes boxeadores que testavam os novatos no exame de suficiência da Gazeta, em prova ocorrida na academia Guarani, onde ministrava os treinos. Uma curiosa foto publicada na Gazeta em maio de 1957 mostra um jovem senhor Ruta, de camisa, capacete, e a forma um tanto rechonchuda, fazendo luvas com jovens novatos sem camisa e físico atlético.

Em agosto de 1941, Ruta foi contratado pela Associação Atlética Guarani para ser o técnico de boxe do clube, substituindo o ítalo-argentino Norman Tomazulo. Em seu primeiro ano como treinador do clube, Ruta conseguiu colocar a equipe de amadores na segunda colocação da Forja de 1942, superando a tradicional Academia Paulista de Kid Jofre. Naquele ano, o clube ficava na zona leste de São Paulo, no bairro Parque São Jorge, à rua São Jorge número 704. Em 1946, o departamento de boxe do Guarani migrou para a Academia Bandeirante, que ficava no centro da cidade. A academia ficava no Parque Dom Pedro II, número 72, no primeiro andar. No começo dos anos 1950, porém, a academia que Ruta ministrava aulas mudou novamente de endereço, sem, porém, deixar o centro da cidade. A academia foi para a rua Genebra, número 17, no Bela Vista (Bixiga), próximo ao terminal Bandeira e ao vale do Anhangabaú.

Ruta colaborava ativamente como dirigente na Federação Paulista, atuando como árbitro e jurado durante muitos anos seguidos a partir de 1939. Em 1943, seria um dos membros do Departamento de Juízes e Árbitros da FPP, juntamente com Attilio Bianchi, Bruno Mufatti, Italo Hugo, entre outros. Foi jurado e árbitro de inúmeras rodadas, tanto amadoras como profissional, por diversos anos seguidos até 1957,

quando a Federação Paulista o escalou para ser árbitro de combates de Luta Livre, a popular “marmelada”. Em 1957 e 58 seu nome e sua imagem aparecem constantemente em eventos de *catch* que lotavam o recém-inaugurado Ginásio do Ibirapuera. Cabe lembrar que a modalidade, mesmo em sua versão teatralizada, era gerida pela Federação de Pugilismo, órgão a quem Ruta prestava serviços. Sua atuação como árbitro de *catch* não interferiu no seu trabalho com o boxe, tanto como árbitro tanto como treinador, já que durante todos os anos 1940 e 50 manteve-se ativo no pugilismo.

Seus anos de atuação como mestre de boxe o alçaram a uma posição de destaque dentro do cenário pugilístico no meio da década de 1950, como podemos observar na coluna Saco de Areia, publicada pelo Diário da Noite¹¹⁰ em 1955:

Um dos males do pugilismo brasileiro tem sido a falta de técnicos. Na verdade, poucos são os coachs especializados em box existentes no Brasil. Dessa forma os existentes estão sobrecarregados de serviço, como por exemplo acontece com Aristides Jofre, Benjamin Ruta e Attilio Loffredo. Como é natural, a falta de técnicos é muito prejudicial para o desenvolvimento da nobre arte em nosso país.

Apesar de não citar outros técnicos importantes naquele período no Brasil, tal como W. Zumbano, Higino Zumbano, Attilio Bianchi e Luiz Gaúcho, o texto é um indício da posição de destaque que ocupava Ruta no meio da década de 1950. No mesmo ano em que foi veiculado tal texto, Beniamino inscreveu pelo Guarani 20 pupilos na Gazeta e levou o clube a ser vice-campeão Paulista, atrás apenas do São Paulo FC, a maior potência boxística da época. Ainda em 1955, um dos seus pupilos mais famosos, Milton Rosa, conquistou uma valorosa medalha de Prata nos Jogos Pan-americanos do México. Milton infelizmente não foi para a Olimpíada de 56, mas sua carreira profissional foi muito vitoriosa, alçando-o a posição de um dos principais boxeadores do país na década de 1950. Sua série invicta de 22 vitórias foi parada em 1958 de forma trágica, quando quase veio a óbito após confronto com outro invicto, Paulo de Jesus, quando não era mais treinado por Ruta. Nocauteado no nono round, Milton Rosa ficou mais de uma semana em coma, entre a vida e a morte. Felizmente o ex-pupilo de Ruta sobreviveu e não teve sequelas, mas foi obrigado a se afastar permanentemente do boxe.

Outro aluno de Benjamin Ruta que figura entre os principais boxeadores brasileiros dos anos 1950 foi Nelson de Oliveira, conhecido com Goiaba. Com 87 anos em 2016, ano em que concedeu algumas entrevistas para a realização deste trabalho,

¹¹⁰ Diário da Noite, São Paulo, 1 de fevereiro de 1955

Goiaba trouxe informações valiosas sobre Ruta e sobre sua relação com o treinador. O italiano foi o primeiro professor de boxe de Goiaba, em 1946 ou 47, na Academia Bandeirante, que fazia parte do clube Guarani. Naquele ano, a academia encontrava-se no Parque Dom Pedro, centro de São Paulo, e os praticantes deveriam pagar uma mensalidade de 10 cruzeiros. Goiaba nos trouxe a valiosa informação de que Ruta trabalhava apenas com boxe, tirava seu sustento exclusivamente de sua atividade como treinador, diferentemente de vários outros técnicos estudados no presente trabalho. Sua academia era sempre cheia, tanto de atletas como de alunos não-competidores, que frequentavam o curso de boxe, de ginástica e de luta livre. Nelson chegou a frequentar a Academia Paulista, tendo aula com Higino Zumbano, antes de se inscrever na Academia do Guarani, mas sua passagem pelo ginásio de Kid Jofre foi muito curta.

Goiaba treinou com Ruta por três anos, entre 1947 e 1950, sem que despertasse nele o desejo de competir na modalidade. Beniamino, porém, sempre incentivou o jovem migrante negro para que se lançasse como atleta, apelo acatado somente em 1950. Ruta dizia a Nelson que quando comesse a competir, não precisaria mais pagar a mensalidade, pois competidores tinham gratuidade em seu ginásio. Além da economia com a contribuição mensal, Nelson também teria acesso a pequenos benefícios monetários, dinheiro suficiente para ‘tomar um lanche’ quando participasse de competições amadoras. Tais ofertas não convenceram Nelson enquanto ele ainda estava empregado, mas em 1950, após anos treinando e vendo-se pela primeira vez sem renda fixa, resolveu dedicar-se ao pugilismo amador. Goiaba disputou alguns campeonatos representando o Guarani, sendo treinado por Beniamino Ruta e o técnico alemão chamado Fritz Selten, que segundo o ex-boxeador *‘sabia mais boxe que o próprio Ruta’*. Visando participação nos Jogos Olímpicos de Helsinki em 1952, Nelson disputou uma seletiva olímpica no final de 1951, onde enfrentou Leo Kolton, atleta do Corinthians alemão naturalizado brasileiro. Goiaba foi derrotado em resultado controverso, ficando de fora do time olímpico. O antigo peso meio-médio relatou que o fato de seu adversário ser branco e empresário influenciaram o resultado da luta em seu detrimento, negro, servente de pedreiro e com baixa escolaridade.

A derrota injusta desmotivou Goiaba, então com 22 anos, que decidiu buscar novos ares para sua carreira e trocou São Paulo pelo Rio de Janeiro. Goiaba foi militar na equipe de pugilismo do Flamengo, sob comando do treinador Santa Rosa, onde obteve bons resultados como amador. Foi campeão Brasileiro amador em 1952, representando o Rio de Janeiro, e convocado para representar o Brasil no Latino Americano de 1953, em Montevideo. O time qual Goiaba fazia parte conquistou cinco ouros com Pedro Galasso, Paulo de Jesus, Nelson de Andrade, Valdemar Adão e Lucio

Grotone, sem que Goiaba subisse no pódio. Após esta importante competição internacional amadora, Nelson de Oliveira decidiu profissionalizar-se, voltando a treinar com seu antigo treinador italiano em São Paulo para dar este passo em sua carreira.

Ao retornar à São Paulo para dar início à sua carreira profissional, Goiaba não encontrou alojamento e alimentação, tal como recebia no Flamengo. Porém, Beniamino Ruta construiu um *'barraco bem-feitinho de madeira'* para Goiaba morar nos fundos da academia Guarani, que se transferira para rua Genebra, na região do Bela Vista, bairro de origens negras com marcante presença italiana. Morando nos fundos do ginásio, Goiaba ficou responsável por abrir e fechar a academia, além de auxiliar Ruta a ministrar os treinos. O italiano também morava no espaço da academia, porém em uma construção apartada do quatinho de Goiaba, onde vivia com sua família. A esposa e dois filhos eram sustentados pelos proventos de Beniamino como treinador, embora nenhum dos filhos praticasse a modalidade. Durante quase dois anos Goiaba era atleta e auxiliar técnico de Ruta, enquanto o italiano era seu treinador e também seu manager, já que era responsável por 'fechar' os combates para o boxeador. Em seus dois primeiros anos como profissional, entre maio de 1953 e junho de 55, Goiaba realizou 21 combates, uma média de quase um combate por mês, número bastante elevado. Seus resultados, porém, não eram regulares, possuindo 10 vitórias, 6 derrotas e 5 empates em seus primeiros dois anos de atividade. Analisando a carreira de Goiaba, tanto em seus anos iniciais como em sua totalidade, podemos defini-lo como um *journeyman boxer*, boxeador que possuiu boa qualidade técnica e física, mas não ao nível de ser bem cuidado por empresários e promotores. Basicamente, seria um boxeador mediano que, sem ter respaldo de dirigentes, é 'jogado aos leões', sem zelo por sua carreira ou preocupação com resultados negativos em seu cartel. Famoso por nunca escolher um adversário, Goiaba tem seu cartel final BoxRec de 50 lutas, 19 vitórias, 21 derrotas e 10 empates, números que retratam como sua carreira de *journeyman boxer* foi construída.

Nelson Goiaba morou com Beniamino Ruta nos fundos de sua academia no Bixiga por dois anos, e pouco antes de casar-se decidiu viver em outra casa. Em 1955, já casado e não mais vivendo com o treinador italiano, Goiaba aceitou a proposta de um treinador argentino que havia acabado de chegar em São Paulo e trocou de preparador. Horácio Molina, que fez muita fama em São Paulo na segunda metade da década de 1950, trabalhou com Goiaba como treinador, manager e empresário. Nelson, porém, não recorda com prazer do treinador argentino, a quem se refere como um *"comerciante do boxe, um negociante"*. Quando questionado se Molina era desonesto ou se o usou para ganhar dinheiro, o senhor de quase 90 anos pediu para *'deixar pra lá esse assunto'*, demonstrando incômodo em abordar sua relação profissional com o argentino. Goiaba

confirmou que fora prejudicado por treinadores e empresários várias vezes durante sua carreira, mas referiu-se a Ruta com muito respeito e carinho, diferentemente de sua postura quando relembrou sua relação com Molina. Além de Ruta, Fritz (alemão auxiliar de Ruta) e Molina, Goiaba também foi treinado por W. Zumbano em sua carreira profissional, a quem se refere de forma respeitosa e saudosa.

Outro pupilo de Benjamin, Otávio Lucas, foi quem substituiu o treinador italiano durante alguns meses em 1956, quando o técnico viajou para seu país natal junto à sua esposa, viagem esta noticiada pela Gazeta Esportiva. Não obtivemos a informação se Otavio Lucas viva com Ruta na academia, tal como fora com Goiaba, mas é nítido que o treinador escolhia algum pupilo seu para servi-lo de braço-direto e ajudante no ginásio, algo muito comum dentro do mundo do boxe. Naquele mesmo ano Ruta foi escolhido para ser o treinador do Departamento de Boxe da Mappin Store, que funcionaria na própria academia do Guarani, no Bixiga. Na segunda metade dos anos 1950 diversas empresas e fábricas abriram departamentos de boxe, alguns com projeção no cenário competitivo, outras com objetivo de oferecer a modalidade aos seus funcionários e associados. Dentre as empresas-academias, surgiram em 1955 a Wilson Russo e em 1957 a Pirelli, equipes que se tornariam grandes potências pugilísticas em suas épocas. O departamento do Mappin, o qual Ruta se responsabilizou, não teve grande projeção. O ano de afastamento de Ruta de suas atividades pugilísticas é incerto, assim como o ano de sua morte. Seu último atleta de destaque foi, entretanto, Abraão de Souza, que obteve uma história medalha de ouro nos Jogos Panamericanos de 1959, em Chicago.

Assim como outros treinadores, tais como Waldemar Zumbano, Attilio Bianchi e Attilio Loffredo, Ruta atuou em diversas áreas do pugilismo, não limitando-se apenas a preparar boxeadores. Foi árbitro, jurado, manager e empresário, demonstrando seu alto grau de envolvimento com diferentes esferas do boxe. Formar novos competidores e preparar boxeadores foi, porém, a principal marca de Ruta, atividade que desempenhou continuamente durante décadas. Foi Ruta quem convenceu o talentoso Nelson de Oliveira a tornar-se competidor, ao notar que o jovem que treinava em sua academia há anos tinha potencial. Ao oferecer gratuidade nos treinamentos de rapazes que competiam, Ruta deixava claro seu objetivo em formar novos atletas, oferecendo um pequeno benefício financeiro aos que se engajassem desta forma com a modalidade. Gratuidade aos atletas de uma academia não era uma exclusividade de Ruta, sendo algo muito comum no mundo do boxe por diferentes fatores: possibilitar que pessoas em má situação financeira possam praticar boxe, incentivar o boxe competitivo e proporcionar um marketing à equipe. Apesar de não receber diretamente benefícios econômicos por preparar um novo atleta amador, Ruta sabia que o nome de sua

academia (e conseqüentemente seu nome como treinador) estaria em evidência ao participar de campeonatos, atraindo assim mais alunos pagantes. Dar gratuidade à competidores seria uma espécie de investimento por parte do treinador, uma vez que a notoriedade de fazer um pupilo campeão atrairia mais alunos, patrocínios, investimentos. O fato de que Ruta morava no mesmo espaço onde funcionava a academia demonstra também o alto grau de envolvimento do treinador com sua profissão, chegando ao nível em que é difícil separar sua vida profissional da vida pessoal. Trazer um atleta para morar consigo escancara tal situação, onde Ruta estava imerso completamente no mundo do boxe. O modo de vida adotado por este treinador dos anos 1940 e 50 é ainda hoje, em 2019, relativamente comum entre treinadores de boxe, onde não se consegue distinguir onde termina a relação pessoal/familiar e onde começa a relação esportiva/ profissional. Se vivesse no século XXI, Ruta, talvez, faria tudo como fez à sua época.

5.5 - Attilio Loffredo ¹¹¹

Filho dos imigrantes calabreses Enrico Loffredo e Paschoalina Falbo, Attilio Loffredo foi o treinador dos anos 1940 e 1950 que teve a mais destacada carreira como atleta. Chamado de Lofredão para ser diferenciado de seu irmão mais novo Oswaldo Loffredo (Loffredinho), o paulista realizou 76 combates oficiais entre 1929 e 1946, contabilizando longos 17 anos de carreira profissional. Discípulo do lendário mestre Celestino Caverzasio, Loffredo era um dos amadores da equipe do treinador no início de 1928, época bastante remota. Quando Loffredo iniciou-se no boxe ainda não existiam a Federação Paulista e a Confederação Brasileira de Pugilismo, o que tornava raro as competições amadoras. Sem a existência de campeonatos organizados, Loffredo participou no amadorismo de algumas reuniões pugilísticas em 1928 e 1929, chegando a enfrentar seu companheiro de equipe Attilio Bianchi, que posteriormente se tornaria importante treinador como ele. Em julho de 1929 Loffredo deu início a sua carreira profissional, carreira que perduraria por longos 17 anos, contando com um hiato de seis anos entre a penúltima e a última luta, de 1940 a 1946. Os longos anos de atividade do boxeador Lofredão o fizeram se apresentar em lugares icônicos do boxe paulista, como no Circo Queirolo, Piolin, Alcebiades, Cassino Antarctica, Estádio Paulista, lutando inclusive na noite de inauguração do Pacaembu. A longa carreira também fez com que Attilio flutuasse bastante nas categorias, lutando como pena no amador, leve, meio-médio e médio no profissional. Foi como peso meio médio (welter) que Loffredo

¹¹¹ Seu nome também aparece constantemente grafado sem repetição nas consoantes: Atílio Lofredo.

conquistou o título de campeão brasileiro em 1938. O paulistano do bairro da Aclimação chegou a disputar o título brasileiro dos médios em 1940, mas foi vencido por pontos pelo boxeador-sambista Rubens Soares.

Em 1934, quando já figurava como um dos principais boxeadores brasileiros, Loffredo migrou para o Rio de Janeiro junto com Caverzasio, buscando fugir da crise do boxe paulista iniciada em 1935. Porém, o pupilo de Caverzasio voltou a estabelecer-se em São Paulo novamente, passando a treinar com Francisco Sangiovanni. Após pouco tempo nas mãos de Sangiovanni, Loffredo decidiu voltar a trabalhar com Caverzasio, com quem permaneceu até a sua morte em 1939. Em abril de 1940, menos de um ano após o falecimento de seu treinador, Loffredo parou de lutar, sem, porém, afastar-se do boxe. Seu último combate foi na inauguração do Pacaembu, em 28 de abril de 1940, exatamente no mesmo dia em que completava 30 anos de idade, em luta que perdeu a disputa do título de campeão brasileiro dos médios. Seu irmão mais novo Oswaldo Loffredo, havia ganhado os títulos brasileiros dos médios em 1938 e dos meio-médios em 1939, e Attilio passou então a ser seu treinador. Em 1943, três anos após sua última luta oficial, Lofredão era escalado para compor o corpo de arbitragem da Federação Paulista de Pugilismo em rodadas amadoras.

Em 1946, empolgado com o sucesso da temporada internacional que acontecia em São Paulo, Lofredão resolveu voltar aos tabladados, com a idade de 36 anos. Bem acima do peso e fora de forma, o antigo campeão brasileiro dos meio-médios contou novamente com Sangiovanni para entrar em forma e fazer uma boa apresentação frente a Viriato Monteiro, angolano naturalizado português. O veterano recebeu 12 contos de réis para fazer sua luta de despedida, valor mais alto que já teria recebido em toda sua carreira¹¹². Quando anunciou seu retorno aos tabladados, após seis anos de ausência, foi submetido a um ‘exame de suficiência’, onde teria sua condição física e técnica avaliada pela Federação Paulista para que esta o autorizasse a lutar profissionalmente novamente. A prova de suficiência foi assim noticiada pelo Jornal de Notícias de 20 de setembro de 1946:

“OTIMA FORMA DE ATILIO LOFREDO - O veterano Attilio Lofredo, que para surpresa geral voltará aos tabladados dia 24 enfrentando o português Viriato Monteiro, demonstrou que ainda é realmente um pugilista com grandes qualidades, qualidades estas que o fizeram um dos melhores homens do país em sua categoria. Exercitou-se primeiramente, enfrentando um amador, tendo se saindo airoso uma vez que

¹¹² QUEIROZ, Juvenal. *No Mundo do Boxe*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1969.

ainda é possuidor de notável esquivas de corpo e de cabeça. Todavia, mostrou que ainda precisa de maior treinamento para adquirir maior agilidade e folego. Executando-se em seguida contra [Tonico] Zumbano, mostrou que poderá lutar contra qualquer adversário. Diante de sua exibição, Lofredão foi aprovado”.

Apesar de não ser noticiado como tal, o combate contra o luso-angolano foi sua luta de despedida definitiva dos ringues. O combate, que recebeu críticas da mídia por sua monotonia, terminou empatado após 10 rounds. Com o empate, Loffredo encerrou definitivamente sua carreira com o cartel de 53 vitórias, 13 derrotas e 8 empates. Filho de comerciante italiano dono de padaria, Attilio seguiu o traço de profissional liberal de seu pai e passou a trabalhar com oficinas de chaves. Loffredo montou um chaveiro na rua Dom José de Barros, no coração do centro de São Paulo, entre a Praça da República e o Teatro Municipal. Além do boxe, o ofício de chaveiro acompanhou Lofredão por toda sua vida, até o ano de sua morte em 1971. Quando faleceu, o antigo boxeador dos anos 1920 trabalhava em uma oficina de chaveiro na avenida Prestes Maia, próximo à Praça do Correio, além de ainda ensinar boxe. Bom comerciante, Loffredo chegou a ter cinco chaveiros no centro de São Paulo, contando como um de seus aprendizes o futuro campeão mundial Eder Jofre. Quando tinha apenas 11 anos, em 1947, Eder foi ajudante de Loffredo em uma de suas oficinas, aprendendo o ofício de serralheiro. Em 1948, o Chaveiro Ópera, de propriedade de Loffredo, era um dos locais de venda de adesões para um almoço em homenagem aos boxeadores paulistas que participaram da Olimpíada de Londres naquele ano¹¹³.

Em 1947, um ano após afastar-se definitivamente dos ringues, Attilio Loffredo mantinha proximidade com o boxe de diferentes formas. Como dirigente, Loffredo fez parte da União Pugilística Brasileira, sendo um dos membros do Conselho Fiscal da organização pró boxe. Como treinador, foi em 47 que o ex campeão brasileiro passou a comandar sozinho uma relevante equipe de pugilismo. Com experiência como preparador de boxeadores ao treinar seu irmão mais novo, Lofredão foi chamado para dirigir o departamento de pugilismo da General Motors Esporte Clube, em São Caetano. Bruno Mufatti, treinador, árbitro, dirigente e militante do pugilismo, convenceu o presidente do General Motors EC, Horácio Hartman, a oferecer boxe aos seus associados. O clube de São Caetano já oferecia futebol, natação, tênis de mesa, basquete, xadrez e boliche, e o ginásio de boxe foi inaugurado em um belo evento dia 7 de setembro de 1947. O evento contou com lutas oficiais organizadas pela FPP, com boxeadores do São Paulo FC, Floresta, Guarani, Corinthians e Radium. Bruno Mufatti,

¹¹³ Jornal de Notícias, São Paulo, 19 de agosto de 198

que intermediou a contratação de Loffredo pela General Motors, era amigo próximo do boxeador, tendo inclusive o apresentado a Isaura Lee, moça filha de pai chinês que foi casada com Attilio até o final de sua vida. O casal teve seis filhos, sendo que um deles, Paulo Loffredo, seguiu os passos do pai e é treinador de boxe atualmente, em 2019. Paulo foi um dos entrevistados para a realização da presente pesquisa., trazendo contribuição gigantesca para o estudo.

Diferentemente de outras academias ligadas a empresas e indústrias, o General Motors não teve grande representatividade no cenário pugilístico, servindo de trampolim para o bom trabalho realizado pelo treinador Loffredo. Em maio de 1949, menos de dois anos depois da entrada do técnico no General Motors, o Palmeiras informava a Federação Paulista a contratação de seu novo treinador, Attilio Loffredo. Trabalhando em um grande clube e com forte tradição no pugilismo, Lofredão fez firmar ainda mais seu nome no rol dos grandes treinadores, ao lado de Kid Jofre do São Paulo, Gaúcho do Corinthians, Waldemar Zumbano do Floresta, entre outros. Amigo próximo da família Zumbano-Jofre, Loffredo sempre esteve próximo do clã, levando seus pupilos para treinar na academia do São Paulo, enquanto Jofre trazia seus atletas para o ginásio do antigo Palestra Itália. Em 1951, Loffredo lançava pelo Palmeiras um dos seus mais brilhantes atletas, Paulo de Jesus. Levado ao Palmeiras por um amigo para tentar uma vaga de goleiro no clube, o morador de Pinheiros ficou atraído pelo boxe ao assistir um treino comandado por Loffredo, embaixo da arquibancada do Parque Antártica. Paulo de Jesus venceu praticamente todos campeonatos amadores que disputou no Brasil, participou da Olimpíada de Helsinque 52 e foi campeão latino americano amador em Montevideu em 1953. Nos Jogos Olímpicos, o pupilo de Loffredo chegou a vencer uma luta contra representante da Suécia, mas perdeu nas oitavas-de-final para boxeador da potência União Soviética.

Técnico formador do melhor boxeador amador de 1952 e 53, Loffredo foi convocado para dirigir a equipe paulista que disputou o Campeonato Brasileiro de 1953, no Rio de Janeiro. Além da estrela Paulo de Jesus, estavam na equipe o peso mosca Eder Jofre (em seu primeiro ano como amador), Sebastião Ladislau 'Gibi', Luisão e Milton Rosa, todos boxeadores que se tornariam grandes ídolos do boxe nacional nos anos seguintes. Após um hiato de um ano em 1954, Paulo de Jesus procurou Lofredão para profissionalizar-se em 1955, dando início a uma vitoriosa carreira também no profissionalismo. Dono de uma popularidade extraordinária, Paulo de Jesus foi um dos principais boxeadores da segunda metade dos anos 1950, sendo o primeiro brasileiro a fazer uma luta estelar no lendário Luna Park, em Buenos Aires. Aposentou-se em 1959 com o excelente cartel de 31 vitórias, 3 derrotas e 2 empates, marcando seu nome na

história do pugilismo. Especialistas e memorialistas do boxe brasileiro indicam Paulo de Jesus como o maior nome do boxe nacional antes de Eder Jofre, mesmo que não tenha conquistado títulos internacionais.

Quando Paulo de Jesus procurou seu antigo mestre, Loffredo, para profissionalizar-se, em 1955, o treinador já não trabalhava mais para o Palmeiras, passando a atuar em outro clube de futebol. Loffredo trocou o Palmeiras pela Portuguesa de Desportos, que àquele ano ainda tinha sua sede no largo São Bento, no centro. O clube, que se transferiria para o Canindé somente em 1956, não possuía estrutura para uma academia de boxe, o que fez com que Loffredo procurasse outro ginásio para preparar os boxeadores lusos. No início de 55 foi inaugurada a Academia de Horácio Molina, manager e treinador argentino que trazia boxeadores para eventos no Brasil há alguns anos e transferira-se para São Paulo. Loffredo uniu-se a Molina e levou seus atletas para serem treinados em sua academia, que ficava na Alameda Gleite, próximo na Avenida São João, região central de São Paulo. Além do departamento de Boxe da Portuguesa, os boxeadores do Santa Marina Atlético Clube, preparados pelo técnico Paraná, também passaram a treinar na recém-inaugurada academia de Molina. Em 1956, Loffredo levou a Portuguesa ao título coletivo no Torneio de Novíssimos 'Mario Geri', organizado pela Federação Paulista em homenagem ao amigo dirigente do Espéria.

Assim como fez no Palmeiras, Loffredo não 'criou raízes' na Portuguesa, e sua passagem pelo clube durou cerca de dois anos. Em 1957, Lofredão teve rápida passagem pelo departamento de boxe da Associação Desportiva Refiunião, agremiação esportiva da empresa homônima. A AD Refiunião ficava na rua Borges de Figueiredo, na Mooca, e contou com os trabalhos do técnico de boxe Attilio Loffredo por pouco tempo. Em janeiro 1958, Lofredão trocou a Refiunião e passou a ser o treinador da Máquinas Moreira SA, também na Mooca. Interessante notar como o surgimento de academias de boxe com origem industrial, comerciária ou empresarial tornou-se um nicho importantíssimo para os treinadores de boxe paulistas na segunda metade da década de 1950, criando um mercado onde os técnicos tinham oferta de emprego. Lofredão não fez como Kid Jofre ou Gaúcho, que fixaram-se em um clube durante toda a carreira como treinador, mas isso não o impediu de continuar exercendo com maestria sua atividade, compartilhando com seus pupilos os conhecimentos adquiridos nas décadas de dedicação ao pugilismo. Quando faleceu, em 1971, ainda 'puxava' treinos, aos 61 anos, levando seus pupilos na Academia de Kid Jofre, na Santa Cecília, aliando sua paixão pelo boxe com sua profissão de chaveiro.

Estudar a trajetória esportiva do treinador Attilio Loffredo nos ajuda a montar o quebra-cabeça sobre o boxe brasileiro dos anos 1940 e 50. Mesmo sendo técnico de bastante relevância, tendo produzido atletas da maior grandeza, Lofredão sempre conciliou sua atividade esportiva com sua carreira de comerciante do ramo de chaveiros. É notável a necessidade em se buscar outras formas de subsistência por parte dos treinadores, obrigando os técnicos a se dividirem entre o boxe e uma profissão. Poucos treinadores tiveram o privilégio de se dedicar exclusivamente ao boxe, como Kid Jofre e Ruta, o que possibilitava uma maior entrega à modalidade. A instabilidade do mercado pugilístico também fez com que Loffredo flutuasse em diversas academias, passando pela General Motors, Palmeiras, Portuguesa, Refiunião e Máquinas Moreira entre 1947 e 1958. Ainda assim, o herdeiro do lendário Caverzasio deu continuidade ao trabalho de seu mestre, formando grandes nomes do boxe brasileiro. Além do ícone Paulo de Jesus, Loffredo foi treinador de diversos expoentes do nosso boxe, como do campeão brasileiro Nelson de Andrade, um dos mais vitoriosos boxeadores dos anos 1950. O espanhol naturalizado brasileiro Felipe Cambeiro, um dos mais famosos pupilos de Loffredo, foi único brasileiro a derrotar Carlos Monzón, maior boxeador argentino de todos os tempos. Cambeiro chegou a derrubar por duas vezes a lenda argentina, vencendo-o por pontos no Rio de Janeiro em 1964. Seis anos depois, em 1970, Monzon venceu o título do mundo em Roma ao nocautear o italiano Nino Benvenuti, dando início a um largo reinado entre os pesos médios. Tanto por sua carreira como boxeador como por seus feitos como treinador, Attilio Loffredo deve ser lembrado como um dos maiores personagens do boxe paulista e brasileiro.

Apêndice 1 - Imagens relativas aos capítulos 1, 2, 3 e 4

FIGURA 01: Newton Campos, aos 92 anos, concedendo entrevista ao pesquisador em 2016 – FOTO: Padu Palmério.

FIGURA 02: Nelson de Oliveira, o Goiaba, concedendo entrevista aos 88 anos de idade – FOTO: Padu Palmério

03 – Chamada para evento da empresa Madison Square Paulistano, que seria realizado no Cassino Antárctica, que ficava no Anhangabaú em 1930. FONTE:- A gazeta Esportiva, São Paulo, 22 de março de 1930.

04 – Chamada para evento no Frontão do Braz com o pugilista lusitano Tavares Crespo. O Frontão, que recebia partidas de Pelota Basca, ficava na Ladeira Porto Geral. - FONTE: Diário Nacional, São Paulo, 16 de agosto de 1930

05 –Francisco Sangiovanni, um dos treinadores pioneiros em São Paulo. FONTE: A Batalha, Rio de Janeiro, 12 de novembro 1932

06 – Propaganda da Academia Paulista, de Sangiovanni, no Almanach Esportivo de 1929. FONTE: Almanach Esportivo, São Paulo, 1929.

KID PRATT, O "MANAGER" DE ROBERTO RUHMANN, QUE HONTEM NOS VISITOU

07 – O argentino Kid Pratt foi um dos pioneiros com o boxe em São Paulo na década de 1920. FONTE: A Batalha, Rio de Janeiro, 1 de março de 1932

UM CENTRO DE CULTURA PHYSICA

Os cuidados de Kid Pratt para com seus discipulos

Houve já quem muito acortadamente soube dizer que a riqueza material de uma nação está na perfeição física de seu povo.

E' esta uma grande verdade, pois o que podia esperar uma patria de seus filhos, se dentro de suas fronteiras não se tratasse com carinho da sua eugenia?

Quem acompanhou com interesse o homemse progredir dos nossos diversos ramos esportivos, deve, por certo, reconhecer o impulso formidavel que se notou nestes dola ultimos lustros, em que quasi todos os clubes não se contentaram em ficar só no futebol, que na verdade é um esporte bastante salutar.

Não só nesta capital, como no interior, existem diversos clubes que além do futebol, praticam o atletismo, bola ao cesto, etc.

Aqui em S. Paulo, contamos com tres Academias ou Escolas de Cultura Physica, onde diariamente muitos alumnos dos esportistas, trabalham pelo aperfeiçoamento do physico e conservação da saúde.

Ha, ellas ficamos conhecendo um destes grandes centros da cultura physica, para o qual tivemos volvida a nossa attenção, pela ordem que em tudo seguimos, e também devido à maneira com que são tratados aquelles que se agasalham debaixo do seu tecto.

Esta Academia é dirigida pelo conhecido tecnico e competente treinador Kid Pratt, que já tem feito muito pela nossa mocidade esportiva, sendo á estimulado por todos que o conhecem.

Kid Pratt, antes de tudo, cuida muito da saúde de seus discipulos. Os seus ensinamentos revelam cabalmente o quanto á este conhecedor do corpo humano e da arte de treinar.

Durante os exercicios, "quandá" a quantas vezes tendem-vos auscultar o coração, contar as pulsações cardiacas, observar a tensão dos nervos, dos muscos entregues nos seus cuidados profissionais.

E', em verdade, um treinador conhecho de seus deveres e meticoloso nos seus ensinamentos.

UM EXEMPLO QUE DEVIA SER IMITADO

Antes de um pupilo principiar os seus exercicios, Kid Pratt, submette-o a um rigoroso exame, conforme tivermos a oportunidade de observar.

E' admiravel se vêr a paciência com que o mestre tecnico toma todas as medidas de seus pupilos, obedecendo á todas as mais meticolosas

na Academia do conhecido treinador. Depois do exame, que foi feito, observaram-se as seguintes medidas:

Altura, 1,672 — Peso, 65 kilos. — Thorax no natural, 90 cms. — Thorax em dilataç, 98 cms. — Capacidade do pulmão (aspirometro), 31 litros. — Cintura, 74 cms. — Coxa direita, 50 1/2. — Coxa esquerda, 50 1/2. — Largura da perna direita, 25 cms. — Largura da perna esquerda, 26 cms. — Braço (biceps) direito, 28 cms. — Braço (biceps) esquerdo, 27 cms. — Antebraço direito, 28 cms. — Antebraço esquerdo, 27 cms. — Envergadura das bracos, 60. — Perimetro das espaduas, 35. — Perimetro das

Estas medidas, não são muito comuns de ser encontradas, no entanto, o coefficiente que accusa depois da extrahida a média, foi o de uma pessoa de constituição boa, porém, longe de ser esportista.

Esta papoleta foi assignada por dois competentes medicos que discourreram a respeito do estado sanitario do examinado que declararam ser de todo bom. Mais tarde daremos os resultados que tuturamente este discipulo de Kid Pratt por certo irá conseguir á si obter, cuidadosamente nos exercicios, determinados pelo competente tecnico.

O que podemos afirmar é que se todos os clubes e agremiações esportivas contatassem com um homem da tempera de Kid Pratt, por certo que em bem pouco tempo conseguiriamos bastante, no campo da nossa eugenia.

Os juizes para os jogos de polo aquatico

Não sabemos o titulo suposto para criticar os juizes que actuaram nos jogos de polo aquatico, realizados domingos na piscina da Athletics...

Queremos apenas apontar algumas erros graves, pelos quaes devese ja responsabilizar a Federação Paulista das Sociedades de Desporto.

No primeiro lugar — o mais importante, como é natural — notase a maneira facil com que são escolhidos os juizes. Estes, que em geral são jogadores, por sua coincidência extraordinaria, são justamente escolhidos para arbitrar jogos cujo resultado irá reflectir nos interesses do seu proprio clube.

Ora, por mais honesto e competente que seja um arbitro, quando

Kid Pratt, o competente tecnico, que já de ha muito vem prestando relevantes serviços á nossa mocidade.

08 – O treinador de boxe Armando Jofre alcançou sucesso como preparador físico – FONTE: Diário Nacional, São Paulo, 28 de fevereiro de 1931.

141

09 – O italiano Celestino Caverzasio, mestre pioneiro. – FONTE: A Batalha, Rio de Janeiro, 28 de fevereiro de 1932

10 – Celestino Caverzasio e seu atleta Oswaldo Loffredo, o Loffredinho, no final da década de 1930 - FONTE: Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, 29 de setembro de 1939

11 – Os pugilistas de Caverzasio, como o português Antonio Rodrigues, tinham seus nomes sempre relacionados ao do treinador – FONTE: A Batalha, Rio de Janeiro, 7 de março de 1931

12 – Propaganda em jornal da Academia Kid Pratt, onde Kid Jofre iniciava sua carreira como treinador– FONTE: Correio de S Paulo, São Paulo, 14 de dezembro de 1932

13 - Equipe paulista campeã do Brasileiro Amador de 1945, quando Kid Jofre já possuía bastante destaque com seus amadores. Da esquerda para a direita, estão: Kid Jofre, José Domenech, Waldomiro Melo, Candido Adão, Ralph Zumbano, Manoel Padial, Carlos Vieira da Silva, Vicentão, Alfredo Ramos, Waldemar Zumbano e Arrigo Bevilacqua (arbitro). FONTE: A Gazeta Esportiva, São Paulo, 29 de setembro de 1945

13 – No final dos anos 1950 Kid Jofre colhia os louros pelas conquistas de seus atletas profissionais, como Pedro Galasso e Luisão. FONTE: A Gazeta Esportiva, São Paulo, 6 de dezembro de 1957

14 – Waldemar Zumbano no início dos anos 1950, quando já se configurava como um dos melhores treinadores nacionais – FONTE: Jornal de Notícias, São Paulo, 14 de outubro de 1951

15 – Ilustração de Luiz Soares Gaúcho quando na disputa do título brasileiro dos pesados em 1940 – FONTE: O imparcial, Rio de Janeiro, 15 de fevereiro de 1940.

Aristides Jofre e Luiz Campos Soares (Gaúcho)

Técnicos de box que levaram seus clubes à vitória, no Campeonato de Box da A GAZETA ESPORTIVA

O XIV Campeonato Popular de Box Amador de A GAZETA ESPORTIVA terminou, no último sábado, da forma mais brilhante possível, pois a última rodada do Campeonato Gigante foi um verdadeiro festival da "nobre arte".

Não queremos aqui, recapitular a grandiosa jornada, mas sim prestar uma justa homenagem a duas figuras que serviram de alcorce, de viga-mestras a esse certame: Aristides Jofre e Luiz Campos Soares (Gaúcho).

Kid Jofre, técnico do São Paulo Futebol Clube, conquistou, pela

gura do nosso homenageado. Ao nosso particular amigo Aristides Jofre, nossas sinceras felicitações e o nosso muito obrigado...

Luiz Campos Soares é o verdadeiro nome daquele grande coração que se oculta sob o pseudônimo de Gaúcho. Grande coração, grande amigo, grande esportista. Por vezes várias, Gaúcho se distinguiu em nosso certame. Neste ano, porém, quando da inscrição dos elementos que integrariam a equipe de seu clube — o glorioso Sport Club Corinthians — fê-lo sem alarde, sem pretensão, modestamente. Mas, com o correr das rodadas do Campeonato Popular, o Corinthians agigantou-se, a fibra alvi-negra tomou corpo e conquistou a vice-liderança do certame. Fê-lo brilhante e honroso. Parabéns a você, amigo Gaúcho.

Aristides Jofre Luiz Campos Soares (Gaúcho)

Terçaram armas e braram-se os v

16 – Na década de 1950, Gaúcho disputava com Kid Jofre a liderança do boxe paulista. FONTE: A Gazeta Esportiva, São Paulo, 18 de maio de 1955.

director esportivo.

DAVIDSON FOI VÍTIMA DE UM ACCIDENTE. QUANDO TREINAVA

Por esse motivo o boxeur esthoniano não pelejará hoje, no Rio, contra Galluso

DAVIDSON

Num treino, ante-hontem, quando se preparava para a peleja que deveria

17 – O estoniano Oscar Davidson foi um bom peso pesado nos anos 1930 e um dos principais treinadores do início dos anos 1940 - Correio Paulistano, São Paulo, 29 de setembro de 1934

Benjamim Ruta embarca hoje para a Italia

O popular pugilista espera brilhar no Velho Mundo

Recebemos, hontem, a visita do conhecido pugilista profissional Benjamim Ruta, um dos melhores que possuímos.

Ha questão de dias, fizemos um commentario analysando a situação do pugilismo em São Paulo, e dissemos que, ao pouco, teriamos que perder todos os nossos "boxeurs", pois, ninguém mais quer se aventurar em organizar reuniões pugilísticas em nossa Capital.

Benjamim Ruta, um jovem pugilista de grandes qualidades, muito poderá fazer na Italia, onde permanecerá por espaço de oito ou nove meses.

Pretende realizar varios combates com os médios locais, para se aperfeiçoar e então, voltará ao Brasil, onde pretende continuar a sua carreira.

Pelo seu estylo e coragem, cremos que difficilmente Ruta fará má figura. Qualidades para brilhar no Velho Mundo não lhe faltam. Dependerá muito, é verdade, do factor sorte.

Um pugilista nas condições em que se encontra Ruta, se conseguir agradar nos primeiros combates, triumphará definitivamente, mas, ao for infeliz no principio, a reabilitação tornar-se-á bem difficil.

Ruta, em conversa com a nossa reportagem, mostrou-se muito animado.

Está actualmente atravessando uma fôrma das melhores e dahi a confiança que deposita em seus punhos.

O EMBARQUE NO VAPOR "CAMPANA"

Ruta embarcará esta tarde, por volta das 15 horas, pelo vapor "Campana", em Santos.

Não podendo, por falta de tempo, despedir-se dos seus innumerados amigos e admiradores, por intermedio do "Correio de São Paulo" agradece o acolhimento fraternal que sempre teve na Paulicida, nas varias luctas que aqui realizou.

Ao jovem pugilista, desejamos brilhantes feitos nas terras italianas.

BENJAMIN RUTA, embarcará esta tarde para o Velho Mundo

18 – O italiano Beniamino Ruta manteve ligação com seu país natal durante carreira como atleta e como treinador. Foi um dos principais técnicos dos anos 1950 - Correio de S Paulo, São Paulo, 19 de junho de 1935

19 – Attilio Loffredo foi ídolo como pugilista nos anos 1920 e 30, para depois ser um dos melhores treinadores do país nos anos 1940 e 50. - A Gazeta Esportiva, 20 de julho de 1930

20 – Lofredão preparando um pugilista da Portuguesa na Academia Horacio Molina, em 1956 - A Gazeta Esportiva, São Paulo, 5 de abril de 1956

Capítulo 5 - Anos 1940 : um passo à frente

Foi na década de 40 que o boxe alcançou outro patamar no Brasil, com consolidação das Federações, maior difusão entre clubes, incentivo de clubes futebolísticos, massificação perante o grande público e realização de campeonatos históricos. Se os anos 1920 e 30 o boxe ainda era um esporte pouco estruturado, com escassez de treinadores, poucos campeonatos relevantes, pouco incentivo ao amadorismo, ausência de um local fixo para a realização de eventos, nos anos 40 iniciaria uma mudança significativa na estrutura geral do boxe brasileiro, mudança essa que se consolidaria nos anos 1950. Entre os anos 1930, onde o boxe brasileiro ainda lutava para se estruturar, e 1950, década em que o boxe era um dos esportes mais populares do Brasil e os atletas nacionais começavam a ganhar importantes títulos internacionais, houve a fértil década de 40. Nesta década é que foi semeada a áurea década de 1950, com mudanças significativas em pouco espaço de tempo. Dentre os fatores que tornam a década de 1940 tão importante para o boxe paulista e brasileiro, se destacam:

- Inauguração do Ginásio Municipal do Pacaembu;
- Campeonato Popular de Boxe Amador da Gazeta;
- Abertura/reabertura de boxe nos clubes de futebol;
- Proliferação de boxe em clubes de bairros;
- Fortalecimento do boxe em associações trabalhistas;
- Grande temporada internacional de 1946;
- Latino-americano de 47,
- Olimpíadas de Londres 48;
- Profissionalização da geração de 1949.

Como dito anteriormente, Aristides Jofre foi um dos principais elos de ligação entre o longínquo anos 20 e a fértil década de 1940, juntamente com Attilio Loffredo, Gaúcho Soares, Attilio Bianchi, Benjamim Ruta e Waldemar Zumbano. Todos estes nomes citados são personagens que, ativos no boxe desde o final dos anos 1920, chegaram à década de 1940 ocupando papel de relevância no cenário esportivo. No começo de suas atividades como treinador no final dos anos 20, Kid Jofre contava com a parceria de seu irmão, Kid Pratt, que lhe abriu as portas de sua academia para que ele se aprofundasse no universo do boxe. Com o afastamento do irmão da atividade de treinador na metade da década de 1930, Aristides se associou ao seu cunhado

Waldemar Zumbano, formando uma vitoriosa dupla de técnicos junto ao seu ex-pupilo. Zumbano e Jofre trabalharam junto por muitos anos, sendo responsáveis pela preparação de centenas de boxeadores nas décadas seguintes. Assim como Kid Jofre, Waldemar Zumbano também é remanescente dos anos 1920, cruzou a crise de 1935 e chegou na década de 1940 com larga experiência esportiva. Em 1941, Jofre e Zumbano participaram de um curso de 'Técnico Desportivo' organizado pela Escola Superior de Educação Física, que visava oferecer à treinadores de boxe acesso à estudos científicos da atividade física. Após um ano de curso, formaram-se treinadores de boxe em 1942 os já atuantes Aristides Jofre, Waldemar Zumbano, Luiz Gaúcho Soares, Italo Hugo, Adriano Delauney, Oscar Davidson, Ernesto Kogler e o desconhecido Adrião Alves Nunes. A Escola Superior de Educação Física ainda não tinha uma sede própria, e os cursos e aulas eram em locais rotativos, como no Clube Espéria, Clube Regatas Tietê, Esporte Clube Pinheiros, entre outros. A Escola Superior foi criada em 1931 e seria integrada à Universidade de São Paulo somente em 1969. Este curso em 1941, é a primeira vez que se tem notícia em que treinadores de boxe foram submetidos a conhecimentos acadêmicos sobre atividades físicas, uma vez que até a referida oportunidade os técnicos tinham seus conhecimentos obtidos de forma empírica. A participação no curso ofereceu aos técnicos participantes acesso, ainda que superficial e rápido, ao ambiente acadêmico e científico, algo tão distante de suas realidades. Os treinadores ativos nos anos 1940 foram beneficiados por mudanças significativas na estrutura do pugilismo nacional, mudanças essas que nos aprofundamos neste capítulo.

6.1 - Inauguração do Ginásio Municipal do Pacaembu

Tal como vimos no Capítulo 1 do presente trabalho, no início da década de 1940 o boxe paulista encontrava-se 'desabrigado', sem um local fixo para a realização de suas reuniões. Com o fechamento do Estádio Paulista, no largo do Arouche, em fins de 1934, não havia um local que recebesse reuniões boxísticas regularmente na cidade. Após não ocorrer nenhuma rodada de boxe profissional em São Paulo nos anos 1936, 37 e 38, em 1939 foram reorganizadas rodadas no Frontão da Boa Vista e no ginásio da Associação Atlética São Paulo, na Ponte Grande. O renascimento do boxe profissional na capital se deu em 1939 na mesma lógica que nos anos anteriores: em locais particulares e que não ofereciam estabilidade. Foi somente com a inauguração de um aparelho público, o Ginásio Municipal do Pacaembu, que o boxe encontrou condições favoráveis de se desenvolver.

No ano de inauguração do Ginásio foram realizadas sete rodadas profissionais, enquanto o Frontão da Boa Vista realizou duas rodadas em suas dependências. Em 1941, ano seguinte da inauguração, os números ainda eram tímidos, mas o Pacaembu já ocupava papel de destaque, já que todas as seis rodadas profissionais ocorridas na cidade foram realizadas no Ginásio. Cabe lembrar que a realização do Campeonato Popular da Gazeta não aumentou o número de rodadas profissionais no Pacaembu, uma vez que o torneio amador era realizado em diferentes locais da cidade, nas sedes dos clubes participantes. Nos dois primeiros anos de utilização do Pacaembu pelo boxe, 1940 e 1941, os principais nomes que atraíam o público ao ginásio eram de pugilistas nacionais, tais como Tonico Zumbanão, Gaúcho, Tobis, W. Zumbano e Lofredão. Foi em 1942 que empresários paulistas começaram a trazer fortes nomes internacionais para se apresentarem no ginásio, aproveitando a estrutura do complexo esportivo para realizar lutas de caráter internacional. Em novembro de 42, por exemplo, o ex-campeão sul-americano dos pesos pesados, o chileno Arturo Godoy, enfrentou o estadunidense Roscoe Toles perante o público no Pacaembu. O boxeador negro do Alabama encontrava-se na Argentina, lutando em terras portenhas há um ano, quando foi trazido ao Brasil para enfrentar o ídolo chileno. Em junho de 42 veio ao Pacaembu outro forte nome internacional, o espanhol Jose Martinez de Alfara, que com mais de 100 lutas profissionais no cartel superou o português radicado no Brasil Antonio Soares. O espanhol também encontrava-se na Argentina, explicitando a ligação que o cenário pugilístico profissional paulista tinha com o mercado platino. As boas lutas internacionais ocorridas na cidade em 42 passaram a ser classificadas como o “*renascimento do boxe paulista*” pela mídia esportiva, renascimento este exaltado desde o início do recorte temporal desta pesquisa, em 1928. Hoje, em 2019, ainda se fala em renascimento do boxe no Brasil, explicitando o saudosismo crônico e histórico que cerca este esporte.

Em 1943 não houveram rodadas profissionais no Pacaembu e nem em nenhum outro local de São Paulo. O boxe amador, entretanto, arrastava multidões ao Floresta (Espéria), Juventus e Corinthians, alguns dos locais que receberam rodadas da Forja de Campeões. O boxe amador chegaria com força no Pacaembu somente em 1944, com a realização do torneio triangular entre atletas do São Paulo FC, Floresta e selecionado do Rio. O público, mesmo que acostumado com a gratuidade em eventos amadores, pagou o ingresso para assistir a lutas de alto nível no ginásio Municipal, trazendo um novo status ao boxe amador em São Paulo. Além do torneio triangular, o Pacaembu recebeu naquele ano o desafio Brasil vs Uruguai em outubro e o Campeonato Brasileiro em novembro, também com ingressos tarifados e sucesso de público. Além das grandes programações amadoras, o Pacaembu recebeu todas as três

rodadas profissionais que ocorreram na cidade. A partir desde ano de 1944, o Pacaembu seria o espaço exclusivo onde eram organizadas rodadas profissionais em São Paulo por 13 anos seguidos, com exceção de 1951 onde uma única rodada profissional foi organizada em outro local que não o Ginásio Municipal.

Em 1944 e 1945, os nomes que atraíam o público ao estádio municipal eram nomes nacionais, como o lendário Zumbanão, o que podemos chamar de ‘primeiro rei’ do Pacaembu. Desde que inaugurou o Pacaembu, em abril de 1940, Tonico Zumbano fez 19 das suas 20 lutas no ginásio Municipal, tornando-se uma das maiores atrações de público do novo local de espetáculos esportivos em São Paulo. Em 1946, ocorreu uma grande temporada internacional de pesos pesados em São Paulo, temporada esta que ofereceu 14 reuniões internacionais no Pacaembu. Outras 11 programações profissionais foram realizadas no Ginásio Municipal, totalizando 25 programações profissionais naquele ano. Em maio, no evento Urlich vs Soares, jornais noticiavam que foram colocados mil assentos cadeiras-extra nas gerais, mas mesmo assim, mais de três mil pessoas ficaram de fora. Os números das vendas assim ficaram: gerais 4.300, cadeira ringue 796, poltronas 750 e cadeira semi ringue 367, totalizando 6.213 pagantes. A Gazeta Esportiva anunciava que “*não foram contabilizados os ingressos gratuitos, que não foram poucos*”, o que nos dá margem para arredondar o número de presentes no ginásio para cerca de 7 mil pessoas, gerando renda de 112.640 cruzeiros.

Além das lotadas reuniões de profissionais de 46, o Pacaembu também recebeu algumas programações amadoras, como o desafio entre brasileiros e argentinos no feriado de 12 de outubro daquele ano. Além disso, praticamente todas as rodadas profissionais tinham como preliminares combates amadores, proporcionando pequenas bolsas até mesmo para os boxeadores amadores. Kaled Curi, que foi um dos atletas a participar de preliminares no Pacaembu, escreveu em sua biografia que aquele ano foi um ‘estrondo’, tanto para amadores como para profissionais. Em 1947, apesar das reuniões profissionais internacionais que ocorreram no Ginásio, a mais importante competição pugilística realizada no Pacaembu foi o Latino Americano Amador, que aconteceu em novembro. O público encheu o ginásio para ver os amadores brasileiros enfrentarem argentinos, uruguaios, chilenos e bolivianos. Lutando em casa, o Brasil sagrou-se campeão coletivo, empatado com o Uruguai. O boxe profissional paulista passou por uma entressafra em 1948, já que seus velhos ídolos estavam aposentados e seus jovens valores ainda buscavam o sonho olímpico do amadorismo. Foi com a profissionalização da ‘geração de ouro’ do mestre Kid Jofre em 1949 que o boxe profissional retomou posição de destaque, com nomes como Ralph Zumbano, Kaled Curi e Vicentão enchendo o Pacaembu semanalmente. A fins de comparação,

houveram duas rodadas profissionais na cidade em 1948, enquanto tiveram doze em 1949, todas elas contando com a participação de ao menos um pupilo de Kid Jofre.

Diferentemente da temporada de 1946, que não teve continuidade nos anos subsequentes, o sucesso da temporada de 1949 chegou pra ficar, dando início a uma série de anos de atividade de boxe profissional no Pacaembu. Apesar da temporada de 1946 ter sido mais movimentada, a maioria dela era formada por atletas estrangeiros, atletas que estavam de passagem por São Paulo, impossibilitando a continuidade das atividades nos anos seguintes. Em 1947 e 48 houveram poucos registros de lutas profissionais da cidade, apesar da movimentada temporada internacional de 46. Já em 1949, os profissionais que enxiam o Pacaembu eram nacionais, que continuaram suas movimentadas carreiras utilizando o ginásio municipal como palco. Além dos três pupilos de Jofre já citados, os principais nomes que subiram ao ringue no Pacaembu 1950 foram Zumbanão, o carioca Oswaldo Silva '84' e o veterano Antonio Mesquita, o Índio da Armada.

Foi também em 1950 que o Pacaembu recebeu o seu mais famoso boxeador, tipo por muitos especialistas como o melhor peso-pesado da história. O norte americano de Detroit Joe Louis, um dos mais destacados esportistas da década de 1940, esteve no ginásio municipal do Pacaembu em 1950. Desde janeiro daquele ano a imprensa já ventilava a notícia que Joe Louis planejava uma 'excursão' pela América do Sul e Brasil, onde o peso pesado faria uma série de *sparrings*, ou lutas '*no-contest*' (sem resultado), perante o público. Campeão do mundo de 1937 a 1948, ano que se afastou dos ringues, Louis manteve-se ativo em exibições como estas que realizou no Brasil. Em entrevistas, o boxeador afro-americano reforçava sua intensão de voltar a lutar pelo título, o que realmente aconteceu em setembro de 1950. Antes de chegar em São Paulo o atleta fez uma exibição no Rio de Janeiro, onde passou seis dias treinando e dando entrevistas. No dia 28 de abril de 1950, data do aniversário de 10 anos do Ginásio do Pacaembu, Joe Louis fez sete rounds de sparring com Tommy Giorgio, profissional que fazia parte de sua equipe. A exibição foi na programação de lutas eliminatórias para o Latino Americano naquele ano, mas o público presente não aprovou o desempenho de Louis frente ao seu colega de equipe. Mais emocionante foi sua segunda apresentação, frente ao argentino Alfredo Lagay em 4 de maio. Joe Louis mostrou o seu poder de *punch* e nocauteou Lagay no segundo round, dando alegria ao público que pagou caro o ingresso no estádio. O ringue foi armado no gramado do campo de futebol, em frente as gerais, e após a luta-exibição Louis foi homenageado pelos boxeadores Ralph Zumbano e Guilherme Martins. Em 6 de maio Louis desceu a serra e fez uma exibição em Santos, na Vila Belmiro, frente ao seu companheiro de equipe Giorgio. De volta a

São Paulo, Louis despediu-se do público paulistano com uma quarta exibição em solo paulista, novamente no Pacaembu. O ex campeão do mundo fez seis movimentados rounds frente a Arturo Godoy, chileno que foi um dos poucos a lutarem com Louis por 15 rounds, em 1940 no Madison Square Garden, em Nova York. Os irmãos Guerino e Antonio Dal Rovere, destacados atletas do Santa Marina, foram dois dos amadores que fizeram a preliminar de Louis vs Godoy no Pacaembu, dia 10 de maio de 1950. Antes de retornar aos Estados Unidos, Louis fez mais uma exibição no Rio dia 18 de maio, totalizando duas lutas no Rio, três em São Paulo e uma em Santos. Todas as lutas-exibições de Joe Louis no Brasil não foram computadas em seu cartel oficial.

Já considerada a casa do boxe paulista no início dos anos 1950, o Pacaembu manteve-se ativo como palco do pugilismo, recebendo 178 rodadas profissionais entre 1950 e 1957, ano de inauguração do Ginásio do Ibirapuera. A média de eventos nestes sete anos equivale a cerca de dois eventos por mês, sendo seu ápice em 1955, com três eventos por mês. Somente com a construção do Ginásio do Ibirapuera março de 1957 é que o Pacaembu perdeu o status exclusivo de ‘casa do boxe’ paulista, passando o bastão para outro aparelho público da cidade. Se nos anos 1960 o Pacaembu teve papel secundário como palco do boxe paulista, foi ele quem inaugurou a ‘época de ouro’ do pugilismo bandeirante, ‘educando’ o público que se habituou a acompanhar boxe semanalmente, seja no Pacaembu ou no Ibirapuera. Sem receber eventos profissionais de boxe desde 1983, o Ginásio Municipal do Pacaembu foi palco de grandes nomes do boxe brasileiro, entre eles Tonico Zumbão, Attilio Loffredo, Gaúcho, Kaled Cury, Ralph Zumbano, Luisão, Pedro Galasso, Miguel de Oliveira e Eder Jofre, sendo os dois últimos citados campeões do mundo. A importância do Ginásio do Pacaembu para o boxe paulista e brasileiro também foi destacada no subcapítulo Ginásio do Pacaembu, no Capítulo 1 do presente trabalho.

6.2 – Campeonato Popular de Boxe Amador da Gazeta Esportiva, ou A Forja de Campeões

No ano de 1941 a realização de um campeonato patrocinado por um jornal esportivo marcaria para sempre a história do boxe paulista e brasileiro. Foi neste ano organizado o primeiro ‘Campeonato Popular de Boxe Amador da Gazeta Esportiva’, ou simplesmente o torneio da Gazeta. Tal competição se tornaria o mais popular e midiático campeonato de boxe do Brasil, uma vez que era patrocinado pelo jornal Gazeta Esportiva, que dava ampla cobertura às reuniões, com fotos e textos de até mais de uma página, estimulando assim os jovens boxeadores a disputarem o título de campeão.

Anos depois o certame foi 'rebatizado' pelo jornalista e dirigente Newton Campos, chamando o antigo 'Campeonato Popular de Boxe Amador da Gazeta' de 'Forja de Campeões', nome que ostenta até hoje em suas edições anuais. A criação do Campeonato Popular da Gazeta trouxe um novo patamar ao cenário competitivo do boxe paulista, alcançando índices de popularidade maior do que os já existentes campeonatos paulistas e brasileiros amadores. Além disso, por ser dividido entre 'veteranos', 'novos', 'novíssimos' e 'estreantes', o torneio tornou-se mais acessível à praticantes de boxe não-profissionais, tornando-se uma meta tangível até para quem não almejava uma carreira esportiva de alto nível. O surgimento do Campeonato da Gazeta, ou simplesmente 'Forja', teve papel fundamental na solidificação do boxe amador paulista, trazendo incontáveis consequências positivas para a modalidade.

No ano que teve início o Campeonato Popular de Boxe Amador, a Gazeta Esportiva já promovia a São Silvestre (corrida de rua), Travessia de São Paulo a Nado, Prova Nove de Julho (ciclismo) e o Campeonato Popular de Bola ao Cesto (basquete). A mais importante publicação esportiva de São Paulo apostou no boxe como modalidade a ser incentivada, e após o sucesso do Campeonato de Boxe Amador passou a promover também Campeonato de Voleibol em 1943, Campeonato Popular de Xadrez e de Polo Aquático em 1944. A São Paulo dos anos 1940 consumia avidamente esporte em suas diferentes modalidades, obviamente com prevalência do futebol, mas ainda com grande popularidade de outras atividades esportivas. O jornal liderado por Casper Líbero teve uma 'jogada de mestre' ao organizar e promover campeonatos com seu nome, uma vez que se retroalimentava: produzia eventos de modalidades que seu próprio jornal noticiava, gerando assim conteúdo e publicidade sobre a sua marca. A sacada deu tão certo que hoje, em 2019, mesmo havendo mais de quatro décadas que o jornal não patrocina mais o campeonato por ele iniciado, alguns aficionados ainda se referem à Forja de Campeões como o 'campeonato da Gazeta'.

No início dos anos 1940, antes da criação da Forja em 1941, os campeonatos de boxe amador realizados, tanto em São Paulo como no Brasil, não possuíam alta popularidade. O campeonato brasileiro de 1939, disputado em janeiro de 1940, ocorreu no Frontão da Boa Vista, e teve pouquíssima divulgação na mídia. Desde que começou a ser noticiada a organização do Campeonato Popular da Gazeta, em 17 de março de 1941, o torneio passou a receber grande destaque da principal publicação esportiva da cidade. O jornal informava que "*depois da realização do campeonato de bola ao cesto, o público paulista será atraído pelo maior desfile de pugilismo já realizado na América do Sul[...]*", demonstrando sua ambição com a realização da competição. No dia 29 de

março, o jornal publicou em uma página completa o regulamento do campeonato, que destacava em seu primeiro artigo “[...] *o fim de imprimir o melhor desenvolvimento e de dar maior popularidade ao boxe amador em São Paulo* [...]”.

Na Forja de número um, os atletas foram divididos em duas classes (novos e veteranos) e oito categorias de peso (mosca 51 kg, galo 54 kg, pena 58 kg, leve 62 kg, meio médio 67 kg, médio 73 kg, meio pesado 80 kg e pesado acima de 80 kg). Curiosamente, todos os 101 inscritos no campeonato foram submetidos a uma ‘avaliação de suficiência’, onde os atletas tinham seu nível técnico avaliado por uma banca da Federação Paulista. Além de subdividir os atletas entre novos e veteranos, a prova de suficiência também tinha a função de vetar a inscrição amadores que não possuíam técnica alguma. É fácil de imaginar que, no longínquo ano 1941, valentões e brigadores de rua que não conheciam as regras do boxe queriam tomar parte do campeonato. A difusão de academias ainda não havia ocorrido de forma ampla e muitos amantes do boxe não possuíam professores ou instrutores, o que os impedia dominar conhecimentos de ataque e defesa do boxe. No exame de suficiência, todos os inscritos se reuniam em uma academia (em 1941 foi no ringue da Polícia Especial, na Santa Efigênia) e faziam treino de luvas com algum boxeador profissional designado pela Federação. Na primeira avaliação de suficiência, o profissional designado foi Benjamin Ruta, que mais tarde seria o treinador do Guarani. O exame, algumas vezes realizado em mais de uma sessão, era aberto ao público, o que aumentava ainda mais o nervosismo daqueles envolvidos na prova, uma vez que seus possíveis futuros adversários lhe observavam durante o treino. Dos 101 inscritos na primeira edição da Forja, 12 foram reprovados no exame, restando 89 participantes.

Além da prova de suficiência, que afastava aventureiros da participação do Campeonato, as primeiras edições da Forja de Campeões tinham outra curiosidade, que é a permissão de que atletas se inscrevessem como ‘avulso’, sem ter vínculo com nenhuma agremiação. Ao permitir que boxeadores se inscrevessem sem serem associados a algum clube filiado, a Gazeta estimulava a participação de amantes do boxe que encontravam-se fora do circuito das academias. Diversas academias inscritas anunciavam no jornal que receberiam gratuitamente inscritos avulsos que desejassem preparar-se em suas dependências. Na primeira edição, apenas um participante se inscreveu como avulso, mas outro inscrito foi ‘rebaixado’ à categoria de avulso, uma vez que sua inscrição pelo Corinthians não foi informada ao clube, que sequer tinha departamento de boxe. Nos aprofundaremos mais no caso no subcapítulo sobre a entrada de clubes de futebol no boxe amador paulista, no decorrer deste capítulo. Assim sendo, o Campeonato Popular da Gazeta de 1941 contou com vinte e oito inscritos pelo

Espéria, vinte e três pela Academia Paulista (da família Zumbano-Jofre), onze pela Guarda Civil, nove pelo Guarani, seis pelo Palestra Itália, quatro pela São Paulo Railway, dois pela Associação Lituânia, um pelo Amazonas FC, um avulso e um do Corinthians (modificado pra avulso posteriormente, quando sagrou-se campeão).

O jornal esportivo, visando preparar público e participantes, publicou durante semanas regras básicas do pugilismo, trazendo informações sobre pontos, ataques, defesas e faltas dentro do regulamento. Com desenhos ilustrativos, a iniciativa colaborou para a popularização das regras do boxe, contando com Waldemar Zumbano como um dos colaboradores da coluna técnica. Semanas antes da realização da primeira rodada do campeonato, o jornal escrevia:

*[...] este campeonato que a Gazeta em tão boa hora resolveu organizar, será o marco inicial do boxe em nossa terra, pois ele já existe, mas por falta de quem o incentive não tem progredido como devia, e é de esperar que daqui por diante tome um grande impulso e ganhe a popularidade dos demais esportes [...]*¹¹⁴

O entusiasmo dos organizadores do campeonato não foi em vão, e o simples torneio amador tornou-se, em pouco tempo, a mais popular atividade boxística de São Paulo. Realizando rodadas a cada dois ou três dias, o torneio levou público a diferentes pontos da cidade, oferecendo também uma descentralização do pugilismo. As rodadas foram realizadas na academia da Guarda Civil (rua Brigadeiro Tobias, no viaduto Santa Efigênia), Clube Espéria, Clube Esportivo da Penha (rua Capitão João Cesário), Palestra Itália e CA Ipiranga (rua Sorocabanos, no Ipiranga). A final, que teve transmissão ao vivo pela rádio Cruzeiro do Sul, uma das maiores do país, foi no Parque Antártica, estádio de futebol do então Palestra Itália. O ringue foi armado em frente as gerais do estádio, que receberam cerca de 20 mil pessoas, segundo a própria Gazeta Esportiva. As arquibancadas foram abertas as 18h, e mesmo com o início das lutas marcado para as 21h, as 20h já havia cerca de 5 mil pessoas aguardando o início do espetáculo. Durante três horas o público acompanhou 16 lutas finais, vibrando com a primeira edição do que se tornaria o mais tradicional campeonato de boxe da América do Sul. Os clubes que fizeram campeões no primeiro torneio da Gazeta foram o Espéria (oito), Academia Paulista (três), AA Guarani (dois), Palestra Itália (um) e Associação Lituânia (um), enquanto um campeão era avulso, apesar de ter tentado sua inscrição pelo Corinthians. Dentre os atletas de destaque que participaram da primeira Forja de Campeões, podemos destacar Kaled Cury, Arnaldo 'Chico' Pacheco, Erasmo e Higino

¹¹⁴ Gazeta Esportiva, São Paulo, 12 de maio de 1941

Zumbano. Kaled e Pacheco, que foram campeões de suas categorias, se tornariam grandes nomes do pugilismo nacional, enquanto os irmãos Zumbanos eram os representantes do clã Zumbano-Jofre na história edição do campeonato.

O sucesso do primeiro Campeonato Popular de Boxe Amador da Gazeta Esportiva foi enorme, atraindo mais público do que qualquer competição entre profissionais que tenha acontecido na cidade. Outras competições amadoras foram realizadas pela Federação Paulista naquele ano, como o Torneio Preparação e o Campeonato Paulista, mas nenhuma delas com a popularidade alcançada pela 'Gazeta'. Em 1942, a publicação esportiva organizou o seu 2º Campeonato Popular de Boxe, colocando oficialmente o boxe em seu calendário de competições. Enquanto o boxe tinha sua segunda competição, a Gazeta organizou em 1942 a 28ª São Silvestre, a 16ª Travessia de São Paulo a Nado, 9º Campeonato Popular de Bola ao Cesto, 2ª Prova Popular dos Bairros (corrida de rua), 1º Campeonato dos Bairros (com os campeões das provas dos bairros) e a 1ª Prova Clássica de Remo. A introdução do boxe ao rol de modalidades promovidas pela Gazeta foi de suma importância para o crescimento da modalidade no Brasil, popularizando, incentivando, divulgando e melhorando o nível do pugilismo. A capacidade de 'forjar um campeão' do campeonato foi citada pela primeira vez em 29 de março de 1942, remetendo pugilista ao ofício do ferreiro, que aquece, martela e agride o material a ser moldado (forjado). Ao anunciar a inclusão da categoria de estreantes, o jornal escreveu: *"[...] teremos também as exposições de estreantes que constituem a falange preciosa de onde serão forjados os próximos campeões.[...]"*. A mudança oficial do nome da competição se daria somente nos anos 1960, quando passou a ser chamado de Forja de Campeões, nome que ostenta até hoje, em 2019, sendo realizado anualmente pela Federação Paulista de Boxe.

Além da nova categoria dos estreantes, que prometia ao público ainda mais emoção, o 2º Campeonato da Gazeta contou com a classe dos universitários, numa clara tentativa de incluir o público estudantil ao certame. Com apenas dois inscritos na classe Universitária em 1942, três em 1943 e um em 1944, o Campeonato da Gazeta abdicou desta categoria em 1945. Nos dedicaremos a este tema no capítulo 7, subcapítulo 8.4.4 onde observamos quem não praticava boxe em São Paulo. A classe de estreante, entretanto, foi um sucesso total, aumentando seu número de inscritos ano a ano. Atualmente, a Forja de Campeões é destinada apenas à boxeadores estreantes, característica abraçada desde a década de 1960. Com a estruturação do calendário da Federação Paulista, que oferecia competições à veteranos, novos e novíssimos, o Torneio da Gazeta ficou destinado apenas à estreantes. Apesar de naturalmente baixar

o nível técnico da competição, a categoria dos estreantes é uma das que mais emoção trazia ao campeonato, como explica este trecho do jornal Gazeta Esportiva¹¹⁵ de 1942:

[...] A luta da nova classe [estreantes] oferecerá os atrativos dos combates disputados com a mas virgem e desassombrada vontade de vencer. Se os iniciantes não puderem oferecer ao público a técnica apurada e admirada dos seniors, já caldeados e temperados pela experiencia de inúmeros combates difíceis diante de público numeroso, teremos a compensação de combates arrebatadores pelo entusiasmo de adversários a perseguirem com toda a fibra a vitória. A grande e única preocupação do estreante é 'começar vencendo', e por isto, o característico fundamental dos seus combates é o ataque com os estreantes, o público esquece os defeitos técnicos, uma vez que fica empolgado com a fúria da luta [...] Portanto, a classe de estreantes para o II Campeonato de Box Amador será mais um fator de êxito para o certame que conseguiu a mais ampla consagração popular em São Paulo”

Começava ali, ainda na segunda edição da Forja de Campeões, a ser moldado o boxeador ‘gazeteiro’, que basicamente seria o atleta com limitados recursos técnicos, mas muita vontade de vencer. Treinadores e aficionados do boxe até hoje usam o termo ‘gazeteiro’ para se referir a um boxeador grosso, limitado, mas com muita galhardia e ofensividade. A influência do campeonato da Gazeta Esportiva foi tanta que por ele surgiu um ‘estilo de boxeador’. Ainda na primeira edição da Gazeta, o jornal já romantizava e vangloriava o pugilista ‘ruim, mas bravo’, como podemos ver neste trecho do jornal de 24 de maio de 1941:

As lutas tem sido bastante interessante e boas, sob todo os pontos de vista, a não ser, como é natural, uma ou outra que se apresenta um pouco mais fraca, e isso mesmo somente por falta de técnica de alguns amadores que se iniciaram a questão de um mês para tomar parte em nosso campeonato, entretanto, o que lhes falta em técnica, sobra-lhe em coragem e arrojo”

O perfil do ‘gazeteiro’, entretanto, não impediu que surgissem atletas técnicos e refinados no transcorrer dos anos de organização do campeonato da Gazeta. Pelo contrário, uma vez que para vencer a Gazeta, o boxeador técnico e elegante deveria vencer o clássico ‘gazeteiro’, atleta perigoso, impetuoso, agressivo e muitas vezes faltoso, passando assim pela ‘forja de campeão’. Até a década de 2000, quando começaram a ocorrer competições de categorias de base no Brasil, praticamente todo grande boxeador paulista iniciava sua carreira na Forja de Campeões. Atletas de outras regiões do Brasil muitas vezes também ingressavam no pugilismo através desta

¹¹⁵ Gazeta Esportiva, São Paulo, 29 de março de 1942

iniciativa da Federação Paulista, aumentando, ano a ano, a mística do campeonato. Os paulistas participantes olímpicos dos Jogos de 1948, 52 e 56, para citar apenas algumas Olimpíadas, foram todos lançados no Campeonato da Gazeta. Os dois campeões mundiais paulistas, Eder Jofre e Miguel de Oliveira, também iniciaram oficialmente suas carreiras amadoras na competição. Além dos grandes campeões, uma multidão de anônimos disputou a Gazeta, que se tornando o campeonato mais acessível e popular da história do pugilismo no Brasil.

Logo em sua segunda edição, o Campeonato Popular de Boxe Amador já era chamado de ‘Campeonato Gigante’ pela mídia, devido ao seu alto número de participantes e de público. Em 1942, foram 120 inscritos e 114 aprovados pelo exame médico e de suficiência, um aumento de 25 participantes frente ao ano anterior. A final da Gazeta de 42 também reuniu cerca de 20 mil pessoas no gramado do Parque Antártica, segundo jornais da época e participantes da competição. Após a rodada final, que teve o presidente da Gazeta, Casper Líbero como árbitro de honra, o jornal destacava o alto número de expectadores do campeonato:

“Voltou a ficar nitidamente provado que, excetuando o futebol, nenhum outro esporte é capaz de despertar interesse popular e incomparável ao do pugilismo amador[...].”¹¹⁶

A edição de 1943 da Gazeta, a terceira, contou com o ingresso do São Paulo Futebol Clube na competição, disputando o título junto ao Corinthians, Palmeiras e outras dez equipes. Contou com os mesmos 120 inscritos do ano anterior, e a rodada final recebeu 10 mil pessoas no campo do Floresta, novo nome do antigo Espéria. Ao ser realizada pela terceira edição, sempre na mesma época do ano (entre abril e maio), o Campeonato Popular de Boxe Amador passava a estabelecer uma das suas mais importantes características: a regularidade. O calendário amador pré-Gazeta, formado pelos campeonatos Paulistas, Brasileiro e uma ou outra competição destinada à novos ou novíssimos, era irregular, com datas incertas e anos sem realização destes torneios. A realização fixa da Forja colaborou para a formação de um calendário regular da Federação Paulista, possibilitando um planejamento para os clubes, atletas, público e investidores. Para ilustrarmos a relevância de um calendário competitivo amador nos anos 1940, basta olharmos para o boxe paulista atual, em 2019, que não tem um calendário fixo. Não é de conhecimento de treinadores e atletas em qual mês ocorrerá o Paulista, as seletivas para o Brasileiro, o próprio Brasileiro ou o Jogos Abertos do

¹¹⁶ Gazeta Esportiva, São Paulo, 19 de maio de 1942

Interior. Sabe-se, apenas, que a Forja de Campeões será realizada nos primeiros meses do ano próximo, como ocorre há décadas.

Os números do campeonato Popular da Gazeta continuaram altos por toda a década de 1940 e 1950, consolidando o torneio que já nasceu gigantesco. Em 1944 foram 131 inscritos, em 1945 os números não foram divulgados pelo jornal, e em 1946 eram 156 inscritos, dentre os quais 100 era estreantes, um recorde. Em poucos anos de realização, a Forja de Campeões alcançou o status de mais importante competição amadora do Brasil, superando os campeonatos estaduais, o brasileiro, competições interestaduais e desafios internacionais. Devido ao campeonato, diversos clubes futebolísticos abriram seus departamentos de boxe, academias financiadas por empresas foram inauguradas, incontáveis pugilistas tornaram-se competidores, milhares de pessoas tornaram-se expectadores de boxe. A continuidade do Campeonato da Gazeta fez aumentar sua importância, já que tornou-se parte da realidade do boxe brasileiro por diversas gerações, inclusive a atual, 78 anos depois do início da competição.

6.3 - Abertura/reabertura de boxe nos clubes de futebol e proliferação do boxe em clubes de bairros;

Apesar da prévia relação entre o boxe e clubes de futebol, foi somente nos anos 1940 que a nobre arte conseguiu se estruturar dentro de alguns clubes futebolísticos. Antes da consolidação da Federação Paulista de Pugilismo e da realização do Campeonato da Gazeta, o boxe tinha pouca entrada nos clubes de futebol. Um dos únicos grandes clubes futebolísticos paulistas a incentivar o boxe na década de 1920, o Palestra Itália desativou seu departamento de boxe na década de 1930, reabrindo-o em janeiro de 1940. O time alviverde anunciou¹¹⁷ a contratação de Italo Hugo, ex pugilista palestrino, como o treinador da nova academia de boxe do clube, ainda antes da inauguração do Pacaembu e do início da realização do Campeonato Popular da Gazeta. Em agosto de 1940, foi realizada a primeira reunião de amadores no Parque Antártica, com combates entre atletas do Palestra, Guarani, Espéria, Polícia Especial e avulsos (sem agremiação). Nota-se a ausência de equipes de outros clubes de futebol, sendo o boxe ainda exclusivo a agremiações não-futebolísticas. Dando atenção à ausência do boxe em times de futebol, tanto nos clubes grandes como nos times da várzea, a Gazeta Esportiva lançava um apelo, em 1º de novembro de 1940:

¹¹⁷ Gazeta Esportiva, São Paulo, 22 de janeiro de 1940

PRATIQUE O BOX - Nos clubes, tanto da Liga, como da várzea, muitos rapazes desejam praticar o pugilismo. Não havendo secções deste esporte em seu seio, deixam de iniciar na nobre arte. Entretanto, os associados destes grêmios que tem queda para o boxe, podem praticá-lo graciosamente, pois a FPP, que vem trabalhando com grande entusiasmo pela maior difusão do pugilismo em nosso estado, obteve de diversos clubes que tem secção de pugilismo facilidades para que treinem, sob o controle de técnicos.”

O apelo deu certo, e o CA Ipiranga inaugurava seu departamento de boxe naquele mesmo ano, medida bastante comemorada pelo noticiário. O treinador escalado foi Jack Marin, boxeador espanhol que lutou em São Paulo nos anos 1920 e 1930. Joaquín Marin Umañes foi um dos mais ativos boxeadores na cidade à sua época, contando ainda com experiência esportiva em sua terra natal, Andaluzia. O boxeador e treinador é pai de José Maria Marin, nascido em 1932, político e dirigente esportivo brasileiro envolvido em escândalos de corrupção. No CA Ipiranga, Jack Marin contaria com o apoio de Jim Lopes, ex-boxeador argentino que era o treinador dos quadros de futebol do time. Jim Lopes se tornaria um dos principais treinadores de futebol em solo brasileiro nos anos 1950, preparando o Palmeiras, Portuguesa, São Paulo, Ponte Preta e Corinthians. Como boxeador profissional, Jim Lopes fez nove combates oficiais, todos entre São Paulo e Rio.

Apesar da inauguração do departamento de boxe em 1940, o Ipiranga não tomou parte na primeira edição do Campeonato popular da Gazeta, sendo o Palestra Itália o único clube de futebol a participar da Forja de 1941. Houve, na realidade, a inscrição de um boxeador pelo Corinthians, inscrição esta que não autorizada pelo clube. O clube do parque São Jorge sequer tinha departamento de boxe em seu seio, mas algum torcedor do clube decidiu que deveria representar seu time do coração no campeonato de boxe, por mais que não compusesse oficialmente o quadro de militantes do clube. Após algumas rodadas, o Corinthians solicitou que fosse anulada a inscrição do pugilista, sendo este reclassificado como ‘avulso’, já que não representava nenhuma equipe. O atleta foi campeão e a Gazeta Esportiva não poupou críticas ao clube alvinegro, defendendo que o time deveria urgentemente virar os olhos ao pugilismo amador. Percebendo a urgência em abraçar o boxe, o Corinthians inaugurou seu departamento de boxe ainda naquele ano, preparando uma equipe de amadores para a Gazeta do ano seguinte, 1942. O treinador escolhido foi o lendário Ditão, que apesar das limitações de locomoção geradas pela sua trágica luta em 1924, era possuidor de muito prestígio no meio do boxe. A primeira equipe de boxe do Corinthians a participar do Campeonato

Popular conquistou um ouro e uma prata, mesmo resultado do Palestra Itália, os únicos clubes futebolísticos a participarem da competição em 1942.

Em 1942, outros dois clubes futebolísticos participaram do campeonato da Gazeta de forma indireta. O Juventus e o Ipiranga, apesar de não inscreverem pugilistas, receberam rodadas do campeonato em suas sedes. Interessante notar que, mesmo sem ainda produzir atletas, os clubes mantinham relação com o boxe, oferecendo a seus associados a oportunidade de acompanhar lutas oficiais. O ringue do Espéria, ao que parece o melhor que havia na cidade, era montado nos clubes da zona leste em dias de luta, atraindo o público do boxe às suas sedes. Em 1943 o Juventus mais uma vez abriu as portas da sua casa, na Mooca, para a recepção de reunião pugilística válida pelo Campeonato Popular da Gazeta. A partir dos anos iniciais da Forja, o clube da rua Javari receberia rodadas amadoras com certa frequência em sua sede por toda década de 1940 e 50. Apesar de sediar lutas oficiais desde 1942, o Juventus passou a inscrever representantes em campeonatos somente na década de 1950.

Em 1943, influenciado pelo envolvimento no boxe de seus rivais Palmeiras e Corinthians, o São Paulo FC participou pela primeira vez do campeonato da Gazeta Esportiva. Diferentemente do alviverde e do alvinegro, o tricolor paulista não inaugurou uma academia de boxe em sua sede, mas passou a patrocinar uma equipe já existente. O antigo mestre Kid Jofre já havia inscrito todos seus pupilos na competição como representantes da Academia Brasileira, mas antes do encerramento das inscrições todos os pugilistas de sua equipe passaram a defender o São Paulo. Ao invés de estruturar uma academia para seus associados, como fez o Palmeiras com Italo Hugo e o Corinthians com Ditão, o São Paulo contratou o técnico Kid Jofre e sua academia, que foi integrada ao novo Departamento de Pugilismo do clube. Desta maneira, todos os pugilistas da Academia Brasileira passaram a defender o São Paulo, e os associados ao clube tinham direito de frequentar o curso de boxe do time, realizado na academia da avenida São João.

A Academia Brasileira de Kid Jofre e Waldemar Zumbano era uma das principais potências do boxe amador paulista, ao lado do Espéria e do Guarani, conseguindo sempre ótimos resultados nas competições da Federação Paulista. Além disso, era a única equipe de boxe autônoma, que não mantinha relação com nenhuma outra organização esportiva maior, permitindo assim sua 'adoção' por um grande clube. Influenciado pelo apelo do conselheiro Jacob Nahum, grande incentivador do boxe tricolor, o São Paulo deu início à parceria que duraria décadas e originaria uma das

maiores potências do boxe brasileiro. Naquela primeira competição oficial do time de boxe do São Paulo, o clube ficou na segunda colocação coletiva da Forja de 1943, ficando atrás apenas do campeão Espéria. Um dos atletas são paulinos a conquistar o ouro entre os estreantes foi Ralph Zumbano, irmão de Waldemar e cunhado de Kid Jofre, que se tornaria um dos maiores boxeadores do São Paulo. Sempre vestindo a camisa do tricolor, Ralph venceria diversos títulos paulistas, brasileiros, o Latino americano de 47 e teria ainda uma brilhante participação na olimpíada de Londres em 1948. Ao contratar o técnico Kid Jofre, que àquela altura começava a se destacar como um dos melhores treinadores do país, o São Paulo trouxe para o seu seio todos os amadores do antigo mestre, montando a mais competitiva equipe amadora do país. Ralph, Kaled Cury, Vicentão, Luisão, Eder Jofre, Pedro Galasso, Sebastião Ladislau, Paulo Sacomã, são alguns dos boxeadores que, quando amadores, defenderam o São Paulo, trazendo inúmeras conquistas nacionais e internacionais para o clube.

No campeonato paulista de 1944 a equipe de boxe do São Paulo conseguiu, pela primeira vez, quebrar a hegemonia do Floresta (Espéria) em competições oficiais. Na Gazeta do ano seguinte, 1945, o time de Kid Jofre tornou-se campeão mais uma vez, dando início a uma série de anos de invencibilidade no boxe paulista. Pugilistas do São Paulo compuseram a equipe olímpica brasileira nos Jogos olímpicos de 1948, 52 e 56, demonstrando a prevalência do clube no cenário pugilístico brasileiro da década de 1940 e 1950. Associado de forma vitoriosa à Kid Jofre, o São Paulo manteria a parceria com o lendário treinador durante décadas, até praticamente o final da vida do treinador, em 1974.

Quem também manteve um treinador fixo em seu departamento de boxe durante décadas foi o Corinthians, onde Luiz Campos Soares, o Gaúcho, trabalhou de 1945 até o fim dos anos 1970. O treinador foi contratado pelo clube do Parque São Jorge em 1945 para substituir o antigo técnico Ditão, que não possuía curso de treinador da Escola Superior de Educação Física. Gaúcho levou o Corinthians a ser uma das principais equipes de boxe do Brasil no início dos anos 1950, com atletas vencendo títulos de relevância e participação em competições internacionais. Foi o técnico do Corinthians quem comandou a equipe olímpica de Helsinki em 1952, enquanto Kid Jofre, do São Paulo, foi o treinador dos times olímpicos de Londres 1948 e Melbourne 1956. No Palmeiras, porém, houve uma rotatividade maior de treinadores, tendo passado por lá, entre 1940 e 1955, Italo Hugo, o argentino Norman Tomasulo, Attilio Bianchi, Attilio Loffredo, Horácio Molina e o alemão Fritz Selten. A maior rotatividade de treinador no departamento do Palmeiras não impediu que o clube também fosse responsável pela

descoberta de grandes talentos, como por exemplo Paulo de Jesus, olímpico em 1952 e um dos maiores nomes profissionais dos anos 1950.

A partir de 1944 todos os três maiores clubes futebolísticos da capital paulista ostentavam suas equipes de boxe amador, o que influenciou que outras agremiações também passassem a investir na modalidade. No transcorrer da década de 1940, outros clubes inauguravam seus departamentos, como o Santa Marina, que anunciava a abertura de sua secção de boxe em 1946:

*SECÇÃO DE PUGILISMO NO SANTA MARINA FC – A exemplo do que estão fazendo dezenas de clubes em nossa capital, como por exemplo o Radium, Nitro Química, Floresta, Palmeiras, Corinthians e o São Paulo, o Santa Marina FC, um clube glorioso da nossa várzea, acaba de criar sua secção de pugilismo, a qual ficará sob orientação técnica do sr José Gaspar Martins. Essa medida do Santa Marina, naturalmente inspirado no grande impulso que o boxe vem tomando na Pauliceia, merece os mais vivos aplausos e foi recebida com satisfação nos meios esportivos da cidade. [...]*¹¹⁸

O treinador escolhido pelo Santa Marina foi José Gaspar Martins, conhecido como Paraná, que dirigiria o boxe do clube da Barra Funda por mais de uma década. Mesmo com pouca expressividade na área futebolística, o Santa Marina FC foi uma importante equipe de boxe entre o final dos anos 1940 e o início dos anos 1950, sempre contando com o treinador Paraná a frente. Antonio e Guerino Dal Rovere foram dois irmãos que obtiveram muito destaque como amadores nos anos 1950 defendendo as cores do Santa Marina. Antonio Dal Rovere é pai do boxeador Sidnei Dal Rovere, que representou o Brasil nas Olimpíada de Moscou em 1980 e lutou pelo título do mundo profissional em 1988, frente a Azumah Nelson, africano de Gana. Em 1955, Santa Marina e Portuguesa, outro clube de futebol de São Paulo, dividiam o espaço da Academia Horácio Molina, na alameda Gleite, para seus treinamentos. A Portuguesa, que àquela altura tinha Attilio Loffredo como seu treinador de boxe, não possuía academia em sua sede na São Bento, utilizando a recém-criada academia de Molina para seu departamento de boxe. Loffredo não passou muito tempo na Portuguesa e a Lusa não chegou a obter notoriedade no campo competitivo do pugilismo paulista.

Já com o pugilismo consolidado entre os principais clubes de futebol paulistas e em alguns clubes cariocas, a Federação Metropolitana de Boxe, do Rio de Janeiro, organizou um torneio entre equipes de São Paulo e Rio. Em dezembro de 1947, pugilistas do São Paulo FC e do Corinthians viajaram ao Rio para enfrentarem os boxeadores do Flamengo e do Vasco, em sistema de todos contra todos. Uma das

¹¹⁸ Diário da Noite, São Paulo, 15 de outubro de 1946

atrações da competição eram os boxeadores paulistas que representaram o Brasil no Latino Americano daquele ano, realizado um mês antes do que o quadrangular. Em março de 1948, visando a preparação de seus atletas para as Olimpíadas de Londres, São Paulo e Corinthians colocaram seus amadores frente a frente no Pacaembu, com três vitórias para cada lado e dois empates. Utilizar a rivalidade futebolísticas entre os clubes para promover desafios entre as equipes de boxe foi uma tática pouco usada no cenário pugilístico, visto os escassos desafios entre clubes que ocorreram nos anos seguintes. Seja por má gestão ou por falta de cultura esportiva, o fato é que a devoção e o fanatismo que torcedores de futebol tinham por seus clubes não foram transferidos às equipes de boxe dos times, infelizmente. Certamente o cenário boxístico brasileiro seria outro caso cada grande time de futebol de São Paulo, Minas, Rio, Bahia tivesse uma equipe de boxe participando de campeonatos amadores.

Iniciada nos anos 1940, a fértil relação entre o boxe e os times de futebol paulistas foi importantíssima para a solidificação e crescimento do boxe no Brasil, tanto amador como profissional. Apesar de não apoiar atletas profissionais, o investimento no amadorismo dos times de futebol permitiu uma base sólida aos seus pugilistas, que chegavam no profissionalismo com boa experiência. São Paulo, Corinthians, Palmeiras, Portuguesa, Juventus, Santa Marina, Ipiranga, entre outros times de futebol fizeram parte do cenário pugilístico brasileiro, da segunda metade da década de 1940 e por toda a década de 1950. A entrada dos times futebolísticos no boxe ofereceu maiores oportunidades à atletas e treinadores, aumentando o leque de espaços onde era praticado o pugilismo, tanto de competição como de recreação. Ao receber reuniões de boxe em suas sedes, os times popularizavam e divulgavam a modalidade, que circulava em diferentes zonas da cidade: Mooca, Parque Antártica, Parque São Jorge, Barra Funda, Canindé. Responsáveis pela formação da maior parte dos grandes nomes do boxe brasileiro entre 1943 e 1955, os times de futebol de São Paulo são grandes responsáveis pela guinada que o boxe brasileiro viveu nestes anos, sendo peça fundamental do quebra-cabeça que é o boxe no período estudado.

6.4 - Fortalecimento do boxe em associações trabalhistas;

Nos anos 1950 e 1960, as únicas equipes de boxe que competiam em pé de igualdade com as equipes dos times de futebol eram a Wilson Russo e a Pirelli, ambas esquadras oriundas de agremiações trabalhistas. A equipe de boxe da Pirelli durou décadas e fez história, enquanto a Wilson Russo, além de ser reveladora de grandes talentos, recebeu durante anos reuniões em sua sede na rua da Consolação. A Wilson

Russo fundou sua academia de boxe somente em 1955, enquanto a Pirelli designou seu funcionário Antonio Carollo para ser treinador do seu clube esportivo em 1957. Antes, porém, ainda nos anos 1940, houve um grande crescimento de clubes industriários, comerciários e empresariais que passaram a investir no boxe, criando escopo para a chegada das potências esportivas dos anos 1950.

Apesar de estar presente no boxe paulista desde o início dos anos 1940, foi somente na segunda metade desta década que as academias patrocinadas por clubes industriários teve sua expansão. Em 1942, foi inaugurado o departamento de boxe da AA Light & Power, na sede da Light na avenida do Estado. Criado em 1941, o Clube Atlético Sorocabana tinha como objetivo “*orientar os esportes praticados por elementos daquela ferrovia [...]*”¹¹⁹, referindo-se à estrada de Ferro Sorocabana. A sede social do CA Sorocabana era no centro da cidade, na Luz, localizada na rua João Teodoro 681, às margens do rio Tamanduateí e da Avenida do Estado. Em 1943, na terceira edição do Campeonato Popular da Gazeta, o Sorocabana passou a inscrever atletas no campeonato da FPP. Além disso, o clube da Luz recebeu uma das rodadas do campeonato, trazendo pugilistas de diversas agremiações para a sede do clube dos ferroviários. A agremiação esportiva da São Paulo Railway, também dos ferroviários, inscreveu quatro pugilistas na primeira edição da Gazeta em 1941. O clube preparou boxeadores somente entre 1941 e 42, sendo um dos precursores das academias-empresas.

Para exemplificar a grande proliferação de clubes de boxe que ocorreu nos anos 1940, podemos utilizar como objeto o número de equipes participantes do Campeonato Popular de Boxe Amador da Gazeta em diferentes anos. Em 1941, ano da inauguração do Campeonato, nove equipes tomaram parte na competição: Espéria, Academia Paulista, Palestra Itália, Guarda Civil, AA Guarani, São Paulo Railway, Polícia Especial, Associação Lituânia e Amazonas FC. Nota-se que no início dos anos 1940, havia apenas um clube futebolístico e uma agremiação trabalhista (São Paulo Railway). Quinze anos depois, em 1956, ano de realização do XV Campeonato Popular da Gazeta, o perfil das academias participantes era bem diferente, com quatorze clubes ligados à indústria ou comércio e oito equipes filiadas a times de futebol. As 31 equipes participantes da competição em 1956 eram : São Paulo FC, Portuguesa, 3 Leões, Cassio Muniz, Wilson Russo, Portuguesa Santista, CE da Penha, Corinthians, Juventus, Palmeiras, Nitro Química, Santa Marina, Cotonifício Guilherme Giorgi FC, FC Vila Maria, AD Refiunião, Mappin Stores, CR Xingu, CA Aramaçan, CMTC Clube, AA

¹¹⁹ Correio Paulista, São Paulo, 15 de junho de 1941

Guarani, Academia Bandeirantes, GE Vila Santa Inês, Nacional AC, G.P.C., Associação Pugilística do Interior, Centro de Educação Social e Familiar Noêmia Hipólito, AA Anhanguera, A.R.B.S.C., AA Cobrasma, AA Aliança Paulista e EC Ford. Eram 440 inscritos em 1956, frente a 89 do ano inicial da Gazeta, em 1941. Cabe observar que não apenas os clubes participantes do Campeonato da Gazeta promoviam boxe em suas dependências, havendo a possibilidade do clube oferecer boxe a seus associados, mas não ter participado desta competição.

O incentivo ao esporte dentro de agremiações de caráter industrial/ empresarial potencializado nos anos 1940 não favoreceu apenas ao boxe. Na realidade, o boxe foi beneficiado por tal movimento, que visava oferecer aos funcionários das empresas melhor qualidade de vida, lazer e saúde através do esporte. O retorno midiático das competições esportivas era, obviamente, também um dos objetivos das indústrias ao investir no esporte, tendo seu nome aliado a uma equipe vencedora. Empresas já incentivavam o futebol desde os anos 1920, tendo sido criada em 1927 a Liga Esportiva do Comércio e Indústria, a LECI. Em 1947, sem a inclusão do boxe, ocorreu o I Jogos Desportivos Operários, com a participação de dezenas de agremiações esportivas industriais. A competição, que promoveu disputas de futebol, vôlei e basquete, foi organizada pelo Departamento de Assistência ao Esporte e Educação Física do SESI, o Serviço Social da Indústria, criado um ano antes. Dezenas e dezenas de clubes empresariais e industriais se inscreveram nesta primeira competição esportiva trabalhista, desde pequenas empresas de bairros como Cerâmica São Caetano e Usina São Francisco do Quilombo, até grandes companhias internacionais como a Ford Motors Company, Pirelli SA e General Motors. Apesar de não haver competições de boxe nos Jogos Desportivos Operários de 1947, alguns clubes industriais já ofereciam boxe em suas agremiações, como o Clube de Regatas da Nitro Química, em São Miguel Paulista. A Nitro Química, que criou sua entidade esportiva no meio da década de 1940, teve como treinador o veterano Attilio Bianchi, formando uma equipe de boxe altamente competitiva entre o fim dos anos 1940 e o início dos anos 1950.

Em 1950, com o grande número de associações industriais, empresariais e comerciais que já ofereciam boxe aos seus membros, o Sesi promoveu o seu 1º Torneio Operário de Boxe, junto à Federação Paulista de Pugilismo. Em agosto daquele ano, a Subdivisão de Assistência aos Esportes do SESI, após reunião com técnicos paulistas, solicitou à FPP que os boxeadores que participassem de seu torneio não perdessem a classe de estreantes, sendo permitido a eles ainda a participação no Campeonato da Gazeta. A Federação Paulista aprovou a solicitação e ainda fez uma menção de louvor ao Serviço Social da Indústria “*pela iniciativa de procurar difundir o*

*boxe nos meios operários*¹²⁰. Desta maneira, o torneio do Sesi serviria de preparação para o Campeonato Popular da Gazeta, atraindo grande número de estreantes que preparavam-se para o maior torneio amador do Brasil. Em 1953, inscrito pelo Sindicato da Construção Civil, participou do Torneio do Sesi o peso mosca Eder Jofre. O filho de Kid Jofre fora inscrito por Lucio Ignácio, que tinha poucos representantes em seu clube, e portanto pegou alguns estreantes ‘emprestados’ de seu amigo Kid Jofre. Após o torneio operário do Sesi, Eder disputou a Gazeta ainda em 1953, vencendo entre os moscas como representante do São Paulo. É notável que o maior boxeador que o Brasil já produziu fez sua ante-estreia em um torneio industriário, disputou o Campeonato Popular da Gazeta e foi atleta do São Paulo FC, sendo fruto de três itens criados na década de 1940: boxe nas indústrias, início do Campeonato Popular da Gazeta e fortalecimento do boxe nos times de futebol.

No campeonato Paulista de 1950, o Grêmio Recreativo Elevadores Atlas, ou simplesmente Atlas, era uma das equipes com boxeadores classificados para as finais. A equipe de boxe da indústria de elevadores figurou entre as principais agremiações operárias do início dos anos 1950, junto à Nitro Química. Foi no meio da década de 1950, mais especificamente em 1955, que nasceu a primeira grande potência industrial no boxe, a Academia Wilson Russo. O Diário da Noite deu destaque ao nascimento da nova academia de boxe da cidade:

Pedro Galasso, o campeão brasileiro dos leves, é um rapaz de sorte. Sem esperar, graças à campanha do Diário da Noite e UPB, disporá de um magnífico ginásio, em pleno centro da cidade. A firma Wilson Russo SA, devido a nossa campanha, resolveu construir um completo ginásio de boxe numa grande área de sua propriedade na rua da Consolação, próximo à avenida Ipiranga. Como Galasso é um grande amigo dos diretores dessa firma ele foi convidado para ser o técnico do novo núcleo de box.

A inauguração da Wilson Russo, que ficava na rua da Consolação quase em frente da igreja da Nossa Senhora da Consolação, ocorreu no dia 9 de maio de 1955 com exibição de Pedro Galasso, Valdemar Adão, Luisão e Manuel Evangelista. Ralph Zumbano, um dos melhores profissionais do país àquela oportunidade, foi árbitro e cronometrista do evento de lançamento do espaço. Em 7 de junho, o Diário da Noite noticiava que a academia Wilson Russo já se encontrava em atividade e contava com mais de uma dezena de pupilos, que treinavam às segundas, quartas e sextas-feiras. A Wilson Russo, empresa de comercialização de motores e autopeças, era de propriedade dos irmãos Mateus e Nelson Russo, amigos de Pedro Galasso e incentivadores do boxe.

¹²⁰ Jornal de Notícias, São Paulo, 31 de agosto de 1950

Inaugurada como “sessão de boxe para seus empregados”, rapidamente a Wilson Russo se tornou uma referência não só para os empregados da firma, mas para toda a comunidade pugilística. Em seus tempos áureos, quatro treinadores dividiam a responsabilidade de orientar os pugilistas do ginásio: Waldemar Zumbano, Pedro Galasso (que boxeceu oficialmente até 1964), o espanhol Nelson Garrido e o alemão Fritz Selten. Devido à sua excelente localização, próximo à praça Roosevelt e no coração do centro de São Paulo, o ginásio de boxe da Wilson Russo se tornou uma referência no cenário pugilístico paulista, recebendo inúmeras programações amadoras da Federação Paulista durante décadas.

Em junho de 1955, o Diário da Noite noticiava que *“a fábrica Alumínio do Brasil, localizada em Utinga, deverá também organizar uma sessão de box para seus operários. Trata-se de um valioso reforço para a nossa campanha, pois a referida indústria possui mais de mil operários [...]*”¹²¹ O departamento de boxe da Alumínio do Brasil não voltou a ser notícia na mídia impressa esportiva. Em 1958, a Máquinas Moreira SA, indústria localizada na Mooca, inaugurou seu departamento de boxe em janeiro. A empresa contratou o veterano treinador Attilio Loffredo para comandar a secção de boxe, que até então prestava seus serviços esportivos à outra agremiação industriária: a AD Refiunião, também na Mooca. Vemos que na segunda metade dos anos 1950 o boxe dentro das indústrias, sindicatos e empresas era uma realidade, ao ponto de um dos mais consagrados treinadores em atividade, Lofredão, trocar um clube industriário por outro.

A entrada definitiva das associações esportivas industriárias no boxe, ocorrida nos anos 1940, foi peça fundamental para o crescimento, desenvolvimento e difusão do esporte em São Paulo. Abraçado pela iniciativa privada, o boxe pôde encontrar nestas agremiações condições para sua estruturação, condições estas estimuladas pelos outros fatores apresentados no presente trabalho. O incentivo dado aos atletas não era financeiro, com pagamento de salários, mas estrutural, oferecendo treinamentos, academia, uniformes, alimentação e transporte. Alguns bons boxeadores eram muitas vezes contratados pela empresa que mantinha a academia, havendo inclusive casos de boxeadores que se aposentaram como funcionários destas empresas. À nível de comparação, atualmente, em 2019, não existe uma equipe competitiva no boxe paulista que seja financiada, ou apoiada, por uma empresa, firma ou indústria. Este segmento privado praticamente abandonou o boxe nos anos 1990, com o fechamento da Pirelli e do BCN, duas das últimas e maiores empresas a incentivarem o esporte amador. Se

¹²¹ Diário da Noite, São Paulo, 21 de junho de 1955

nos anos 1940 e 50 grandes e pequenas empresas investiam no boxe como uma forma divulgar sua marca e oferecer melhor qualidade de vida a seus associados, atualmente tal investimento não ocorre mais, tendo as equipes industriárias e empresariais desaparecido do cenário pugilístico paulista.

6.5 – Temporada Internacional de 1946

Em 1946 aconteceu em São Paulo uma temporada internacional de boxe profissional que foi um marco para o cenário pugilístico brasileiro. O país ainda não havia recebido a Copa do Mundo de 1950 e poucos grandes eventos esportivos de relevância internacional haviam sido organizados em terras brasileiras. No caso do boxe, foi em 1946 que aconteceu o primeiro grande evento realizado no Brasil com a presença de lutadores estrangeiros, vasta cobertura da mídia, sucesso de público, recordes financeiros e meses de movimentação atípica. Ao analisar como ocorreu a Temporada de 46 podemos estudar como se estruturava o boxe profissional brasileiro no meio daquela década, observando os empresários, o torneio e o mercado internacional cujo Brasil fazia parte.

5.5.1 – Os empresários:

Jacob Nahum, empresário do ramo do café, era proprietário do Café Juca Pato, importante bar e café da cidade de São Paulo nos anos 1940, localizado na região do Paissandu, na avenida São João com a rua Dom José de Barros¹²². O Café era importante ponto de encontro de artistas, políticos e esportistas. A família Nahum, de origem judia, era ainda proprietária do Café do Centro, que foi fundado em 1916 e atualmente, em 2019, funciona na região de Pinheiros. Segundo Newton Campos, “*Jacob Nahum perdia dinheiro e dava risada*”¹²³. De família abastada e apaixonado pelo boxe, Nahum se configurou como o principal empresário e promotor de boxe no Brasil nos anos 1940 e 1950, estando por trás dos maiores eventos de pugilismo deste período. Matteucci o classifica como “*um dos maiores responsáveis pela ascensão do nosso pugilismo*”. Newton Campos, em entrevista ao autor desta pesquisa, lembrou que o empresário judeu foi um dos principais responsáveis pela internacionalização do

¹²² MATTEUCCI, Henrique. *Boxe: mitos e história*. São Paulo: Editora Hemus, 1988

¹²³ Entrevista concedida ao autor em 19 de outubro de 2016

nosso boxe, contratando pugilistas estrangeiros para lutar no Brasil não só na temporada de 1946, mas durante toda a década de 1950.

Nahum foi diretor do São Paulo Futebol Clube desde o início dos anos 1940, e passou ter mais envolvimento com boxe após o início das atividades pugilísticas no clube em 1943. Em março de 1944, por exemplo, ele era uma das autoridades do SPFC no confronto interestadual de boxe amador entre paulistas e cariocas, que foi realizado no Pacaembu. Em 6 de dezembro de 1944, o Correio Paulistano anunciava que Jacob Nahum, diretor da seção de boxe do SPFC, oferecia uma medalha de ouro para o vencedor entre um confronto de amadores do São Paulo e Corinthians. Em setembro de 1945, Nahum participou da fundação da Empresa Internacional de Pugilismo Ltda., juntamente com Manuel Fernandes, Arrigo Bevilacqua e Carlos Assunção Neves, organização que tinha como objetivo “*incrementar e difundir o pugilismo, e isso sob as mais rigorosas bases de honestidade*”¹²⁴. No evento de fundação da Empresa, onde constaram a diretoria da Federação Paulista, cronistas esportivos e militantes, Jacob Nahum falou sobre o objetivo de trazer bons atletas estrangeiros para enfrentarem os boxeadores nacionais. Seria exatamente isso que Nahum realizaria no ano seguinte, quando arquitetou a grande temporada de 46.

Nelson de Oliveira, o Goiaba, começou a treinar boxe em 1947, a lutar boxe amador em 1950, e iniciou sua carreira profissional em 1953. Goiaba relatou que no começo de sua carreira, todas suas lutas eram ‘fechadas’ com Jacob Nahum, que era o principal empresário da época. O ex pugilista relatou que o empresário ‘*era bom de negócio porque era judeu e todos os judeus são espertos*’¹²⁵. Os alcances de Nahum não se limitavam apenas à parte Sul do continente americano. Segundo Goiaba, foi Nahum quem promoveu lutas de Pedro Galasso na Itália, já em 1962, aliado com treinadores italianos. Nahum também intermediou a vinda do campeão mundial estadunidense Archie Moore ao Brasil em 1958. Moore foi um dos maiores meio-pesados da história do boxe, único homem a enfrentar Rocky Marciano e Muhammad Ali, membro do Hall da fama do boxe que enfrentou Luisão no Pacaembu em janeiro de 1958.

Matteucci definiu Nahum como um “jogador inveterado”, que perdia quase sempre, mas não desanimava nunca. Para o jornalista, Nahum não era movido pela ambição, mas pela paixão. Já no ponto de vista de Nelson Goiaba, que foi um boxeador promovido por Nahum, o classificou como “*esperto como todos os judeus*”, deixando

¹²⁴ Correio Paulistano, São Paulo, 16 de setembro de 1945

¹²⁵ Entrevista concedida ao autor em 24 de novembro de 2016

subentendido que o empresário atuava no mercado do boxe visando favorecimento econômico. Newton Campos, que manteve uma relação profissional com Nahum, o primeiro representando a Federação Paulista de Pugilismo e o segundo sendo promotor de lutas, tem outra visão sobre o empresário. Disse que *“ele era muito explorado pelos lutadores, não havia um lutador que fosse pedir alguma coisa pra ele que ele não atendesse. Quando ele morreu havia um monte de gente devendo pra ele, ele ajudava a todos”*.¹²⁶ Kaled Curi, que trabalhou junto a Nahum como atleta e como promotor, demonstrou uma relação conflituosa com o empresário. Relata que em 1956 fez duras críticas na imprensa pela forma como seu sócio, Antonio Chiavone, trabalhava. Porém, em 1957 intermediou lutas dos atletas de Nahum no Uruguai. A forma que Kaled descreve sua relação com Nahum deixa a impressão que o empresário seria um “mal necessário”, já que é alvo de críticas, mas é também um parceiro recorrente nas atividades empresariais de Kaled.

Antonio Chiavone foi o principal parceiro de Nahum nos negócios dos anos 1940 e 50, um empresário e promotor de bailes de carnaval que organizava festas no ginásio do Pacaembu. Sua experiência prévia com grandes eventos, logística, organização e o bom relacionamento com autoridades para sessão do Ginásio do Pacaembu, aliados a uma condição financeira favorável, o levaram para o ramo do boxe. A relação do ginásio do Pacaembu com eventos de boxe era próxima desde a sua estreia. O empresário Antonio Chianove aproveitou-se desta proximidade entre o boxe e o ginásio para dar entrada no mundo pugilístico, como relatou Newton Campos.

Antonio Chiavone mexia muito com assuntos carnavalescos. Quando chegava o carnaval o ginásio do Pacaembu era do Chiavone, era ele que fazia lá aquelas festas. Era muito ligado também à companhia Antartica. Então ele tinha muitas facilidades de promover espetáculos, e também gostava muito de boxe.

A forma como se deu sua entrada no mundo esportivo, assim como sua trajetória posterior, nos leva a entender que o empresário investiu no boxe como um negócio como qualquer outro, um negócio que poderia gerar lucros, engordar seus faturamentos em eventos. Sua ação mercadológica no Ginásio do Pacaembu o aproximou dos eventos esportivos que eram realizados naquele mesmo espaço. Quando questionado se Chiavone era um bom empresário, Goiaba, que foi boxeador contratado por ele, respondeu:

¹²⁶ Entrevista concedida ao autor em 19 de outubro de 2016

Olha, é a velha relação entre patrão e empregado. O patrão sempre reclama do empregado e o empregado sempre reclama do patrão. É a mesma coisa no boxe, não gosto nem de entrar nesse assunto.

[Perguntado: o senhor já teve problemas com empresários, treinadores, por dinheiro?]
*Eu nunca discuti, eu simplesmente cortava a pessoa. Ficava com o prejuízo e ia embora.*¹²⁷

Infelizmente não foi possível recolher mais opiniões de boxeadores que trabalharam com Chiavone nos anos 1940 e 1950 para fazer uma avaliação mais profunda sobre sua forma de atuação no boxe. Entretanto, as críticas de Kaled Curi e de Goiaba nos induz a defini-lo como um ‘cartola’ do mercado do boxe, figura importante pelos eventos e lutas promovidos, mas de caráter e ética duvidosos. Três anos da temporada internacional, em 1943, Antonio Chiavone foi preso por burlar o tabelamento de preços em sua empresa, a Laticínios São Paulo, emitindo ‘notas-frias’. Chiavone, ao ser preso, tentou subornar o investigador em Cr\$ 100,00, suborno não aceito pela autoridade. Na temporada de 1946, o Laticínios São Paulo, era um dos locais de venda de ingressos para as lutas, assim como o Café Juca Pato, de Nahum. Definido como ‘*comerciante inescrupuloso*’ pelo Correio Paulistano em 12 de maio de 1943, Chiavone voltaria aos jornais somente em 1947, mas já mas não mais nas páginas policiais, mas sim nas notícias sobre o carnaval daquele ano: “*Manuel da Nobrega e Antonio Chiavone voltarão este ano a proporcionar aos foliões paulistas quatro bailes e três vesperais, no ginásio do Pacaembu, que para este fim está recebendo ornamentação a caráter*”¹²⁸. Se para realizar carnavais no Pacaembu ou programações internacionais de boxe Chiavone agia da mesma maneira como empresário de laticínios alguns anos antes, burlando leis, emitindo notas frias e tentando subornar autoridades, não foi possível checar. Em 1950, a fama de Chiavone em realizar carnavais anos seguidos no Pacaembu era tão grande que era chamado de Lorde Chiavone e Rei do Carnaval pelo Correio Paulistano, dando ainda mais ‘pinta de mafioso’ ao empresário.

Entre fins de 1940 e começo de 1950, Jacob Nahum e Antonio Chiavone eram os controladores do mercado pugilístico profissional em São Paulo. Todas grandes lutas passavam pelas suas mãos, eram eles quem pagavam os lutadores, negociavam com os treinadores, tratavam com a Federação Paulista, promoviam e divulgavam os eventos. Somente em finais dos anos 1950 é que surgiram outros promotores de boxe, tais como Kaled Curi (que também trabalhou com Nahum e Chiavone), Horácio Molina (treinador argentino que levou brasileiros para lutar em sua terra natal) e os italianos

¹²⁷ Entrevista concedida ao autor em 24 de novembro de 2016

¹²⁸ Correio Paulistano, São Paulo, 11 de fevereiro de 1947

Arnaldo Tagliatti e Líbero Golinelli, que levaram atletas brasileiros para a Europa em 1959.

O perfil dos empresários que estavam por trás da Temporada Internacional de 46 indicam como era gerido o boxe profissional em São Paulo àquela altura. Homens ricos, poderosos e influentes na cidade eram quem empresariavam o pugilismo na sua versão profissional, tal como ainda o é atualmente. No meio do boxe, há um antigo ditado que diz: se um boxeador ganha um milhão de dólares para fazer uma luta, há um empresário ganhando dois milhões. Nos anos 1940 não era diferente, e os empresários que organizaram a temporada internacional de 46 visavam lucros, além de, obviamente, promover lutas de alto nível em solo brasileiro.

6.5.2 – O torneio

Jacob Nahum, aliado a Antonio Chiavone, resolveu promover um grande torneio internacional de pesos pesados no ano de 1946, no início de suas atividades como promotor. Contratou sete lutadores e os colocou para lutarem entre si entre abril e dezembro daquele ano, com rodadas em São Paulo e Rio de Janeiro. Foram quinze rodadas, sendo quatorze no Ginásio do Pacaembu, em São Paulo, e apenas uma no estádio do Vasco da Gama, no Rio de Janeiro. Nenhum dos sete boxeadores era brasileiro e apenas um deles era um estrangeiro radicado no país, o português Antonio Soares, que já residia há anos em São Paulo e era um ídolo da colônia portuguesa local. Os pugilistas eram três da Argentina, um do Uruguai, um do Peru, um do Chile e um de Portugal.

Havia poucos pesos pesados profissionais em solo brasileiro naquele período e este fator influenciou a não-participação de boxeadores nacionais no torneio. Ao analisarmos a carreira de Antonio Soares, principal peso pesado que atuava em terras brasileiras em 1946, vemos que entre 1940 e 1946 ele fez dez combates, enfrentou apenas boxeadores estrangeiros: quatro argentinos, um uruguaio e um espanhol radicado na Argentina. Luiz Campos Soares, o Gaúcho, fora seu último adversário brasileiro, em agosto de 1940. Gaúcho encerraria sua carreira em 1942, deixando assim uma lacuna de bons boxeadores brasileiros pesados na metade dos anos 1940. Naquele ano de 1946, Vicentão, principal nome desta categoria nos anos 1950, ainda boxeava entre os amadores, chegou a ser campeão latino-americano amador em 1948 e viria a estreitar profissionalmente somente em 1949, justamente contra o português Soares, que fazia sua despedida dos ringues após quase quinze anos de carreira profissional. Apesar da escassez de pesos pesados brasileiros em 1946, bons

boxeadores de outras categorias enxiam os ginásios naquele período. O peso leve Antonio Mesquita, conhecido como “O Índio da Armada”, fez 63 lutas entre 1935 e 1951, o lendário meio-médio Antonio ‘Tonico’ Zumbano, o Zumbanão, boxeu 24 vezes entre 1939 e 1950, o peso médio Oswaldo Silva, conhecido como 84, fez 63 lutas entre 1939 e 1952. Todos os três boxeadores citados lutaram nas preliminares dos pesos pesados estrangeiros em 46.

O argentino Alberto Lovell era o mais experiente e mais destacado dos participantes do campeonato de 1946, com o cartel de 69 lutas, 60 vitórias, seis derrotas e três empates. Campeão dos pesos pesados dos Jogos Olímpicos de 1932 em Los Angeles, era, ao lado do chileno Arturo Godoy, o principal boxeador peso pesado da América do Sul quando veio ao Brasil e sua presença em São Paulo agitou a cidade. O portenho afro-argentino detinha o título nacional e era ex-campeão Sul-americano dos pesos pesados quando veio combater no Pacaembu. Carregava também no currículo dez lutas e nove vitórias nos Estados Unidos em 1937, feito louvável para boxeadores do hemisfério Sul na terra do tio Sam. Segundo jornais da época, Lovell estava ranqueado entre os três melhores pesos pesados do mundo, categoria que em 1946 tinha Joe Louis como campeão. Fez sua estreia no torneio dia 17 de agosto, quando nocauteou Irineo Caldera em uma luta polêmica no Pacaembu. A estreia de Lovell rendeu 212.840 cruzeiros¹²⁹ e reuniu 30 mil pessoas nas arquibancadas do estádio do Pacaembu, já que o ringue fora armado no campo de futebol em frente às gerais. Segundo A Gazeta Esportiva, a renda da luta entre Lovell e Caldera gerou mais lucro que a luta Ditão vs Spalla, em 1924, que era até então o maior evento pugilístico do país em termos financeiros.

Estrela maior do torneio, Lovell foi à lona logo no primeiro round após um violentíssimo golpe do grandalhão Irineo Caldera, boxeador de cartel medíocre. O árbitro da luta Italo Hugo favoreceu o argentino, consciente do fracasso que traria para a temporada uma derrota precoce do mais renomado pugilista participante. Italo Hugo levou mais de meio minuto para contar os dez segundos regulamentados após um knock-down, dando tempo extra para a recuperação do argentino. Quando o combate foi reiniciado, o gongo soou prematuramente determinando o final do round. Lovell se recuperou e nos rounds seguintes nocauteou o grosseiro Caldera, como era esperado. Segundo cronista da Gazeta Esportiva, “ [...] se *Caldera tivesse acertado uns dez segundos antes aqueles golpes que provocaram a primeira queda a Lowell, infalivelmente teria vencido por nocaute no 1º assalto o campeão continental*”. Os

¹²⁹ A Gazeta Esportiva, São Paulo, 19 de agosto de 1946

dirigentes não deixaram a zebra acontecer e a temporada continuou gerando lucros e recordes de público no Pacaembu.

A temporada de 1946 não foi anunciada nem organizada como um campeonato ou uma copa, com contagem de pontos, classificação de seus participantes, organização de sistema 'mata-mata' nem de todos contra todos. Tratou-se de uma série de lutas avulsas, sem a disputa de um título ou cinturão entre boxeadores estrangeiros participantes. O objetivo era atrair o grande público, meta alcançada de forma mais do que satisfatória, proporcionando embates entre boxeadores pesos pesados experientes e com um bom nível técnico. As consequências da temporada de 46 foram sentidas nos anos seguintes, com uma maior massificação do boxe, tanto em termos de público como em número e qualidade de praticantes. Aliada a outros fatores descritos neste capítulo, a Temporada Internacional de 1946 trouxe consequências grandiosas para o boxe paulista e brasileiro.

6.5.3 – O mercado internacional

A temporada internacional de 1946 serve como um importante objeto de estudos para entendermos o mercado internacional de boxe profissional que o Brasil fazia parte no período. Não eram raras programações de boxe internacional com atletas estrangeiros não-residentes no Brasil antes de 1946. Alguns dos pugilistas que participaram da temporada daquele ano já haviam se exibido no Brasil em anos anteriores, como Irineo Caldera e Angel Sotillo. Principal peso pesado em atividade no Brasil na década de 1940, o português Antonio Soares enfrentou diversos boxeadores estrangeiros de passagem por São Paulo, espanhóis, argentinos, chilenos.

Alguns desses boxeadores possuíam um nível elevado, como no caso do chileno Arturo Godoy que trazia na bagagem a experiência de duas lutas em Nova York contra o campeão mundial Joe Louis, uma derrota por decisão dividida e uma derrota por nocaute, dois anos antes de suas lutas em terras brasileiras em 1942. Godoy, considerado até hoje um dos maiores boxeadores da história do Chile, era ainda o campeão Sul-americano dos pesos pesados e dividia com o argentino Alberto Lovell o posto de melhor peso pesado da América do Sul. Uma vez no Brasil, Godoy fez quatro combates entre outubro e dezembro de 1942. Uma contra Soares, uma contra o argentino Eduardo Primo e duas contra o estadunidense Roscoe Toles. Em um espaço de doze meses, entre junho de 1942 e julho de 1943, Godoy boxeu no Chile, Argentina, Brasil e Bolívia, fazendo oito combates.

Ao analisarmos as carreiras dos pugilistas mais destacados da América do Sul no período estudado, entre 1928 e 1953, fica claro que o Brasil fazia parte do mercado sul-americano de boxe profissional. Muitos boxeadores europeus, centro ou norte-americanos que vinham lutar no Brasil, comumente lutavam também na Argentina, Chile Peru ou Uruguai. O estadunidense Roscoe Toles, por exemplo, fez 48 lutas profissionais nos Estados Unidos antes de chegar em Buenos Aires em novembro de 1941. Em meio ano fez sete lutas em solo argentino para depois boxear uma vez no Chile, duas vezes no Brasil e novamente no Chile. Após a temporada na América do Sul, retomou sua carreira nos Estados Unidos. Seus combates em Santiago, São Paulo e Rio de Janeiro tiveram o mesmo adversário, Arturo Godoy, o que indica que os empresários que organizaram as lutas a venderam para diferentes locais. O cubano pré-revolucionário Mariano Gallart Hidalgo (Kid Charlo II) passou dois anos lutando no Brasil, de maio de 1938 a junho de 1940, não sem antes boxear na Argentina e no Uruguai. O gigante italiano Primo Carnera, quando veio lutar no Brasil em janeiro de 1935, não perdeu a oportunidade de 'dar uma passada' em Buenos Aires, onde enfrentou um boxeador local. Inúmeros são os casos de boxeadores de fora da América do Sul que, uma vez na região, transitavam entre os países do Cone Sul em curto espaço de tempo graças à rede de contato existente entre empresários.

Já o fluxo interno de boxeadores sul-americanos era ainda mais intenso, havendo uma grande circulação de lutadores do Brasil, Argentina, Uruguai, Chile e Peru. O argentino Alfredo Lagay, entre fevereiro de 1944 e outubro de 1947 fez onze lutas na Argentina, cinco no Chile, quatro no Brasil e uma no Uruguai. Irineo Caldera, do Uruguai, fez toda sua carreira lutando no Brasil (oito vezes), Uruguai (duas vezes) e Argentina (uma vez), entre 1940 e 1947. O peruano Juan Urlich dividiu suas atuações em ringues na Argentina (vinte e três lutas), Brasil (dez lutas), Chile (uma luta) e Peru (uma luta), entre 1943 e 1955. Nos anos 1930 já era comum esta rotatividade entre boxeadores do Cone Sul, como ocorreu com Erwin Klausner, peso-pesado nascido na Estônia, mas radicado no Brasil. O braso-estoniano iniciou sua carreira em 1926 e após fazer quinze lutas entre Rio de Janeiro e São Paulo, foi boxear em Buenos Aires (1932), Santiago (1933), Lima (1935) e encerrou sua carreira novamente no Brasil, em 1938. Este fluxo dentro da América do Sul perdurou por muitos anos, desde os anos 1930 até os anos 1960, como podemos observar ao notar a carreira de Eder Jofre. Vemos que Eder enfrentou no início de sua carreira profissional em março 1957, até sagrar-se campeão do mundo, em novembro de 1960, vinte e três lutadores argentinos, um uruguaio, um chileno, um mexicano, um espanhol radicado em Buenos Aires, um espanhol radicado em São Paulo e um filipino. Não enfrentou nenhum brasileiro em sua carreira

profissional, fato bastante curioso. Dada a proximidade geográfica, este fluxo de boxeadores na América do Sul persiste até hoje, sendo que a maior parte de boxeadores estrangeiros que vem lutar no Brasil são argentinos, chilenos, uruguaios e paraguaios.

6.6 - Latino-americano amador de 1947

Seguindo a temporada profissional de 1946, em 1947 ocorreu pela primeira vez no Brasil um campeonato latino americano de boxe amador, colocando São Paulo no centro das atenções pugilísticas sul-americana. Com a participação de atletas do Chile, Argentina, Uruguai, Bolívia e Brasil, o torneio reuniu os melhores amadores da América do Sul, que se enfrentaram no Pacaembu. A decisão dos dirigentes brasileiros de trazer o mais importante campeonato amador do continente para São Paulo estava ligada ao sucesso do Campeonato Popular da Gazeta, iniciado em 1941. O público paulistano comparecia massivamente nas rodadas do campeonato, chegando a 20 mil pessoas em dias de finais. Em 1946, um ano antes do XXI Latino Americano, 15 mil pessoas compareceram ao Palestra Itália na final da Gazeta, acomodando-se nas arquibancadas do campo de futebol, enquanto o ringue foi armado em frente às gerais. Além disso, a grande quantidade de público presente nas programações tarifadas no Pacaembu, tanto para o boxe profissional como no amador, tornou a realização do torneio internacional factível.

Em janeiro de 1947, a Federação Paulista anunciava uma reunião de amadores na Academia Brasileira, de Kid Jofre, onde seria tratados “*assuntos de certa importância para o bom desenvolvimento do nosso amadorismo*”¹³⁰. O boxe amador paulista organizava-se para receber o maior evento amador de sua história em novembro. Jornais passaram a divulgar a realização do Latino Americano no Pacaembu ainda no início do ano, reforçando que o estádio municipal era o único apto no país a receber grandiosa competição. O ginásio, já habituado a receber reuniões pugilísticas, foi sede naquele ano do Paulista em setembro, do Brasileiro em outubro e das eliminatórias para o Latino ainda em outubro. No Campeonato Brasileiro de 47 participaram São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul e o Distrito Federal (Rio de Janeiro capital), sendo a equipe paulista a única com representantes em cada uma das oito categorias. O grande número de reuniões amadoras no Pacaembu nos meses que antecederam o Latino Americano de novembro colaborou para o sucesso de público do certame.

¹³⁰ Correio Paulistano, São Paulo, 16 de janeiro de 1947

A análise da equipe nacional que disputou o Latino de 47 nos permite analisar a situação do boxe brasileiro como um todo. Atletas, treinadores, clubes e resultados são evidências ou consequências do contexto geral que vivia o boxe no país no meio da década de 1940. Começamos pelos treinadores. Quatro dos mais importantes técnicos nacionais foram designados para comandar o time, sendo que três deles foram inscritos como treinadores e um deles foi o massagista da equipe. Do Rio de Janeiro, veio o carioca José Santa Rosa Lopes, o popular Santa Rosa, que se tornaria uma lenda do boxe carioca nas décadas seguintes. O treinador, que preparava pugilistas no Flamengo, veio acompanhando os dois boxeadores cariocas da equipe, o galo Manoel Nascimento e o meio-médio Aurelino Rodrigues. Os outros três treinadores eram Kid Jofre do São Paulo, Waldemar Zumbano do Floresta e Gaúcho Soares do Corinthians como massagista. A filiação clubística dos treinadores paulistas é um belo retrato do quadro geral da categoria, com dois oriundos de times de futebol e um de clube poliesportivo. Os times de futebol já figuravam como potências pugilísticas, e as associações poliesportivas ainda eram fortes no pugilismo no meio da década de 1940, perdendo espaço para as academias trabalhistas somente nos anos 1950. Dentre os técnicos selecionados, Kid Jofre era professor de três atletas, Waldemar de dois e Gaúcho de mais um. Dos oito atletas participantes, seis eram paulistas e dois cariocas, e os medalhistas eram cinco paulistas e um carioca, demonstrando que os melhores boxeadores do país ainda concentravam-se no eixo Rio-São Paulo.

Dentre os países participantes, o Brasil era o único que trazia uma equipe completa, com oito homens. Na equipe argentina encontrava-se o peso mosca Pascual Perez, que anos depois se tornaria o primeiro argentino a deter o título do mundo. Como amador Pascual venceria o ouro olímpico em 1948, e como profissional seria campeão do mundo de 1954 a 1960, tornando-se um dos maiores boxeadores da história da Argentina. O Brasil conseguiu pela primeira vez sagrar-se campeão coletivo de um Latino Americano, empatando com o Uruguai na primeira colocação. Foram quatro medalhas de ouro e duas de prata para os brasileiros, trazendo 28 pontos, mesma pontuação do Uruguai e apenas um ponto a frente do Chile, segundo colocado. A Argentina ficou em terceiro com 17 pontos e a Bolívia em quarto com três pontos. Kaled Curi e Ralph Zumbano, ambos do São Paulo, foram os únicos atletas brasileiros a não serem derrotados em nenhum combate. Geraldo de Jesus, do Corinthians, e Jorge Matuk, do Floresta, foram derrotados em um dos combates mas mesmo assim foram campeões em suas categorias. Vicente dos Santos, o Vicentão do São Paulo, e Manoel Nascimento, carioca treinado no 84 Boxing Club, foram os que conquistaram a prata na competição, fechando o quadro de medalhas do Brasil com seis tentos em oito

possíveis. Ralph Zumbano, da categoria peso leve, foi considerado o melhor atleta da competição, recebendo homenagem e premiação dos organizadores do evento internacional. O peso mosca paulista José Domenech (Floresta) e o meio-médio carioca Aurelino Rodrigues (Vasco) completaram a equipe e não subiram ao pódio.

O desempenho dos atletas brasileiros, assim como a classificação da equipe, foi favorecido por um episódio extra ringue. Após casos de erro da arbitragem e resultados tidos como injustos, a equipe da Argentina decidiu abandonar a competição ainda no meio dela. Os argentinos acusavam a arbitragem de prejudicar a equipe platina após a desclassificação do peso médio da equipe frente ao brasileiro Jorge Matuk. A atitude antidesportiva dos dirigentes argentinos foi bastante criticada, tanto pela mídia como pelos participantes do campeonato. Os uruguaios lembraram que no Latino Americano do ano anterior, em Buenos Aires, foram também eles prejudicados pela arbitragem, e nem por isso abandonaram o campeonato. O Correio Paulistano¹³¹, que narrou com detalhes o entrevero, informava a seus leitores que situações como estas eram muito comuns nas competições da América do Sul, e que o Brasil era constantemente prejudicado em competições na Argentina, Uruguai ou Chile. Durante duas rodadas os argentinos não compareceram às lutas, dando vitória por WO a todos seus adversários. Após serem informados pelos dirigentes brasileiros que, em caso de abandono do campeonato, a Federação Argentina ficaria encarregada de cobrir todos os gastos da equipe, os boxeadores argentinos voltaram a boxear na última rodada. O desfalque da mais forte equipe do continente em duas das sete rodadas da competição influenciou bastante o transcorrer do XXI Latino Americano, facilitando um pouco o caminho dos demais concorrentes. O caso explicita o espírito 'caseiro' do boxe sul-americano, seja no Brasil ou em seus vizinhos, que muitas vezes ofuscava resultados esportivos.

Favorecido pela arbitragem ou não, o fato é que o Brasil ficou na inédita primeira colocação no evento, empatado com o Uruguai. Segundo o memorialista Henrique Matteucci, o boxe do Brasil passou a ser respeitado no exterior somente após esta competição, mostrando estar entre os melhores do continente sul americano. Kaled Curi, um dos participantes do campeonato, relata que a repercussão do campeonato colaborou para o aumento da popularidade do boxe no ano seguinte. Em termos esportivos, a competição serviu para dar 'tarimba' aos nossos bons amadores, preparando-os para seus próximos desafios internacionais no amadorismo ou no profissionalismo. Ralph Zumbano, que foi campeão e o melhor atleta do Latino, teve

¹³¹ Correio Paulistano, São Paulo, 26 de novembro de 1947

excelente desempenho nas Olimpíadas de Londres do ano seguinte. O peso pesado Vicentão também foi a Londres em 1948, e se tornou um dos melhores profissionais brasileiros a partir de 1949, quando se profissionalizou. Kaled Curi, campeão peso pena em 47, também se configuraria como um dos mais destacados profissionais dos anos seguintes, ao lado de Vicentão e R. Zumbano. Os três boxeadores do São Paulo FC gozavam de boa fama antes mesmo de estrear no profissionalismo, em 1949, e boa parte da fama provinha do desempenho no Latino Americano de 47 perante o público brasileiro. Com o bom desempenho dos pugilistas nacionais no continental, público, dirigentes, treinadores e atletas passaram a sonhar com as olimpíadas de Londres do ano seguinte.

6.7 - Olimpíada de Londres 1948

Foi somente nos anos 1940 que o boxe em sua versão amadora (ou olímpica) conseguiu se estruturar verdadeiramente no Brasil, favorecido por uma série de mudanças ocorridas naquela década, como apresentamos no presente trabalho. O incentivo crescente ao amadorismo no país dera um salto a partir de 1941, com a realização do 1º Campeonato Popular de Boxe Amador da Gazeta. Antes do torneio da Gazeta, os vencedores dos campeonatos paulistas e brasileiros amadores não eram ovacionados pelo público, sendo os principais boxeadores do país os profissionais. A mudança de espectro foi tão grande que em 1948, os boxeadores nacionais que mais recebiam atenção da mídia eram amadores, situação improvável uma década antes. Em 1947, com a grande Temporada Internacional de 46, alguns nomes fortes do profissionalismo brasileiro ainda estavam em atividade, como Zumbanão, Mesquita e Brasilino Fino. Fino, na realidade, voltou de uma aposentadoria de seis anos, já que estava sem combater desde 1941. Foram apenas seis eventos profissionais em São Paulo em 47, enquanto em 48 foram realizadas apenas duas rodadas, sem que nenhuma delas apresentasse algum nome popular ao público brasileiro.

Se o boxe profissional em São Paulo teve pouquíssima movimentação em 48, o boxe amador teve um ano cheio, com os atletas se apresentando constantemente perante o público paulista. Na véspera do ano olímpico, inspirados pelo Latino Americano de 47, iniciava-se as suposições sobre a participação do boxe nas Olimpíadas de Londres. No dia 24 de dezembro de 1947, O Diário da Noite informava que o Comitê Olímpico Brasileiro enviaria a Londres somente atletas com possibilidades reais de bom desempenho, “*que tenham marcado performances que os credenciem a se apresentar com possibilidades de chegar às finais*”. Antes mesmo que o COB

anunciasse qual seria a equipe, o jornal criticava a escolha, alegando que deveria ser mandado um time de pugilistas completo, e não apenas os campeões latinos Ralph e Kaled. A publicação apontava que a Confederação Brasileira de Pugilismo havia dinheiro em caixa suficiente para bancar a participação de mais boxeadores, assim como a Federação Paulista e a Federação Metropolitana (carioca). O Jornal de Notícias, um dia depois, dia de natal de 1947, escrevia sobre o boxe brasileiro em Londres: *“O problema mais grave é o financeiro. Como todos sabem, as entidades amadoras estão sempre em dificuldades financeiras, e para que a Confederação Brasileira de Pugilismo possa na verdade cumprir o seu programa somente com o auxílio do governo poderá levar avante o que pretende realizar. Estuda-se no momento a realização de alguns torneios interestaduais com o intuito de conseguir renda para as Olimpíadas de Londres”*. Apesar da campanha favorável, o noticiário deixava claro que “[...] naturalmente não podemos nutrir grandes esperanças de títulos”, considerando o nível dos boxeadores brasileiros frente às grandes potências do exterior.

O ano olímpico foi de bastante agitação para os boxeadores paulistas, visando dar maior rotatividade aos atletas que disputariam as Olimpíadas. Em março ocorreu, no Pacaembu, a disputa entre as equipes do São Paulo FC e do Corinthians, com três vitórias para cada lado e dois empates. Neste primeiro torneio do ano, Ralph Zumbano quebrou a mão, retornando às competições somente às vésperas dos Jogos Olímpicos. Em abril foi realizado no Pacaembu o Torneio de Preparação Olímpica, com participação de paulistas, gaúchos, cariocas e uruguaios. Na competição internacional foi onde o campeão latino peso pena Kaled Curi ‘começou a perder’ sua vaga olímpica por fatores extra ringue. A delegação uruguaia exigiu da Confederação Brasileira que os combates não tivessem resultados anunciados, tornando a competição uma espécie de treino de luxo, sem vencedores e derrotados¹³². A Confederação acatou o pedido dos uruguaios e Kaled Curi, que era um dos pugilistas participantes, criticou duramente o órgão brasileiro. Curi àquela altura conciliava sua atividade como boxeador amador com o papel de jornalista e correspondente de boxe para a mídia esportiva, que lhe gerou diversas inimizades. Segundo Curi relata em sua biografia, suas opiniões contrárias a alguns dirigentes lhe geraram perseguição esportiva, perseguição esta que lhe custou o direito a participar das Olimpíadas daquele ano.

O time olímpico para Londres foi escolhido através de três torneios eliminatórios, dois no Rio de Janeiro e um em São Paulo. Os participantes e os campeões do latino

¹³² CURI, Kaled. *O Poeta do Ringue*. p.17. São Paulo: Editora Preferência, 1996

Americano do ano anterior eram, obviamente, os mais cotados para representarem o Brasil nos Jogos, mas devido à inexistência de uma Equipe Olímpica Permanente, o grupo de boxeadores foi escolhido por meio de combates seletivos. As rodadas aconteceram em maio no Pacaembu, em junho e julho no Rio de Janeiro. Ralph Zumbano não viajou ao Rio na segunda rodada das eliminatórias, já que tinha “*compromissos junto ao estabelecimento em que trabalha*”. Unanimidade entre grande público, treinadores e dirigentes, Ralph não teve sua vaga ameaçada, mostrando-se muito superior a qualquer homem de sua categoria. Kaled Curi, pelo contrário, foi preterido pelo carioca José Dias, boxeador peso pena do Vasco que venceu o paulista nas eliminatórias. Kaled alegou que foi prejudicado e perseguido pela Confederação, que preferiu levar a Londres um boxeador do Rio de Janeiro do que um paulista crítico à sua gestão. Kaled Curi era o atual campeão Latino Americano, enquanto José Dias não tinha experiência internacional. Para exemplificar a incoerência da decisão, no Latino Americano de outubro de 48, após Londres, Kaled Curi voltou a ser o representante brasileiro dos penas, ficando José Dias de fora da competição continental. O carioca que tomou a vaga de Curi viajou a Londres, mas não pode competir pois quebrou um dos dedos do pé às vésperas da sua estreia olímpica. Desta maneira, o Brasil ficou sem representante na categoria e Kaled Curi abandonou o sonho olímpico.

Representante olímpico dos galos em Londres, o carioca Manoel do Nascimento foi um dos participantes do latino Americano de 47, onde conquistou a medalha de prata. Diferentemente de seu colega carioca dos penas, Manoel já figurava como um dos principais nomes em sua categoria de peso, tendo participado e vencido competições de grande importância. O boxeador do Rio de Janeiro era militante da academia 84 Boxing Club, tendo como treinador o lendário Santa Rosa, do Rio de Janeiro. Completando a equipe estava Vicente dos Santos, o popular Vicentão, boxeador paulista do São Paulo FC que também conquistara a prata no Latino Americano de 47. Aristides Kid Jofre, treinador do São Paulo e de dois dos boxeadores olímpicos, foi designado para comandar a equipe brasileira em Londres. Viajaram ainda à Londres Jamil Nasser (delegado), Gustavo de Matos e Abílio de Almeida (jurados), todos cariocas da Confederação Brasileira de Pugilismo. A decisão dos responsáveis de enviarem três dirigentes cariocas à Londres, ao invés de enviarem mais boxeadores, foi bastante criticada na mídia esportiva paulista. Na queda de braço política entre cartolas cariocas e esportistas paulistas, o Brasil levou uma equipe reduzida à Londres, deixando bons valores de fora da maior competição amadora do mundo.

Apesar de não ter conquistado nenhuma medalha na Olimpíada, o desempenho do boxe brasileiro em Londres foi bastante comemorado. O peso pena José Dias, como

dito anteriormente, não pode competir devido a uma lesão às vésperas do campeonato. Manoel Nascimento, peso galo, enfrentou na primeira luta o húngaro Tibor Csik, que sagrou-se campeão olímpico naquela oportunidade. O brasileiro vinha fazendo uma luta difícil contra o húngaro, quando foi desclassificado no segundo round por repetidas faltas técnicas. O treinador brasileiro Kid Jofre alegou ser injusta e errônea a desclassificação, e o árbitro italiano que desclassificou Manoel foi afastado das próximas rodadas. Tibor Csík, após bater o brasileiro, venceu boxeadores do Peru, Austrália, Porto Rico e Itália, conquistando o ouro dos galos e mostrando que o brasileiro fora derrotado por um grande nome. O peso pesado Vicentão também não deu sorte no sorteio, sendo escalado para enfrentar o estadunidense Jay Lambert na primeira rodada. O atleta dos Estados Unidos fez valer seu favoritismo e venceu Vicentão por pontos, para posteriormente vencer atleta da Bélgica e perder para boxeador da África do Sul nas fases seguintes da competição.

A grande surpresa do boxe brasileiro em Londres seria, porém, o peso leve Ralph Zumbano. Surpresa talvez não seja o melhor termo para classificar o desempenho de Zumbano, uma vez que o boxeador do São Paulo era tido como a maior esperança do boxe nacional na competição. Ralph detinha em seu currículo amador diversos títulos da Gazeta, do campeonato paulista, brasileiro e até o Latino Americano de 47, configurando-se como o melhor boxeador amador do país, posição muito destacada pelos jornais. Na estreia, Ralph enfrentou Franz Ehringer, de Luxemburgo, a quem nocauteou no segundo round. A vitória por nocaute sobre um boxeador europeu embalou Zumbano, que deveria enfrentar na próxima fase Auguste Caulet, da França. O boxeador francês vinha de expressiva vitória sobre o representante da Itália, outra potência boxística, o que demonstrava sua alta qualidade. Ralph, entretanto, conseguiu impor sua classe no ringue, boxeando com inteligência e técnica, vencendo o francês por pontos. O desempenho e vitórias do desconhecido Ralph frente a boxeadores europeus fez com que a mídia britânica desse especial atenção à ele, chamando-o de 'A Maravilha Brasileira' e apontando-o como um dos favoritos ao título dos leves. Em seu terceiro combate, válido pelas quartas-de-finais, o representante do clã Zumbano-Jofre enfrentou Wallace 'Bud' Smith, dos Estados Unidos. Ralph fez um bom início de combate, mas após um 'descuido' no segundo assalto, foi nocauteado pelo jovem negro de Ohio. Acabava ali o sonho de um pugilista brasileiro conquistar uma medalha olímpica, sonho que se realizaria somente vinte anos depois, com o bronze de Servílio de Oliveira no México em 1968.

Mesmo sem subir ao pódio, Ralph Zumbano fez história nas Olimpíadas de Londres. Foi a primeira participação brasileira com chances reais de bons resultados de

nossos pugilistas. Em termos práticos, esta foi a primeira participação do boxe brasileiro em olimpíadas, já que em 1936 o paulista Walter Neves foi enviado a Berlim para a disputa dos Jogos, mas não pode competir devido a ausência de passaporte olímpico. Ralph Zumbano foi, portanto, o primeiro boxeador brasileiro a ter seu braço erguido em um ringue olímpico. O nível dos boxeadores enfrentados por Zumbano também deve ser exaltado, uma vez que boxeadores brasileiros não estavam habituados a enfrentar europeus. Franz Ehringuer, de Luxemburgo, tornou-se boxeador profissional de bom nível, vencendo o título nacional de seu país em 1950. Auguste Caulet profissionalizou-se logo após as Olimpíadas e manteve-se como campeão profissional francês por vários anos. O estadunidense Wallace Bud Smith, vencedor de Zumbano, não subiu ao pódio em Londres pois foi derrotado na semifinal pelo representante da Bélgica. Como profissional, entretanto, Bud Smith conquistou o título mundial dos leves em 1955, comprovando sua alta qualidade. Oriundo da mais importante família de boxeadores brasileiros de sua época, Ralph teve boa carreira no profissionalismo, mas sequer chegou a disputar um título internacional. Lutou de 1949 a 1956 e encerrou a carreira com o cartel de 27 vitórias, 2 derrotas e 2 empates.

A boa participação da delegação brasileira em Londres foi resultado de uma década de investimentos no boxe amador em São Paulo. O ano esportivo dos atletas olímpicos não se encerrou com o regresso de Londres, em agosto, e ocorreram ainda o campeonato paulista em setembro, brasileiro em Porto Alegre em outubro, eliminatórias para o Latino Americano em outubro e o XXII Latino Americano no Chile em dezembro. Embalados de Londres, Vicentão e R. Zumbano venceram o continental, que teve ainda participação de Deny Rocha (mosca), Pedro Galasso (galo), Kaled Curi (pena), Ari do Carmo (meio médio), Paulo de Oliveira (médio) e Jorge Matuk (meio pesado), comandados todos por Kid Jofre.

6.8 – Profissionalização em 1949

Os resultados e desempenhos dos amadores brasileiros em 1948 foi fundamental para o fortalecimento do cenário profissional, o que aconteceria no ano seguinte. Em 1949 os três principais pupilos de Kid Jofre, Ralph, Kaled e Vicentão, despediram-se do boxe amador e deram início a suas carreiras profissionais, inaugurando assim uma nova era no boxe brasileiro. A passagem do trio ao profissionalismo era já aguardada há tempos, havendo inclusive o medo de que se profissionalizassem antes das Olimpíadas de Londres. Em janeiro de 1948, uma notícia do Diário da Noite informava que, a pedido da Confederação Brasileira, o presidente da

Federação Paulista, capitão Silvio Magalhães Padilha, se reuniu com o trio para tratar sobre o assunto. Os dirigentes brasileiros temiam que seus principais boxeadores amadores se profissionalizassem antes dos Jogos Olímpicos, perdendo assim sua classificação como amador e sendo impedidos de participar da competição na Inglaterra.

“[...] o resultado da reunião satisfaz plenamente aos que receavam não poder mais o nosso pugilismo amador contar com o concurso dos três destacados esmurradores, principalmente de Vicente dos Santos, que vem protelando há algum tempo seu ingresso nas fileiras do boxe remunerado. Após ouvirem o diretor dos esportes, que ressaltou a importância das Olimpíadas tanto para o Brasil como para o prestígio de cada esportista amador que nela tivesse a honra de figurar, Kaled e Ralph declararam pretenderem continuar como amadores pois almejam participar do monumental torneio, enquanto que Vicente comprometeu-se a esperar até agosto para então concretizar sua máxima aspiração que é a de obter um posto de realce no pugilismo profissional do continente. “

Orientados pelo mestre Kid Jofre, os três pugilistas do São Paulo FC mantiveram-se como amadores, e Ralph e Vicentão puderam participar da maior competição esportiva do planeta. Kaled, embora tenha sido cortado da Olimpíada, também manteve-se no amadorismo, aguardando melhor oportunidade para se profissionalizar. Interessante notar como as boas condições do boxe amador em São Paulo fizeram pugilistas reconfigurar seus objetivos esportivos, mantendo-se no boxe olímpico durante anos. Após o Latino Americano de dezembro de 48, no Chile, em que perdera duas lutas por nocaute, Kaled Curi decidiu se afastar do Brasil. Ter sido vetado da Olimpíada e as duras derrotas que sofrera no Chile fizeram o amador do São Paulo FC buscar novos ares na Argentina, onde possuía contatos esportivos. O valoroso peso pena passou dez meses em Buenos Aires, onde fez 14 lutas, treinou em diversas academias e estabeleceu parcerias com dirigentes e promotores argentinos. Importante ressaltar que Kaled, antes ainda de se aposentar como atleta, exercia funções como a de jornalista, correspondente, *match maker*, empresário, promotor, entre outras atividades dos bastidores do boxe.

Enquanto estava na Argentina, Kaled viu a notícia de que seus companheiros de amadorismo, Ralph e Vicentão, iniciaram-se no profissionalismo. Vicentão fez sua estreia dia 2 de julho de 49 e Ralph uma semana depois, no feriado de 9 de julho daquele ano, ambos no Pacaembu. Tornado da Argentina em outubro, Kaled iniciou sua carreira profissional em novembro daquele ano, formando assim o ‘trio de ouro’ de Kid Jofre também no profissionalismo. Para se ter ideia da influência que o trio causou no cenário

pugilístico paulista, citamos que todas as 12 rodadas profissionais daquele ano aconteceram somente no segundo semestre, quando começaram a se profissionalizar as estrelas amadoras. O Pacaembu, que recebera apenas duas rodadas profissionais no ano anterior, estava há quase um ano sem receber reuniões, dada a escassez de lutadores. O boxe paulista encontrava-se numa entre safra de ídolos profissionais, já que os maiores nomes da década de 1940 já não mais lutavam no final daquela década e os principais nomes do esporte eram os amadores. Cada uma das 12 rodadas daquele ano, entre julho de dezembro, contou com ao menos um dos boxeadores do trio, deixando claro a posição de Kaled, Ralph e Vicentão naquela temporada.

O sucesso da temporada profissional de 49 foi enorme e o trio de Kid Jofre ‘resgatou’ o boxe profissional paulista, que pouca atividade tivera em 1947 e 48. Podemos dizer que o ano pugilístico de 1949 marcou a transição entre os anos 1940 e os anos 1950, já que a partir dele iniciou-se uma década recheada de eventos, ídolos e títulos do boxe profissional paulista e brasileiro. Se nos anos 1940 as rodadas profissionais em São Paulo oscilavam, com anos sem nenhuma rodada e outros com dezenas delas, nos anos 1950 o boxe paulista manteve-se sólido e constante, algo até então inédito neste cenário esportivo. O jornalista Henrique Matteucci defende que “[...] *o que podemos chamar de ‘a era moderna’ do boxe nacional começou no ano de 1949, em São Paulo. A partir de então, tivemos uma época áurea e marcante [...] Como num passe de mágica, começaram a aparecer astros e mais astros em quase todas as categorias, o que permitiu não só dar continuidade as temporadas anuais, mas também aumentar o intercâmbio com Argentina, Uruguai, Chile e Peru, principalmente. Em alguns anos formamos um plantel como nunca havia acontecido antes no Brasil, com a revelação de talentos fora do comum*”¹³³. Ao analisar a emergência de grandes boxeadores e importantes eventos nos anos seguintes, somos obrigados a concordar com Matteucci.

Ralph, Kaled e Vicentão inauguraram no Brasil o processo ‘carreira sólida amadora – profissional de sucesso’ que seria seguido por vários outros pugilistas nacionais. Tido por especialistas como o melhor caminho para uma carreira de sucesso, dedicar-se com afinco ao boxe olímpico antes de alcançar o profissionalismo é um movimento usado desde as primeiras edições dos Jogos Olímpico modernos até hoje em dia. Muhammad Ali, George Foreman, Joe Frazier, Sugar Ray Leonard, Floyd Patterson, Oscar De La Roca são boxeadores norte-americanos campeões do mundo profissionais e que foram também campeões olímpicos. Tal como fizeram os pupilos de

¹³³ MATTEUCCI, Henrique. *Boxe: mitos e história*. São Paulo: Editora Hemus, 1988

Kid Jofre, outros boxeadores brasileiros também participaram das Olimpíadas antes de se tornarem profissionais de sucesso. Paulo Galasso e Paulo de Jesus, dois dos mais destacados profissionais brasileiros dos anos 1950, representaram Brasil nas olimpíadas de Helsinki em 1952. Paulo Sacomã e Luís Ignácio não foram aos Jogos Olímpicos, mas tiveram larga carreira amadora e disputaram os Jogos Pan-americanos de 1951 e 55, respectivamente, conquistando medalhas de prata e ouro. Eder Jofre, maior boxeador da história do pugilismo brasileiro, disputou a Olimpíada de Melbourne em 1956 antes de se profissionalizar. Atualmente, os principais boxeadores profissionais do mundo tiveram sólida carreira amadora, como o ucraniano bi-campeão olímpico Vasyl Lomachenko e o estadunidense medalha prata no Rio 2016 Shakur Stevenson.

Capítulo 6 – Os Boxeadores de fora

Utilizar o boxe como uma janela para estudar a sociedade brasileira implica, entre tantos pontos, analisar qual era o perfil social, econômico, cultural e racial dos praticantes de boxe. Somente ao se aprofundar nas particularidades deste grupo, comunidade essa extremamente heterogênea, é que conseguimos utilizar o estudo deste esporte como ferramenta de pesquisa histórica e social. O universo dos praticantes de boxe de determinado momento histórico é bastante vasto, com muitas particularidades de origem, nacionalidade, raça, profissão, entre outros. Além disso, como nosso recorte temporal aborda 25 anos, entre 1928 e 1953, este universo se torna ainda maior, uma vez que o perfil geral do boxeador do final dos anos 1920 já não era o mesmo do pugilista do começo dos anos 1950. Atento à tais variações, o presente trabalho visa jogar luz às características destas comunidades, buscando traçar paralelos, associações e dissociações entre elas. Para melhor organização, dividimos o tema 'boxeadores' em dois capítulos distintos: os boxeadores 'de fora' e os boxeadores 'daqui'. Iniciamos este tema nos debruçando sobre os boxeadores com origens estrangeiras, enquanto os pugilistas nacionais são o tema do próximo capítulo, que é uma continuação deste.

O boxe é um esporte historicamente ligado a classes sociais subalternas, a camadas sociais menos favorecidas economicamente, às minorias, aos excluídos. Diversos estudos de pesquisadores estrangeiros das ciências humanas se debruçaram sobre esta característica, como o francês Wacquant e estadunidense Sammons. Loic Wacquant se propôs a estudar guetos negros de Chicago no final dos anos 1980 e foi através do boxe que conseguiu ter entrada nesta realidade, tão distante para ele, um branco, europeu, acadêmico, francês, que buscava entender a sociabilidade dos guetos estadunidenses. Foi matriculando-se em uma academia de boxe na periferia de Chicago que Wacquant conseguiu criar um vínculo com seu objeto de estudos: trabalhadores braçais, criminais, egressos do sistema prisional, pessoas em situação de pobreza extrema, pessoas com a vida imersa em uma realidade violenta e vítimas de uma sociedade racista. O antropólogo francês estudou aquele grupo de pugilistas já no final do século XX, mas tal característica social se arrasta desde os primórdios do boxe como esporte, como aponta o historiador da New York University Jeffrey Sammons no seu *Beyond the Ring: The Role of Boxing in a American Society*, lançado em 1988.

Ao analisarmos a relevância na cena pugilística de determinados grupos sociais dos Estados Unidos através da história, percebemos que a importância destes grupos dentro do esporte está intimamente ligada com a situação econômica dos mesmos. A 'regra' é simples: enquanto o grupo era uma minoria excluída, havia boxeadores de destaque; já quando o grupo ascende social e economicamente, diminuem os atletas de destaque da comunidade. Os boxeadores ítalo-americanos, imigrantes, filhos ou netos de imigrantes, tiveram o auge no cenário mundial nos anos 1930, 40 e 50, praticamente desaparecendo depois dos anos 1960. Nascido na Lousiana em 1908, Tony Cazonieri foi campeão do mundo entre 1927 e 1934. Tony Galento não chegou ao título do mundo, mas ficou famoso pela guerra que travou com o campeão mundial dos pesados Joe Louis em 1939. Rocco Francis Marchegiano, nome de batismo de Rocky Marciano, é tido por muitos como o maior peso pesado da história e boxeu entre 1947 e 1955. Jakie La Motta, nascido Giacobbe La Motta no Bronx, Nova York, teve sua vida pessoal retratada no filme *Touro Indomável* (*Raging Bull*¹³⁴), de Martin Scorsese, e foi campeão do mundo entre 1949 e 1951. Carmen Basilio foi um dos maiores boxeadores dos anos 1950, vencendo o título do mundo dos meio-médios em 1955 sobre Tony DeMarco, outro 'oriundo'. Se, nos anos trinta, quarenta e cinquenta o cenário do boxe era repleto de ítalo-americanos, nos anos oitenta e noventa este grupo perdeu sua relevância.

Os 'irish-americans', boxeadores americanos de origem irlandesa, tiveram seu período de destaque internacional ainda antes que os italianos. John L. Sullivan teve fama nos primórdios do boxe conhecido como o esporte que temos hoje, sendo o primeiro campeão do mundo peso pesado reconhecido pela comunidade pugilística, em 1885. Sullivan tinha origens irlandesas e foi derrotado por nocaute no vigésimo primeiro round em 1892 por James Jim Corbett, outro 'irish-american'. Philadelphia Jack O'Brien foi campeão do mundo peso pesado em 1905, reforçando a marca de que descendentes de imigrantes irlandeses dominavam o boxe nos Estados Unidos no fim do XIX e início do XX. Nos anos 1920 os 'irlandeses' ainda tinham bastante relevância e podemos citar o lendário Gene Tunney, que deteve o título dos pesados entre 1926 e 1928, como grande representante deste grupo étnico, que ainda era um grupo discriminado e sofria xenofobia nos Estados Unidos até o primeiro quarto do século XX. Tommy Gibbons, que lutou entre 1911 e 1925, e Tommy Loughran, que fez 126 lutas entre 1919 e 1937, são outros americanos de origem irlandesa que fazem hoje parte do Hall da Fama do boxe,

¹³⁴ *Raging Bull*, direção Martin Scorsese, 1980. Estados Unidos, United Artists

reconhecidos como boxeadores lendários e históricos. A nível de comparação, apenas um brasileiro faz parte do Hall da Fama do Boxe, o bicampeão mundial Eder Jofre.

Entre o fim da Primeira Guerra Mundial e o início da Segunda Guerra, os judeus eram um grupo étnico com bastante relevância no boxe nos Estados Unidos e também internacional. O livro *When Boxing Was a Jewish Sport*, escrito por Allen J. Bodner e Joanne B. Ciulla¹³⁵ traz dados e informações sobre boxeadores judeus de destaque nos anos vinte, trinta e quarenta, como os campeões do mundo Battling Levinsky (1916 a 1920), Mushy Callahan (1926 a 1930), Jack Bernstein (1923), Max Baer (1934) e Barney Ross (1933 a 1938). Outros tantos boxeadores americanos judeus fazem parte do Hall da Fama do boxe, como Maxie Rosenbloom (carreira de 1923 a 1939), Lew Tendler (1913 a 1928) e Benny Leonard (Benjamin Leiner, com carreira entre 1911 e 1932). Atualmente, nem judeus, nem italianos, nem irlandeses são o grupo étnico com mais boxeadores de valor nos Estados Unidos, mas sim os hispânicos (mexicanos, porto-riquenhos, centro-americanos) e os negros, que tem destaque na modalidade desde quando lhes foi permitido competir contra brancos, no início do século XX. Mesmo que tenha havido uma ascensão social e econômica dos negros nos Estados Unidos, ainda é um grupo étnico oprimido e discriminado, o que seja, talvez, o triste motivo que faz com que deste grupo surjam grandes boxeadores até os dias de hoje. Judeus, italianos e irlandeses escassearam-se do boxe à mesma medida que ascenderam economicamente, quando deixaram os guetos e passaram para a elite econômica dos Estados Unidos.

Um antigo treinador de boxe paulista certa vez lançou a frase: “*Se um dia eu for fazer um campeão na Dinamarca, na Noruega, em qualquer país rico, eu vou montar minha academia na periferia dessas cidades. Os campeões estão lá, como sempre estiveram*”. Nos Jogos Olímpicos do Rio em 2016, o time de boxe da França foi o que mais conquistou medalhas, e analisando os e as atletas da equipe europeia podemos perceber que a mesma situação social narrada acima em tempos remotos ainda se repete naquele país. Foram seis medalhistas franceses nesta Olimpíada e todos eles pertencem a grupos étnicos minoritários na França. Tony Yoka e Estelle Mossely, são negros, descendentes de congoleses. Souleymane Cissokho representou a França, mas é africano nascido no Senegal. Sarah Ourahmoune tem ascendência argelina, enquanto Sofiane Oumiha tem origens marroquinas. O único francês com origens europeias a conseguir uma medalha no time foi Mathieu Bauderlique, enquanto todos

¹³⁵ BODNER, Allen J. & CIULLA, Joanne B. *When Boxing Was A Jewish Sport*. Westport: Greenwood Publishing Group, Incorporated, 1997

os outros cinco medalhistas são afro-europeus, imigrantes ou descendentes de imigrantes. O time brasileiro de boxe nesta mesma edição dos Jogos Olímpicos ajuda a reforçar a máxima de que boxe é esporte marginal. Patrick Chagas e Michel Borges, peso mosca-ligeiro e meio-pesado, respectivamente, são oriundos de um projeto social na favela do Vidigal, Rio de Janeiro. Julião Neto, mosca, vem da periferia de Belém. Robenilson Vieira, Adriana Araújo e o campeão Robson Conceição vêm de bairros populares de Salvador. Joedison Teixeira, Andreia Bandeira e Juan Nogueira são de bairros suburbanos da zona Sul de São Paulo. Infelizmente não existem estudos acadêmicos sobre o perfil socioeconômico ou sociocultural do boxeador brasileiro, que poderiam comprovar cientificamente a ideia recorrente e unânime de que “boxe é esporte de pobre”, tal como disse Eder Jofre em entrevista ao documentário *Quebrando A Cara*. Porém, análises rápidas e pontuais como estas nos permitem confirmar que são ‘os de baixo’ que dominam este esporte, ao menos em seu alto nível.

Para estudar quais grupos pertenciam os boxeadores brasileiros entre 1928 e 1953, organizamos subdivisões baseadas em nacionalidade, profissão, origens, raça e estilo de vida. As divisões criadas entre os grupos foram: colônia italiana, colônia lusitana, imigrantes, migrantes, negros, marinheiros e *bon vivant*. Destacamos que os grupos criados neste estudo não são baseados em apenas uma característica dos indivíduos e nem os excluem de outros grupos, sendo uma classificação porosa e fluida. Haviam boxeadores que circulavam entre estes grupos sugeridos, como por exemplo Peter Johnson que era imigrante e negro, ou Tonico Zumbano que era da colônia italiana, migrante e também um ‘bom vivant’, ou ainda mais Viriato Monteiro que era negro, lusitano e imigrante. Além disso, cada um dos grupos aqui estudado é exemplificado com a citação de alguns de seus representantes, não sendo o objetivo do estudo elencar cada um dos atletas que o compunha. Ao estudarmos nomes de destaque de cada grupo, buscamos exemplificar de forma clara e concreta como o boxe atraía indivíduos de determinadas subdivisões sociais. Atentos a tal condição, vejamos inicialmente quais eram os grupos com origens estrangeiras que praticavam boxe no Brasil entre as décadas de 1920 e 50, para que no próximo capítulo nos debruçemos sobre os boxeadores com origens brasileiras.

6.1 - Colônia Italiana

Os primeiros boxeadores paulistas a obterem fama e notoriedade foram os membros da colônia italiana, que nos anos vinte era a maior colônia de imigrantes na cidade e no estado. Principal foco dos imigrantes europeus devido ao ciclo do café da

segunda metade do século XIX, o estado de São Paulo recebeu, até 1920, 1.078.437¹³⁶ italianos, correspondente a 70% dos imigrantes no país. Radicaram-se na capital paulista milhares de oriundos da Itália, formando bairros, indústrias, clubes, associações, sociedades, transformando a cidade. Em 1916, os italianos chegavam a 187.540¹³⁷ dos moradores da cidade, correspondendo a 37% da população paulistana. Apesar do maior fluxo migratório de italianos para o Brasil ter ocorrido na década de 1890¹³⁸, nas décadas iniciais do 1900 ainda chegavam italianos aos milhares em São Paulo, fluxo que perdurou até a primeira metade do século XX. Nestes termos, a numerosa colônia italiana em São Paulo era formada tanto por nascidos na Itália como por seus descendentes, uma vez que a imigração teve início na década de 1870¹³⁹.

Em terras italianas, assim como na maioria dos países europeus, o boxe era um esporte já bastante difundido desde as últimas décadas do século XIX. A Federazione Pugilistica Italiana foi fundada em 1916 e desde então passou a organizar o boxe amador e profissional na península, embora reuniões profissionais já ocorressem com frequência desde 1910¹⁴⁰. Além do pugilismo praticado no país europeu, durante o século XX diversos boxeadores com origens italianas tiveram relevância mundial, como os ítalo-americanos e os ítalo-argentinos. A primeira medalha de ouro foi conquistada por um boxeador italiano em Olimpíadas veio em Amsterdã, em 1928, e o primeiro título mundial veio em 1933, conquistas que estimularam a afeição ao boxe por parte dos italianos pelo mundo. No Brasil não foi diferente, e a colônia ítalo-brasileira foi grande responsável pelo nascimento, crescimento e amadurecimento do boxe brasileiro, seja pelos pugilistas, treinadores ou público do boxe.

Uma das colaborações mais importantes da colônia italiana ao boxe paulista foi através dos treinadores, já que os primeiros mestres de boxe em solo brasileiro tinham origem italiana. Celestino Caverzasio, que já trabalhava com boxe em sua Itália natal antes de chegar ao Brasil, foi um dos principais treinadores do Brasil durante as décadas de 1920 e 1930. Diversos italianos e ítalo-brasileiros passaram pelas mãos de Caverzasio, que além de treinador era empresário e manager. O ítalo-paulista Francisco Sangiovanni, contemporâneo de Caverzasio, foi também um treinador de destaque,

¹³⁶A integração dos imigrantes italianos no Brasil, na Argentina e nos Estados Unidos," Novos Estudos CEBRAP (São Paulo), Vol.25 (Outubro, 1989), pp.95-117

¹³⁷ Angelo Trento, *Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil*. Studio Nobel, 1989

¹³⁸ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, Alguns dados sobre a a emigração italiana para o Brasil, 1958

¹³⁹ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, Alguns dados sobre a a emigração italiana para o Brasil, 1958

¹⁴⁰ Plataforma BoxRec

embora com menos notoriedade que Celestino. A trajetória de ambos treinadores é narrada no capítulo 2, Mestre Pioneiros, do presente trabalho. Adriano Delaunay, embora possua menos fama que Caverzasio, foi seu precursor na década de 1920. O treinador ítalo-suíço, antes de se dedicar à função de técnico, foi boxeador em Milão e em São Paulo entre os anos 1921 e 1924. Delaunay, cujo nome de batismo era Adriano Malgarini, também é citado pelo nome de Fred Delaunay, ou Delauney. O europeu com origens italianas foi um dos primeiros treinadores de boxe no país, mas viu sua carreira como treinador entrar no ostracismo após o trágico ‘acidente’ com Ditão, um dos seus pupilos, em 1924. Delaunay era o treinador da Internacional Boxing Club em 1922, academia que lançou Italo Hugo, Quirino Rosa e Ditão no começo dos anos 1920. Baptista Bertagnolli, paranaense filho de italianos, foi adversário de Delaunay nos ringues, mas também era treinador da Boxing Club Paulista, academia contemporânea da Internacional Boxing Club nos primeiros anos da década de 1920. Tanto Adriano Delaunay como Baptista Bertagnoli tiveram pouca relevância no cenário do boxe paulista e brasileiro após a segunda metade da década de 1920, mas é notável o pioneirismo dos ‘italianos’.

Durante a década de 1920 e 30, a maior parte dos treinadores de boxe em São Paulo eram ‘italianos’¹⁴¹, fator que também atraiu pugilistas com a mesma origem. Italo Hugo, o primeiro grande nome do boxe paulista, é um dos membros da colônia italiana de São Paulo que foi treinado por Adriano Malgarini, o Delaunay. Italo Hugo é apontado pelo jornalista e pesquisador de boxe Henrique Matteucci como o primeiro pugilista a se tornar um grande nome do boxe no Brasil:

“[...] Iniciou-se então um período áureo – entre 1926 e a Revolução de 1932- durante o qual despontaram grandes astros, principalmente Ítalo Hugo Merigo, logo apelidado de ‘Menino de Ouro’. Pela sua inteligência, pelo belo estilo de luta e justeza de golpe, Italo tornou-se um ídolo do público e atraiu aos ginásios uma boa parte da colônia italiana de São Paulo. Era um oriundo e era bom demais, daí o entusiasmo dos peninsulares radicados na capital paulista. Italo Hugo reinou por muitos anos e venceu quase todos seus rivais, passando depois a treinador[...].”¹⁴²

Morador do Belém, bairro próximo à Mooca, Italo deu início a sua carreira profissional em 1923, aos 18 anos, momento em que o cenário pugilístico paulista e brasileiro ainda estava em estágio embrionário. Italo, apelidado ‘Menino de Ouro’,

¹⁴¹ Classificamos por ‘italianos’ não apenas os nascidos no país, mas também os filhos ou netos dos imigrantes que carregavam sobrenomes italianos.

¹⁴² MATTEUCCI, Henrique. *Boxe: mitos e história*. São Paulo: Editora Hemus, 1988. Pp 25

passou a se configurar como um dos principais boxeadores do país a partir de 1926, quando foi o primeiro brasileiro a derrotar o veterano João Tavares Crespo, campeão português até então invicto no Brasil. No mesmo ano, Italo Hugo venceu o campeão uruguaio Juan Carlos Casala, marcando uma das primeiras grandes vitórias internacionais do boxe brasileiro. Desde a sua estreia em 1923 até sua aposentadoria em 1933, Italo Hugo manteve-se muito ativo, tendo realizado 78 lutas oficiais em sua carreira, uma média de uma luta a cada 45 dias. A popularidade alcançada por Italo, assim como seus feitos como atleta, colocaram o descendente de italianos em papel de referência pugilística, atraindo sua comunidade para o esporte das luvas.

Além de Italo Hugo Merigo, diversos outros boxeadores de origem italiana se destacaram no cenário do boxe paulista do final da década de 1920, o que fez esta comunidade se tornar uma das mais expressivas do meio. Enquanto no boxe do Rio de Janeiro do fim dos anos 1920 predominavam os portugueses, os pretos e os marinheiros, em São Paulo o grupo que mais presença tinha no meio pugilístico era o dos italianos. Podemos subdividir os representantes da colônia italiana em três grupos: os ítalo-brasileiros (descendentes de italianos que nasceram no Brasil); os nascidos na Itália, mas que migraram para o Brasil; e os boxeadores italianos que tiveram curtas passagens em solo brasileiro.

Attilio Loffredo, Victor Manini, Attilio Bianchi e Savino De Lucca são brasileiros filhos de italianos que iniciaram suas carreiras profissionais em 1929 em São Paulo. Com exceção de Savino, vítima fatal de um nocaute em 1930, todos os nomes citados se tornaram boxeadores muito importantes na década de 1930. Loffredo, Manini e Bianchi foram boxeadores preparados por Celestino Caverzasio e atingiram altos níveis de popularidade. Manini e Bianchi chegaram a terem suas fotos na capa da Gazeta Esportiva em 1929 e 1930, respectivamente, e suas carreiras recebiam bastante atenção também de outras publicações. Victor Manini fez 57 (28-18-9) lutas profissionais entre 1929 e 1935 e chegou a ser campeão brasileiro dos médios em 1931, quando venceu por pontos Italo Hugo no Cassino Antártica. Um fato curioso é que o pai de Victor, chamado pelos jornais de sr Manini, arriscou atuar como anunciador dos eventos de boxe, mas sua dificuldade em falar português o impediu de dar continuidade à função. Ao cobrir a conquista do título brasileiro por seu filho, a Gazeta Esportiva não deixou de citar que “[...] *o anunciador ainda não se acha bem acomodado com nosso idioma*[...]”, explicitando a característica de estrangeiro do locutor.

Attilio Bianchi, que boxeava entre os penas, também teve carreira bastante movimentada, com 47 lutas (35-9-3) entre 1929 e 1934, a maior parte delas em São

Paulo. Apesar de seu bom cartel, Bianchi não alcançou nenhum título expressivo, embora possa ser considerado um dos melhores boxeadores de sua época. Além de sua atuação dentro dos ringues, Attilio Bianchi teve expressiva carreira como treinador nas décadas de 1940 e 50, repassando a seus pupilos os conhecimentos que adquiriu com seu antigo mestre italiano Caverzasio. Em 1940, era Bianchi o treinador de boxe da academia da Polícia Especial, localizada na Santa Efigênia. O ginásio da Polícia Especial era um dos mais importantes da cidade entre o fim dos anos 1930 e início dos anos 1940, havendo ele recebido algumas rodadas dos primeiros Campeonatos Populares da Gazeta. Ao lado de Chico Sangiovanni, em 1948 Attilio Bianchi era treinador da Academia Bandeirante, localizada no Parque Dom Pedro, também na área central da cidade. Já nos anos 1950 o descendente de italianos orientava os boxeadores do Clube de Regatas Nitro Química, poderosa equipe esportiva que desenvolvia boxe em seu seio. Outro boxeador ítalo-brasileiro que teve expressiva carreira como treinador foi Attilio Loffredo, contemporâneo de Bianchi primeiro como atleta e depois como técnico. Filho de pai e mãe italianos, Loffredo chegou a visitar a Itália em sua infância, muito embora fosse nascido e criado no bairro paulistano da Aclimação¹⁴³. Loffredo teve longeva e vitoriosa carreira, lutando de 1929 a 1946 e conquistando o título brasileiro dos meio-médios em 1938. Como treinador, foi um dos principais técnicos dos anos 1940 e 50, com passagens pelo Palmeiras, Portuguesa, entre outros. A trajetória de Loffredo está exposta no presente trabalho no Capítulo 4, Mestres Modernos.

Além dos filhos e netos de italianos, que ostentavam os sobrenomes originários da Itália nos ringues brasileiros, a colônia italiana do boxe paulista possuía grande número de imigrantes nascidos naquele país. Alguns destes boxeadores haviam começado suas carreiras em seu país natal antes de migrarem para o Brasil, enquanto outros não possuem registro de lutas na Europa, apenas em solo brasileiro. Dado o contexto sobre a imigração italiana para São Paulo, cidade que recebeu milhares de italianos até a segunda metade do século XX, boa parte da colônia italiana chegara ao Brasil em sua infância ou juventude nas primeiras décadas do século passado. Giuseppe Gambi, citado corriqueiramente pelos noticiários como José Gambi, chegou em solo brasileiro com experiência de apenas uma luta profissional em Milão em 1926. A partir de 1928 Gambi estabeleceu-se em São Paulo e passou a boxear contra os melhores nomes de sua categoria, peso meio-médio, construindo o bom cartel de 36 lutas (22-8-4) até sua aposentadoria, em 1936. O italiano foi um dos melhores dos anos

¹⁴³ Informações obtidas através de entrevistas com um de seus filhos, Paulo Lofredo.

iniciais da década de 30, vencendo nomes como Jack Tigre, Tavares Crespo, Manoel Pires e Attilio Bianchi.

Contemporâneo de Giuseppe Gambi, Arrigo Bevilacqua era também italiano, porém construiu sua carreira toda no Brasil. Bevilacqua estreou no Pavilhão Queirolo em 1929 e fez 11 das suas 15 lutas em São Paulo, com 4 combates no Rio de Janeiro. Após seu afastamento dos ringues, em 1934, Bevilacqua passou a ser árbitro de boxe e chegou a ser treinador do Palestra Italia em 1938, embora não tenha se destacado nesta função. Beniamino Ruta, por sua vez, foi boxeador profissional e teve sólida carreira como treinador, como já nos aprofundamos no Capítulo 4. O italiano de Napoli chegou no Brasil em 1925, aos 12 anos, e foi em São Paulo onde começou a treinar boxe, esporte bastante difundido entre os oriundos. Ruta é um boxeador italiano tardio, uma vez que sua carreira teve início em 1934 e durou até 1946, com um hiato de cinco anos entre 1940 e 45. Classificamos Ruta como um italiano tardio porque a partir da segunda metade da década de 1930 os boxeadores nascidos na Itália em atividade no Brasil começaram a ‘desaparecer’, tanto pela aposentadoria dos que já existiam como pela diminuição do fluxo imigratório Itália – Brasil.

Além dos italianos radicados no Brasil, o boxe paulista recebeu pugilistas da Itália que estavam de passagem, seja de poucas semanas ou de alguns anos. A chegada destes europeus no cenário pugilístico paulista está obviamente relacionada à quantidade de ‘italianos’ que aqui viviam, abrindo as portas para outros conterrâneos. O romano Mario Farabullini, que fez 92 lutas (61-23-7) entre 1923 e 1935, passou três anos boxeando em solo brasileiro, entre 1931 e 34. Farabullini chegou no Brasil com mais de 70 lutas profissionais e o título de campeão italiano peso leve, conquistado em 1926, 28 e 29. Após realizar dez combates no Brasil, o romano regressou a Itália e deu continuidade à sua carreira. Outro campeão italiano peso leve que boxeou em terras brasileiras foi Romolo Parboni, que chegou no Brasil em 1924 com dezenas de lutas no cartel. Parboni ficou três anos na América do Sul, boxeando entre São Paulo, Buenos Aires, Rosario, Mendoza, Montevideo e Rio de Janeiro. Das suas 38 lutas realizadas entre Brasil, Argentina e Uruguai, Parboni venceu 31, contando com vitórias sobre os melhores brasileiros do momento como Italo Hugo, Tavares Crespo e Harry Rosa. Após regressar ao seu país natal, Parboni deu comunidade à sua carreira realizando 23 lutas entre Roma, Napoli, Milão, Firenze, Sardenha, Genova, Bolonha e Cairo no Egito, aposentando-se em 1931.

Diversos outros italianos vieram boxear no Brasil nas décadas de 1920 e 30, mas o mais famoso deles foi Primo Carnera, peso pesado campeão mundial italiano que veio

ao Brasil em 1935. Enquanto alguns pugilistas passavam alguns meses no Brasil, como Mario Lenzi que ficou três meses e fez cinco lutas em 1934, Primo Carnera passou menos de um mês em solo brasileiro. Em 1933 Carnera se tornou o primeiro italiano a ser campeão do mundo, justamente na categoria mais atrativa do boxe: os pesados. Medindo impressionantes 1,97 e com um físico escultural, Carnera ficou em posse do título do mundo de junho de 1933 a junho de 1934, quando perdeu por nocaute técnico para o judeu americano Max Baer. Menos de seis meses após a derrota, Carnera embarcou para uma 'turnê' na América do Sul, onde fez uma luta em Buenos Aires e duas no Brasil, uma em São Paulo e outra no Rio. A vinda do ídolo italiano à São Paulo mexeu com a cidade e a Gazeta Esportiva passou a noticiar a chegada do boxeador meses antes do seu desembarque. Devido à ausência de bons pesos pesados brasileiros, o negro norte americano Seal Harris foi contratado para enfrentar o italiano perante o público de cerca de 4 mil pessoas no extinto Estádio da Floresta, do São Paulo FC. Realizado em janeiro, o evento foi prejudicado por uma chuva torrencial, que obrigou o início das lutas ser adiado em algumas horas. O ringue, armado no campo de futebol em frente às arquibancadas, ficou encharcado, o que interferiu no desenrolar da luta. Ainda assim, Carnera nocauteou o estadunidense no 7º round, mostrando o seu poder de *punch* ao público paulista e ítalo-paulista. Antes de viajar para o Rio, onde fez mais um combate, Carnera foi homenageado por membros da colônia italiana de São Paulo. O gigante boxeador em seguida deu continuidade a sua carreira nos Estados Unidos, onde fazia a grande parte de suas lutas.

A partir do final da década de 1930, a representatividade da colônia italiana no cenário pugilístico paulista e brasileiro foi diminuindo, com cada vez menos boxeadores italianos ou descendentes de italianos sobre os ringues. Entretanto, clubes de origens italianas como o Espéria e o Palestra Itália, continuaram a serem grandes incentivadores da modalidade, como foram desde o início da década de 1920. Nos anos 1940, o italiano Mario Geri era o responsável pelo departamento de boxe do Espéria e sua contribuição ao esporte fizeram o clube se tornar uma referência no boxe amador, lançando nomes de destaque como Athur Tacioli, Pedro Calzolari e Pedro Galasso. Galasso, que fez sua estreia amadora representando o Espéria em 1946, foi um dos maiores boxeadores brasileiros com origens italianas. Morador do bairro de italianos Bixiga, na região central de São Paulo, Galasso participou dos Jogos Pan-americanos de 1951 em Buenos Aires e das Olimpíadas de 1952 em Helsinki, onde venceu adversário do Japão mas foi superado por atleta da Polônia. Como profissional, o peso leve conquistou o título brasileiro em 1954 e venceu, pela primeira vez na história do boxe brasileiro, o título sul-americano em agosto de 1958. Embora os italianos já tivessem se tornados escassos

no boxe nacional dos anos 1950, foi pelas mãos de um oriundo que o boxe brasileiro alcançou seu primeiro título internacional, aumentando ainda mais a representatividade e importância deste grupo. Não podemos deixar de apontar que Eder Jofre, apesar de não carregar sobrenomes italianos, era também um oriundo, uma vez que a família de sua mãe, Zumbano, tinha origem calabresa.

Se a colônia italiana foi o grupo mais envolvido com o boxe paulista nas décadas de 1920 e 1930, tal envolvimento não ocorria no Rio de Janeiro durante o mesmo período. Poucos são os boxeadores de origens italianas que praticavam boxe na então capital federal, sendo o grupo dos italianos pouquíssimo representado naquela cidade graças às diferenças históricas de imigração. Bruno Spalla, que teve sua carreira entre 1925 e 1933, fez 28 de suas 29 lutas no Rio de Janeiro e é um dos poucos ítalo-cariocas com carreira sólida no boxe brasileiro. Nascido na Itália e imigrado para o Brasil ainda na infância, Bruno Spalla não chegou a ser um dos principais boxeadores do país em seus anos de atuação, terminando sua carreira com 29 lutas, 14 vitórias, 12 derrotas e 3 empates. Enquanto no Rio havia poucos italianos a praticar boxe, haviam marinheiros em abundância, grupo praticamente inexistente em São Paulo, como veremos mais adiante neste capítulo.

7.2 – Colônia Lusitana

JOSE ANTONIO RODRIGUES, O NOVO IDOLO DA COLONIA PORTUGUESA
Alguns pugilistas portugueses impuseram-se a admiração da laboriosa colônia, que os tem aplaudido com entusiasmo. São homens que se tornam verdadeiros ídolos, atraindo grandes multidões que comparecem as suas lutas dispostas a dispensar-lhes os mais estrepitosos aplausos. Entre estes pugilistas tronados ídolos da colônia tivemos: Tavares Crespo, José Santa, Aníbal Fernandes e Isidro Sá. Agora surge o peso médio Antonio Rodrigues. Pelas suas impressionantes vitórias, pelas suas extraordinárias qualidades naturais, Jose Antonio Rodrigues já é um verdadeiro ídolo da colônia portuguesa. [...]

Jornal carioca A Batalha, 14 de maio de 1931

Iniciamos o subcapítulo sobre a colônia lusitana com este trecho de reportagem sobre um novo ídolo deste grupo social que surgia no início dos anos 1930, o português Antonio Rodrigues. Enquanto em São Paulo a colônia italiana era a principal fonte de pugilistas, no Rio de Janeiro, centro do boxe brasileiro até os anos 1940, a colônia lusitana era a de maior representatividade pugilística. Tal situação ocorria, à grosso modo, pela presença massiva de imigrantes portugueses na capital federal, que

constituíam uma parcela significativa da população carioca. Apesar da imigração portuguesa ser contínua desde a época do Brasil Colônia, a chegada de portugueses no Brasil atingiu seu ápice nos primeiros anos do século XX, mais especificamente nos anos que antecederam a Primeira Guerra Mundial. Segundo estudo do IBGE¹⁴⁴, entre 1904 e 1915 entraram no Brasil 427.725 imigrantes portugueses, maior pico até então registrado. Já entre 1919 e 1930, entraram no país 337 mil portugueses e 116 mil italianos, números que colocam Portugal como a maior fonte de estrangeiros do Brasil naquela década, seguido pela Itália. O Rio de Janeiro, capital federal desde 1763 e maior cidade do país, era o principal destino dos portugueses que chegavam no início do século XX. Em 1920 havia 172 mil portugueses residentes no Rio, enquanto em São Paulo este número não passava de 65 mil, diferença bastante significativa e que explica porque a colônia lusitana era forte no boxe carioca e não tão forte no boxe paulista. Ainda tomando como base os números do Censo de 1920, os portugueses representavam 72% dos estrangeiros residentes no Rio de Janeiro.

O perfil social dos portugueses que se transferiam para o Brasil buscando uma vida melhor era basicamente pobre, oriundos das regiões menos desenvolvidas de Portugal e que se instalavam em cortiços e bairros populares na América. Ao chegar no Brasil, os portugueses emigrados comumente ocupavam profissões liberais, como comerciantes, ou operários da nascente indústria brasileira. Desta maneira, os imigrantes portugueses e seus descendentes engrossaram as camadas populares do Brasil, formada basicamente por pretos, mestiços e proletários europeus. Alguns destes europeus chegados no Brasil traziam consigo a apreciação pelo boxe, seja como praticantes ou como espectadores, contribuindo para a formação do cenário pugilístico local, que ainda se encontrava em formação.

Assim como em boa parte da Europa, o boxe em Portugal já estava largamente difundido nas décadas de 1910 e 20, com a realização de eventos a partir de 1909 e fundação da Federação Portuguesa de Boxe em 1914. Entretanto, em comparação a outros países europeus como Itália, França ou Inglaterra, o boxe em Portugal não possuía uma representatividade relevante, com poucos atletas de destaque e raros eventos de grande importância. Em comparação ao restante da Europa, a península ibérica tem um boxe relativamente fraco, quando tomamos como referência resultados competitivos e realização de programações de boxe. Até hoje, em 2019, o boxe português não possui atletas de destaque no cenário internacional pugilístico, seja de atletas do passado ou presente. Nenhum boxador português até hoje conquistou uma

¹⁴⁴ Brasil: 500 anos de povoamento / IBGE, Centro de Documentação e Disseminação de Informações. - Rio de Janeiro : IBGE, 2007.

medalha olímpica ou um título mundial no profissionalismo. A Espanha, país que também tem baixa representatividade no mundo boxístico, possui quatro medalhas olímpicas e treze campeões do mundo (11 homens e 2 mulheres). Para fins de comparação, o Brasil possui atualmente cinco medalhas olímpicas conquistadas pelo boxe e cinco campeões do mundo profissionais (quatro homens e uma mulher).

Ainda que os boxeadores portugueses que chegavam ao Brasil nas décadas de 1920 e 1930 não fossem oriundos de uma ‘escola’ tradicional como os franceses ou ingleses, a colaboração destes europeus para a construção do boxe brasileiro foi importantíssima. Dentro do recorte temporal abordado no presente estudo, que vai de 1928 a 53, a colônia lusitana teve grande importância no ambiente pugilístico paulista e brasileiro, principalmente na primeira metade deste recorte. A partir de 1925, boxeadores lusitanos passaram a ser recorrentes nas reuniões pugilísticas brasileiras, principalmente no Rio de Janeiro, cidade que concentrava a maior parte dos portugueses no Brasil. Foi neste ano que aportou na capital federal o primeiro boxeador português com relevância a lutar no Brasil, o portuense João Tavares Crespo, campeão português peso meio-médio. Crespo havia dado início a sua carreira profissional em 1921, conquistando o título português dos meio-médios em 1922, 24 e 25, pouco tempo antes de sua transferência para o Brasil. O ‘Gato Selvagem’, como era apelidado, chegou ao Brasil com 29 lutas em seu cartel, todas entre Porto e Lisboa, experiência inigualável por nenhum boxeador brasileiro naquela metade da década de 1920. Dos oito adversários brasileiros que Crespo enfrentou em seu primeiro ano de atuação no Brasil, somente Italo Hugo possuía mais do que dez lutas no cartel (11 lutas em outubro de 1925), o que demonstra a ausência de boxeadores experientes no país. O fator do cenário boxístico brasileiro ser novo, carente de ídolos e boxeadores experimentados, foi também um dos motivos da grande chegada dos portugueses, que viam no boxe brasileiro um novo mercado de atuação.

Pouco tempo depois da chegada de Tavares Crespo, em janeiro de 1926 chegava ao Rio de Janeiro outro boxeador português de bom cartel, Aníbal Fernandes, que tinha experiência de dez lutas em seu país natal. Tanto Tavares Crespo como Aníbal Fernandes mantiveram-se bastante ativos no Brasil, com lutas constantes e desafios aceitos ou lançados através da mídia impressa. Quem também trocou o mercado pugilístico português pelo brasileiro em 1926 foi o peso pesado José Santa ‘Camarão’, que assim como Tavares Crespo já figurava nos noticiários brasileiros por suas lutas na Europa antes que chegassem no Brasil. Santa Camarão, nativo de Ovar, é considerado o primeiro boxeador português de relevância mundial, e suas passagens por terras brasileiras foram primordiais para o sucesso de sua carreira. Com

impressionantes 2,06m de altura, algo incomum para a década de 1920, Santa era anunciado no Brasil como o campeão português peso pesado, chegando no mercado pugilístico brasileiro com o cartel de 18 lutas contra bons pesos pesados europeus. Santa ficou no Brasil por dois anos, de julho de 1926 a novembro de 1928, agitando a cena pugilística de São Paulo (4 lutas) e Rio (14 lutas) e faturando bom dinheiro com as bolsas. Após a proveitosa temporada no Brasil, onde tinha público cativo e recebia atenção especial da mídia esportiva, Santa regressou a Portugal, onde rapidamente disputou o título europeu contra boxeador belga.

O retorno de Santa Camarão à Portugal não foi bem aceito pela colônia lusitana no Brasil, que criticou a decisão do boxeador e seu empresário. Reportagem da Gazeta Esportiva de 4 de março de 1929 argumentava que o pesado fizera uma escolha errônea, já que encontrava-se sem lutar há quatro meses em sua terra natal, tempo de inatividade que não lhe ocorria no Brasil. O teor da notícia demonstra uma rivalidade entre o mercado boxístico brasileiro e português, com o autor do texto lamentando e criticando a ‘perca’ de um grande nome que atuava em solo brasileiro para os ringues portugueses. O boxeador, entretanto, não se estabeleceria em Portugal, já que migrou para os Estados Unidos após realizar algumas lutas na Alemanha, França e Reino Unido. Santa alcançou sucesso nos Estados Unidos, fazendo dezenas de lutas e enfrentando os futuros campeões do mundo Max Baer e Primo Carnera. Após três anos na terra do tio Sam, Santa Camarão regressou ao Brasil, para alegria da colônia lusitana e do público brasileiro, que pôde apreciar um boxeador que fazia parte da elite do boxe mundial. Desta vez, entretanto, o boxeador passou menos de um ano e fez cinco combates no Rio de Janeiro antes de regressar a sua terra natal e realizar um combate de despedida. Sua carreira durou de 1925 a 1933, onde acumulou 95 lutas, com 69 vitórias (48 por nocaute), 20 derrotas e 4 empates. Santa Camarão é um dos maiores boxeadores da história de Portugal, com uma disputa de título europeu e duas lutas contra campeões mundiais, sendo sua carreira, em parte, moldada no Brasil.

Outro boxeador português que se aventurou em terras norte-americanas foi Isidro Pinto de Sá, peso leve que deu início à sua carreira no Rio de Janeiro em 1930. Nascido em Cinfães em 1910, Isidro emigrou para o Brasil junto à família ainda na infância, e quando a família retornou à Europa, em 1926, o boxeador decidiu permanecer no país. Em um ano boxeando no Brasil, Isidro fez oito combates, todos no Rio, para então se transferir para os Estados Unidos, onde seria empresariado pelo mesmo manager de Santa Camarão¹⁴⁵, patricio que viabilizou a viagem. Isidro fez

¹⁴⁵ A Batalha, Rio de Janeiro, 26 de fevereiro de 1933

impressionantes 37 lutas em pouco mais de dois anos, lutas estas que eram em parte noticiadas pela imprensa esportiva brasileira. Isidro retornou ao Brasil em outubro de 1933, realizou sete combates no Rio e retornou a Oakland, Califórnia, onde se radicou definitivamente. Isidro e Santa Camarão foram boxeadores portugueses de relativo sucesso nos Estados Unidos que tiveram suas carreiras forjadas no Brasil, assim como colaboraram a fomentar o cenário pugilístico brasileiro dos anos 1920 e 30.

Casos de luso-brasileiros ou lusitanos que boxeavam entre Brasil e Estados Unidos eram, no entanto, raros, sendo mais comum portugueses que se radicavam definitivamente no Brasil ou que se dividiam entre Portugal e Brasil. O já citado Aníbal Fernandes iniciou sua carreira em Lisboa em 1924, veio para o Brasil em 1926, dois anos depois voltou a Portugal, para então regressar novamente ao Rio de Janeiro, onde fez maior parte de seus combates. Aposentou-se em 1931 com 50 lutas, 30 vitórias, 16 vitórias e 4 empates. Manoel Pires, apelidado de Piranha, foi um dos boxeadores mais ativos no Brasil durante os anos 1920 e 1930, chegando à marca de 98 lutas em seu cartel, sendo 96 delas no Brasil e apenas duas em Portugal. Suas lutas em seu país natal se deram exatamente no meio de sua carreira, que durou de 1925 a 1939. Aníbal Prior teve trajetória semelhante, já que o português iniciou sua carreira no Brasil em 1929 e após sete anos de atividade contínua entre São Paulo e Rio, passou cerca de um ano boxeando entre Lisboa e Porto. Em 1938 Prior retornou ao Brasil e fez mais 12 combates até se aposentar em 1941 com o cartel de 76 lutas (55-14-7). São diversos exemplos que podem ser citados de boxeadores portugueses que dividiram suas carreiras entre Portugal e Brasil, demonstrando que os mercados pugilísticos lusitano e brasileiro possuíam forte relação. Nascido em Portugal, Seraphim Cardoso deu início a sua carreira profissional no Rio de Janeiro em 1931 e em cinco anos fez 33 lutas, a maior parte delas na capital federal brasileira. Em 1936 transferiu-se para seu país natal e deu continuidade em sua carreira, realizando mais 32 lutas até se aposentar em 1942. Desta maneira, a vida esportiva de Seraphim foi construída metade no Brasil e metade em Portugal, algo comum para boxeadores luso-brasileiros.

Apesar de ser comum o mercado pugilístico brasileiro abraçar atletas portugueses, o contrário não era muito usual, com raros brasileiros que se aventuravam no mercado boxístico português. Entretanto, alguns boxeadores nacionais fizeram este caminho, com passagens pela península Ibérica em suas carreiras. O primeiro caso que se tem notícia de brasileiro boxeando em Portugal foi o peso pesado Antonio Sebastião, que acompanhou Santa Camarão em seu retorno à Portugal em 1929. Natural do Rio Grande do Norte, mas radicado no Rio de Janeiro, Sebastião tinha seis combates em seu cartel quando foi levado à Portugal pelo mesmo empresário de Santa, o português

Guilherme Pereira. O brasileiro fez três lutas em Portugal, todas elas nas preliminares de Santa Camarão. Aproveitando sua estadia na Europa, Sebastião lutou ainda na Espanha, Alemanha e Suécia, totalizando sete lutas em nove meses no continente, com cinco vitórias, uma derrota e um empate. Sebastião retornou ao Brasil em abril de 1930 e boxeceu entre Rio e São Paulo até 1940, carregando consigo a experiência de boxear além-mares, coisa rara entre pugilistas nacionais. O carioca Rubens Soares foi levado à Portugal em dezembro 1934, mas sua permanência na Europa foi curta e o permitiu fazer apenas três combates. Outro brasileiro que foi a Portugal acompanhado por um boxeador lusitano foi Brasilino Fino, que em 1935 foi à Europa junto ao português Antonio Rodrigues e ao italiano Celestino Caverzasio, treinador de ambos. Brasilino e Rodrigues lutaram juntos em várias programações entre Lisboa, Porto e Madri, passando um ano completo na Península Ibérica. Brasilino realizou 15 lutas e venceu todas elas, feito impressionante para um sul-americano na Europa nos anos 1930. Em um ano na Europa, Brasilino enfrentou e venceu boxeadores portugueses, espanhóis, belga, tcheco, cubano e até o campeão meio pesado da França Marcel Lauriot, boxeadores que faziam parte do movimentado e interligado circuito europeu. Por seus resultados, Brasilino Fino pode ser considerado um dos maiores boxeadores da história do Brasil, encerrando sua carreira com 71 lutas, 55 vitórias, 6 derrotas e 10 empates.

O português Antonio Rodrigues, que viajou à Europa com Brasilino, foi durante anos o mais destacado pugilista da colônia lusitana no Brasil. Rodrigues é um dos poucos boxeadores portugueses que, ao invés de se radicar no Rio de Janeiro, escolheu São Paulo como casa. Natural de Milhão, o português deu início a sua carreira no Pavilhão Queirolo, orientado pelo treinador italiano Caverzasio. Em sua temporada na Península Ibérica, entre 1935 e 1936, Rodrigues realizou 16 combates (13-2-1), resultado bastante significativo dado o nível de seus adversários europeus. Tão logo retornou de Portugal, em janeiro de 1937 Antonio Rodrigues protagonizou a primeira disputa por título mundial no Brasil, quando empatou em 15 rounds com o belga Gustave Roth, campeão meio-pesado da International Boxing Union, organização de primeira grandeza que durou até 1946. É notável que o representante ‘brasileiro’ da primeira disputa de título mundial em solo nacional tenha sido um membro da colônia lusitana, acontecimento que explicita a importância dos portugueses no boxe brasileiro na década de 1930.

Um fato curioso é que a nacionalidade dos boxeadores que se exibiam no Brasil era motivo de discussão e debates perante o público pugilístico, que dava grande importância se os atletas eram brasileiros ou portugueses. O brasileiro filho de portugueses Joe Assobrab, ‘nome artístico’ de José Barreiro Barbosa, vinha a público

através de um jornal carioca¹⁴⁶ em 1928 para esclarecer que era brasileiro, e não português “*como vinham dizendo por aí*”. Campeão brasileiro peso leve em 1927, Assobrab alegava ser filho de portugueses, mas nascido, criado e feito boxeador no Brasil. O membro da colônia luso-brasileira teve carreira entre 1926 e 1933, realizando 43 combates (34-6-3) entre Rio, São Paulo e Belo Horizonte.

Apesar do auge dos boxeadores lusitanos no Brasil ter ocorrido entre a metade da década de 1920 e o fim da década de 1930, em 1937 chegava um novo boxeador português no Brasil. Antonio Soares foi um dos maiores representantes da colônia lusa no boxe brasileiro durante toda a década de 1940, enfrentando os melhores pugilistas do Brasil, Argentina, Chile, Peru e Uruguai. Em reportagem sobre sua segunda luta em solo brasileiro, em novembro de 1937, o jornal carioca *A Batalha*¹⁴⁷ traça um panorama histórico da rivalidade entre portugueses e brasileiros. Dado à riqueza de detalhes do texto, o reproduzimos quase em sua totalidade:

ANTONIO SOARES DERROTARÁ BRASILINO?

Uma vez mais estará em choque hoje, a grande rivalidade pugilística existente entre portugueses e brasileiros. É uma rivalidade que data desde a chegada de Tavares Crespo, que tanta sensação causou em nosso ambiente. Crespo derrotou Novelle, Goes Netto e outros mais, entusiasmando a colônia portuguesa que não se cansava de aplaudi-lo. Coube a Italo Hugo cortar-lhe a série de vitórias. Logo a seguir, surgiu Annibal Fernandes, que, depois de vários triunfos, foi derrotado por Bianna, mas, as suas lutas contribuíram para acentuar ainda mais a rivalidade entre portugueses e brasileiros. Veio depois o campeão português Albano de Campos e logo na sua estreia foi posto a KO por Assobrab, desfecho que empolgo o público brasileiro. Pouco depois chegou Rosa Brito, campeão português dos meios pesados, que conseguiu entusiasmar a colônia. Mas, em seu primeiro combate, foi derrotado pelo gaúcho Brickmann. Os portugueses sentiram o amargor da derrota de seu compatriota, mas ficaram confiantes no aparecimento de um boxeador português que brilhasse em ringues brasileiros. Essa expectativa foi satisfeita com a chegada do gigante Santa, que conquistou esplêndido triunfo em nossos ringues, não tendo havido nenhum brasileiro capaz de enfrenta-lo. Pouco depois apareceu Isidro de Sá, feito boxeador no Brasil. Teve atuações brilhantíssimas, empolgou a colônia portuguesa, tornando-se um verdadeiro ídolo. Derrotou todos os brasileiros da sua categoria, até que se enfrentou com Armandinho e foi derrotado. Pouco depois, Annibal Prior surgiu impetuosamente, fazendo vibrar a colônia portuguesa. Coube a Loffredo cortar-lhe a série de vitórias. Veio depois Antonio Rodrigues, boxeador elegante, agressivo, que conquistou a simpatia da colônia e do público brasileiro. Vencido por Bianna em sua estreia, Rodrigues derrotou-o depois três vezes, e até agora nenhum patricio nosso consegue abate-lo.

¹⁴⁶ *A Batalha*, Rio de Janeiro, 24 de fevereiro de 1928

¹⁴⁷ *A Batalha*, Rio de Janeiro, 20 de novembro de 1937

SURGE ANTONIO SOARES – Ultimamente, aqui surgiu Antonio Soares, com credenciais de campeão, pugilista possuidor de um físico excepcional, destemido e que se entrega nas lutas com todas as energias possíveis. O português Soares insistentemente desafiou o nosso patrício Brasilino. Finalmente, hoje, o público vai ter oportunidade de assistir ao combate entre Brasilino e o português Soares. [...]”

Antonio Soares foi derrotado por Brasilino Fino, campeão brasileiro meio pesado e que vinha de uma série de mais de trinta lutas sem perder. Em pouco tempo Soares foi alçado à categoria de pesos pesados, divisão onde eram raros os brasileiros em atividade. Nas 36 lutas que fez no Brasil, enfrentou apenas quatro atletas brasileiros. Antonio Soares participou da grande temporada de 1946, onde enfrentou argentinos, uruguaio e peruano, sendo o único boxeador ‘brasileiro’ do torneio. Soares radicou-se e fez a maior parte de suas lutas em São Paulo, diferentemente de Viriato Monteiro, luso-africano que estabeleceu-se no Rio em 1937. Angolano, Viriato deu início a sua carreira em Lisboa em 1935, mas em 1938 transferiu-se definitivamente para o Brasil ostentando 16 lutas no cartel (9-6-0). Viriato manteve-se ativo até 1942, realizando 23 lutas no Rio de Janeiro, parou de lutar por 4 anos e realizou um combate de despedida em 1946 frente ao também ‘aposentado’ Attilio Loffredo no Pacaembu.

Tal como ocorreu com a colônia italiana em São Paulo, a colônia lusitana viu decair sua representatividade no cenário pugilístico brasileiro a partir do final da década de 1930, pelos mesmos fatores que influenciaram o decréscimo da colônia italiana, como a significativa diminuição do fluxo imigratório Portugal – Brasil. Enquanto nas décadas de 1920 e 30 era massiva a presença de luso-brasileiros e portugueses, nos anos 1940 poucos eram os representantes da colônia nos ringues nacionais. Um dos últimos membros da comunidade lusitana a fazer sucesso nos ringues foi Guilherme Martins, português de Barcelos que chegou no Brasil em novembro de 1949. Martins chegou no Brasil em poder do título português dos médios e sólida carreira de 45 lutas (34-7-4) e aqui enfrentou os melhores meio-médios e médios do país, aposentando-se em 1955 com dezenas de lutas no Pacaembu, que vivia seu auge no início dos anos 1950. Dentre os últimos boxeadores de destaque da colônia lusitana, podemos destacar também Paulo de Jesus, brasileiro filho de pais portugueses nascido no bairro de Pinheiros, em São Paulo. Paulo foi um dos mais populares boxeadores dos anos 1950, com participação nas Olimpíadas de Helsinki 52 e brilhante carreira profissional a partir de 1955. Aposentou-se em 1959 com o cartel de 31 vitórias, 3 derrotas e 2 empates e a marca de um dos maiores nomes do boxe brasileiro antes de Eder. Apesar de ser filho de portugueses, a face lusitana de Paulo de Jesus não era algo explorado pela mídia, dada a pouca representatividade que a colônia tinha na década de 1950.

Como pudemos ver, a colônia lusitana foi uma das principais fontes de boxeadores do Brasil, principalmente nas décadas de 1930 e 40, momento em que o boxe brasileiro encontrava-se em formação. Uma observação importante que deve ser feita sobre a influência dos portugueses no boxe do Brasil é que, apesar de Portugal ter sido fonte de inúmeros atletas de relevância, poucos treinadores portugueses obtiveram destaque no cenário pugilístico brasileiro. Enquanto a colônia italiana forneceu treinadores como Caverzasio, Loffredo, Ruta e Sangiovanni, entre os imigrantes argentinos vieram Kid Jofre, Kid Pratt e Horácio Molina, a colônia lusitana não contribuiu com bons treinadores para o boxe brasileiro. O português Antonio Rodrigues treinava com Caverzasio, Antonio Soares teve passagens com Kid Jofre e Paulo de Jesus era pupilo de Loffredo. Tal situação se deve à própria realidade do boxe português, com pouca tradição e sem uma 'escola' própria. Ainda assim, a contribuição dada pelos irmãos lusitanos ao boxe brasileiro foi de suma importância, e aliada aos outros grupos sociais colaboração para a criação do mundo pugilístico brasileiro.

7.3 - Imigrantes

Apesar dos imigrantes italianos e portugueses terem sido os maiores colaboradores na construção do cenário boxístico brasileiro, imigrantes de outras nacionalidades também foram importantíssimos para este processo. Decidimos subdividir em grupos distintos italianos e portugueses devido à presença massiva destas colônias, tanto na população brasileira como no cenário pugilísticos. Estrangeiros das mais variadas outras origens, como espanhóis, argentinos, uruguaios, alemães, austríacos, franceses, estonianos, libaneses, estão agrupados na mesma subdivisão 'imigrantes', por mais que haja um universo de diferença entre eles. Classificamos os imigrantes que boxearam no Brasil em dois grupos: os sul-americanos e os europeus, embora hajam personagens oriundos da África e do Oriente Médio que foram importantíssimos para o boxe paulista e brasileiro.

7.3.1 – Imigrantes Europeus

Tal como ocorreu com italianos e portugueses, os imigrantes de origem europeia tiveram seu auge no boxe brasileiro quando o esporte ainda estava em seus primórdios, nas décadas de 1920 e 30. O contexto geopolítico e econômico da Europa do final do século XIX e início do século XX fez com que milhares de europeus, em sua maioria de camadas populares, buscassem melhores condições de vidas em outras partes do

mundo. Desta maneira, era comum que nas décadas de 1920 e 30 ainda fosse marcante a presença estrangeira no Brasil, que era um dos principais destinos dos imigrantes europeus ao lado de outros países da Sul-América e da América do Norte. A imigração destas pessoas se dava, à grosso modo, por motivos econômicos e sociais, e não esportivos. Embora existam casos de boxeadores que decidiram transferir-se para o Brasil com o viés esportivo, o mais comum era que tais imigrantes estivessem fugindo de guerras ou da miséria, e uma vez no Brasil iniciavam ou davam continuidade à prática do pugilismo.

A Espanha foi uma das maiores fontes de estrangeiros no Brasil, ficando atrás apenas da Itália e Portugal em número de emigrados. Segundo dados do IBGE¹⁴⁸, entre 1904 e 1933 entraram no Brasil 371.856 espanhóis no Brasil, sendo que a maior parte deles estabeleceu-se no estado de São Paulo. Sendo a terceira maior colônia estrangeira no Brasil, era natural que os espanhóis também tivessem representatividade no boxe local. Esta representatividade ocorreu principalmente durante as décadas de 1920 e 1930, quando a presença deste grupo era ainda forte entre a população brasileira. Tal como Portugal, a Espanha não era possuidora de uma forte tradição no boxe europeu, com poucos atletas de destaque internacional naquelas décadas. Entretanto, inseridos no movimentado cenário europeu, os esportistas espanhóis trouxeram rica contribuição ao incipiente boxe brasileiro dos anos 20 e 30.

Tal como ocorreu entre italianos e portugueses, os boxeadores espanhóis que fizeram carreira no Brasil podem ser divididos entre os que iniciaram suas carreiras na Europa e os que fizeram-se pugilistas no Brasil. Jack Marín, 'nome artístico' do espanhol Joaquín Marín Umañes, trocou a Andaluzia por Santo Amaro, que na década de 1920 era ainda um município apartado de São Paulo capital. Marin foi um dos primeiros boxeadores espanhóis a fazerem sucesso nos ringues brasileiros, tendo dado início a sua carreira no ano de 1922. Jack Marin começou sua carreira esportiva em São Paulo, mas após sete anos e 12 lutas, retornou a Sevilla em 1929, onde realizou 11 lutas em menos de seis meses. O espanhol faria o caminho Brasil – Espanha ainda mais algumas vezes na sua carreira, dividindo suas lutas entre seu país natal e o país onde vivia. Jack Marin encerrou sua carreira em 1934 com 34 lutas (16-15-1) e manteve-se em Santo Amaro, onde tornou-se uma celebridade local. Jack Marin é pai do dirigente futebolístico e político brasileiro José Maria Marin, que presidiu a CBF de 2012 a 2014.

¹⁴⁸ Brasil: 500 anos de povoamento / IBGE, Centro de Documentação e Disseminação de Informações. - Rio de Janeiro : IBGE, 2007.

Apesar de Jack Marin ter boxeadorado no Brasil no início da década de 1920, a chegada de espanhóis no cenário boxístico brasileiro ganhou força somente no final dos anos 1920. Nascido na Galícia em 1908, Angel Sobral fez sua estreia nos ringues profissionais em 1928, no Rio de Janeiro. Sobral manteve-se ativo nos ringues brasileiros por dois anos antes de regressar à Espanha em 1930, onde construiu sólida carreira e chegou a vencer o título nacional dos médios. Em rápida passagem por São Paulo em 1934, Sobral fez mais duas lutas no Brasil, para então regressar à sua pátria, onde se aposentou definitivamente em 1940 com 47 lutas no cartel (25-15-7), 17 delas no Brasil. Nota-se como era comum pugilistas espanhóis em atividade no Brasil dividirem-se entre a América e Europa, tal como acontecia com italianos e portugueses. Tal conexão foi importantíssima para o desenvolvimento do cenário pugilístico nacional, uma vez que em solo europeu o boxe já encontrava-se consolidado desde a década de 1910.

Enquanto Sobral fez-se boxeador no Brasil para depois regressar à sua Espanha natal, seus conterrâneos Amado Durán e Manuel Heredia fizeram todas suas lutas entre São Paulo, Santos e Rio de Janeiro. Durán e Heredia fizeram suas estreias em 1929 no mesmo local, o Pavilhão Queirolo em São Paulo, chamado àquela época de Madison Square Garden Paulista. Durán, que era pupilo do argentino Kid Pratt, boxeadou até 1931 e terminou a carreira com o cartel de 19 lutas, 7 vitórias, 8 derrotas e 4 empates. Heredia teve carreira um pouco mais longa, aposentando-se em 1935 e tendo enfrentado os melhores leves em atividade como Lofredão, Tavares Crespo, Jack Tigre. Seu cartel final foi de 37 lutas, 9 vitórias, 17 derrotas e 9 empates, sendo que em nenhuma de suas quase vinte derrotas foi posto a nocaute. Tanto Heredia como Durán muito provavelmente deixaram seu país natal ainda crianças, sem idade para terem vivido o boxe espanhol, e limitaram suas carreiras ao seu novo país. Já Antolin Rodrigo, natural de Aragão, chegou a boxear em diversas cidades espanholas antes de passar pelo processo de emigração para o Brasil. Antolin chegou no Brasil em 1932 com 17 lutas no cartel (12-4-1), fixou-se em São Paulo e fez mais 34 lutas em oito anos de movimentada carreira, trazendo sua experiência europeia aos ringues brasileiros.

Além dos espanhóis que fixaram-se definitivamente no Brasil, temos os casos dos boxeadores ibéricos que tiveram passagem pelo boxe brasileiro em suas carreiras, para então retornarem definitivamente ao circuito europeu, tal como ocorria com portugueses e italianos. A numerosa colônia espanhola no Brasil e o novíssimo cenário pugilístico brasileiro foram atrativos para que pugilistas castelhanos cruzassem o Atlântico para aqui boxearem. Além disso, era comum que espanhóis de passagem pelo Brasil visitassem também a Argentina ou Uruguai, países em que a presença espanhol

era ainda mais forte. Ramon Barbens, da Catalunha, passou três anos de sua carreira boxeando no Brasil, entre 1929 e 1932, período que realizou 15 lutas entre Rio e São Paulo, vencendo 13, perdendo uma e empatando outra. Antes de chegar ao Brasil, Barbens fez uma luta em Montevideo e outra em Buenos Aires, cidade que voltou a visitar no meio de sua estadia em solo brasileiro. Seus bons resultados contra boxeadores brasileiros demonstram que o europeu ‘tinha muito o que ensinar’ aos pugilistas nacionais, tendo sido derrotado apenas uma vez por Attilio Loffredo no Queirolo.

Tal como ocorreu com outras colônias estrangeiras no Brasil, os espanhóis foram perdendo força no cenário do boxe brasileiro a partir do início da década de 1940, com a diminuição de seus representantes sobre os ringues. Nos anos 1950 surgiu um novo representante da colônia espanhola nos ringues brasileiros, o galego Felipe Cambeiro. Cambeiro chegou no Brasil em 1952, com 18 anos de idade, e aos 21 começou a praticar boxe com o lendário treinador Loffredo. Por não ter documentos brasileiros, Cambeiro não podia disputar campeonatos nacionais amadores, o que o motivou a se profissionalizar precocemente, com cerca de 10 lutas amadoras. Dentre seus maiores feitos, Cambeiro derrotou o maior boxeador da história da Argentina, o peso médio Carlos Monzón, no auditório da TV Tupi no Rio em 1964. Na revanche em São Paulo Cambeiro foi derrotado por pontos, aposentou-se em 1966 e assistiu, já afastado dos ringues, Monzón conquistar o título do mundo em 1970. Cambeiro manteve-se ativo no mundo do boxe paulista após sua aposentadoria, tornando-se treinador e dirigente nos anos 1970 e 80. Apesar da sua origem espanhola, Cambeiro nunca boxeceu na Espanha, fez sua carreira profissional entre 1957 e 1966, acumulando 61 lutas, 41 vitórias, 4 empates e 16 derrotas, nenhuma delas por nocaute.

Portugal, Itália e Espanha foram os países que mais enviaram imigrantes ao Brasil entre o final do século XIX e o início do XX, sendo estes três países latinos os maiores fornecedores de boxeadores de origem europeia no Brasil. Entretanto, também estão inseridos no fluxo migratório diversos outros países europeus, países estes que também forneceram importantes peças para compor o quebra-cabeça do cenário do boxe brasileiro. Alemães, austríacos, poloneses, franceses, estonianos são alguns dos europeus que, embora em menor número, tiveram papel importante no boxe brasileiro dos anos 1920 e 30.

O tcheco Frank Rosse foi um dos primeiros europeus a fazer sucesso nos ringues nacionais, mesmo que tenha ficado pouco menos de um ano em solo brasileiro. Rosse chegou ao Brasil em 1923 com mais de 20 lutas em seu cartel, algo inédito para

algum boxeador nacional. Todos seus adversários tinham entre zero e três lutas quando o enfrentaram, incluindo Benedicto dos Santos, o Ditão, que o venceu por nocaute no segundo round. Walter Tauwel, alemão que começou a carreira no Brasil em 1924, fez quatro lutas entre São Paulo e Rio (uma delas com Ditão) e depois voltou a Duisburg, sua cidade natal, dando prosseguimento a sua carreira que se encerrou em 1932 com 18 lutas (7-10-1). Em menos de um ano, o marinheiro lituano John Bernhardt realizou quatro combates em São Paulo em 1926, todos eles contra boxeadores não brasileiros. Citamos tais exemplos para demonstrar como era comum a presença de europeus das mais variadas nacionalidades no boxe brasileiro já antes de 1928, ano proposto como início do recorte temporal da presente pesquisa.

Entre 1928 e 1938 existiam inúmeros boxeadores europeus em atividade no boxe brasileiro, excetuando-se italianos, portugueses e espanhóis. Alguns deles fizeram suas carreiras todas no Brasil, sem que constem experiências prévias em seus países natais, tal como o polonês Jan Gerbich (boxeou de 1928 a 1931, cartel de 6-7-5), o alemão Fritz Weber (1929 a 1934, 0-3-0) e os estonianos Oscar Davidson (1929 a 1937, 10-7-2) e Erwin Klausner (1926 a 1938, 20-9-5). Davidson tornou-se treinador de destaque em São Paulo nos anos 30 e 40, enquanto Klausner realizou lutas na Argentina, Chile e Peru, embora tenha iniciado e finalizado sua carreira no Brasil. Já outros boxeadores europeus em atividade em solo brasileiro entre 1928 e o final da década de 1930, traziam consigo experiência em seus países natais. O parisiense Angelo Ledoux chegou no Brasil em 1931, com o bom cartel de 37 lutas (18-13-6), todas realizadas na sua França natal. Radicado em São Paulo, Ledoux travou grandes combates com os maiores pugilistas em atividade no Brasil, como Italo Hugo, Victor Manini, Antonio Rodrigues e Virgolino de Oliveira, realizando 24 lutas até 1936. Seu cartel final foi de 61 lutas, 29 vitórias, 22 derrotas e 9 empates. Percebemos que apesar de não serem provenientes de colônias numerosas como italianos ou portugueses, boxeadores da Estônia, Alemanha, França, Polônia, Áustria, entre outros países, tiveram grande contribuição no cenário do boxe brasileiro até o início dos anos 1940.

O austríaco Hans Norbert Novotny foi um dos milhares de europeus que aportaram no Brasil durante a década de 1930, fugindo da crise econômica e social do entre guerras na Europa. Norbert chegou ao Brasil em 1935 com o valoroso cartel de 35 lutas (27-4-4) entre Áustria, França, República Tcheca e Hungria. Hans Norbert se matriculou na principal academia de boxe de São Paulo àquele momento, a Academia Brasileira de Pugilismo, liderada por Aristides Kid Jofre e Waldemar Zumbano. Sem falar português, o peso meio-médio foi colocado sobre o ringue contra Waldemar, um dos melhores da academia, e seu excelente desempenho logo fez os treinadores do ginásio

perceberem que se tratava de mais um experiente boxeador europeu que chegava a São Paulo. Apelidado de Metralhadora Austríaca, Hans passou quase cinco anos no Brasil, onde fez dez lutas e venceu todas elas. Treinando e convivendo com os membros da família Zumbano-Jofre, Hans se aproximou e se casou com Olga Zumbano, uma das irmãs da numerosa família de boxeadores. Os Zumbano eram em sete homens e duas mulheres, sendo que as duas moças da família casaram-se com boxeadores: Angelina casou-se com o treinador Kid Jofre e Olga com Hans Norbert, fortalecendo ainda mais o vínculo da família com o esporte das luvas. A Zumbano acompanhou Norbert em seu retorno a Europa em 1939, onde o austríaco fez mais 27 lutas entre Áustria, Alemanha, República Tcheca e Holanda. O boxeador que brilhou no Brasil chegou a vencer o título austríaco dos meio-médios em 1947, um ano antes de se aposentar definitivamente com o cartel de 74 lutas (49-17-7) divididas entre América do Sul e Europa.

Presentes em abundância nos primórdios do boxe brasileiro, os atletas europeus tornaram-se escassos nas décadas de 1940 e 50, com brusca diminuição nos ringues nacionais. Mesmo que a representatividade dos pugilistas europeus no boxe brasileiro tenha se encerrado, a influência trazida por eles foi fundamental para a consolidação do esporte, seja por proporcionar grandes combates ao público ou pela transmissão de técnicas e táticas do boxe europeu. Alguns treinadores europeus também tiveram grande importância no nosso boxe, tal como o estoniano Oscar Davidson nos anos 1930 e 1940, e o alemão Fritz Selten, técnico do Wilson Russo e do Palmeiras nos anos 1950. Enquanto a presença de imigrantes europeus diminuiu severamente a partir do final da década de 1930, outros imigrantes mantiveram-se ativos e numerosos no cenário do boxe paulista e brasileiro: os sul-americanos.

7.3.2 - Imigrantes Sul-americanos

Boxeadores argentinos, uruguaios, chilenos, peruanos e bolivianos estiveram presentes no cenário do boxe brasileiro desde a década de 1920, dada a proximidade geográfica e a maior facilidade de mobilidade entre os países do cone sul do continente americano. Devido à maior força do boxe entre sua população, a Argentina e o Uruguai sempre foram os países que mais enviaram boxeadores ou treinadores para o Brasil. A Argentina, com larga vantagem, sempre foi o país sul-americano com o boxe mais desenvolvido, mais competitivo e mais difundido. Colonizado por espanhóis mas com presença massiva de franceses e ingleses a partir do final do século XIX, a Argentina ainda é, até hoje, a maior potência de boxe na Sul-América, posição que ocupa desde os primórdios do esporte no continente.

Primeiro boxeador argentino de fama internacional foi Luis Angel Firpo, foi um grande expoente do boxe platino no começo da década de 1920. Firpo foi o primeiro argentino a fazer sucesso nos ringues norte-americanos, derrotando um ex-campeão do mundo (Jess Willard) e disputando o título mundial contra Jack Dempsey em Nova York em 1923. A fins de comparação, o primeiro brasileiro a obter atenção mundial nos ringues norte-americanos foi Eder Jofre, que em 1960 venceu a eliminatórias pelo título do mundo e posteriormente conquistou o cetro mundial dos galos em Los Angeles. As primeiras medalhas olímpicas do boxe argentino vieram em 1924, em Paris, e o primeiro ouro olímpico da Argentina foi em Amsterdã 1928. Enquanto isso, o boxe brasileiro conquistou sua primeira medalha olímpica em 1968 (44 anos depois da Argentina) e seu primeiro ouro em 2016 (88 anos depois). Ao longo da história, os argentinos conquistaram 24 medalhas olímpicas, e os brasileiros apenas cinco. Entretanto, das 24 medalhas do boxe argentino, 22 foram conquistadas entre 1924 e 1960, o que demonstra que o auge do boxe amador platino se deu entre as décadas de 1920 e 50. Já os resultados olímpicos brasileiros, que conquistou quatro das suas cinco medalhas nos anos 2000, demonstra que o Brasil nos últimos anos tem obtido resultados mais expressivos que os argentinos no boxe olímpico.

Sendo o país sul-americano com o boxe mais forte e mais estruturado, naturalmente a Argentina foi o país fronteiriço que mais influenciou o boxe brasileiro durante toda sua trajetória. Inúmeros são os boxeadores argentinos que boxearam no Brasil, assim como não era raro que brasileiros tivessem experiências internacionais nos ringues argentinos. Embora o mais comum fosse que estes atletas não estabelecessem moradia no Brasil, permanecendo em solo brasileiro apenas durante o período das lutas, dezenas de argentinos radicaram-se no Brasil, tornando-se imigrantes em seu novo país. Diferentemente da chegada de boxeadores europeus, que teve seus picos relacionados com os fluxos imigratórios do final do século XIX e início do XX, a vinda de pugilistas argentinos para o Brasil foi contínua e duradoura, atravessando todos os momentos do recorte temporal da pesquisa (1928 a 1953).

O “argentino nascido no Brasil” Kid Pratt, cuja trajetória nos debruçamos com detalhes no Capítulo 2 do presente trabalho, fez parte de uma das primeiras ‘levas’ de argentinos no Brasil. Armando Jofre, apelidado Kid Pratt, era discípulo de José Perez García, o Jess Pratt, argentino que trocou seu país natal por São Paulo em 1923. Como boxeador profissional Kid Pratt fez apenas três lutas no seu cartel, todas elas no Brasil, mas como treinador, o argentino alcançou destaque nacional. Com o sucesso de seu Centro de Cultura Física, Kid Pratt chamou seu irmão mais novo, Aristides Kid Jofre, para vir a São Paulo trabalhar com boxe junto a ele em 1928. Os imigrantes argentinos

estabeleceram-se em São Paulo e passaram a ser uma referência no boxe paulista dos anos 1930, 40 e 50, tendo formado centenas de pugilistas. Formador de atletas olímpicos, campeões continentais e do primeiro campeão do mundo do boxe brasileiro, o argentino Kid Jofre é, sem dúvida, um dos maiores treinadores da história do boxe no Brasil.

Alguns outros treinadores argentinos tiveram sucesso no boxe brasileiro, trazendo para seus pupilos o conhecimento adquirido na escola argentina. O peso pesado Norman Tomasulo trouxe sua contribuição ao boxe brasileiro primeiro como atleta, e depois como treinador, tal como ocorrera com Kid Jofre. Tendo iniciado sua carreira em 1927, tinha experiência na Argentina, Estados Unidos, França, Suécia, Áustria e Alemanha quando se radicou no Brasil em 1939. Tomasulo encerrou sua carreira no Brasil em 1941 com 36 lutas (23-10-3), e então passou a atuar como treinador em solo brasileiro. O ítalo-argentino foi técnico da A.A. Guarani em São Paulo em 1940, foi para o Vasco da Gama em 1941 e em 1947 era o treinador do Palmeiras. Aaron Nowina foi outro argentino que veio para o Brasil boxear, em 1946, e permaneceu no país após se aposentar, atuando como treinador em São Paulo no final dos anos 1940. Horácio Molina, por sua vez, veio para o Brasil já como treinador, radicando-se definitivamente no país em 1955. Molina era presente no boxe brasileiro desde o final dos anos 1940, quando trazia seus pupilos para boxear por aqui, mas transferiu-se definitivamente para São Paulo em 1955, ano em que inaugurou sua academia na Alameda Glete. Molina chegou ao Brasil com fama de um dos melhores técnicos da Argentina, comandou o Palmeiras por algum tempo e manteve sua academia particular durante anos, até se aposentar e retornar ao seu país natal.

O uruguaio Ramon Platero, que foi o primeiro estrangeiro a comandar a seleção brasileira de futebol em 1925, dividiu sua carreira esportiva entre os campos e os ringues. Treinador de futebol de sucesso nos anos 1920, Platero havia sido boxeador no Uruguai, e na década de 1930 passou a ser treinador de boxe em São Paulo. Em 1937, enquanto ainda era técnico de futebol do Palestra Italia, Ramon Platero era treinador de boxe da academia São Paulo Boxing Club, além de ser jurado em diversas reuniões pugilísticas da Federação Paulista de Pugilismo Amador. Embora sua atuação como técnico de boxe não tenha tido continuidade, é notável sua participação no incipiente boxe paulista dos anos 1930. Outro futebolista platino a marcar presença no boxe brasileiro foi o argentino Jim Lopez, que comandou clubes brasileiros entre os anos 1930 e 1960, passando por São Paulo, Palmeiras, Portuguesa e Ponte Preta. Lopez, cujo nome de batismo era Alejandro Galan, veio ao Brasil trazido pelo treinador Caverzasio em 1932, que viajou até Buenos Aires e contratou alguns pugilistas

argentinos para boxearem contra atletas brasileiros. Jim Lopez boxeceu nos ringues paulistas de 1932 a 1934, realizando nove lutas (3-4-2) como meio-pesado antes de se dedicar exclusivamente ao futebol. Trazer atletas argentinos para boxearem no Brasil era hábito comum entre empresários nacionais desde os anos 1930, e ainda o é em 2019, dada a abundância de boxeadores dos mais variados níveis e a proximidade geográfica.

Devido ao seu limitado território e pequena população, o Uruguai comumente exportou seus boxeadores para os países vizinhos, principalmente Argentina e Brasil. Andres Miguez chegou no Brasil em 1929 com experiências de lutas em Montevideo e Buenos Aires. Realizou 14 lutas (10-4-0) no Brasil em sete meses, retornou ao Uruguai e manteve-se dividido entre seu país natal, Brasil e Argentina até aposentar-se em 1934 com 35 lutas (15-14-5). Tal como Miguez, o mais comum eram boxeadores platinos que não fixavam residência no Brasil, embora hajam diversos casos de imigração definitiva por parte dos argentinos e uruguaios. O afro-uruguaio Oscar Acosta, por exemplo, emigrou para o país vizinho e fez toda sua carreira no Brasil entre 1934 e 1942, período em que realizou 30 lutas (21-4-4) entre Rio de Janeiro e Porto Alegre.

Citamos exemplos de boxeadores argentinos e uruguaios para demonstrar como os atletas platinos estiveram presentes no boxe brasileiro desde a década de 1920. Enquanto a presença dos europeus diminuiu consideravelmente com a queda do fluxo migratório Europa – Brasil, a presença de esportistas platinos não sofreu abalo durante as décadas, uma vez que não era pautada por questões bélicas ou crises econômicas, tal como com os europeus. Uruguaios e, principalmente, argentinos, estiveram e estão presentes no boxe brasileiro de forma regular e contínua, da década de 1920 até os anos 2000. Nos anos iniciais de sua carreira profissional, Eder Jofre enfrentou 17 boxeadores argentinos, alguns deles mais de duas vezes, sendo a Argentina o país de origem de metade de seus oponentes entre 1957 e 1966.

7.3.3 – Imigrantes de outras origens

Embora em menor número quando comparado aos europeus ou aos sul-americanos, o boxe brasileiro também foi influenciado pela presença de imigrantes de outras origens, como Oriente Médio, Caribe e África. Kaled Curi, um dos mais destacados boxeadores brasileiros dos anos 1940 e 50, campeão continental amador em 47 e campeão brasileiro profissional em 1955, é um representante da colônia sírio-libanesa no Brasil. Nascido em Berbara, Líbano, Kaled emigrou para o Brasil junto a família no final de 1927, quando estava às vésperas de completar três anos de idade.

Segundo Kaled Curi escreveu em sua autobiografia, a família estava seguindo os passos de dois irmãos seu pai, Cesar e Rachid Salim Curi, que já haviam emigrado para São Paulo anos antes. O Brasil, que no início do século XX vivia sua primeira fase de industrialização e urbanização, tornou-se destino para milhares de emigrantes de países do Oriente Médio como Líbano, Síria e Turquia. A maioria destes imigrantes, ao chegar no Brasil, ocupavam profissões liberais e comerciais, atuando na venda de produtos de porta em porta, prática conhecida como mascate. Em pouco tempo a colônia sírio-libanesa alcançou êxito econômico, passando do comércio de varejo, de atacado e posteriormente para a indústria.

Estudante de colégio particular e morador da Vila Mariana, Kaled relata que era considerado ‘filhinho de papai’ por seus colegas de academia, embora se visse como pertencente a classe ‘média-alta’. Kaled teve o primeiro contato com o boxe ainda na infância, quando frequentava o Clube Espéria em suas férias escolares de 1938 para praticar natação e pugilismo, com o estoniano Oscar Davidson. Quando decidiu dedicar-se verdadeiramente ao pugilismo, ainda com 15 anos, matriculou-se na Academia Brasileira de Pugilismo, treinando sob orientação de Aristides Jofre e Waldemar Zumbano. Fez sua estreia como amador em março de 1940, disputou o primeiro Campeonato Popular de Boxe Amador da Gazeta Esportiva em 1941 e nunca mais afastou-se do boxe. Kaled relata que, por ter escolaridade acima da maioria dos seus companheiros de academia, rapidamente passou a não atuar apenas como atleta, mas como auxiliar burocrático de seus treinadores, organizador de eventos, jornalista e dirigente. Como atleta, o imigrante libanês alcançou diversos êxitos tanto no amadorismo como o profissionalismo, como títulos brasileiros amadores, campeão latino americano em 47 e campeão brasileiro profissional em 1955, ao vencer o renomado Pedro Galasso. Kaled travou batalhas épicas com Galasso, Ralph Zumbano, Sebastião Ladislao Gibi, Nelson Goiaba de Oliveira, Antonio Mesquita entre outros nomes fortes do boxe brasileiro dos anos 1950.

Atuando nos bastidores, entretanto, a colaboração de Kaled para o boxe paulista foi ainda mais profícua, uma vez que conciliou diversas atividades durante mais de cinco décadas de dedicação ao esporte. Por sua aptidão com as palavras, Kaled começou a ser correspondente de jornais ainda quando era amador, informando aos leitores resultados e tecendo comentários sobre o mundo do boxe. Tal função lhe trouxe consequências negativas, uma vez que foi perseguido pela Confederação Brasileira em 1948 devido à críticas ao órgão e foi cortado dos Jogos Olímpicos de Londres em 1948. Kaled atuou durante muitos anos como jornalista e atleta, simultaneamente, e chegou a organizar publicações semanais exclusivas sobre boxe. Segundo o memorialista

Henrique Matteucci, Kaled Curi trabalhou pelo boxe em todas as esferas: “montagem e ringue, organização, planejamento, divulgação como jornalista profissional, atleta, despachante da federação, empresário, dirigente, e mais tudo que se possa pensar.” Por tudo que fez pelo boxe brasileiro, dentro e fora dos ringues, o libanês naturalizado brasileiro pode ser considerado um dos maiores personagens da história deste esporte no Brasil, embora sua colônia não tenha relevada representatividade dentro do cenário nacional de pugilismo. Poucos foram os pugilistas sírio-libaneses de destaque no boxe brasileiro, sendo o peso pesado Ismael Haki um dos poucos antecessores de Kaled Curi. Ismael nasceu em Damasco, na Síria, mas fez toda sua carreira no Brasil entre 1927 e 1934, acumulando 14 lutas com 5 vitórias e 9 derrotas.

Alguns imigrantes caribenhos também estiveram presentes no boxe brasileiro entre os anos 1920 e 50, apesar do baixo índice migratório de populações oriundas desta região para o Brasil. Pequena ilha do Caribe, Barbados era o país de origem de Clarence Gibson, boxeador afrodescendente que fez toda sua carreira no Brasil entre 1928 e 1940. Inicialmente Clarence esteve radicado em Belém, no Pará, uma das cidades brasileiras de maior proximidade com o mar do Caribe. O barbadiano foi protagonista da primeira reunião pugilística que se tem registro no Belém, quando enfrentou um bixeador alemão no Teatro Palácio. Durante mais de um ano Clarence permaneceu em Belém, onde enfrentou os portugueses João Tavares Crespo e João Rosa Brito, que estavam em excursão pelo Norte e Nordeste do Brasil. Não se sabe em qual contexto se deu a imigração de Clarence Gibson, se chegou em Belém como boxeador ou apenas como mais um imigrante, mas é certo que toda sua carreira profissional foi realizada em solo brasileiro. Em 1931 Clarence migrou para o Rio de Janeiro, centro do boxe nacional à época, e manteve-se ativo até 1940, encerrando sua carreira com 21 lutas (4-14-3) entre Belém, Rio e São Paulo.

Outro caribenho que teve importância no boxe brasileiro foi o cubano Kid Charol II, apelido de Mario Gallart Hidalgo, natural de Santa Isabel de las Lajas. Mariano era primo de Kid Charol, um dos maiores boxeadores da história de Cuba antes da revolução de 1959, e por isso foi apelidado de Kid Charol II. O cubano permaneceu boxeando no Brasil entre 1938 e 1940, período em que fez 13 lutas entre Rio, São Paulo e Santos. Charol II tinha experiência de lutas em Cuba, Espanha, Paris, Uruguai e Argentina, antes de chegar ao Brasil. O cubano ficou famoso por sua série de quatro lutas contra Brasilino Fino, um dos maiores boxeadores ativos à época. Charol II perdeu duas, empatou uma e venceu a última luta que travou com o campeão brasileiro dos meio-pesados, agitando o cenário pugilístico nacional. Durante a estadia de Kid Charol II, outro cubano encontrava-se ativo nos ringues brasileiros, o peso pena José Canseco.

Diferentemente de Charol II, que apenas realizou algumas lutas no Brasil durante tempo limitado, José Canseco imigrou definitivamente para o país em 1934. Canseco iniciara sua carreira em Cuba, passara por Espanha e Argentina antes de fixar-se definitivamente no Rio de Janeiro, onde realizou 28 lutas em seis anos e aposentou-se em 1940.

Dentre os imigrantes pertencentes a colônias com baixa representatividade na população brasileira, o que mais destaque teve no Brasil foi Peter Johnson, imigrante africano que construiu carreira no Brasil de 1926 a 1933. Peter era natural da minúscula ilha de Santa Helena, localizada praticamente no meio do Oceano Atlântico, um pouco mais próxima à África do que da América do Sul. Peter era boxeador por influência de seu pai, que também seguira esta profissão, e seu irmão também boxeara no Brasil, porém de forma tímida. O africano foi um dos principais boxeadores do país durante seu tempo de atuação, enfrentando e vencendo alguns ídolos do boxe brasileiro, tais como Italo Hugo, Quirino Rosa, Tavares Crespo, Jack Marin e Victor Manini. Apesar de suas glórias, a dedicação ao boxe lhe custou caro, uma vez que teve problemas cerebrais ocasionados pelos impactos de golpes na cabeça. Em 1944, já mais de uma década após sua aposentadoria forçada em 1933, a comunidade do boxe paulista organizava um evento beneficente para o imigrante africano:

EVENTO BENEFICIENTE SABADO PROXIMO – os esmurraadores bandeirantes, num gesto de solidariedade, organizaram uma noitada amadora em benefício do antigo pugilista Peter Johnson

Nos seus tempos de esplendor, quando a nossa capital esportiva vibrava aos emocionantes encontros de pugilismo, tivemos figuras das mais expressivas, que se tornaram ídolos da multidão. Uma delas foi o ágil Peter Johnson, filho do famoso pugilista negro sul-africano do mesmo nome, e que foi uma das estrelas da constelação mundial do pugilismo.

Treinado e dirigido por seu pai, o jovem Peter Johnson foi uma figura central na categoria dos pesos médios, e cuja técnica, bastante apreciada, serviu de barreira aos esmurraadores da categoria daquela época. Quando se encontrava no período de ouro da sua carreira, Peter sentiu de perto o peso da desgraça. Com o pai à morte, o que se consumou pouco tempo depois, morreu-lhe o único irmão e, num dia de aziago, sobe ao ringue doente e desse estado lhe adveio, no ardor da luta, uma paralisia que, infelizmente, o inutilizou pra sempre.

Com isso, Peter teve que apelas para os corações generosos dos seus fãs, cujo número é incontável em São Paulo, pelo modo correto e espetacular com que se

houve sempre no cumprimento do seu dever como profissional que presa a sua profissão. Todos lhe socorrem ainda hoje. [...]"¹⁴⁹

Além deste evento ocorrido em 1944, algumas outras reportagens sobre reuniões em caridade de Peter Johnson constaram nas fontes checadas durante diferentes anos. Negro e imigrante, o 'Passarinho de Santa Helena' teve um triste final de vida , necessitando de ações como estas para sua sobrevivência, tal como fora com Ditão, outro boxeador negro. Embora o boxe tenha lhe proporcionado enorme tragédia, a trajetória deste imigrante africano faz com que seja considerado um dos construtores do boxe brasileiro.

¹⁴⁹ Correio Paulistano, São Paulo, 13 de dezembro de 1944

Capítulo 7 – Boxeadores daqui

A fim de melhor organizar a presente obra, dividimos o capítulo sobre os praticantes de boxe em dois, sendo o primeiro destinado a boxeadores com origens estrangeiras e o segundo a pugilistas com origens nacionais. Vejamos então, quais eram os grupos compostos por atletas que não pertenciam às colônias estrangeiras que atuaram entre 1928 e 1953.

8.1 – Migrantes

Com o crescente processo de industrialização que ocorria em São Paulo desde o final do século XIX, a capital paulista se tornara um dos principais destinos de migração interna do Brasil, ao lado do Rio de Janeiro, capital federal até 1961. A chegada dos imigrantes europeus e sua mão-de-obra qualificada intensificou muito a industrialização da cidade, que a partir da década de 1930 já se tornara o centro industrial mais importante do país. Desta maneira, não apenas estrangeiros buscavam melhores condições de vida em São Paulo, mas também brasileiros provenientes de regiões com menos possibilidades econômicas, como norte de Minas Gerais, Nordeste e Norte. Devido ao ciclo do café do final do XIX, milhares de migrantes de diferentes regiões do Brasil já passaram a adotar o estado de São Paulo como morada. Entretanto, o maior fluxo migratório para São Paulo, principalmente de nordestinos, aconteceu a partir da década de 1950, migração essa que modificou o perfil social e cultural da população paulista. Desta maneira, a maior parte do período estudado nesta pesquisa (1928 a 1953) fica fora do grande fluxo migratório para São Paulo dos anos 1950, fator que deve ser levado em consideração quando estudamos o papel dos migrantes no boxe paulista no período.

Boa parte dos migrantes que chegavam a São Paulo na década de 1920 era provenientes do interior de São Paulo, e transferiam-se para a capital em busca de maiores possibilidades de estabilização econômica. Vinda de Mococa, interior do estado, a família Zumbano foi uma das milhares de famílias interioranas que migraram para a capital nos anos 1920, chegando em São Paulo em 1928. Segundo Ralph Zumbano, um dos migrantes ‘caipiras’ na capital, os Zumbano era “*grandes passadores de fome*” em Mococa, o que teria motivado a mudança para a cidade grande. Maria e Salvador Zumbano, casal com origens italianas que trabalhavam no cultivo da terra em Mococa, tinham oito filhos quando mudaram-se para São Paulo, onde foram abrigados por Marcelo Ziravello, irmão de Maria que já havia se transferido para a capital. Apenas o último dos nove filhos, Ricardo, nasceu na capital em 1931, embora todos os outros

rapidamente se adaptassem à vida na metrópole. Enquanto em Mococa somente o filho mais velho (Higino) frequentava a escola e as outras crianças auxiliavam a matriarca a produzir e vender doces, na capital todos irmãos tiveram acesso à escola, cursos profissionalizantes, politização, lazer, cultura e ao esporte. A numerosa família ficou na região do Bom Retiro como hóspede na casa dos Ziravello durante alguns anos, antes de se transferirem para o Parque Peruche no final dos anos 1930, bairro localizado em região afastada do centro da cidade.

Apaixonados pelo boxe desde a infância em Mococa, influenciados por cenas de filmes de cinema, somente a transferência para a capital paulista possibilitou que os irmãos Zumbano pudessem praticar e se dedicar verdadeiramente ao pugilismo. A participação dos migrantes interioranos na consolidação do boxe brasileiro foi fundamental, uma vez que da família ítalo-caipira surgiram diversos pugilistas amadores, boxeadores profissionais, treinadores, dirigentes e promotores da modalidade. Inseridos no contexto de migração para a capital na década de 1920, os Zumbanos podem ser considerados os membros de uma única família mais importante ao boxe nacional, tanto pela quantidade como pela qualidade de seus membros nas diversas áreas de atuação. Diversos outros pugilistas eram, assim como os Zumbano, migrantes do interior para a capital, tal como Nelson de Oliveira, o popular Goiaba. Natural de Itatiba, interior do estado, Goiaba chegou à São Paulo em 1944, com 14 anos, em busca de ofertas de trabalho.

Entrevistado pelo autor da presente pesquisa, Goiaba relatou que veio à São Paulo se juntar ao seu irmão mais velho, que já vivia alguns anos em São Paulo. O adolescente de 15 anos incompletos foi trabalhar na mesma fábrica cujo irmão era funcionário, no Ipiranga, onde trabalhou e residiu durante alguns anos. Percebe-se como o contexto de alta industrialização da cidade de São Paulo e suas oportunidades de emprego atraía jovens do interior, fluxo migratório iniciado no final do XIX que dura até hoje. Goiaba relatou que, por ser menor de idade, recebia apenas metade do salário base pago aos adultos, situação que o obrigava a 'dobrar' as horas de serviço, trabalhando das seis da manhã as dez da noite. Somente desta maneira o adolescente conseguia dinheiro suficiente para pagar a pensão em que morava junto ao irmão. Após cerca de dois anos mudou de área, passando a trabalhar como servente de pedreiro, profissão que tinha destaque devido ao seu físico avantajado. Tal como outros migrantes interioranos, foi somente na capital que Goiaba teve contato com o boxe. Por volta de 1946 ele se matriculou na Academia Guarani, do treinador italiano Benjamin Ruta, embora tenha passado a competir somente em 1950. Tal como milhares de migrantes em São Paulo, Nelson de Oliveira estabeleceu-se definitivamente na capital

paulista, passando por diferentes regiões de São Paulo, e não mais regressou a sua cidade de origem. Atualmente, as vésperas de completar 90 anos (cumpre 90 em outubro de 2019), Goiaba vive com filhos, netos e bisnetos na Vila Formosa, bairro da zona leste onde reside há décadas.

Não só em São Paulo que diversos boxeadores eram oriundos do interior do estado, migrantes que buscavam na capital melhores condições de vida. O fluminense de Paraíba do Sul, Pedro Guimarães, ficou famoso no mundo pugilístico brasileiro usando o nome de Jack Tigre. Originário do interior do estado do Rio de Janeiro, Jack Tigre precisou transferir-se para a capital federal para se tornar boxeador em 1927, ano em que fez sua estreia profissional. O peso leve, que chegou a ser campeão brasileiro em 1929 e 30, construiu sólida carreira entre 1927 e 1939, período em que fez 77 lutas (36-27-11) entre Rio, São Paulo, Santos e Porto Alegre. Por se tratar da capital federal e ser o centro do boxe brasileiro até a década de 1940, o Rio de Janeiro foi a residência de inúmeros boxeadores migrantes durante as décadas de 1920 e 30. Tobias Bianna, natural de Maceió, deu início a sua carreira profissional em 1925, mantendo-se ativo nos ringues até 1939. Recruta da Marinha do Brasil, Tobias Bianna foi um dos primeiros nordestinos a fazer sucesso no boxe nacional, vencendo o título de campeão brasileiro dos médios em 1933. Apelidado pelos jornais de 'Leão do Norte', Bianna encerrou a carreira com 64 lutas (36-19-8), nenhuma delas na sua região de origem, o Nordeste. Antonio Sebastião, peso pesado que fez breve temporada na Europa em 1929 junto ao português Santa Camarão, era também mais um nordestino radicado no Rio, por sua vez originário do Rio Grande do Norte. Não chegou a faturar títulos, mas sua carreira de 27 lutas (17-8-2) teve certa relevância entre 1927 e 1940.

Outro migrante nordestino a fazer sucesso nos ringues de São Paulo e Rio ainda antes do fluxo migratório dos anos 1950 foi João dos Santos, o Tobis, que boxeceu entre 1935 e 1946, fazendo ainda uma luta de despedida em 1951. Sergipano, Tobis trocou seu estado natal pela capital federal Rio de Janeiro, onde teve contato com o boxe e iniciou sua carreira profissional no meio da década de 1930. Tobis chegou a ser campeão brasileiro em 1939 e venceu nomes importantes de sua época, como Jack Tigre, Antonio Mesquita e Geraldo Silva, o Garoto de Bronze. O sergipano encerrou sua carreira oficialmente em 1951 contando com 32 lutas (21-6-5) entre Rio, São Paulo, Santos, Porto Alegre, Montevideo. Nos últimos anos de sua carreira, Tobis transferiu-se para São Paulo, onde atuou como auxiliar técnico e massagista na academia de Kid Jofre durante muitos anos, até a década de 1970. O migrante nordestino se assemelhava fisicamente a um pigmeu africano, baixo, forte e retinto, tornando-se um personagem histórico do boxe paulista.

Não só nordestinos e interioranos compunham o grupo de migrantes do boxe brasileiro até os anos 1950. José Brickman, Adão Santos e Luiz Campos Soares foram boxeadores gaúchos que muito sucesso fizeram nos ringues de São Paulo e Rio durante seus períodos de atuação. Brickman fez sua estreia em São Paulo em 1924, manteve-se atuante nos ringues até 1933, ano em que se aposentou com 23 lutas (13-6-4) entre São Paulo, Rio, Santos e Recife. Radicado no Rio de Janeiro, o negro peso médio Adão Santos era gaúcho de nascimento¹⁵⁰, embora tenha feito todas suas 28 lutas (13-10-5) entre São Paulo e Rio entre 1927 e 1934. Luiz Campos Soares ficou conhecido pela alcunha de Gaúcho no sudeste, tornando-se um dos principais pesos pesados dos anos 1940 e u dos mais destacados treinadores nos anos 1950 e 60. O negro Gaúcho migrou inicialmente para o Rio de Janeiro em 1934, aos 20 anos, momento em que começou sua carreira como boxeador amador. Em 1937, Gaúcho Soares iniciou no boxe profissional ainda no Rio de Janeiro, mas dois anos depois migrou novamente para São Paulo pois o mercado pugilístico crescia de forma significativa. Vivendo de forma fixa na capital paulista a partir de 1939, Gaúcho foi o boxeador que fez a principal luta do evento de estreia do Ginásio do Pacaembu, em abril de 1940. Gaúcho aposentou-se em 1942 com 25 lutas (12-6-7) e manteve-se ativo no mundo do boxe paulista, tornando-se jurado e treinador do Corinthians, como já nos aprofundamos no Capítulo 4, Mestres Modernos.

O boxe, assim como outras modalidades esportivas, serve como um reflexo da sociedade brasileira, e a presença de migrantes no cenário pugilístico nacional apenas reflete o contexto de migração interna brasileira até a primeira metade do século XX. Tal como a chegada de brasileiros de diferentes origens influenciou a demografia e a cultura das cidades, a vinda destes migrantes foi primordial para a consolidação do cenário boxístico, uma vez que destes grupos se originaram inúmeros boxeadores, treinadores e dirigentes, tornando o boxe paulista o mais forte do país a partir dos anos 1940.

8.2 – Negros

O boxe é um esporte historicamente marcado pela presença de afrodescendentes, pessoas negras das mais variadas nacionalidades. A lista de boxeadores negros campeões mundiais ou olímpicos é gigantesca, e dela fazem parte nomes como Muhammad Ali, Joe Louis, Mike Tyson, Sugar Ray Leonard, George Foreman, Sugar Ray Robinson, Teófilo Stevenson, Felix Savon e Anthony Joshua. Em

¹⁵⁰ A Batalha, Rio de Janeiro, 10 de março de 1931

solo nacional, diversos boxeadores negros compõem o 'hall da fama' do boxe brasileiro, como Adilson Maguila Rodrigues, Servílio de Oliveira, Esquiva Falcão, Yamaguchi Falcão, Chiquinho de Jesus, Peter Venâncio, Everton Lopes e Robson Conceição. Boxeadores negros tem posição de destaque no esporte do soco desde seu primeiro processo de esportivização na Inglaterra. O ex-escravo afro-americano Tom Molineaux fez sucesso no boxe sem luvas nas primeiras décadas do século XIX na Grã Bretanha, mas somente em 1908 foi permitido que o título mundial dos pesados fosse disputado por um boxeador negro. Jack Johnson venceu de forma indiscutível o campeão branco, tornando-se o primeiro pesado negro campeão do mundo naquele ano. Johnson manteve-se na posse do título até 1915, período em que alcançou fama mundial como o 'colored' a ser batido por algum boxeador branco. A partir de então, inúmeros foram os boxeadores de ascendência africana a obter sucesso no esporte nas mais variadas regiões do planeta. As condições socioeconômicas em que populações afrodescendentes estão submetidas, seja na América do Norte, no Caribe ou na América do Sul, colaboram para o alto índice de pessoas negras que buscam no boxe uma forma de ascensão social e econômica, condição apontada pelo historiador afro-americano Jeffrey Sammons, em seu *Beyond the ring: the role of boxing in american Society*.

No Brasil, país cuja população é majoritariamente formada por afrodescendentes, não foi diferente, e boxeadores negros tem destaque no pugilismo brasileiro desde seus primórdios. A primeira grande sensação do boxe paulista foi Benedicto dos Santos, o Ditão, peso pesado que fez sua estreia profissional no Cassino Antarctica em 1923. Ditão fazia parte da equipe de Adriano Delaunay, treinador italiano que foi um dos precursores do boxe em São Paulo. Além de Ditão, Delauney era treinador de Quirino Rosa, também conhecido como Harry Rosa, que foi também um dos primeiros boxeadores negros paulistas com destaque nacional. Em março de 1923, A Gazeta escrevia:

Harry, o simpático pretinho do Internacional Boxing Club consta na programação[...] Delaunay reaparecerá sobre o ringue numa demonstração com Benedicto, um peso máximo magnífico, contando de 1,90 de altura, 1,23 de tórax e 2 metros de abertura de braços¹⁵¹

Considerado um 'gigante de ébano' pela mídia, Ditão teve carreira meteórica. O peso pesado venceu de forma avassaladora seus três primeiros adversários,

¹⁵¹ A Gazeta Esportiva, São Paulo, 9 de março de 1923

nocauteando todos eles com extrema facilidade. Empolgados com a possibilidade de ver surgir o primeiro campeão mundial brasileiro (o argentino Luis Angel Firpo disputara o título do mundo dos pesados nos Estados Unidos em setembro de 1923), empresários e treinadores de Ditão o colocaram à frente de um dos melhores pesados europeus em atividade, o italiano Erminio Spalla. Possuidor de larga experiência, Spalla venceu Ditão por nocaute no 9º round, e a derrota deixou sérias sequelas no gigantesco negro. Ditão tornou-se deficiente físico (arrastava a perna direita) e nunca mais pode boxear oficialmente outra vez. Desta maneira que o primeiro grande peso pesado brasileiro, um homem negro, encerrou precocemente sua carreira em 1924. Seu companheiro de equipe, Quirino Rosa, teve carreira mais sólida e duradoura. Chamado pelos jornais como “esmurrador preto”, “pretinho” e “negrinho endiabrado”, Harry lutou de 1922 a 1930, época em que o boxe paulista começava a se estruturar. Treinado pelo italiano Delaunay, Harry foi considerado o primeiro campeão brasileiro dos penas, título este que lhe foi concedido após uma votação popular organizada por dois jornais paulistanos¹⁵².

O boxeador negro reinou em São Paulo até 1926, ano em que sofreu uma dura derrota por nocaute para Italo Hugo representante da colônia italiana que encontrava-se no início de sua carreira, então com 15 lutas. Hugo estava ‘embalado’, pois dois meses antes da luta com Quirino Rosa havia obtido a primeira grande vitória de sua carreira, quando derrotou o português Tavares Crespo, de quem já havia perdido e empatado. A luta entre os dois ídolos paulistas, o noviço Italo Hugo e o consagrado Quirino Rosa, ocorreu em abril de 1926 no Teatro Braz- Polytheama em São Paulo. Após o combate, Italo Hugo viu crescer cada vez mais sua fama, acumulou vitórias importantes e tornou-se o principal boxeador paulista dos anos 1920 e começo dos anos 1930. Já Harry Rosa, por sua vez, viu sua carreira acumular derrotas e perdeu o estrelato, aposentando-se em 1930 com um cartel de 25 lutas, 14 vitórias, 8 derrotas e 3 empates. Com o ostracismo de Harry e o estabelecimento de Italo Hugo como o nome mais popular do boxe paulista, em 1926, iniciou-se uma fase de pouca representatividade de boxeadores negros no boxe de São Paulo e grande presença de pugilistas brancos.

Enquanto no Rio de Janeiro haviam diversos pugilistas afrodescendentes com bons resultados e alta popularidade nos anos 1920 e 30, em São Paulo poucos eram os negros que obtiveram destaque desde a queda de Ditão (1924) e Quirino Rosa (1926). Adão Santos (gaúcho radicado no Rio, carreira de 1924 a 34), Bathazar

¹⁵² Segundo Henrique Matteucci, tal votação aconteceu em 1926, organizada pelos jornais *A Pauliceia* e *São Paulo Esportivo*. A informação não foi possível de ser checada.

Cardoso (maranhense radicado no Rio, carreira de 1928 a 48), Clarence Gibson (barbadiano radicado no Rio, carreira de 1928 a 40), João Alves (gaúcho, carreira de 1927 a 36), Mario Francisco (carioca, carreira de 1928 a 45), Rubens Soares (carioca, carreira de 1924 a 41), João dos Santos 'Tobis' (sergipano radicado no Rio até 1941, carreira de 1935 a 51), Virgolino 'Lampeão' de Oliveira (carioca, carreira de 1927 a 39) e Waldemar Januário (carioca, carreira de 1927 a 35) são alguns dos pugilistas negros que boxearam em ringues paulistas entre 1928 e 1940. Nota-se a ausência de boxeadores negros paulistas citados neste período. Alguns destes boxeadores cariocas representantes da raça negra obtiveram fama nacional, como Virgolino de Oliveira, primeiro campeão brasileiro da categoria peso-pesado em 1935; Rubens Soares, campeão brasileiro peso médio em 1938 e 40; e Tobis, campeão brasileiro peso leve em 1939 e 40.

Mesmo que boxeadores negros tivessem presença marcante no boxe carioca, não era raro jornais utilizarem termos racistas para se referir a tais atletas. O peso médio carioca Waldemar Januário, preto retinto que fez 47 lutas (20-17-9) entre 1927 e 1935, foi desta maneira retratado pelo jornal carioca A Batalha em 10 de abril de 1931:

Waldemar Januário, o adversário de Antonio Rodrigues na noite de hoje no ringue do Fluminense, é um homem resistente ao castigo, pega forte, é agressivo e sobretudo, leal. A lealdade de Januario vai ao ponto de beijar o adversário quando comete uma falta involuntária. Januário, além de ser um 'preto de alma branca', tem progredido extraordinariamente nos últimos meses [...]

George Godfrey, peso pesado negro norte-americano, era um dos mais destacados pugilistas dos Estados Unidos quando aterrissou em São Paulo em 1934 para enfrentar o italiano Giacomo Bergomas. Com quase 1,90m de altura, Godfrey havia sido campeão do mundo 'colored' em 1926, defendeu o título diversas vezes e dentre suas mais de 100 lutas enfrentou nomes como Primo Carnera, Paolino Uzcundun e Sam Langford. Mesmo com tão respeitável cartel, o negro do Alabama foi chamado de 'King Kong' pelo Correio de S. Paulo no momento de sua passagem por São Paulo, enquanto o italiano de cartel medíocre (7-9-6) foi respeitosamente citado. Na reportagem após a luta entre Godfrey e Bergomas, realizada no Estádio Paulista do Largo do Arouche, o mesmo Correio de S. Paulo, destacou a raça de Godfrey sem fazer uso de termos racistas ou pejorativos:

O aparecimento de George Godfrey no Estádio Paulista foi um acontecimento de grande repercussão em nossos meios esportivos. O estádio encontrava-se repleto.

*Não foi dado ao público, porém, assistir um verdadeiro combate do campeão da raça negra [...]*¹⁵³

Percebe-se que a questão racial não passava despercebida pelos jornalistas e público do boxe, refletindo no esporte o racismo presente na sociedade brasileira. Enquanto pugilistas negros e lusitanos faziam sucesso no Rio nas décadas de 1920 e 30, em São Paulo os principais boxeadores pertenciam às colônias italianas e portuguesas, com baixa representatividade de atletas negros. A fins de comparação, os principais adversários paulistas de dos três cariocas negros campeões brasileiros supracitados (Rubens, Virgolino e Tobis) entre 1924 e 1940 eram Italo Hugo, Victor Manini, Attilio Loffredo, Oswaldo Loffredo, Brasilino Fino, Antonio Rodrigues (português), todos brancos e membros das colônias europeias. Quando tomamos como parâmetro de análise os pugilistas profissionais que obtiveram bons resultados competitivos, acabamos por excluir boxeadores amadores, atletas com carreiras inexpressivas (poucas lutas ou sem resultados relevantes) e praticantes de boxe que não competiram. Entretanto, não pretendemos, e sequer seria possível, analisar o perfil de toda pessoa que praticou boxe nas remotas décadas, mas sim utilizar um indicador como base de nosso estudo. Desta maneira, escolhemos como dados a serem analisados os resultados competitivos de boxeadores profissionais no período, objeto que melhor contempla a análise dos praticantes de boxe em São Paulo nas décadas de 1920 e 30.

Desde a aposentadoria oficial de Quirino Rosa, em 1930, até o surgimento de Vicente dos Santos, o Vicentão, que disputou Londres 1948 e iniciou sua carreira profissional em 1949, os boxeadores negros que brilhavam nos ringues paulistas eram oriundos outras localidades. O imigrante africano da ilha de Santa Helena Peter Johnson, apelidado de 'Passarinho de Santa Helena', foi um dos representantes da raça negra mais ativo em São Paulo entre 1925 e 1933, ano da sua aposentadoria forçada. O africano fez ao todo 41 lutas (20-14-6), sendo 26 delas entre São Paulo e Santos. O fluminense de Paraíba do Sul Jack Tigre fez-se boxeador no Rio de Janeiro, porém estabeleceu-se em São Paulo entre 1930 e 1933, período em que se apresentou em locais como Cassino Antarctica, Pavilhão Piolin, Alcebíades e Frontão do Braz. Jack Tigre foi um dos principais boxeadores negros em seu período de atuação, com fotos suas constantemente publicadas nos jornais de São Paulo e Rio. É importante ressaltar que entre 1935 e 1940 houve uma forte crise no boxe profissional paulista, com

¹⁵³ Correio de S. Paulo, São Paulo, 20 de agosto de 1934

pouquíssimos eventos acontecendo, o que naturalmente implicou a diminuição na quantidade de boxeadores, negros ou brancos, em São Paulo.

Com a inauguração do Ginásio Municipal do Pacaembu em 1940 o boxe profissional paulista voltou a se movimentar, mas a ausência de boxeadores negros naturais de São Paulo ainda era presente. O negro dos pampas Luiz Campos Soares, o Gaúcho, era um dos representantes 'da raça' no início dos anos 1940, sendo protagonista da principal luta no evento de inauguração do Pacaembu. Gaúcho teve carreira de 1937 a 1942, e das 25 lutas de sua carreira profissional enfrentou boxeadores negros como ele apenas uma vez, em 1937, quando se bateu com o cubano Kid Charol II no Rio de Janeiro.

Geraldo Silva, o Garoto de Bronze, era um dos poucos negros ativos em São Paulo entre metade dos anos 1930 e começo dos 1940. Natural de Santos, fez apenas 8 das suas 32 lutas em São Paulo ou Santos, lutando majoritariamente longe do cenário do boxe paulista. Em sua estreia no Pacaembu, em 1940, foi vencido por Antonio Zumbanão, boxeador branco que ocupava posição de ídolo paulista no início da década de 1940. Somente no final dos anos 1940 é que boxeadores negros voltaram a ocupar posição de destaque no boxe paulista. O negro de pele clara, mestiço, Vicente dos Santos era um dos mais talentosos pupilos de Kid Jofre, ao lado de Ralph Zumbano e Kaled Curi, brancos. O peso pesado teve vistosa carreira amadora, sagrando-se vice-campeão do Latino Americano de São Paulo em 47, campeão latino no Chile em 48 e contando com a participação olímpica em Londres 48. Vicentão iniciou sua carreira profissional em 1949 vencendo o principal nome da categoria dos pesados dos anos 1940: o branco português Antonio Soares.

Podemos dizer que Vicentão resgatou o papel de protagonismo de boxeadores negros paulistas a partir de 1947, ano em que foi vice-campeão amador Latino em São Paulo. A partir dos últimos anos da década de 1940 a participação de boxeadores negros em São Paulo passou a ser semelhante à dos afrodescendentes que boxeam em qualquer parte do mundo: posição de destaque. Romeu Barbosa teve boa trajetória no amadorismo no final dos anos 1940, profissionalizando-se em 1951 e vencendo o título brasileiro dos leves em 1952. Romeu teve carreira meteórica de apenas dois anos, período em que fez 12 lutas (10-1-1), mas após sua aposentadoria teve problemas financeiros, dependência alcoólica e faleceu de cirrose em situação de miséria, como boa parte da população afrodescendente do Brasil¹⁵⁴. Em 1948 estreava no amadorismo

¹⁵⁴ Juvenal Queiroz, que conviveu com Romeu, assim escreveu em sua biografia: "Após deixar o boxe, a sua popularidade começou a desaparecer. A situação financeira foi-se agravando. Não tendo família,

o mulato Paulo Sacomã, que era filho de pai sírio-libanês e mãe brasileira, negra. Com carreira tímida no amadorismo, o mestiço Sacomã começou a ganhar fama no cenário do boxe nacional em 1951 quando, em sua terceira luta, nocauteou o veterano português Guilherme Martins, que àquela altura contava com 57 lutas. Conhecido como 'Martelador do Bom Retiro', Sacomã chegou ao título brasileiro em 1952, perdendo-o no ano seguinte para Nelson Andrade, novo talento da negritude paulista. Andrade disputou a Olimpíada de Helsinki em 1952, ao lado de Pedro Galasso, Paulo de Jesus, Lucio Grotone, todos paulistas de origem europeia. O crioulo Nelson de Andrade foi um dos principais boxeadores dos anos 1950, acumulando 49 lutas (34-15-0) entre 1953 e 1961. Paulo Sacomã, por sua vez, fez 65 lutas (40-20-5) entre 1951 e 1961, sendo que 63 destas 65 lutas foram nos estádios do Pacaembu ou Ibirapuera, na capital paulista.

O primeiro boxeador campeão dos Jogos Pan-americanos foi o 'negrão' Luís Ignácio, o Luisão, que em 1955 conquistou o ouro dos meio-pesados no México. Além da brilhante carreira amadora, o morador do Parque Peruche, vizinho e pupilo de Kid Jofre foi também o segundo brasileiro a conquistar um título internacional no profissionalismo, quando venceu o Sul-americano dos meio-pesados em janeiro de 1959. O primeiro brasileiro a conquistar tal título fora Pedro Galasso, ítalo-brasileiro, e o terceiro seria Eder Jofre, também um boxeador branco. Tipo cômico e popular, Luisão sofreu com demência pugilística após sua aposentadoria, assim como problemas financeiros. Segundo Matteucci, Luisão "*ganhou dinheiro com o boxe, mas não soube guardá-lo, muito menos aplicá-lo[...]*", e "*quando se aposentou, estava tão pobre quanto começou a carreira*". 'Sonado', pobre e entregue ao alcoolismo, Luisão foi do sucesso à lama em poucos anos, morrendo de lesão cardíaca aos 47 anos em 1976. Enquanto nos anos 1930 e 40 eram poucos os boxeadores negros paulistas com destaque, nos anos 1950 a quantidade de pugilistas afrodescendentes era grande, com o surgimento de nomes como Nelson 'Goiaba' e Sebastião Ladislau 'Gibi', além dos já citados Luisão, Paulo Sacomã, Vicentão, Nelson de Andrade, Romeu Barbosa. Desde então, boxeadores negros nunca mais deixaram de ocupar posição de destaque em São Paulo e no Brasil, tanto por quantidade como por qualidade.

vivendo sempre só, o único ambiente que encontrou para frequentar, cujas portas estão sempre abertas para todos, foi os bares. Voltou a beber com regularidade. [em Atibaia] conseguiu sobreviver, trabalhando como vigia de automóveis." Teve insuficiência cardíaca e cirrose hepática. Faleceu na Santa casa em 3 de janeiro de 1976, aos 57 anos. Como ninguém reclamou o corpo, foi enterrado como indigente."

Não podemos deixar de notar que o grupo social dos boxeadores negros é o que mais comporta ex atletas que passaram por dificuldades financeiras após o afastamento dos ringues. Peter Johnson e Ditão eram constantemente beneficiários de eventos beneficentes dos anos 1930 e 40 que buscavam coletar fundos para os antigos pugilistas. Ambos sofreram com problemas de saúde gerados pela prática exaustiva e sem critérios do boxe, acometidos por lesões cerebrais que os tornou inválidos fisicamente. Romeu Barbosa e Luisão, que fizeram muito sucesso nos anos 1950, foram abandonados após suas aposentadorias e, inseridos em um contexto de mínimas oportunidades para a população negra, finalizaram suas vidas de forma precoce e miserável. Sebastião Ladislau Gibi, outro preto retinto, encerrou sua carreira e teve problemas com álcool, drogas e violência urbana, sendo precocemente assassinado menos de dez anos depois de se aposentar. Falta de estrutura familiar, falta de planejamento financeiro, pertencimento à classes subalternas, baixo índice de escolaridade, maior vulnerabilidade ao alcoolismo e à pobreza são alguns dos fatores que fazem com que boxeadores negros sejam maioria dos que terminam suas vidas em situação de miséria. Dos casos famosos de ex boxeadores necessitando de medidas assistencialistas, quase todos são negros, o que escancara o racismo estrutural que acomete não só o boxe, mas a sociedade brasileira.

8.3 – Marinheiros

Tal como aconteceu em todo país que tenha saída para o mar, no Brasil o cenário pugilístico local teve forte ligação com marinheiros e profissionais de atividades marítimas. Marinheiros europeus foram os responsáveis pela disseminação do boxe, assim como de outros esportes, pelo resto do mundo nos séculos XVIII, XIX e XX. Além de terem sido responsáveis pela chegada do boxe no Brasil, profissionais do mar, sejam militares ou mercantis, tiveram grande importância no boxe brasileiro dos anos 1920 e 1930. Devido à posição geográfica das cidades, o Rio de Janeiro teve presença marcante dos marinheiros no boxe local, enquanto em São Paulo este grupo social era praticamente inexistente. A falta de marinheiros em São Paulo, entretanto, não impediu que o boxe paulista sofresse influência deste grupo social, uma vez que haviam competições, intercâmbios e outras relações com marinheiros cariocas, além da presença de marinheiros que chegavam de Santos. Em 28 de junho de 1933 o Jornal dos Sports, publicação carioca, informava as atividades pugilísticas do dia:

BOXE NO CORPO DE FUZILEIROS NAVAIS - Em comemoração a São João, realizou-se sábado último uma reunião pugilística no Corpo de Fuzileiros Navais. Foi

uma reunião interessantíssima, que agradou bastante. Foram os seguintes resultados[...]"

Eventos de lutas amadoras realizadas pela Marinha do Brasil eram muito comuns até o meio da década de 1930, quando houve uma diminuição do boxe dentro da Marinha. Boxeadores paulistas constantemente participavam de tais competições na capital federal, levados por seus treinadores Caverzasio, Kid Pratt ou Sangiovanni. Diversos boxeadores que atuaram no período em que o Corpo Naval possuía força no boxe tinham seus nomes relacionados com a condição de marinheiro. Tobias Bianna era comumente chamado de “o Campeão da Armada”, Manuel Conceição era descrito como o “meio-pesado da Armada” em 1931, o pouco conhecido Raymundo de Jesus era apresentado aos leitores como “o possante meio-pesado do regimento Naval” em 1930, Martinho Vianna chamado de ‘fuzileiro naval’ em de 1930. Um dos mais ativos boxeadores brasileiros dos anos 1930 e 40, Antonio Mesquita, respondia pela alcunha de Índio da Armada, devido à sua ascendência indígena e seu pertencimento à Marinha durante parte de sua vida.

Tobias Bianna foi um dos mais destacados boxeadores nacionais entre 1925 e 1939, sendo um dos maiores representantes do ‘boxe marinheiro’. Bianna foi campeão brasileiro em 1933, embora tenha lutado pelo título também em 1928, 29 e 38. O alagoano radicado no Rio era tratado com reverência desde seus primeiros passos, como podemos ver em reportagem de outubro de 1925, quando Bianna possuía apenas uma luta profissional:

*Anteontem, domingo, a bordo do couraçado ‘Minas Gerais’, efetuou-se um treino entre o distinto sportman Claudio Novelli, campeão brasileiro, e Tobias Bianna, uma grande esperança do pugilismo nacional. O treino, que foi assistido por quase toda a equipagem do grande vaso, transcorreu animadíssimo, achando-se o ringue convenientemente armado no convés [...]*¹⁵⁵

Enquanto Tobias Bianna era o marinheiro boxeador de mais destaque no boxe profissional dos anos 1920 e 30, o marujo pugilista amador Jack Resende foi responsável por duas importantes conquistas do boxe brasileiro amador. Em 1933, lutando no Rio de Janeiro, Jack Resende conquistou a medalha de ouro no Torneio Sul Americano de boxe amador, conquista até então inédita para o Brasil. Para classificar-se no Continental, Jack Resende venceu por pontos o paulista Waldemar Zumbano de forma criticada pela mídia. Na ocasião de sua estreia no Sul Americano, o Jornal dos

¹⁵⁵ O Paiz, Rio de Janeiro, 25 de outubro de 1925

Sports¹⁵⁶ se referia a Resende como “peso leve do Batalhão Naval e campeão brasileiro”. Jack Resende venceu o torneio em 1933 e repetiu o feito em 1936, no Chile, tornando-se bicampeão sulamericano amador de boxe. Em 1934, a Liga de Sports da Marinha passou a organizar reuniões de boxe todas as quartas-feiras na Ilha das Cobras, Rio de Janeiro, com o “intuito de incrementar a prática do pugilismo”. Em texto informativo publicado no Diário de Notícias, alguns dos mais destacados pugilistas marinheiros são citados:

*A Marinha possui um grande numero de pugilistas excelentes como Sebastiao Rosas, Jack Resende, Bathazar Cardoso, João Calixto, Jaboty, Carnera, etc. Goes Netto, o veterano campeão marujo, foi encarregado de colaborar na organização do regulamento do torneio de amadores.*¹⁵⁷

Ainda em 1934, a Federação Carioca de Box aproveitou a presença do navio inglês Expert para convidar a tripulação para uma reunião amistosa com amadores cariocas. O boxe, àquela altura, possuía forte representatividade nas Marinhas de diversos países, assim como era amplamente praticado por profissionais do mar. Um dos marujos que participou de competições nos anos 1930 foi José Santa Rosa Lopes, boxeador de pouca visibilidade que se tornaria um dos mais importantes treinadores do boxe brasileiro a partir dos anos 1940. O treinador carioca foi um dos técnicos da equipe brasileira no Continental de São Paulo em 1947, em parceria com Kid Jofre, W. Zumbano e Gaúcho. Remanescente do período áureo da Marinha no Boxe, Santa Rosa manteve-se ativo no boxe nacional até o ano de sua morte, em 2001, quando foi covardemente assassinado por um ex atleta que lhe reivindicava o pagamento de uma dívida.

Apesar do auge do boxe entre marinheiros e marujos ter ocorrido entre 1925 e 1935, nos anos 1940 um forte representante deste grupo esteve presente nos ringues nacionais. O peso médio Oswaldo Silva, conhecido como 84, carregou por toda sua carreira a pecha de ‘marujo-boxeur’, como era comumente citado nos jornais. Até mesmo seu próprio apelido, 84, fazia referência à sua vida dentro da Marinha, já que era seu número de recrutamento. Em 1937, Oswaldo Silva era o representante do Encouraçado São Paulo no Campeonato de Box da Marinha, promovido pela Liga de Sports da Marinha. Como amador, 84 chegou a ser campeão brasileiro e disputou o Continental Amador de 1938 em Buenos Aires, ao lado de Jack Resende.

¹⁵⁶ Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, 29 de novembro de 1933

¹⁵⁷ Diário de Notícias, Rio de Janeiro, 11 de julho de 1934

84 se profissionalizou em 1939, no Rio de Janeiro, e acumulou uma série de 12 lutas invicto antes de ser derrotado pelo paulista Zumbanão no Pacaembu, em 1946. O carioca e o ídolo do público paulista se enfrentaram três vezes, com um empate, uma vitória e uma derrota para cada um. Em 1947, Oswaldo Silva transferiu-se para Miami, Florida, após ser contratado por “um empresário da Terra do Tio Sam”, como informou o *Jornal dos Sports*. Naquele ano, Oswaldo Silva já era classificado como ‘ex-marujo’ pelos jornais, embora continuasse sendo chamado por seu número na Marinha. O carioca passou dois anos nos Estados Unidos, período em que realizou 25 lutas, uma média aproximada de uma luta por mês. Apesar de ter acumulado quatro vitórias em suas primeiras lutas em solo americano, o saldo final da temporada de 84 nos Estados Unidos foi negativo, uma vez que acumulou 8 vitórias e 16 derrotas em seu cartel. O peso médio voltou a boxear no Brasil em janeiro de 1950 e aposentou-se em 1952, com o cartel de 63 lutas, 30 vitórias, 27 derrotas e 6 derrotas. O marinheiro carioca 84 foi o último representante deste grupo social a obter sucesso nos ringues brasileiros, uma vez que a Marinha deixou de ter papel de protagonismo no boxe nacional a partir do início dos anos 1940.

8.4 – *Bon Vivant*

Para além das subdivisões sociais criadas baseadas em raça, origem, nacionalidade e profissão, decidimos criar um grupo baseados em critérios comportamentais. Ao estudar o boxeador brasileiro entre 1928 e 1953, nos deparamos com alguns casos de atletas que vivam de maneira particular, com vida noturna agitada, uso de bebidas, drogas, brigas na rua, vivendo no submundo de suas cidades. Temos o exemplo de Erasmo Zumbano, um dos irmãos boxeadores, que faleceu aos 22 anos devido ao abuso de álcool e descuido com a saúde, apesar de ser boxeador amador. Este perfil de boxeador se juntava a prostitutas, alcoólatras, brigadores, sambistas, malandros, ladrões, boêmios, compondo o grupo dos “vadios e vagabundos” da sociedade de suas épocas. Elegemos três casos de boxeadores de alto nível, com forte representatividade dentro do cenário pugilístico nacional, para representar tal grupo social, grupo nomeado neste trabalho como *Bon Vivant*. O nome faz uma referência a um modo de agir de ‘quem sabe aproveitar os prazeres da vida’, o que sugere o termo francês, ou pessoas que se entregam aos ‘prazeres da carne’. Elegemos três casos específicos para representar tal grupo social dentre os boxeadores, atletas que viveram em épocas distintas e não necessariamente conviveram pessoalmente. As trajetórias do carioca Rubens Soares e dos paulistas Antonio Zumbanão e Sebastião Gibi Ladislau

foram as estudadas nesta pesquisa. Obviamente que três indivíduos não podem serem usados para classificar um comportamento como predominante, mas os casos estudados servem para representar o número desconhecido de boxeadores com estilo de vida semelhante que não tiveram destaque no campo esportivo, tendo suas trajetórias silenciadas ou esquecidas.

8.4.1 – Zumbanão, o brigão

Pertencente à família Zumbano, agrupamento de seis irmãos que boxearam em São Paulo de 1930 até 1956, o paulista Antonio Zumbano era comumente chamado de Tonico, Zumbanão ou Zumbano III. Em ordem de nascimento, Zumbanão era o quarto irmão da família, mas era o terceiro a se tornar boxeador, sendo precedido por Higino e Waldemar. Depois dele, viriam ainda Erasmo, Ralph e Ricardo Zumbano, completando assim o time de irmãos pugilistas. Nascido em Mococa, Tonico migrou para o Bom Retiro, bairro da capital paulista, em 1928 junto com a família. Com o casamento de sua irmã Angelina com o técnico argentino Aristides Jofre, casamento realizado em novembro de 1933, Tonico ficou ainda mais próximo do boxe, fazendo sua estreia como amador naquele mesmo ano de 1933. Seu cunhado Kid Jofre era seu treinador, auxiliado por seus irmãos mais velhos que eram também treinadores na Academia Brasileira, fazendo com que o boxe fosse um ‘negócio de família’ para Tonico. Com poucos campeonatos amadores sendo realizados em São Paulo na década de 1930, Zumbanão teve carreira amadora sem muito destaque, passando para profissionalismo em 1939, segundo seus registros oficiais e notícias de jornais da época¹⁵⁸.

Tonico iniciou a carreira como leve, mas estabeleceu-se como um dos principais meio-médios da década de 1940, embora não tenha alcançado o título de campeão brasileiro. Zumbanão ficou famoso tanto por suas conquistas dentro dos ringues como por suas aventuras fora dele, acontecimentos que influenciaram negativamente sua trajetória como atleta. Chamar Zumbanão de atleta, na verdade, pode ser descabido, já que o boxeador não tinha a disciplina ou postura que se espera de um esportista profissional. Zumbanão era um ‘lutador’, não deixando que sua atividade como pugilista influenciasse seu modo de vida boêmio e *bon vivant*. Ainda assim, foi um dos primeiros profissionais do lendário Kid Jofre a obter grande sucesso de público, com lutas

¹⁵⁸ Henrique Matteucci aponta que a estreia profissional de Tonico se deu em 1936, embora hajam registros em jornais da época de lutas amadoras suas ainda em 1937. A estreia oficial da plataforma BoxRec foi em abril de 1939, evento confirmado por fontes primárias (jornais Correio Paulistano e Correio de S. Paulo). Matteucci afirma ainda que Zumbanão fez 139 lutas, embora apenas 24 sejam computadas na plataforma.

memoráveis e desempenho extraordinário. Segundo as palavras de Henrique Matteucci, Zumbanão, *“impulsivo e violento por índole, transportou os mesmos traços de sua personalidade para o ringue e revelou-se imediatamente um ferrenho nocauteador”*. Seu desempenho como esmurrador fora dos ringues o deixou tão famoso quanto suas vitórias nos tablados, uma vez que brigava constantemente nas ruas, normalmente em zonas de baixo meretrício e de jogatina. A maioria das vezes Tônico se envolvia em brigas com mais de uma pessoa, como indica o biógrafo da família:

Bonachão e impulsivo, dono de um coração generoso e espírito de pequeno herói, Tônico cometeu grandes desatinos através de toda sua existência. Sempre em defesa dos mais fracos, amigos ou desconhecidos, meteu-se em conflitos memoráveis e chegou a surrar cinco ou seis homens de uma só vez¹⁵⁹

Tônico Zumbanão foi um dos personagens citados no documentário *Quebrando A Cara*, de Ugo Giorgetti, e algumas pessoas que conviveram com o lendário lutador deram seus depoimentos sobre ele. Ralph, irmão mais novo, disse que Tônico jogava carteadado, sinuca e não gostava de trabalhar. Um típico *bon vivant*. Indisciplinado, Zumbanão não se dedicava ao boxe como deveria e muitas vezes subia no ringue fora de forma e despreparado. Sua rotina de noites em claro, cigarro, álcool, mulheres e jogos não se equilibrava com dieta, treinos constantes e disciplina esportiva, rotina esperada de um boxeador profissional. Não era raro que ele frequentasse a academia somente poucos dias antes de suas lutas, o que não lhe impediu de ser um dos boxeadores principais do boxe paulista nos anos 1940. Viciado em jogos de azar, Zumbanão era amigo de Quinzinho, malandro histórico do centro de São Paulo dos anos 1940 e 50. Ao lado de outros malandros históricos, Quinzinho era um dos grandes personagens da Boca do Lixo, região do centro de São Paulo frequentada pelos ‘párias’ da sociedade, tais como punquistas, rufiões (cafetões), vigaristas, homossexuais, músicos, prostitutas, policiais, traficantes, alcaguetes e os ‘otários’. Quinzinho deu seu depoimento sobre as brigas do pugilista que presenciou, inclusive briga onde os antigos amigos foram rivais:

Quando o sangue do Zumbanão fervia, era pancadaria certa. As vezes ele deixava quieto, quando via que a parada fraca ele não brigava. Mandava o cara embora... Zumbanão dificilmente brigava com um cara só, ele gostava de briga que tivesse renda, público, bastante gente envolvida. Mas é o seguinte: onde ele batia não nascia mais cabelo. Eu sei disso porque já tomei várias pancadas dele. Briguei com

¹⁵⁹ MATTEUCCI, Henrique. *Boxe: mitos e história*. São Paulo: Editora Hemus, 1988

ele três vezes e apanhei seis. Na primeira briga, eu perdi a cabeça durante o jogo, eu tava quente e quis acabar com o jogo. Ele então se estourou, fomos pra rua e ele me deu uma cacetada que só acordei depois de meia hora. A segunda briga foi depois... uma vez na roda falaram que o único que tinha quebrado minha cara era o Zumbano. Pra desbaratinar, pra não ficar feio perante os outros, eu falei: 'mas aquele dia que eu briguei com ele eu tava bêbado!' Daí o Zumbanão, pra não ficar queimado falou: 'E hoje, cê ta bom?' 'Eu tô!' 'Então vamo brigar de novo!' Começou a briga, ele me deu um soco que eu desviei e pegou no meu peito, mas me jogou por cima das latas de óleo dentro do bar e quebrou tudo. No meio da briga, o pau comendo, eu já tava sem fôlego, pedindo a deus, pra alguém nos apartar, não vinha polícia, não vinha ninguém, achei que eu ia dormir de novo.... mas graças a deus chegou a polícia a me salvou'

Uma dessas brigas, entretanto, lhe custou caro. Em um dos episódios mais comentados no submundo da 'velha guarda' do boxe paulista, Zumbanão se envolveu em uma briga homérica com cerca de quinze homens na rua Aimorés, no Bom Retiro, região de prostituição na época do ocorrido, em 1946. Tônico nocauteou vários agressores, inclusive policiais que chegaram para apartar a briga, e só foi parado quando uma garrafa partida cortou seu pescoço depois de mais de 15 minutos de pancadaria. A garrafada partiu por parte de um dos guardas agredidos por Zumbanão, já que seus golpes de cassetete não faziam efeito no enfurecido boxeador que já havia ferido seriamente diversos homens. O corte, que por poucos centímetros não acertou sua jugular, feriu sua glândula tireoide. O ferimento na briga desregulou o funcionamento desta importante glândula, fazendo-o ter problemas com o peso e influenciando negativamente sua carreira a partir daquele ano de 1946. O técnico Kid Jofre viu a carreira de seu indisciplinado atleta decair, até sua aposentadoria em 1950, 24 lutas, 19 vitórias, 4 derrotas e 1 empate. O estilo e a pegada de nocauteur de Zumbanão, entretanto, influenciaram pesadamente seu sobrinho Eder, filho de seu treinador, se configurando como uma das maiores referências esportivas ao futuro campeão mundial. Quando surgiu, entusiastas diziam que Eder Jofre tinha a leveza de Ralph e a pancada de Tônico, utilizando dois de seus tios maternos para classificar seu estilo como técnico e nocauteur.

Zumbanão vivia no submundo de São Paulo, era amigo da 'bandagem e da vagabundagem', como diversas pessoas o definiram. A rua dos Aymorés, onde levou a facada, era na década de 1940 uma das regiões mais perigosas de São Paulo, reduto de bêbados, prostitutas, viciados em jogos, ladrões, trombadinhas, entre outros personagens do 'centrão' paulistano conhecido como Boca do Lixo. Atualmente a Aymorés fica no bairro do Bom Retiro, próximo da Luz, região que recebe grande fluxo de usuários de crack conhecida como 'cracolândia'. Mesmo sendo um dos protagonistas

principais do cenário esportivo da cidade, Zumbão não se afastou daquele ambiente pouco propício para desportistas, subvertendo a lógica e tornando-se assim herói dos dois mundos: o do boxe e o da malandragem.

8.4.2 – Rubens Soares, o sambista

O carioca Rubens Soares foi um dos mais destacados boxeadores durante seu período de atividade (1924 a 1941), principalmente nos anos 1930, quando atingiu seu auge esportivo, foi campeão brasileiro e chegou até a fazer pequena campanha invicta na Europa. Além da sua vitoriosa carreira esportiva, onde acumulou 79 lutas, 61 vitórias, 12 derrotas e 5 empates, Soares também ficou famoso por sua vida artística, sendo um compositor de samba-enredo, marchinhas e sambas de sucesso dos anos 1930 e 40. O mais interessante é que Rubens, frequentador de rodas de samba, cafés e zonas da boemia carioca, conciliou sua carreira pugilística à atividade musical, uma vez que seus maiores sucessos foram lançados quando ele boxeava com frequência entre Rio e São Paulo. Importante salientar que o samba, na década de 1930, sofria de muito preconceito e discriminação por parte das elites, que enxergava aquele ritmo emergente como imoral, vulgar e ofensivo, muito embora tal manifestação musical já se encontrasse bastante popularizada.

Nascido em 1911, no Rio de Janeiro, Rubens era um negro de pele clara, cabelos ondulados, largo sorriso branco, bigode fino e chamado de “O Moreno” pela mídia esportiva. Com o boxe amador desestruturado em meio a década de 1920, Rubens rapidamente se profissionalizou, obtendo relativo destaque a partir de 1926¹⁶⁰, quando tinha ainda apenas 15 anos. Rubens não era um nocauteador, já que venceu apenas 14 de suas 61 vitórias por nocaute. Magro, alto e esguio, Rubens era classificado como possuidor de um boxe com bravura e elegância, elegância essa que ostentava também em suas vestimentas. O boxeador tinha 1,82 m de altura e 1,90 m de envergadura, grande abertura de braços destacada pela mídia. Até 1930 Rubens dividia sua carreira entre Rio e São Paulo, onde enfrentou (e perdeu por nocaute no 4º round) o ídolo paulista Italo Hugo. A partir de 1931, Rubens voltou a boxear exclusivamente em sua cidade natal, onde seu desempenho frente aos melhores meio-médios lhe trouxe fama. O carioca foi o único a vencer o veterano italiano Mario Farabulini na ocasião de sua passagem pelo Brasil em 1931, quando o europeu ostentava mais de 70 combates por todo o mundo. Um a um, Soares venceu todos os

¹⁶⁰ BoxRec indica que sua estreia foi em São Paulo em 1924, aos 13 anos, embora jornais apontem como sua estreia outubro de 1926, que seria sua segunda luta no cartel constante na plataforma.

nomes fortes de sua categoria no Brasil, como a revanche com Italo Hugo, Waldemar Januário, o espanhol Amado Duran, o africano Peter Johnson, o meio-pesado Virgolino de Oliveira, o inexperiente Brasilino Fino, o ídolo português Horácio Velha (que construíra carreira nos Estados Unidos) e o campeão brasileiro Tobias Bianna, que já havia lhe vencido em duas oportunidades.

Ao passo que vencía os maiores boxeadores do pugilismo nacional, Rubens carregava a fama de ser um atleta indisciplinado, boêmio, que pouco treinava e frequentava demasiadamente a noite. O Jornal dos Sports, quando no momento de sua primeira luta com o paulista Brasilino Fino, em 5 de novembro de 1934, não deixou de abordar tal situação. O periódico carioca publicou reportagem onde constava o seguinte diálogo entre jornalista e atleta:

- [...] Muitos dizem – Rubens Soares é um grande boxeur, de físico privilegiado, mas.... é boêmio! Não se dedica aos treinos como deveria. O repórter vai ouvir o próprio Rubens. Aspecto magnífico.*
- Então Rubens, é verdade o que dizem por aí de você?*
- Que é que dizem?*
- Que você treina pouco...- Rubens sorri, exibindo duas fileiras de dentes magníficos*
- Boato, puro boato. Nunca me dediquei tanto aos treinamentos. Espere o dia 10 e verá se os resultados correspondem ou não à expectativa”*

Rubens ainda não havia se envolvido profissionalmente no samba, mas suas noitadas em batucadas já lhe rendiam a fama de ser um boxeador boêmio. Além disso, Rubens adotava um estilo provocativo em diversas entrevistas, reforçando o estereótipo de malandro e ‘gaiato’. Ainda nas chamadas para Rubens vs Brasilino em 1934, o pugilista carioca declarou que seu adversário tinha “vocaçã para sogra, pois fala muito”, e que o paulista somente encerraria a falação quando ele “der início às primeiras carícias com as luvas de 4 onças”¹⁶¹. Na primeira luta entre ambos Rubens venceu Brasilino por pontos, boxeador que encontrava-se no início de sua carreira. Ambos voltaram a se enfrentar somente quando Rubens estava próximo de encerrar as luvas, em 1940 e 41, com um empate e uma vitória de Brasilino no último combate oficial do carioca. Em 1938, quando já fazia sucesso também como sambista, Rubens declarou que venceria com facilidade Attilio Loffredo, irmão de outro boxeador que já havia sido derrotado por ele, Oswaldo Loffredo. O jornal A Batalha¹⁶² entrevistou Rubens que declarou:

¹⁶¹ Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, 9 de novembro de 1934

¹⁶² A Batalha, Rio de Janeiro, 28 de julho de 1938

“Não posso perder para paulista, já venci diversos e vou vencer mais outro. Que pena não haver ouro irmão na família do Loffredinho: derrotei o mais moço, agora vou derrotar o mais velho. Se houvesse outro mano, mais uma vitória para mim”. A reportagem descreveu Rubens como alguém que está sempre sorridente, informando ainda que depois ainda da luta com o paulista, Rubens queria vencer o português Viriato Monteiro: “Faço questão de vencer-lhe decisivamente, depois de desmanchar-lhe o penteado. A preocupação do português é a elegância e eu quero ter o prazer de arruinar a fachada”

O sucesso em ringues brasileiros fez Rubens ser levado à Europa pelo empresário Pedro Pierre de Oliveira, *“sportman que possui grandes recursos e custeará todas as despesas de Rubens”*, como definiu o Jornal dos Sports. Rubens embarcou no navio Monte Paschoal em dezembro de 1934, com a mídia esportiva informando que o campeão carioca deveria fazer lutas em diversos países do Velho Mundo. Importante salientar que pouquíssimos boxeadores nacionais já haviam realizado intercâmbios ao exterior naquela metade dos anos 1930, sendo Soares foi um dos pioneiros em boxear fora da América do Sul. Rubens começou bem sua temporada na Europa, venceu três lutas em menos de um mês entre Madri, Porto e Lisboa. Entretanto, o final do inverno europeu surpreendeu o boxeador-sambista, que em menos de dois meses na Europa desistiu de ficar longe do Brasil. Cada vitória de Rubens era amplamente divulgada por jornais cariocas, que ambicionavam voos cada vez mais altos, mas em 25 de março de 1935, surgia a manchete no Jornal dos Sports: *Rubens Soares vai regressar ao Brasil – O pugilista patricio não se deu bem com o frio europeu*. Segundo cartas enviadas por Rubens, o frio europeu o impedia de treinar, e, apesar de suas vitórias terem gerado convites para boxear na Itália, França e Espanha, o boxeador-sambista voltaria o quanto antes ao calor do seu Rio de Janeiro. Soares nunca mais retornou ao exterior e sua oportunidade em boxear em grandes centros foi brecada devido à saudade que sentia do seu habitat natural, o Rio de Janeiro e seus bares, cafés, praias e sambas.

Rubens regressou e manteve-se ativo nos ringues cariocas naquele ano de 1935, assim como também sua frequência nas rodas de samba, local onde encontrava amigos como Lamartine Babo, Noel Rosa e Antonio Nássara, sambistas históricos. Figura presente em redutos da boemia carioca da década de 1930, como o Café Nice e o Trianon, Rubens passou a escrever sambas junto à turma de compositores que acompanhava. Em fevereiro de 1936, o boxeador compôs o samba *“É Bom Parar”*, interpretado pelo famoso cantor Francisco Alves. O samba, que também era conhecido como *“Porque bebes tanto assim, rapaz?”*, rendeu a Rubens a primeira colocação no Concurso Oficial de Músicas Carnavalescas da Prefeitura do Rio de Janeiro daquele ano, além de ser considerada a principal música do carnaval de 1936. A partir de então,

o boxeador tornou-se um compositor ativo, escrevendo canções com grandes nomes da nossa Música Popular Brasileira, como Ataulfo Alves, Evaldo Rui, Nássara, Mário Lago, Sílvio Caldas, Ari Monteiro, David Nasser, Noel Rosa e outros. Suas canções, gravadas por nomes como Aracy de Almeida e Francisco Alves, lhe renderam, além de fama, uma boa quantia em dinheiro. Em 1940, o Correio Paulistano publicava um texto do jornalista Salathiel de Campos que usava o caso de Rubens para exemplificar a precária situação financeira do boxe brasileiro:

[...] Em nosso país dá-se o caso interessante e incomum de Rubens Soares, um dos nossos melhores valores dos tabladados e que deseja afastar-se definitivamente. Não voltara a calçar as luvas de 6 e 8 onças. Vai trocar de profissão, optando pela música, em cujo ambiente é um dos bons compositores populares.

Apreciando essa decisão ele reconhece que, considerando as possibilidades do meio ambiente, tem sido dos mais aquinhoados [beneficiados] pugilistas: mas fora do tablado tem ganho muito mais, apenas empregando o espírito. E alinha estes curiosos dados:

<i>Rubens vs Brasilino. Bolsa de Rubens –</i>	<i>1:458\$000</i>
<i>‘É bom parar’, samba. Bolsa de Rubens –</i>	<i>3:900\$000</i>
<i>Rubens Soares vs Rodrigo. Bolsa de Rubens –</i>	<i>2:100\$000</i>
<i>‘Yayá do Balacuché’, samba-batuque –</i>	<i>2:450\$000</i>
<i>Rubens Soares vs Loffredo.</i>	<i>1:500\$000</i>
<i>‘Nunca pensei’, samba -</i>	<i>1:600\$000</i>

Diante destas cifras, que refletem o aspecto da sua vida, Rubens Soares acha decepcionante a sua atividade nos tabladados e deseja, agora, após conseguir popularidade esportiva, prosseguir as atividades musicais, pois não só manterá viva a torcida de seus afeiçoados como ganhará muito mais, deleitando-se com a música e sem os riscos de ter o rosto amassado, comprometendo assim, a estética que todo rapaz elegante deve manter”

Rubens realmente abandonou os ringues após a publicação do texto, mas fez ainda mais dois combates no Rio de Janeiro em outubro de 1940 e agosto de 1941. Entretanto, percebemos que durante o auge da vida artística do carioca (1936 a 1940) ele manteve-se também boxeador, uma vez que nem uma nem outra profissão lhe gerava renda sólida. Em 1938 ele foi campeão brasileiro peso médio, quando venceu Oswaldo Loffredo no Rio de Janeiro. Rubens defendeu o título com vitória por pontos sobre Attilio Loffredo, irmão mais velho de Oswaldo, na noite de inauguração do Ginásio do Pacaembu em 28 de abril de 1940. A fama de Rubens como compositor chegou ao nível de, em 1939, a revista Carioca informar que naquele ano não havia nenhuma composição sua para aquele carnaval. No meio da década de 1940 Rubens foi perdendo

relevância no rol de compositores cariocas, e em 1952 o semanário O Cruzeiro escreveu que o pugilista boxeador “*só cria cavalos e abandonou o samba*”. Rubens também afastou-se do cenário pugilístico, não atuando como árbitro, treinador ou dirigente, como era comum a ex boxeadores. Embora não tenha deixado legado para além de sua carreira como boxeador, Rubens Soares é um grande personagem da história do nosso boxe, vivendo uma vida dupla de sambista *bon vivant* e boxeador. Sua trajetória representa todos os boxeadores-sambistas que já existiram neste esporte, pugilistas cujas trajetórias não chegaram até o nosso conhecimento, seja por falta de vitórias nos ringues ou falta de sucesso nas rodas de samba.

8.4.3 – Gibi, o maconheiro

O paulista Sebastião Ladislau, apelidado de Gibi, foi um dos melhores pesos leves que boxearam no Brasil durante os anos 1950. Pupilo de Kid Jofre, Gibi fez parte de uma geração de ouro do boxe paulista, estreando como amador em 1950 e mantendo carreira profissional entre 1953 e 59. Gibi chegou a ser campeão brasileiro em 1955, quando venceu o renomado Kaled Curi no Pacaembu em São Paulo, ano em que o boxe paulista alcançava seu auge de popularidade. Entretanto, ao mesmo tempo que é lembrado por seus feitos esportivos, Gibi é constantemente citado por ser um atleta de alto nível que fazia uso de maconha, algo improvável para um boxeador dos anos 1950. “*Meio alcoólatra e notívago, passava as noites na rua, quase sempre com cachaça e maconha*”, escreveu Matteucci. “*O mal do Gibi, pessoalmente, é que bebia muito e era viciado em maconha*”, disse Nelson Oliveira, seu adversário nos ringues. “*O Gibi se entregava ao tóxico, fumava maconha*”, relatou Newton Campos em entrevista.

Enquanto em 2019 a legalização e descriminalização do uso da maconha caminha a passos largos em todo o mundo, nos anos 1950 o uso da planta era cercado de preconceito, repressão e criminalizado em praticamente todo o mundo. Desde 2006 a posse de maconha não é mais classificada como crime no Brasil, enquanto nos Estados Unidos trinta estados já regulamentaram o uso recreativo ou medicinal da planta, totalizando uma área onde vive 62% da população estadunidense. Entretanto, nos anos 1950 estava em vigor nos Estados Unidos uma forte política de “guerras às drogas”, política baseada em critérios raciais e não científicos, como aponta a juíza Maria Lucia Karam em seu livro *Proibição, Riscos, Danos e Enganos: as Drogas tornadas ilícitas*¹⁶³. Antes do movimento hippie no final dos anos 1960 e da

¹⁶³ Karam, Maria Lúcia. *Proibições, Riscos, Danos e Enganos: as Drogas Tornadas Ilícitas*. Vol 3. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2009.

popularização do uso da erva, a maconha era usada principalmente por negros e latinos, o que motivava as autoridades da elite branca a combater tal prática, postura adotada pelos Estados Unidos e replicada pela maior parte do planeta. Classificada como uma droga perigosa, mortal e causadora de inúmeros malefícios, a maconha ainda não fazia parte do grande mercado narcotraficante, mercado este que hoje domina a produção e a distribuição da planta em países em que seu uso e cultivo não são regulamentados. Entretanto, a maconha não surgiu com o tráfico, sendo usada por escravos africanos no Brasil desde os primórdios da colonização do Brasil, o que gerou uma lei da Câmara Municipal do Rio de Janeiro proibindo o uso e a venda da maconha, ainda em 1830.

Negro descendente de escravizados e ‘produto’ da malandragem do centro de São Paulo, Gibi foi usuário de maconha por toda sua carreira esportiva, indo contra o que se esperava de um atleta profissional na época. Pessoas que conviveram com Gibi o definem como uma pessoa “sem família”, sendo a falta de estrutura familiar um dos principais elementos que fizeram com que se tornasse um personagem das ruas do centro de São Paulo, perigosa região conhecida como ‘Boca do Lixo’. A historiadora Márcia Regina Ciscati se dedicou ao estudo da região, entre as décadas de 1930 e 50, pesquisa essa que gerou a tese *Malandros da Terra do Trabalho: Malandragem e boemia na cidade de São Paulo (1930 -1950)*¹⁶⁴. Ciscati estudou a sociabilidade existente entre punhistas, rufiões (cafetões), vigaristas, homossexuais, músicos, prostitutas, policiais, traficantes, alcaguetes e os ‘otários’ da Boca do Lixo, região onde a malandragem reinava na São João, Aurora, Barão de Limeira, Duque de Caxias, Timbiras, entre outras ruas e avenidas. Segundo a historiadora, o malandro paulistano dos anos 1950 não é um personagem isolado, mas integrado a um submundo que congrega a chamada “escória social”, os oprimidos, os desassistidos, grupo formado basicamente por trabalhadores ou marginais. Componente deste submundo, praticamente uma ‘cidade dentro da cidade’, o boxeador Gibi era também um desajustado social, como sua trajetória mostra. Nos anos 1950 ainda reinava uma ‘ética’ entre os contraventores da Boca do Lixo, códigos de convívio e exercícios de malandragem, o que permitia a convivência de diferentes tipos de malandros. Matteucci, que conviveu e escreveu sobre Gibi, afirma com veemência que, apesar de compor grupos de traficantes e ladrões, o boxeador ‘nunca fora um mau elemento, nunca roubou e nunca traficou com tóxicos’.

Detalhes sobre a infância de Gibi, assim em que contexto se deu sua iniciação ao boxe, são incertos, embora saibamos que deu início a sua carreira pugilística

¹⁶⁴ CISCATI, Marcia Regina, *Malandros da Terra do Trabalho: Malandragem e boemia na cidade de São Paulo (1930 - 1950)*. São Paulo: Annablume: FAPESP, 2001

amadora em 1950 sob os cuidados de Kid Jofre, treinador do São Paulo FC. Naquele início dos anos 1950 a equipe de boxe do tricolor paulista era a mais destacada do Brasil, com mais atletas, mais títulos e ótima infraestrutura em sua academia localizada na rua Santa Efigênia, centro da cidade. Gibi foi contemporâneo de Eder Jofre em sua carreira, uma vez que o filho de Kid Jofre fez sua estreia em 1953, ano em que os paulistas participaram do Campeonato brasileiro amador no Rio de Janeiro. Também fazia parte do time paulista Paulo de Jesus e Luisão, futuros grandes nomes do boxe nacional. Segundo relatos, Gibi era possuidor de um estilo de boxe muito particular, 'exótico e excêntrico', classificado algumas vezes como '*inortodoxo, imprevisível e maluco*'¹⁶⁵. Não era um grande pegador (apenas uma de suas quinze vitórias profissionais foram por nocaute), mas um boxeador malicioso, 'catimbeiro', habilidoso e malandro, tal como era nas ruas.

Após destacada carreira amadora, Gibi profissionalizou-se em 1953, compondo um 'quarteto de ouro' dos pesos leves brasileiros, formado ainda por Kaled Curi, Pedro Galasso e Nelson Goiaba, boxeadores de última grandeza que lutaram diversas vezes entre si. Gibi enfrentou Goiaba quatro vezes (dois empates, uma vitória e uma derrota), Kaled três (duas vitórias e uma derrota) e Galasso duas (duas derrotas). Alguns dos embates travados entre Gibi e os outros três pesos leves paulistas lotavam o Pacaembu e o Ibirapuera, colaborando para a grande popularização do boxe nacional que reinou nos anos 1950 e 1960. Em uma destas lutas, em 1958, o Diário da Noite¹⁶⁶ teceu o seguinte comentário sobre a vitória de Gibi sobre Goiaba:

GIBI VENCEU NA SEMI-FINAL – Sebastião Ladislau (Gibi) reapareceu em plena forma física e técnica e conquistou uma indiscutível vitória sobre Nelson Oliveira (Goiaba) por pontos. Gibi impressionou bem, pois se deu ao luxo, inclusive, de dar uns passinhos que provocaram gargalhadas da assistência. Gibi, se se preparar como deve ser, poderá fazer grandes lutas, porquanto, ninguém pode negar, ele é um ótimo pugilista e dono de um punch respeitadíssimo

A observação do jornal sobre a forma que Gibi deveria se preparar para os combates não era em vão. Diversos relatos apontam que Gibi não tinha disciplina esportiva, que seu rendimento físico era atrapalhado por bebedeiras, noites sem dormir e uso de maconha. Aos quase 90 anos, seu adversário de tantas oportunidades Nelson Goiaba relatou, com muita cautela e respeito, que muitas pessoas falavam que Gibi

¹⁶⁵ Declarações de seu adversário argentino Alfredo Prada, segundo Mateucci em seu livro Mitos e Histórias

¹⁶⁶ Diário da Noite, São Paulo, 12 de setembro de 1958

fumava maconha no vestiário enquanto se preparava para as lutas. Vale lembrar que nos anos 1950 fumar em locais fechados era socialmente aceito e diversos esportistas usavam tabaco, o que torna o boato mais factível. Matteucci narra um episódio em que, escalado para lutar contra o campeão argentino Alfredo Parra, em 1955, o então campeão brasileiro Gibi sequer se interessava por saber qual era o cartel de seu próximo adversário. Parra possuía mais de 90 combates profissionais e vinha de uma série de 40 lutas sem perder, havendo vencido inclusive Pedro Galasso, algoz de Gibi em duas oportunidades. Na ocasião deste combate, realizado no Pacaembu em outubro de 55, 'um jornalista'¹⁶⁷ encontrou Gibi embriagado, caído na sarjeta da avenida São João, na noite anterior ao combate. Ainda assim, o malandro do centrão boxeou dez rounds com o argentino e conseguiu um honroso empate contra Parra, que um ano depois conquistou o título Sul-americano dos leves. Gibi nunca teve a oportunidade de lutar pelo título e sua vida irregular refletia em seu cartel, também irregular: Gibi aposentou-se em 1959 com 35 lutas, 15 vitórias 12 derrotas e 8 empates.

Gibi parou de lutar aos 26 anos, bastante jovem ainda, e em pouco tempo seu nome já passara a figurar nas páginas policiais. Tudo indica que a prática do boxe era o que mantinha o pugilista canábico 'na linha', uma vez que após sua aposentadoria ele passou a se envolver em confusões cada vez maiores junto ao seu grupo da Boca do Lixo. Não foi possível apurar em que contexto se deu o afastamento de Gibi dos ringues, se por escolha própria, se devido a rompimento com seus treinadores ou por outro motivo. Em setembro de 1960, pouco mais de um ano após sua última luta oficial, o *Diário da Noite*¹⁶⁸ estampava seu nome nas páginas policiais de forma vexatória:

PUGILISTA GIBI DEU NOVO SHOW - Três policiais feridos e um carro da Rádio Patrulha danificado - Pancadaria num bar da avenida São João - Recolhido ao xadrez

Sebastião Ladislau, de 30 anos, solteiro, pugilista, mais conhecido pela alcunha de Gibi, ensaiou e deu novo show na madrugada de sábado, durante o qual não faltaram socos, pontapés e cabeçadas. Como resultado da façanha deste conhecido esportista, uma viatura da rádio patrulha saiu danificada, enquanto que três policiais, feridos ligeiramente durante a contenda, tiveram que ser medicados. Malgrado tudo isso, o delegado Edgar Pinto de Moraes mandou elaborar somente uma folha de ocorrências, indiciando o pugilista e mandando para o xadrez, onde permaneceu durante algumas horas [...]

¹⁶⁷ Matteucci não revela o nome do jornalista que o encontrou, deixando a sugestão que tivesse sido ele mesmo a presenciar o episódio.

¹⁶⁸ *Diário da Noite*, São Paulo, 12 de setembro de 1960

Segundo o jornal policialesco, por volta de uma da manhã do sábado, Gibi entrou em um bar na avenida São João, número 1789, e, alterado por entorpecentes, começou a dizer que era campeão de várias modalidades e que estava disposto a fazer confusão. Após gritaria, Gibi começou a quebrar copos e garrafas, amedrontando o dono do bar que chamou a polícia. Uma viatura da Rádio Patrulha chegou e iniciou-se uma luta corporal entre Gibi e os policiais. O pugilista, embora em estado alterado, levava vantagem na 'luta', e somente com a chegada de reforço de outra patrulha Gibi foi dominado. Entretanto, no caminho da viatura até a delegacia, Gibi começou a bater com a cabeça no vidro da viatura, tentando quebrá-lo para fugir, mesmo algemado. Os policiais tiveram que dominá-lo novamente e finalmente o carro seguiu ao Plantão Central. Três policiais saíram feridos e necessitaram de atendimento médico, enquanto Gibi ficou detido por algumas horas.

Menos de um mês depois deste episódio da São João, o Correio Paulistano de 15 de outubro de 1960 informava que o pugilista Sebastião Ladislau, o popular Gibi, fora esfaqueado no braço na Ponte Pequena, região do Bom Retiro, zona de prostituição àqueles anos. Gibi, que residia na Alameda Northmann número 108, também no Bom Retiro, sofreu uma facada no braço esquerdo durante a madrugada. O ex pugilista foi atendido no Pronto Socorro da Barra Funda e o agressor fugiu. Em qual contexto se deu o ataque à faca na madrugada do centrão não foi apurado. O episódio de violência somente foi registrado nos jornais porque Gibi necessitou de atendimento médicos, uma vez que a maior parte destas brigas, desavenças e confusões sequer eram noticiadas às autoridades ou a imprensa.

Em 1961, dois anos após sua aposentadoria e com 30 anos de idade (Gibi nasceu em março de 1931), o pugilista foi preso novamente, desta vez junto a parte de seu grupo. A notícia do Correio Paulistano¹⁶⁹ informa que Gibi fazia parte do bando de José Badialli, conhecido pela alcunha de Zé Sargento pelas ruas do centro. Zé Sargento respondia pelos crimes de furto de automóvel, roubo, estelionato, cafetinagem e tentativa de homicídio, sendo uma das principais figuras da Boca do Lixo ao lado de Quinzinho, Hiorito Rei da Boca, entre outros. Em março daquele ano, alguns meses antes de ser preso, Zé Sargento junto a seu bando participou de uma tentativa de homicídio contra o investigador de polícia Armando Nicastro, lotado na Delegacia de Costumes e encarregado da repressão da malandragem no centro. O delegado foi atacado por pauladas, facadas e um tiro de revólver na garganta por três pessoas, mas sobreviveu e assim que saiu do hospital perseguiu Zé Sargento até prendê-lo. Gibi, que

¹⁶⁹ Correio Paulistano, São Paulo, 22 de agosto de 1961

fazia parte de seu bando, foi preso junto a mais um terceiro elemento, mas não foi reconhecido pelo delegado como um dos que participaram da tentativa de homicídio e foi posto em liberdade. Dois meses depois, em outubro de 1961, o mesmo Correio Paulistano informava em suas notícias policiais que “*Gibi agrediu outra vez*”. A nota policial diz que Gibi fora detido por agredir com socos e pontapés um rapaz de 25 anos na rua Guaianases com a Duque de Caxias, próximo à Praça Princesa Isabel e no coração da malandragem paulistana.

Pelo teor das reportagens policiais quem tem o nome de Gibi envolvido, percebe-se o contexto de violência em que estava inserido o ex-boxeador. Nelson Goiaba disse que “*o Gibi brigava em qualquer lugar, qualquer hora, ele era um cara da rua, da noite*”. Uma destas brigas teria ocasionado a morte precoce do boxeador, em 1968, quando Gibi foi assassinado a tiros aos 38 anos. Há poucas informações sobre o episódio de seu assassinato, mas Goiaba se lembra que “*ele derrubou um cara com um soco dentro do ônibus, depois ele levou um tiro e morreu*”. Matteucci escreve que Gibi morreu pobre, quase como um indigente, mas não dá detalhes de sua morte. Apaixonado pelo boxe e pela rua, foi a rua quem falou mais alto com Gibi. Apesar de ser lembrado como um boxeador que fazia uso de maconha, não foi o uso desta substância que atrapalhou sua carreira esportiva, mas sim uma combinação de diversos fatores presentes na sua vida de vadiagem, malandragem, vícios e criminalidade. Analisando como se deu a derrocada de Gibi, podemos inclusive inverter a ótica e afirmar que foi o boxe que atrapalhou sua ‘careira’ de malandro, e não a malandragem que atrapalhou sua trajetória esportiva. Nascido e criado no submundo da Boca do Lixo, Gibi subverteu a ordem ao ser um boxeador de alto nível oriundo desta realidade, mas não subverteu as estatísticas ao ser mais um negro marginal que morreu na miséria, de forma prematura e violenta. Sua história chegou até nós graças a seus grandes feitos esportivos, sendo ele um dos maiores representantes dos boxeadores ‘*vida loka*’ do boxe nacional, maconheiro, cachaceiro, maloqueiro e campeão brasileiro.

8.4.4 – Quem não lutava boxe

Ao nos debruçarmos sobre os principais grupos sociais que praticavam boxe no Brasil entre 1928 e 1953, automaticamente deixamos claro que existiam alguns grupos que não compunham o cenário pugilístico paulista e brasileiro. Dentre o grupo social que não compunha o dos praticantes de boxe, o principal deles é a mulher. Infelizmente, a presente pesquisa trata de um universo predominantemente masculino, com praticamente nenhuma mulher ocupando papel de destaque, seja como atleta, dirigente,

árbitra, *match-maker*, jornalista, treinadora, empresária. As poucas mulheres que são citadas na pesquisa ocupam papéis secundários, como mãe de um atleta ou esposa de outro, o que evidencia o ambiente extremamente machista do boxe dentro do período estudado.

Em 2011 o boxe feminino foi tema de pesquisa do mestrado em antropologia de Pedro de Oliveira Filho, que escreveu a tese *Ringues de Gênero: Representações sobre a feminilidade entre praticantes de boxe*¹⁷⁰, defendida na Universidade Federal Fluminense. Tal tese, entretanto, não poderia ser escrita há décadas atrás, uma vez que o boxe era esporte praticado, ao menos em seu nível competitivo, exclusivamente por homens nas décadas de 1920, 30, 40 e 50. Em 1941, em meio ao crescente interesse de mulheres em praticar futebol, o presidente Getúlio Vargas assinou o decreto-lei nº 3.199, proibindo a prática do futebol por mulheres. O decreto-lei trazia ainda em seu 54º, a proibição de que mulheres praticassem “*desportos incompatíveis com as condições de sua natureza*”¹⁷¹, deixando subentendido a proibição também do boxe. Anos depois, em 1965, uma deliberação do Conselho nacional de Desportos fora mais específica sobre quais esportes era permitido ou proibido às mulheres: “*Artigo 2º. Não é permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo-aquático, pólo, rugby, halterofilismo e baseball [...]*”¹⁷².

Antes ainda do decreto-lei de 1941 que proibia oficialmente a prática do futebol por mulheres, uma coluna assinada por Helênico na Gazeta Esportiva em 1940 escancarava a mentalidade da época sobre a prática de esportes pelas mulheres:

DEVE SER PROIBIDO! – [...] Quem conhece educação física e sabe, pois, quais os esportes que a mulher pode e deve praticar, dada as suas condições fisiológicas, pasma ante tal ‘espetáculo’ que se quer levar a cabo. O futebol é condenado até para rapazes menores de 17 anos, e é proibido terminantemente para mulheres. Qualquer simples monitor de ginastica sabe que a educação física feminina é dosada e é necessário controlá-la. No próprio atletismo, que é o esporte-base por excelência, a mulher só pode praticar determinadas provas, e assim mesmo dentro de normas e cuidados especiais. O bola ao cesto praticado pela mulher não é ainda muito aconselhável. As próprias leis de jogo são diferentes das masculinas, justamente por ser exaustivo o emprego físico. Somente o tênis e a natação são aconselháveis, assim mesmo com moderação. Agora temos ai o futebol carioca – a última invenção esportiva carioca – a querer tentar a sua vida em nossa capital, dentro de um estádio

¹⁷⁰ OLIVEIRA FILHO, Pedro Pio Azevedo de. *Ringues de gênero: representações sobre a feminilidade entre praticantes de boxe*. 2011. 273 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-graduação em Antropologia, Departamento de Antropologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.

¹⁷¹ Decreto-lei disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.html> [consultado em julho de 2019]

¹⁷² Deliberação disponível em: <http://cev.org.br/biblioteca/deliberacao-n-7-2-agosto-1965/> [consultado em julho de 2019]

*Olímpico, que é o do Pacaembu, com um enorme cartaz de propaganda barulhenta! [...]*¹⁷³

O excerto acima representa qual era a mentalidade hegemônica sobre a prática de esportes por mulheres, mentalidade esta que excluía completamente a possibilidade de mulheres lutarem boxe. Todos os entrevistados nesta pesquisa foram enfáticos em dizer que, durante as décadas estudadas nesta pesquisa, mulher nenhuma praticava boxe. Socialmente inaceitável e legalmente proibido, a prática de boxe por mulheres não era aceita pelos próprios treinadores, que não permitiam inscrições de mulheres em suas academias. Infelizmente não tivemos conhecimento de nenhum caso de mulher que praticou boxe, ou ao menos tenha tentado praticar, entre 1928 e 1953. A leitora Cleia Landi Alves, de Uberaba, escreveu a seguinte mensagem à revista Mundo Esportivo em 8 de novembro de 1946: “*Não há nada de mais uma moça apreciar o boxe. Pior seria se praticasse*”. Ainda que não haja registros ou documentos de moças que praticaram boxe no Brasil no período estudado, não podemos descartar a possibilidade de que tenha ocorrido episódios de mulheres praticando pugilismo.

O boxe foi o último esporte a ser praticado exclusivamente por homens nos Jogos Olímpicos e somente em Londres 2012 é que foi inserida a versão feminina no boxe em Olimpíadas, sintoma cabal do machismo dentro deste esporte. Justamente na primeira vez que mulheres boxeadoras puderam disputar uma medalha olímpica, a baiana Adriana Araújo conquistou o bronze em Londres 2012, quebrando um jejum de 44 anos em conquistas olímpicas pelo boxe Brasileiro¹⁷⁴. O boxe brasileiro feminino conquistou ainda resultados relevantes, como o ouro no Mundial amador de 2010 por Roseli Feitosa, bronze no mundial amador de 2014 por Clelia Marques, título mundial profissional por Rose Volante e bronze no mundial juvenil por Rebeca Santos em 2018. Proporcionalmente, levando em conta o tempo de existência do boxe feminino e o boxe masculino, as mulheres brasileiras possuem resultados mais expressivos do que os homens. A versão feminina do pugilismo, entretanto, faz parte da história recente, sendo inexistente no Brasil antes dos anos 1990.

Além da ausência de mulheres no cenário pugilístico dentro do recorte desta pesquisa, é notável também a ausência de estudantes universitários como praticantes e competidores de boxe. Em 1940, ocorreu em São Paulo a 2ª Olimpíadas Universitárias da cidade, tendo como modalidades disputadas o futebol, basquete, vôlei, polo aquático,

¹⁷³ A Gazeta Esportiva, São Paulo, 6 de maio de 1940

¹⁷⁴ Além de Adriana, foram responsáveis pela quebra de jejum os irmãos Yamaguchi (bronze) e Esquiva Falcão (prata) em Londres 2012.

natação, salto ornamental, atletismo, tênis, remo e esgrima. O boxe ficara de fora dos primórdios do esporte estudantil no Brasil. Com o sucesso do 1º Campeonato Popular de Boxe Amador da Gazeta em 1941, a segunda edição do torneio contou com a inclusão de duas novas categorias: estreantes e universitários, que se juntavam às já existentes classes de novos e veteranos. A inclusão da classe de estreantes foi um sucesso, com dezenas de inscritos, já a classe de universitários, no entanto, teve apenas dois concorrentes. Helio de Almeida, do Grêmio Politécnico, e Joaquim de Carvalho Jr, da Escola de Ciências Econômicas, disputaram entre si o título dos leves da classe universitária, fazendo apenas uma luta na competição. Os organizadores do campeonato da Gazeta comentaram a baixa adesão de boxeadores universitários devido ao boxe ser um “[...] esporte não praticado, pelo menos oficialmente, pelos universitários brasileiros”¹⁷⁵. Entretanto, os dirigentes acreditavam que naquela primeira luta de boxe estudantil no Brasil, os atletas “[...] subiram no ringue para abrirem um novo capítulo na história do boxe brasileiro: o boxe universitário”¹⁷⁶.

No campeonato do ano seguinte, em 1943, a classe de universitários teve novamente pouca adesão, com apenas três inscritos, sendo possível a realização somente de uma luta, já que um dos atletas era de uma divisão de peso diferente da dos outros dois. Em 1944, ano da 4ª edição do Campeonato da Gazeta, a classe de estreantes recebeu 56 inscrições, enquanto a categoria dos universitários recebeu apenas um inscrito. Devido à falta de adversários, o estudante-pugilista foi realocado para a classe dos estreantes e não pode competir com outros universitários. No ano seguinte, em 1945, o campeonato amador mais importante do país abriu suas inscrições para quatro classes: estreantes, novos, novíssimos e veteranos, excluindo definitivamente a categoria dos universitários.

Em 1948, dirigentes da Federação Paulista de Pugilismo ainda acreditavam na possibilidade do boxe entre universitários crescer e se desenvolver no país, tal como acontecera com o atletismo, futebol, basquete, esportes aquáticos e tantas outras modalidades. A Confederação Brasileira de Desporto Universitário havia sido fundada em 1941, órgão ligada à Federação Internacional de Esporte Universitário, e com o crescimento do esporte estudantil em todo o mundo os dirigentes do boxe paulista buscavam introduzir o esporte neste segmento. Juvenal Queiroz participou e foi campeão do 1º Campeonato Universitário de Boxe Amador de São Paulo, realizado em

¹⁷⁵ A Gazeta Esportiva, São Paulo, 29 de maio de 1942

¹⁷⁶ A Gazeta Esportiva, São Paulo, 29 de maio de 1942

outubro de 1948 no Pacaembu, e em sua autobiografia deixou sua impressão sobre o boxe entre universitários no país:

*O primeiro campeonato universitário de boxe amador do estado de São Paulo não teve sequência nos anos posteriores. Isto porque o pugilismo sempre foi encarado, pela maioria dos professores das universidades, como esporte suspeito quanto aos benefícios que poderia acarretar aos jovens estudantes que o praticassem. Assim aqueles que se inscreveram no primeiro certame universitário era indivíduos que treinavam em academias independentes dos centros estudantis a que pertenciam. O Centro Acadêmico de Criminologia, sob cuja legenda eu me inscrevera, não enviara nenhum segundo para me auxiliar nos intervalos dos assaltos de peleja. O mesmo se dera com alguns dos meus colegas naquela noite [...]*¹⁷⁷

Historicamente taxado de esporte de pobres, de ignorantes e de pessoas pouco eruditas, o boxe não conquistou espaço no ambiente acadêmico como as demais modalidades esportivas. Além de ser majoritariamente praticado por pessoas oriundas de classes subalternas, pessoas que à via de regra não tem acesso ao estudo, muito menos o ensino superior, o boxe também sofria com preconceito dentro do ambiente universitário. Acusado de violento, brutal e selvagem, o boxe não era estimulado dentro do âmbito acadêmico tal como outros esportes, sem o seu desenvolvimento dentro dos centros acadêmicos e das atléticas das universidades, tal como ocorre ainda hoje em 2019. As Olimpíadas Universitárias, chamadas internacionalmente de Universiades, ocorrem regularmente desde 1959, sendo o boxe modalidade participante desde 2004, mas até hoje o Brasil ainda não participou com boxeadores ou boxeadoras. Seja por uma questão de classe ou de preconceito entre os letrados, o fato é que o boxe não era praticado massivamente por estudantes universitários nos anos 1940 ou 1950, assim como ainda ocorre atualmente. Tal situação expõe o fato que o boxe é majoritariamente praticado por pessoas que não fazem parte de uma cultura escolar ou acadêmica, importante observação sociocultural.

Capítulo 8 - Boxe e Revolução

¹⁷⁷ QUEIROZ, Juvenal. *No Mundo do Boxe*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1969.

Devido ao patamar alcançado por Eder Jofre, que se tivesse sido batizado com o nome da família materna se chamaria Eder Zumbano Jofre, a família Zumbano é reconhecida como um dos maiores agrupamentos familiares envolvidos com o boxe. Se do lado paterno Eder possuía um pai, um tio e alguns primos que foram boxeadores, do lado materno eram sete tios boxeadores, seis irmãos da mãe e um casado com a tia, isso sem contar um grande número de primos e sobrinhos. Mesmo não ostentando o sobrenome italiano, Eder colaborou para o aumento da fama da família Zumbano, que já era muito conhecida nos meios pugilísticos antes mesmo da estreia de Eder como amador, em 1953. Devido aos feitos dos irmãos Zumbano como atletas nos anos 1930, 40 e 50, a atuação como treinadores entre 1940 e 1990, e a rica contribuição como dirigentes entre as décadas de 1940 e 80, os Zumbano são sinônimo de boxe no Brasil.

Há, porém, uma outra face da família Zumbano muito pouco explorada pelos que se dedicam ao estudo do boxe no Brasil, que é o engajamento político dos irmãos de origem calabresa. Com a mesma paixão e coragem que se dedicavam ao pugilismo, ao menos três dos irmãos boxeadores tiveram envolvimento com movimentos políticos de esquerda revolucionários, pagando preços altos por isso como perseguições, cassação de direitos políticos, prisões e torturas.

Seja por falta de interesse a assuntos políticos ou por interesse em apagar o histórico de engajamento dos irmãos Zumbano, o fato é que muito pouco se fala (e nada se estuda) sobre este campo de atuação da família de boxeadores. Na memória coletiva do submundo do boxe, as atividades políticas e sociais dos Zumbano são muito pouco presentes, com raras citações entre a comunidade pugilística. Quando citada, normalmente é feita de forma rasa, com a afirmação de que “os Zumbano eram comunistas”, e apenas isso. Newton Campos, dirigente do boxe brasileiro que conviveu durante décadas com os irmãos, ao ser questionado sobre o posicionamento político de esquerda da família, disse que eles “*estavam metidos com essas coisas*”, demonstrando certo desprezo por essa face dos esportistas. Henrique Matteucci, principal escritor sobre a história do pugilismo no Brasil, se refere ao envolvimento político como algo que atrapalhou a carreira esportiva dos irmãos. No episódio em que Ralph Zumbano foi eleito Deputado Estadual em 1954, Matteucci suprime a informação de que ele seguia princípios de esquerda, como vemos no trecho abaixo:

No auge da sua carreira pugilística, em 1954, Ralf meteu-se na política e foi eleito deputado estadual. Era serralheiro, como quase todos os Zumbanos, e discípulo de Allan Teles da Cunha, de quem herdou o ‘Chaveiro Zumbano’. Como parlamentar, cumpriu seu mandato sem muito brilho, mas com dignidade. Assim encerrou sua

*carreira pugilística. Não é difícil imaginar até onde poderia ter chegado como boxeador se continuasse no ringue.*¹⁷⁸

De fato, o engajamento político dos irmãos Zumbano atrapalhou a carreira esportiva dos mesmos. Higinio foi preso e torturado em 1935, viveu como fugitivo por mais de um ano em 1936, pegou tuberculose na prisão em 1939, foi preso em 1943, teve seus direitos políticos cassados durante o Estado Novo (até a anistia em 1945), sofreu danos psicológicos devido às prisões e torturas em 1949. Waldemar foi igualmente preso e torturado nos anos 1930, foi perseguido por ser filiado à Aliança Nacional Libertadora, precisou usar nome falso para boxear nos anos 1930 devido à sua condição de clandestinidade, voltou a ser preso em 1943 pela ditadura de Getúlio Vargas. Ralph Zumbano, que nos anos 1930 era ainda um garoto, envolver-se-ia com movimentos políticos nos anos 1940, candidatando-se e vencendo ao cargo de deputado estadual em 1954, ano em que encontrava-se no auge da sua carreira esportiva. Ralph, apesar de não ter seguido o caminho revolucionário de seus irmãos mais velhos, também dedicou-se a política de forma marcante e intensa. Entretanto, o que atrapalhou a carreira esportiva dos Zumbano não foi a dedicação à política, mas sim a perseguição política que sofreram por serem declaradamente antifascistas, anti-imperialistas, por lutarem pela democracia e contra a exploração das classes subalternas. Não foi o envolvimento político dos Zumbano que os atrapalhou, mas sim a perseguição política que sofreram devido aos seus princípios libertários e revolucionários. Responsabilizar os Zumbanos pelos danos causados às suas carreiras é sugerir que a culpa é da vítima, é tentar isentar o Estado brasileiro da sua responsabilidade sobre a vida dos atingidos pela repressão, violência e opressão oficiais durante décadas em que ser oposição significava ser criminoso.

9.1 - Origens

Os irmãos Zumbano são originários de Mococa, cidade do nordeste interior paulista distante a 110 quilômetros de Ribeirão Preto e a 280 quilômetros da capital. O casal Maria e Salvador Zumbano, brasileiros de origem calabresa, tiveram ao todo nove filhos, sem contar as gestações infrutíferas vividas pela matriarca. Dos nove filhos, apenas o último, Ricardo, não nasceu em Mococa, uma vez que a família habitava já em São Paulo quando do nascimento do caçula, em 1931. Foram sete homens e duas

¹⁷⁸ MATTEUCCI, Henrique. *O Galo de Ouro: a história de Eder Jofre*. São Paulo: Editora Soma, 1979. Pp 152

mulheres gerados pelo casal Zumbano: Higino, Walter, Waldemar, Antonio, Erasmo, Ralph, Angelina, Olga e Ricardo, em ordem cronológica. De infância pobre e sem muitas oportunidades, apenas o mais velho dos filhos frequentava a escola em Mococa, enquanto as outras crianças ajudavam a mãe a vender bolos e doces na porta do circo da cidade. Em suas lembranças sobre a infância, Ralph dizia que os Zumbano era uma família de “*passadores de fome*” em Mococa. Sem conseguir pagar o aluguel, a família foi despejada da casa onde viviam no interior e migraram para São Paulo em 1928, seguindo o fluxo migratório de milhares de famílias que em poucos anos tornavam São Paulo o maior agrupamento urbano do país. Ficaram durante três anos morando de favor na casa de um parente, Marcelo Ziravello, cunhado de Salvador. Em 1931 mudaram-se para São Caetano, que até então era uma zona suburbana de São Paulo, mas em 1932 conseguiram voltar para a Ponte Pequena, próximo ao bairro Bom Retiro e da atual estação Júlio Prestes, mesma região onde se alocaram no momento de chegada. A família caçava nas matas do Campo de Marte e pescava no rio Tietê, próximo de onde habitavam, vivendo em uma São Paulo bastante diferente da de hoje.

O envolvimento dos irmãos com o boxe se deu ainda em Mococa, por volta de 1925 ou 26 segundo o próprio Waldemar¹⁷⁹, após a exibição de um filme nos cinemas em que o protagonista era Jack Dempsey, famoso pugilista norte-americano dos anos 20. Empolgados com as cenas de lutas de boxe no filme, as crianças da cidade improvisaram luvas, sacos de pancada e um ringue e começaram a brincar de boxe. Um operário de uma fábrica metalúrgica na cidade que havia sido boxeador em seu país natal, Suíça, passou a orientar os jovens mocoquenses apaixonados pelo boxe, passando as primeiras noções básicas do esporte. Com a imigração forçada em 1928, os irmãos apaixonados pela ‘nobre arte’ tiveram a oportunidade de frequentar uma academia de verdade na capital paulista. Quando chegaram em São Paulo, os três irmãos mais velhos (Higino, Walter e Waldemar) subitamente passaram a trabalhar, enquanto os mais novos buscavam replicar na cidade grande a mesma infância que tinham no interior, com jogos e brincadeiras em meio a natureza que ainda existia na capital. Foi por uma coincidência que Higino conheceu a Academia Brasileira de Pugilismo, dirigida por Kid Pratt. Procurando por informações sobre um curso profissionalizante no centro da cidade, o mais velho dos Zumbano adentrou ao Palacete Santa Helena, que ficava na praça da Sé e local onde funcionava a academia de boxe. O Palacete era um importante prédio multiuso na cidade inaugurado em 1925 e a

¹⁷⁹ QUEBRANDO A CARA. Direção de Ugo Giorgetti. São Paulo, 1986

academia de boxe funcionava em uma das sobrelôjas do gigantesco prédio, que abrigava comércios, sindicatos, escritórios e até um cine-teatro.

Como já foi abordado neste trabalho, em 1928 Kid Pratt era um dos três principais treinadores de boxe de São Paulo e do Brasil, ao lado de Caverzasio e Sangiovanni. Higino passou a treinar sob os cuidados de Armando Jofre e rapidamente levou seu irmão Waldemar para treinar consigo. Foi também no ano de 1928 que Aristides 'Kid' Jofre chegara a São Paulo vindo de Buenos Aires, mesmo ano em que os Zumbano trocaram o interior pela capital do estado e passaram a frequentar a academia de Kid Pratt. A parceria entre as famílias de imigrantes foi imediata, tanto pelas condições semelhantes em que se encontravam como pelo envolvimento esportivo. Kid Jofre fez sua primeira e única luta como profissional em março de 1930, enquanto Higino e Waldemar fizeram suas estreias um mês depois, em abril daquele ano, após quase dois anos treinando com o Jofre mais velho. Ao passo que Kid Jofre começava a ocupar a função de técnico principal da academia, posição essa herdada de seu irmão, os irmãos Zumbano iam se configurando como instrutores do ginásio, sem, porém, abandonar a função de atletas. Em setembro de 1934, o Correio de S. Paulo dava destaque à atuação de Waldemar nos ringues, citando brevemente a coincidência que o fez conhecer a academia de boxe quando buscava informações sobre o curso de desenhista industrial no Palacete da praça da Sé:

ZUMBANO, O ESPLENDIDO PESO LEVE PAULISTA, ESTAVA DESTINADO A SER DESENHISTA QUANDO KID PRATT O DESCOBRIU –

Dentre os boxeadores da nova geração, Waldemar Zumbano se encontra na lista de admiráveis. A técnica, a combatividade, o 'coração duro' desse filho de Mococa, que há 4 anos nos despachavam do sertão, fraco e franzino, destinado a estudar desenho e que uma feliz circunstância pôs em contato com Kid Pratt – já se tornaram famosas em nossos ringues. Tem 21 anos, apenas e 38 lutas [...] Do jovem raquítico que Kid Pratt estreou no ringue em abril de 31 para vencer por k.o. o santista Kid Pepino, só restam o olhar apertado e míope e a vontade inabalável pelo sucesso. No mais, transformou-se por completo. Tem hoje um físico de atleta, um punch potente, uma esquiva rápida e desconcertante. [...]

Zumbano conta-nos alguma coisa de sua vida. Desde que o irmão o levara à Academia Kid Pratt que ele ficara enamorado do boxe. Com poucos dias conseguiu que lhe colocassem luvas nas mãos. Pratt notou seu entusiasmo e começou a treiná-lo.[...] ¹⁸⁰

¹⁸⁰ Correio de S. Paulo, São Paulo, 10 de setembro de 1934

Em 1934, ano da reportagem supracitada, os irmãos Zumbano já começavam a fazer sucesso nos ringues paulistas, como se percebe pelo teor da matéria jornalística. Higino (Zumbano I) fazia importantes combates no Frontão do Braz, Cassino Antártica, Pavilhão Piolin, entre outras localidades onde ocorriam boxe naquele início da década de 1930. Em março de 1931¹⁸¹, Zumbano I (Higino) é citado como o vencedor de um combate no Frontão do Braz, representando a Academia Kid Pratt. Waldemar (Zumbano II), era o representante do estado de São Paulo no Campeonato Brasileiro de 1933, realizado no Rio de Janeiro¹⁸². Waldemar foi o peso leve da equipe paulista, comandada por Sangiovanni e Italo Hugo. O Zumbano número três, Tônico (Antônio), fazia sua estreia no amadorismo também em 1933, engrossando a fileira dos boxeadores da família. Foi no mesmo ano da estreia de Tônico, que ficaria conhecido posteriormente como Zumbão, que ocorreu outro importante fato na família de boxeadores. Uma das irmãs dos pugilistas, Angelina, casou-se com Aristides Jofre, reforçando assim o vínculo que já existia entre ambas famílias. Foi o boxe que fez Aristides se aproximar de Angelina, uma vez que o argentino era o treinador dos irmãos mais velhos da moça. Um ano depois do casamento, em 1934, nasceria a primeira filha do casal Zumbano Jofre, e três anos depois do matrimônio, em março de 1936, viria ao mundo Eder Jofre, fruto da junção de duas famílias de boxeadores.

Assim como Angelina, Olga, a outra irmã Zumbano, também esposou-se com um boxeador, o austríaco Hans Norbert. O europeu de Viena fizera sua estreia profissional em 1932, na capital austríaca, e em 1935 transferiu-se para São Paulo após dezenas de lutas em seu país natal além de França, República Tcheca e Hungria. No Brasil, o campeão austríaco peso meio-médio fora treinar aos cuidados de Kid Jofre, e realizou diversos combates entre 1935 e 1939, quando retornou ao seu país natal já casado e acompanhado de Olga. Na Europa, a Zumbano teve contato com a luta livre feminina, passando a praticá-la dia e noite, já que lhe era vetada a prática do pugilismo. Uma vez de volta ao Brasil, Olga passou a ministrar um curso de luta-livre para mulheres na academia de seu cunhado Kid Jofre, atividade que resultaria na aquisição de um circo por sua parte, já nos anos 1960. Ao organizar uma turnê com a trupe de lutadoras estrangeiras, Olga teve que fingir-se de espanhola para poder apresentar-se nas lutas de picadeiro, uma vez que era proibido que mulheres brasileiras praticassem lutas. Seu envolvimento com o mundo das lutas ajudou a reforçar ainda mais a marca da família Zumbano, ainda que às mulheres fosse renegada a prática do boxe.

¹⁸¹ Correio de S. Paulo, São Paulo, 22 de março de 1931.

¹⁸² Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, 8 de novembro de 1933.

Embora os irmãos Zumbano estivessem completamente ligados ao boxe, não foi através do esporte que eles se envolveram com assuntos políticos, mas sim através de sindicatos e organizações trabalhistas após a Revolução de 32. Vejamos como se deu o envolvimento político dos Zumbano.

9.2 - O engajamento político

O despertar político dos irmãos Zumbano se deu no início dos anos 1930, quando Higino e Waldemar engajaram-se na Revolução Constitucionalista de 1932. Trabalhando como operários e envolvidos com sindicatos, não foi difícil para que os irmãos de origem pobre se identificassem com as pautas dos revolucionários paulistas e passassem almejar uma Constituição. Ambos se voluntariaram para pegar em armas, assumindo as mais duras consequências pela causa constituinte. Definida pelo biógrafo da família como uma “aventura”, o envolvimento direto de Higino e Waldemar no front de batalha em 1932 foi rápido e não trouxe grandes prejuízos. Entretanto, pegar em armas e arriscar a própria vida por um ideal político marcou os Zumbano, que adotaram o confronto direto quando preciso como uma forma da ação política. A experiência no campo de guerra marcou Waldemar, que em 1934, ao ser questionado por um jornalista¹⁸³ se desejaria disputar o título brasileiro dos leves, respondeu: “*Está o título nas mãos do meu amigo Loffredo, homem com quem não desejarei lutar. [...] Estivemos juntos na revolução, onde firmamos uma amizade imorredoura. Ele é o único homem que enfrentaria com desprazer[...]*”. Após a derrotada experiência bélica em 1932, Waldemar alimentou o viés social do boxe, utilizando o pugilismo como um meio de transformação da sociedade e transmissão de valores.

Em entrevista realizada para a realização do documentário Quebrando a Cara, de Ugo Giorgetti, um idoso Waldemar relatou: “*sempre gostei do boxe como uma arte, como uma educação, como um meio de difusão das coisas boas da vida. Não podia fumar, beber, dormir tarde, tinha que ter uma vida saudável, isso é bom pra juventude*”. Segundo diversas fontes, Waldemar passou a viajar pelo interior do Brasil, principalmente interior de São Paulo, Minas Gerais e Paraná, onde fazia discursos e exibições de boxe. Matteucci diz que Waldemar queria “*salvar o Brasil com as luvas*”, enquanto Juvenal Queiroz relata que Waldemar “*costumava viajar pelos diversos estados levando consigo uma grande mala com petrechos de boxe para sua difusão. Quando chegava a uma cidade, escolhia um momento favorável e, muitas vezes em*

¹⁸³ Correio de S. Paulo, São Paulo, 10 de setembro de 1934

*praça pública, ensinava as virtudes do esporte, principalmente do boxe*¹⁸⁴. Waldemar defendia o boxe como ferramenta 'civilizadora', como meio de transmissão de valores éticos e estímulo a um modo de vida saudável, buscando manter os jovens das classes subalternas longe de vícios, álcool, drogas e da criminalidade. Atualmente o boxe é usado como ferramenta de transformação social por diversas iniciativas ao redor do mundo, principalmente em zonas de concentração de pobreza e criminalidade. Inúmeros jovens, crianças e adolescentes tiveram suas vidas transformadas através da prática do boxe, dada a forma como este esporte é utilizado como meio de educação. Waldemar Zumbano, já na década de 1930, visionava o caráter humano do pugilismo, sendo ele um dos precursores do boxe social.

Porém, não foi só através do boxe que os irmãos Zumbano decidiram fazer ações políticas e sociais. A partir da derrota paulista de 1932, a preocupação social, inconformismo com as desigualdades e sede de mudança na sociedade brasileira fizeram com que os mais velhos irmãos Zumbano se envolvessem com movimentos políticos de esquerda. Originários de classes subalternas, envolvidos com movimento sindicalista operário e convivendo diariamente com boxeadores oriundos da classe trabalhadora explorada, Higino e Waldemar enxergaram a implementação do comunismo no Brasil como o melhor caminho para um país igualitário, sem elites, sem exploração e com liberdade para todos. Entretanto, tal envolvimento político passaria por uma forte repressão a partir na metade da década de 1930 pelo governo Getúlio Vargas, repressão essa agravada a partir do Levante Comunista de 1935.

O clima de tensão entre os fascistas da Ação Integralista Brasileira e os esquerdistas da Aliança Nacional Libertadora (ANL) culminou no evento conhecido como a "Batalha da Praça da Sé", ou a "Revoada dos Galinhas-Verdes", um ano antes do Levante Comunista de 1935. Em outubro de 1934, militantes de esquerda e antifascistas impediram a realização de um comício organizado pelos membros da Ação Integralista em comemoração dos dois anos do Manifesto Integralista. Os integralistas, vestidos com uniforme verde, contavam com a proteção da polícia para a manifestação na praça da Sé, mas a ação dos antifascistas impossibilitou tal comício. Após troca de ofensas e pancadaria, um tiroteio tomou conta da praça, totalizando cerca de trinta feridos e sete mortos e acabando oficialmente com a manifestação fascista. A fuga desesperada dos integralistas pelo centro de São Paulo, muitos deles arrancando seus uniformes verdes para não serem reconhecidos pelos antifascistas, fez com que o

¹⁸⁴ QUEIROZ, Juvenal. *No Mundo do Boxe*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1969.

conflito ficasse conhecido como Revoadas das Galinhas-Verdes. Não há nenhum documento em que o nome dos Zumbanos apareça como participantes da contramanifestação da praça da Sé, mas, ao levarmos em conta que em novembro de 1935 Waldemar compunha a ‘brigada de choque’ da Juventude Comunista, é natural relacionar seu nome ao violento conflito.

O Partido Comunista do Brasil, em meio à instabilidade política do entre guerras, tinha como proposta um estado forte e centralizado, uma ditadura democrática do proletariado, buscando a superação da luta de classes através da implementação do regime socialista¹⁸⁵. O movimento tenentista, que tivera seu auge na década anterior, também conspirava contra o governo de Vargas, tendo na figura de Luís Carlos Prestes seu representante maior. Após a repressão policial contra o I Congresso Nacional contra a Guerra Imperialista e o Fascismo, que reuniu 20 mil pessoas em agosto de 1934, os grupos antifascistas promotores do evento se organizaram em torno da Aliança Nacional Libertadora. Segundo a historiadora Marly Vianna, “[a ANL] agrupou a esquerda antifascista, a socialista e principalmente os tenentes de esquerda desiludidos com os rumos que tomara a Revolução de 30, embora alguns ainda vissem Getúlio Vargas como revolucionário. Foram estes tenentes a alma da ANL, que conseguiu a adesão de inúmeros sindicatos operários. O PCB viu com desconfiança a formação da organização e decidiu ‘apoiar, mas não aderir jamais’”¹⁸⁶. A proximidade dos irmãos Zumbano com o movimento operário talvez tenha sido o caminho que levou-os à ANL, órgão que filiaram-se clandestinamente, segundo o biógrafo da família. Documentos sobre filiações e inscrições oficiais, tanto na Aliança Nacional Libertadora como no Partido Comunista, não foram encontrados. Respondendo via e-mail ao autor desta pesquisa sobre a filiação dos irmãos Zumbano, o Partido Comunista do Brasil respondeu que “essa informação não conseguimos ajudar, pois o partido viveu sempre na ilegalidade e sendo perseguido. Também o racha com o PPS também prejudicou muito a guarda dos arquivos, e assim são escassos”.

Tendo como principais bandeiras a luta pela democracia, a luta contra o imperialismo e contra o latifúndio, a Aliança Nacional Libertadora tinha Luís Carlos Prestes como presidente de honra. Alguns dos pontos defendidos pelo movimento eram a suspensão do pagamento da dívida externa, nacionalização de empresas estrangeiras, reforma agrária, liberdade democrática e construção de um governo

¹⁸⁵ VIANNA, Marly de A. G.. As Rebeliões de Novembro de 1935, *Revista Novos Rumos*, São Paulo, n.34, p. 01-40, 2001

¹⁸⁶ VIANNA, Marly de A. G.. As Rebeliões de Novembro de 1935, *Revista Novos Rumos*, São Paulo, n.34, p. 01-40, 2001

popular. Tanto a ANL como o Partido Comunista do Brasil enxergavam que a situação política do país era revolucionária, assim como o próprio governo que visualizava uma vitória do movimento revolucionário como uma possibilidade concreta¹⁸⁷. Prestes, usando sua popularidade e liderança, convocava os revolucionários de 30, de 32 e da Coluna Prestes a fazer uma nova insurreição. Como reação à possível revolução aclamada, o governo aprovou a Lei de Segurança Nacional, colocando a ANL na ilegalidade em julho de 1935, pouco após o discurso de Prestes. Foi neste contexto que estouraram levantes revoltosos militares em Natal, Recife e no Rio de Janeiro, movimento chamado de Levante Comunista de 35, ou pejorativamente de 'Intentona Comunista'.

Diferentemente do que foi difundido pelo governo, o Levante nas diferentes regiões do Brasil não fora articulado entre as localidades e muito menos foi comandado por Moscou, como divulgou-se à época. Em Natal, houve uma 'quartelada' sem praticamente nenhuma organização e motivada por diversas razões, para então os comunistas assumiram a direção do movimento. Os membros do Partido Comunista não conseguiram dar um caráter socialista ao golpe, pois não havia plano de governo e nem uma organização do batalhão tomado. Em Natal, conseguiram derrubar o governo impopular, distribuíram comida e dinheiro e foi onde o golpe durou mais tempo: quatro dias, entre 23 e 27 de novembro. Recife recebeu notícias da capital potiguar e militares revoltosos tomaram o 29º quartel da capital pernambucana no dia 24 de novembro, caracterizando mais uma quartelada do levante. Estivadores, operários e portuários ligados ao Partido Comunista não aderiram, e a falta de apoio popular selou o fracasso do levante. Na tarde de 25 de novembro, dia seguinte da insurreição, o movimento já estava derrotado, com o quartel retomado por legalistas reacionários. Os chefes rebeldes foram presos e, assim como em Natal, atribuiu-se o levante a Moscou, como se fosse orquestrado pela Internacional Comunista.

No Rio, capital federal, com as notícias de Rio Grande do Norte e Pernambuco “o governo preparou-se para enviar tropas ao Nordeste, e as unidades militares foram colocadas em rigorosa prontidão. Começaram também a prisão de líderes políticos de oposição, militares, parlamentares e dirigentes sindicais[...]”¹⁸⁸. Tentou-se um levante nos quartéis para uma posterior adesão civil, proposta essa de Luiz Carlos Prestes em uma ação tipicamente tenentista. Rebeldes conseguiram tomar o 3º Regimento de

¹⁸⁷ VIANNA, Marly de A. G.. As Rebeliões de Novembro de 1935, *Revista Novos Rumos*, São Paulo, n.34, p. 01-40, 2001

¹⁸⁸ VIANNA, Marly de A. G.. As Rebeliões de Novembro de 1935, *Revista Novos Rumos*, São Paulo, n.34, p. 01-40, 2001

Infantaria, na Praia Vermelha, na madrugada do dia 27 de novembro, dois dias depois que o movimento em Recife já estava derrotado. Mas sem receber reforços de outros revoltosos, foram obrigados a se render ainda antes do meio dia. Em São Paulo a rebelião sequer estourara, uma vez que os emissários de Luiz Carlos Prestes não conseguiram sair do Rio e as unidades militares não receberam ordens de se rebelarem.

Apesar dos levantes não terem caráter comunista bem definido, o governo de Getúlio Vargas elegera o Comunismo como o inimigo a ser combatido, fortalecendo através de medidas heterodoxas o anticomunismo. Ainda segundo Marly Vianna, “os movimentos armados de novembro de 1935 eclodiram por situações gestadas e desenvolvidas no contexto da sociedade brasileira da época, dentro das tradições de lutas populares e significativa participação de setores e lideranças políticas oriundas das camadas médias urbanas, principalmente militares. A difundida tese do papel do ‘dedo de Moscou’ ordenando os movimentos não tem nenhuma base na realidade”. No início de dezembro foi criada a Comissão de Repressão ao Comunismo, fortalecendo a repressão contra comunistas, aliancistas, democratas e todos que fossem oposição ao governo. Lideranças foram presas, entre elas Luiz Prestes e Olga Benário em março de 1936. O desfecho perdedor do Levante colaborou para a difamação de Prestes e do movimento revolucionário, contribuindo para o crescimento do anticomunismo dentro das Forças Armadas e em toda sociedade brasileira. Inclusive o próprio nome que foi chamado o levante: Intentona Comunista, que visava relacionar aos levantes “*todas as terríveis conotações que se atribuíam ao comunismo: ser contra Deus, contra a pátria e contra a família, querendo instalar o inferno soviético no Brasil*”. A repressão pós-levante se espalhou por todo Brasil, não apenas nas cidades revoltosas, e 162 processos foram abertos em São Paulo¹⁸⁹ entre o final de 1935 e início de 1938, sendo a maioria deles referentes a 1936, ano subsequente aos Levantes.

Dentre as centenas de indiciados na onda repressora, constam os nomes de Higino e Waldemar Zumbano, ativistas de esquerda que foram perseguidos, presos, condenados e torturados pelo Estado. Tendo como profissão instrutor de ginástica nos autos do processo, Waldemar Zumbano foi acusado de pertencer à Federação das Juventudes Comunistas e de organizar brigadas de choque para a proteção de comícios do Partido. Já Higino, que tem seu sobrenome escrito de forma errônea no processo (Higino Nicolau Zumbrano, enquanto o correto é Higino Nicolau Zumbano), respondeu pela vaga acusação de propaganda comunista em processo que data 1938. Os documentos descobertos pela pesquisadora Marly Vianna trazem ainda um caso

¹⁸⁹ VIANNA, Marly de A. G.. As Rebeliões de Novembro de 1935, *Revista Novos Rumos*, São Paulo, n.34, p. 01-40, 2001

curioso, que é o de Sebastião Arruda, acusado de atividades subversivas, propaganda contra as instituições e pregação pela liberdade dos presos políticos. A profissão declarada por Sebastião foi a de 'pugilista', embora não haja notícias esportivas relacionadas ao seu nome encontradas durante a realização desta pesquisa. Também não foi possível checar se o boxeador Sebastião tinha alguma relação esportiva com os irmãos Zumbano. Talvez fosse uma coincidência, talvez fossem parceiros de luvas e de engajamento.

Se o Levante Comunista de 35 aconteceu no final de novembro, poucos dias antes, no início de novembro, Waldemar Zumbano foi preso em São Paulo pela polícia da Delegacia de Ordem Política e Social, o temido DOPS. Juntamente com outros companheiros¹⁹⁰ do Partido, o boxeador foi detido acusado de fazer parte da 'tropa de choque' da Juventude Comunista. Dentre os sete detidos em novembro ao lado de Waldemar, constava o nome de Allan Teles da Cunha, amigo da família Zumbano e proprietário de um Chaveiro onde muitos membros da família trabalhariam anos depois, inclusive Eder Jofre. O biógrafo da família Zumbano romantizou a prisão e tortura de Waldemar, que ficara detido no largo General Osório, na Santa Efigênia, onde atualmente funciona o memorial da Resistência de São Paulo: *"durante 36 horas consecutivas, encarcerado numa sala com meia dúzia de policiais 'altamente especializados', [Waldemar] leva mais murros do que em toda sua carreira pugilística"*¹⁹¹. Infeliz comparação. Zumbano foi colocado em liberdade alguns dias depois da prisão, mas em fevereiro de 1936, cerca de dois meses após sua detenção, jornais anunciavam sua intimação, contextualizando a onda de repressão anticomunista pós-Levante e dando ricos detalhes das atividades que fazia parte Waldemar. O nome do pugilista foi destaque no Correio de S. Paulo de 5 de fevereiro de 1936:

OS COMUNISTAS POSSUÍAM UMA BRIGADA DE CHOQUE PARA INUTILIZAR A
AÇÃO POLICIAL DURANTE OS COMÍCIOS DE PROPAGANDA SUBVERSIVA - O
pugilista Waldemar Zumbano, pertencente a Federação da Juventude Comunista,
intimado a comparecer em juízo

[...] Deflagrado o movimento de novembro, a polícia começou a agir com mais
vigor, e assim, pouco a pouco, vão aparecendo as células da terrível organização
bolchevista. Ainda agora, quase dois meses após sufocado o movimento subversivo,

¹⁹⁰ , Francisco Gimenez, Henrique Quevedo, Waldemar Zumbano, José Sanchez, Allan Teles da Cunha, Victor Mare, Miguel Bignardi e Diogo Barrientos, segundo o Correio de S. Paulo.

¹⁹¹ MATTEUCCI, Henrique. *O Galo de Ouro: a história de Eder Jofre*. São Paulo: Editora Soma, 1979.

estão sendo procurados dois perigosos comunistas: Francisco Gimenes e Waldemar Zumbano, ambos pertencentes à Federação da Juventude Comunista e a uma terrível organização que intitularam 'Brigada de Choque'. Essa Brigada, segundo depreende do inquérito policial, se destinava a 'inutilizar a ação policial por ocasião da realização de comícios comunistas nesta capital e garantir sua realização, protegendo seus oradores.

REQUISITOS PARA PERTENCER À BRIGADA: Em seu relatório, diz a autoridade policial: 'Para ingressar como membro desse grupo de choque, vários requisitos são exigidos dos jovens voluntários, como decisão, inteligência, combatividade e audácia, agindo o grupo ou cada elemento isoladamente sob sua inteira responsabilidade. Cada um dos membros deveria trazer consigo uma arma e abrir fogo contra os policiais, caso estes tentassem impedir a reunião' [...] Comunistas militantes e propagandistas de ideologias extremistas e subversivas tem demonstrado os indícios de um grande perigo a sociedade e as instituições, quer pela maneira audaciosa, quer pela decisão irredutível com que vem desempenhando as suas atividades criminosas".

Zumbano sabiamente não se apresentou às autoridades policiais e passou a viver na clandestinidade. Um mês depois de ter seu nome estampado como perigoso militante comunista, em março de 1936, Zumbano e seus camaradas foram sumariados como *"extremista membro da brigada de choque da Juventude Comunista de São Paulo"*¹⁹². Após três anos o processo número 127 foi julgado pelo juiz Comandante Lemos Basto, do Tribunal de Segurança Nacional. Na sentença, o juiz declarou que Waldemar e outros dois acusados *"faziam parte de uma brigada de choque, ou seja, um grupo que tinha nos comícios o encargo de proteger o orador contra a ação da polícia, para o que andavam armados"*¹⁹³. Pesava ainda o fato que o grupo de sete pessoas, incluindo Waldemar, organizou e realizou um comício comunista em praça pública, onde Diogo de Barros (ou Diogo Barrientos, como consta em alguns documentos) fora o orador e proferia diversas confabulações de natureza comunista. Diogo, que além de orador dos comícios foi acusado de ser autor de um assalto a mão armada para angariar fundos ao movimento revolucionário, foi condenado a um ano devido a seus maus antecedentes. Zumbano e outros cinco acusados foram condenados a 7 meses e 15 dias em prisão 'celular', e dois menores de idade que tomaram parte no grupo receberam como pena em três meses de detenção. Ao emitir a sentença, o juiz reforçou *"[...] que os acusados no presente processo [...] eram regularmente filiados à Juventude*

¹⁹² Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 5 de março de 1936.

¹⁹³ Jornal do Commercio, Rio de Janeiro,, 7 de janeiro de 1939.

Comunista, sociedade esta por sua vez filiada ao Partido Comunista e todos os outros entre si uma associação subversiva [...]”.

Enquanto Waldemar fora preso e torturado em 1935, Higino, por sua vez, fugiu da repressão e desaparecera junto com sua companheira, deixando a família apreensiva. O mais velho dos irmãos revolucionários escapara da prisão por agitação comunista fugindo para o sertão de Goiás, onde ficou mais de um ano, ainda segundo Matteucci. Porém, ao retornar a São Paulo, Higino foi perseguido e preso pela polícia política quando visitava a casa de seus pais na região do Bom Retiro. O boxeador ficou detido juntamente com militantes e operários que eram torturados cotidianamente. Um dos seus colegas de prisão teria sido Luiz Carlos Prestes, que ficava em uma cela solitária isolada do restante dos presos políticos. Após alguns meses detido, Higino foi solto para responder seu processo em liberdade, mas havia contraído tuberculose devido às desumanas condições da prisão a que foi submetido. Para curar-se da doença, Higino foi internado em um hospital particular em São José dos Campos a mando da família. Entretanto, as condições financeiras dos Zumbano não permitiam gastos extras, e foi então que Waldemar passou a boxear para arrecadar fundos para pagar o tratamento do irmão subversivo.

Ainda perseguido pelo DOPS, Waldemar criou um pseudônimo para poder lutar boxe no interior do país. O nome escolhido foi Frank Eder, inspirado no boxeador alemão Gustav Eder, que fazia enorme sucesso naquela década de 1930. Usando o nome falso, Waldemar Zumbano *“percorreu todo o interior de São Paulo e Minas, lutando em circos e até praças públicas para levantar o dinheiro necessário”*¹⁹⁴. O Correio Paulistano de 8 de janeiro de 1937 aponta a luta entre Frank Eder e Fumaça como a luta final da programação em uma exposição-feira em Campinas, feira de Carlos Gomes. É a única citação do nome de Frank Eder nos jornais da época, que dizia que *“tomarão parte valentes e destemidos ‘bacharéis na arte do murro’, que se enfrentarão cada um disposto a defender seu nome e a dar a assistência um embate leal”*. Nos registros oficiais de combates de Waldemar existe um hiato em suas lutas entre março de 1935 e novembro de 1939, período em que combateu usando o pseudônimo, entre uma detenção pelo DOPS e outra. Matteucci apontou que a situação de clandestinidade deixava Waldemar vulnerável às artimanhas de empresários, que lhe *“impunham bolsas ridículas e enormes sacrifícios”*, ameaçando denunciá-lo às autoridades. Reza a lenda que o nome de Eder Jofre foi escolhido por Salvador Zumbano, pai de Waldemar e de Angelina, esposa de Aristides, como uma homenagem ao nome falso escolhido por seu

¹⁹⁴ MATTEUCCI, Henrique. *O Galo de Ouro: a história de Eder Jofre*. São Paulo: Editora Soma, 1979

filho. Pelas palavras do biógrafo da família, o vovô Zumbano teria dito a Waldemar, em março de 1936, quando nasceu seu primeiro neto homem: “*Como é o nome que você usa no boxe? Frank Eder? Frank não interessa. É nome de gringo. Eder sim. Vai se chamar Eder Jofre, ouviram?*”¹⁹⁵.

A repressão e perseguição por parte do governo atingiu até quem não tinha nenhum envolvimento político subversivo. O cunhado dos Zumbano, Aristides Jofre, foi preso no final de 1935 para uma ‘averiguação’ de suas atividades políticas. Treinador de boxe de Higino e Waldemar e esposo de uma irmã deles, Kid Jofre passou a ser considerado suspeito pelo Departamento de Ordem Política e Social. Com uma filha com menos de dois anos e a esposa grávida de seis meses, Aristides Jofre foi convidado a acompanhar policiais à sede do DOPS em São Paulo para prestar depoimento, no mesmo local onde um de seus cunhados fora torturado algumas semanas antes. Ciente de que não mantinha atividades políticas consideradas subversivas, Jofre acompanhou os policiais sem oferecer resistência. Entretanto, o que seria um simples interrogatório se transformou numa detenção arbitrária, já que não houve acusação formal contra ele. Jofre ficou três meses detido sem nenhuma acusação formada contra ele, e o stress sofrido por Angelina no final de sua gestação preocupou toda a família. Quando iniciava-se o nono mês da gestação, o pai da criança foi solto pelo DOPS sem nenhuma explicação, assim como quando fora preso. Foi posto em liberdade dia 10 de março e a criança nasceu dia 26 de março, recebendo o nome de Eder Jofre, o primeiro neto homem da família Zumbano.

9.3 – Zumbanos e o Boxe

A perseguição política contra membros da família de boxeadores foi cruel, obrigou-os a viver na clandestinidade, a usar nomes falsos, tirou-lhes a liberdade e fragilizou a numerosa família, porém não os afastou do boxe. Waldemar continuou boxeando usando um nome falso, Higino, que não lutava oficialmente desde 1933, voltaria a competir em 1941, quando a repressão já estava um pouco mais branda. Tonico, mais novo que Higino e Waldemar, continuara treinando e lutando como amador, mantendo o nome da família vivo dentro dos ringues. Diferentemente dos irmãos, Tonico não envolveu-se com política, apesar de viver vida muito movimentada e conturbada fora dos ringues, como nos aprofundamos no capítulo 7, subcapítulo 7.4.1. Erasmo, mais novo que Tonico, também sonhava com a carreira de pugilista naquele

¹⁹⁵ MATTEUCCI, Henrique. *O Galo de Ouro: a história de Eder Jofre*. São Paulo: Editora Soma, 1979

final da década de 1930. Em uma rodada pugilística ocorrida na sede do A. A. Guarani em 13 de outubro de 1940, três dos irmãos lutaram na mesma programação: Erasmo como peso galo, Waldemar como peso pena e Tonico como peso leve. Durante toda a década de 1940 e 50 seria comum programações de boxe em que constavam dois ou três nomes dos Zumbanos na programação, seja como boxeadores ou jurados, árbitros, organizadores ou anunciadores. Em janeiro de 1946, uma rodada em São Paulo contou com a participação de quatro dos irmãos, cada um em um campo de atuação: Tonico como profissional, Ralph amador, Waldemar anunciador e Higino como jurado. Em 1943 estreou Ralph Benedicto Zumbano, o quinto da família a boxear e que alcançaria um patamar que não fora alcançado por nenhum dos irmãos, disputando as olimpíadas de Londres em 1948 e se tornando campeão brasileiro profissional em 1951. Ralph herdara dos irmãos a vocação política de esquerda, chegando a ser eleito deputado estadual em 1954 pelo Partido Trabalhista Nacional. O caçula da família, Ricardo, também se dedicou ao boxe amador, chegando a se destacar no final dos anos 1940, porém sem a mesma importância esportiva que Ralph, Tonico ou Waldemar. Durante vinte e seis anos ininterruptos, de 1930, quando estrearam Higino e Waldemar, até 1956, ano em que se aposentou Ralph, havia um dos seis irmãos Zumbano sobre os principais ringues brasileiros. A legião de primos, tios e sobrinhos dos Zumbano que lutaram boxe, ostentando ou não o sobrenome italiano, envolve dezenas de pessoas, atravessando décadas de dedicação ao pugilismo.

A realização do primeiro Campeonato Popular de Boxe Amador da Gazeta Esportiva, ocorrido em 1941, deu uma injeção de ânimo da família. Como abordamos no capítulo 5 do presente trabalho, o Campeonato da Gazeta surgiu com um apelo popular muito forte, atraindo o interesse de toda comunidade pugilística de São Paulo. Waldemar e Tonico não podiam participar pois já eram considerados profissionais, mas Higino nunca boxeara profissionalmente e estava apto a tomar parte na competição. Afastado dos treinamentos desde o início da perseguição política contra ele, o primogênito da família voltou aos treinamentos para disputar o torneio. Um dos irmãos mais novos, Erasmo, encontrava-se também longe dos treinos, mas não por perseguição política, e sim por preferir a diversão e os prazeres da vida noturna do que a disciplina e os sofrimentos dos treinamentos diários. O Zumbano de número cinco (Erasmo era mais novo que Tonico e mais velho que Ralph) sempre teve uma vida boêmia, frequentando com afincos os submundos da malandragem, do samba, jogos e prostituição. Com a idade de 19 anos à época do primeiro Campeonato da Gazeta, Erasmo seguiu seu irmão mais velho e também se preparou com afincos para a disputa do certame. Higino, que já estava na casa dos trinta anos de idade, sagrou-se vice-

campeão, enquanto Erasmo venceu duas lutas e foi derrotado nas quartas-de-final, ficando sem medalhas. Segundo o biógrafo da família, Higino estava sem treinar e lutar há muitos anos, fator que influenciou negativamente seu desempenho nos combates. Este fora o último campeonato de boxe que participara como atleta. Erasmo, por sua vez, não tinha um bom preparo físico devido ao seu estilo de vida desregrado e cheio de exageros com álcool, tabaco e noites mal dormidas.

No ano seguinte, 1942, Erasmo foi o único representante dos Zumbano no 2º Campeonato Popular da Gazeta, obtendo o título de vice-campeão. O talentoso boxeador de 20 anos, entretanto, não deu prosseguimento aos treinamentos e ao estilo de vida desportista, manteve-se próximo do alcoolismo, do tabagismo e da vida desregrada de um verdadeiro bon vivant. Internado em um hospital para tratar uma tuberculose adquirida, Erasmo fugia do hospital durante a noite para continuar a frequentar rodas de samba e de jogatina, agravando seu quadro de saúde. O estilo de vida inconsequente e autodestrutivo de Erasmo custou-lhe o mais alto preço possível, e o Zumbano faleceu de causas naturais em 1944 aos 22 anos de idade.

Em 1943, quando Tonico já era um dos boxeadores mais populares de São Paulo, Higino havia sido vice-campeão do 1º Campeonato da Gazeta e Waldemar configurava-se um treinador de destaque, a polícia política voltou a perseguir a família Zumbano. Em 1º de maio de 1943 foi criada a Consolidação das Leis de Trabalho pelo governo Getúlio Vargas, e o ambiente era de agitação política, com greves e manifestações. Policiais do DOPS voltaram a perseguir sindicalistas, operários e militantes, principalmente aqueles que já lhes eram velhos conhecidos. Entre os perseguidos encontravam-se Higino e Waldemar, que voltaram ao cárcere sem nenhuma acusação formal contra eles. O biógrafo da família relata que “*desta vez não sofreram tortura física, mas permaneceram cento e poucos dias na Casa de Detenção, sem culpa formada e sem a menor ideia de quando poderiam viver de novo em liberdade*”¹⁹⁶. Relatos indicam que dentro da cadeia os irmãos alfabetizaram dezenas de detentos e ensinaram boxe a tantos outros, chegando inclusive a formar um boxeador que deu prosseguimento à sua carreira fora do sistema penitenciário.

A perseguição política contra os Zumbano encerrar-se-ia somente em 1945, quando Getúlio Vargas emitiu decreto que anistiava presos políticos. Publicada no Correio Paulistano de 19 de abril de 1945 sob o título “*A decretação da anistia é mais um passo para a inteira democratização do o país*”, a lista de nome dos perseguidos políticos anistiados contava com o nome de Higino Zumbano. O decreto concedia anistia

¹⁹⁶ MATTEUCCI, Henrique. *O Galo de Ouro: a história de Eder Jofre*. São Paulo: Editora Soma, 1979

a todos que tivessem cometido crimes políticos de 16 de julho de 1934 até a data do decreto (18 de abril de 1945), cessando mandados de prisão sobre os perseguidos. Imediatamente após o decreto que lhe trazia de volta sua liberdade política e direitos civis, Higino passou a ter seu nome constantemente relacionado entre as autoridades escaladas nas programações de boxe da Federação Paulista de Boxe. Embora seja de fácil associação, não podemos afirmar com exatidão que a anistia de Higino em abril de 1945 tenha influenciado o início sua participação oficial como dirigente nos eventos da Federação Paulista naquele mesmo ano. A partir do segundo semestre de 1945, o nome de Higino aparece com frequência como jurado das reuniões da FPP até o final dos anos 1950, indicando a figura de coordenador que Higino passara a ocupar. Apesar de não possuir muito destaque como treinador, Higino também era auxiliar de Kid Jofre em sua tradicional academia, sendo responsável pelos treinos durante as ausências de Aristides e acompanhando o time de boxeadores em viagens oficiais. Em agosto de 1948 foi Higino o técnico que dirigiu os boxeadores do São Paulo FC em competição contra equipe do Vasco no Rio de Janeiro, equipe paulista esta que contava com Ricardo Zumbano, o caçula dos irmãos, como o peso pena da equipe. Em 9 de março de 1955, o Diário da Noite publicava: *“Com a ausência de Aristides Jofre, que se encontra no México como técnico da equipe brasileira de boxe, o seu cunhado Higino Zumbano tomou o comando da academia. Ontem estivemos na academia são paulina onde fomos encontrar Higino em plena atividade. Trata-se, aliás, de um competente técnico, tendo sido um bom valor do pugilismo brasileiro”*. Em 1958, era ainda auxiliar de Kid Jofre na sua tradicional academia no centro de São Paulo.

9.4 – O polivalente Waldemar

Ao estudarmos a vida e carreira de Waldemar Zumbano durante os anos que esta pesquisa aborda, de 1928 e 1953, veremos que seus campos de atividade relacionada ao pugilismo eram vários. Suas atividades nos anos 1960, 70 e 80 o classificaram como grande treinador e dirigente, mas nos anos 1930, 40 e 50 Waldemar já era um polivalente. Para melhor organização, dividiremos suas atividades em quatro frentes: atividades como atleta, treinador, dirigente e como educador.

9.4.1 - Atuação como atleta

Diversas fontes pesquisadas indicam que Waldemar teria feito 103 ou 203 lutas de boxe, como ele mesmo relata, já bastante idoso, em uma entrevista¹⁹⁷ a seu sobrinho Eder Jofre. No ‘submundo’ do boxe, é muito comum boxeadores que não sabem quantos combates fizeram, principalmente aqueles de carreira extensa. O registro oficial de Waldemar na plataforma BoxRec aponta apenas 18 lutas profissionais, com 8 vitórias, 8 derrotas e 2 empates. Entretanto, não podemos tomar como base o BoxRec para indicar as lutas feitas pelo Zumbano por diversos motivos: grande número de lutas amadoras, uso de pseudônimo durante anos, combates profissionais não regulamentados (que portanto não são contabilizados pelo site), combates em locais não-oficiais (circos, praças, penitenciárias, feiras) e precariedade na transmissão de informações. A maior parte dos combates realizados por ele não foram registrados em nenhum tipo de documento, nem jornal, nem caderneta, nem em uma lista pessoal ou de Federações. Porém, ao analisarmos que Waldemar fez sua estreia em 1930 e aposentou-se em 1942, percebemos que é totalmente possível que ele tenha feito mais de 200 lutas em seus 12 anos de carreira, uma média de 17 lutas por ano, três lutas a cada dois meses. Entretanto, o número de combates realizado pelo boxeador Waldemar Zumbano não interfere na sua importância esportiva, sendo apenas um detalhe da sua grandiosa carreira

Em fevereiro de 1933, Waldemar fez parte da delegação paulista que participou de “*uma homenagem ao Ministro da Marinha*” no Rio de Janeiro, onde os atletas de São Paulo enfrentaram boxeadores do Corpo de Fuzileiros Navais¹⁹⁸. O resultado não foi divulgado. Em novembro daquele mesmo ano, 1933, Waldemar voltaria ao Rio, mas desta vez para a disputa do primeiro Campeonato Brasileiro amador a ser realizado. O torneio servia também como eliminatório para formar a equipe nacional que representaria o Brasil no Torneio Sul-americano daquele ano. O peso leve paulista estava escalado para enfrentar Rodrigues Lima, mas seu adversário não pesou dentro do limite da categoria e foi substituído por Jack Rezende, fuzileiro naval. Tomaram parte do Brasileiro daquele ano somente atletas de São Paulo e do Rio, e os cariocas venceram sete das oito lutas disputadas, sendo Zumbano foi um dos paulistas derrotados. Entretanto, o resultado da luta foi contestado por jornais cariocas:

“Ao nosso ver, houve apenas um fato lamentável a registrar; duas decisões visivelmente erradas, em prejuízo dos amadores paulistas, que se viram assim despojados dois títulos de campeões que, indiscutivelmente, lhes correspondiam. Kid Taquara, peso pena, e Waldemar Zumbano, da categoria leve, mereciam a decisão. [...] Essas decisões erradas são duplamente lamentáveis, se considerarmos que tanto

¹⁹⁷ Documentário *Quebrando a Cara*, direção Ugo Giorgetti. São Paulo, 1986

¹⁹⁸ Diário Carioca, Rio de Janeiro, 22 de setembro de 1933

*Kid Taquara como Zumbano fariam muito melhor figura frente aos primorosos técnicos platinos com os quais nossos amadores irão se defrontar.”*¹⁹⁹

Um cronista especializado em boxe eu assinava com o codinome SWING no Diário Carioca, deu atenção especial ao peso leve paulista:

*“A turma paulista revelou-me um nome: Waldemar Zumbano. Inteligente, preciso, e revelando conhecimentos de ringue, o esplendido leve paulista bem treinado faria melhor figura que Jack Rezende, salvo surpresas, quando do ‘Torneio Sulamericano. Foi o ponto alto da turma bandeirante’”*²⁰⁰

Waldemar não foi ao Sul-americano realizado no Rio em dezembro de 1933 devido ao ‘roubo’ sofrido perante ao boxeador carioca Jack Rezende, que por sua vez conseguiu expressivo resultado, vencendo o argentino e perdendo para o uruguaio, ficando na segunda colocação. Impossível não imaginar qual seria o resultado de Waldemar se tivesse tido o direito de disputar tal competição. Importante citar que diversos estudiosos de boxe, entre eles Henrique Matteucci, apontam que Jack Rezende foi campeão sulamericano amador em 1933, fato esse não confirmado pelas fontes pesquisadas²⁰¹.

9.4.2 - Atuação como treinador

Waldemar era escalado como árbitro, juiz, jurado e anunciador desde o início dos anos 1930, quando ainda era atleta em atividade, auxiliar técnico de Kid Jofre e também exercia sua militância política. Em algumas rodadas, exercia função dupla de atleta e dirigente, como em 26 de setembro de 1940, no Palestra Itália, que foi um dos profissionais escalados para treino com luvas com os amadores que se preparavam para o brasileiro daquele ano. O evento foi realizado na quadra de basquete do clube após a partida de futebol entre Palestra e Juventus. Nesta oportunidade, Waldemar fez sparring com o amador Arthur Tacioli, atuou como árbitro e era ainda o anunciador dos combates²⁰². Realizar duas ou mais funções sempre fora uma marca de Waldemar, que iniciou suas atividades como treinador quando ainda era pugilista nos anos 1930. Segundo suas próprias palavras, ele *“lutava e ajudava nos treinos, então foi aprendendo*

¹⁹⁹ Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 16 de novembro de 1933

²⁰⁰ Diário Carioca, Rio de Janeiro, 17 de novembro de 1933

²⁰¹ Jack Rezende venceu argentino Jaime Averbach e perdeu para o uruguaio Luiz Larraulda. O Sulamericano de 1933 foi realizado no Rio, no Estádio Brasil, e não em Cordoba, Argentina, como indica Matteucci em seu livro. Foram pesquisadas notícias referentes à competição no Jornal dos Sports, A Noite e Correio da Manhã, todos jornais cariocas.

²⁰² A Gazeta Esportiva, São Paulo, 28 de setembro de 1940.

*a ser técnico, sem ter feito escola ainda*²⁰³. Auxiliando Kid Jofre em sua academia, o Zumbano trabalhou com o cunhado até 1944, ano em que passou a comandar uma equipe sozinho. Às vésperas da realização do 4º Campeonato da Gazeta, em 1944, Waldemar foi contratado pelo Clube Espéria (que posteriormente viria a se chamar Floresta) para substituir Oscar Davidson, treinador que levava a equipe a vencer os três primeiros certames organizados pela Gazeta. Davidson, natural da Estônia, trocou o cargo de técnico de boxe do Espéria por massagista do futebol do Vasco da Gama, abrindo assim uma vaga para treinador no importante clube paulistano. Sua destacada atuação ao lado do cunhado já o qualificava como bom treinador, gabaritando-se como técnico capaz de preparar a equipe amadora de maior destaque do Brasil naquele ano de 1944. Zumbano permaneceria no clube até 1949, quando a diretoria do Floresta fechou o departamento de boxe do clube.

Em 1945, Waldemar fez novamente parceria com Kid Jofre para dirigir o selecionado paulista que disputava o brasileiro amador daquele ano, realizado em Niterói. Naquele ano os paulistas disputaram com atletas do Rio de Janeiro, Distrito Federal (Rio capital) e Rio Grande do Sul, vencendo seis categorias em oito possíveis. Ainda em 1945, Waldemar foi técnico da equipe nacional que foi a Buenos Aires para a disputa do Latino Americano, equipe esta que contava com mais um Zumbano, o peso leve Ralph. Waldemar foi o responsável pela iniciação de grandes nomes do pugilismo brasileiro, tanto em sua atuação solo como em conjunto com Kid Jofre. Em 1947 Zumbano inscreveu Pedro Galasso no campeonato de estreantes da Gazeta, como representante do Floresta. Iniciado por Waldemar, Galasso foi um dos mais destacados boxeadores de sua época, disputando a Olimpíada de Helsinki em 1952 e conquistando o primeiro título internacional do boxe brasileiro profissional, o Sulamericano dos leves em agosto de 1958.

Waldemar era um treinador querido por seus pupilos, não sendo raras as manifestações de carinho e respeito ao velho mestre. Em março de 1949, um grupo de cerca de vinte boxeadores do A. D. Floresta foi até a redação do Correio Paulistano para fazer uma cobrança à diretoria do clube. Os boxeadores denunciaram que estava há duas semanas sem treinador na equipe, já que a diretoria havia despedido Waldemar Zumbano sem explicação cabível. Os atletas presentes na redação do jornal, entre eles Pedro Galasso e Romeu Barbosa, relataram que mais de 50 pugilistas encontravam-se sem orientação no clube desde a injusta demissão de Zumbano. A diretoria recusou a apresentar justificativa e causou revolta nos atletas, que relatavam amizade e lealdade

²⁰³ Documentário Quebrando a Cara, de Ugo Giorgetti. São Paulo, 1986

ao treinador que fora dispensado. O treinador não fora recontratado, mas diversos pugilistas abandonaram o Floresta e passaram a militar pelo São Paulo FC, como Pedro Galasso que em 1948 defendia o Floresta mas já em 1950 defendia as cores do São Paulo. Após ser despedido do Floresta, Waldemar voltara a trabalhar na academia de seu cunhado Kid Jofre, academia esta patrocinada pela agremiação futebolística, trazendo consigo diversos de seus fiéis discípulos. Nelson 'Goiaba', que foi atleta de Zumbano no final dos anos 1960 quando este dirigia a forte equipe Wilson Russo, guarda viva na memória as lembranças do antigo treinador:

Tinha quatro treinadores lá [no Wilson Russo]. Waldemar Zumbano que era o chefe, o mais inteligente e o mais velho. E bastante humano. A falta de humanidade é um problema gigante na nossa sociedade. Eu cheguei a fazer lutas sobre a orientação dele. O lutador profissional tem que dar 20 % do que ganha ao treinador, mas ele não quis pegar a porcentagem dele. Os promotores sempre pagam aos treinadores, ele pega a porcentagem e depois entrega o restante para o atleta. Ele pegou todo dinheiro do promotor e me deu a bolsa integral. Eu perguntei da porcentagem e ele falou pra deixar pra lá... Ele fazia isso porque gostava do boxe! Eu pagava aluguel, ele sabia, então me ajudou, me ajudava.

9.4.3 - Atuação como dirigente

O nome de Waldemar aparece em mais de metade das reuniões pugilísticas organizadas pela Federação Paulista de Pugilismo nos anos 1940 e 50, ocupando as funções de anunciador, juiz, jurado, organizador ou diretor do espetáculo, muitas vezes desempenhando mais do que uma função na mesma programação. A liderança, articulação e dedicação ao boxe de Waldemar o levaram a ocupar posição de destaque no cenário pugilístico praticamente durante toda sua carreira. Em março de 1944, por exemplo, foi organizado pela primeira vez um torneio de boxe entre dois grandes clubes futebolísticos, um carioca e outro paulista. Os boxeadores do São Paulo FC receberam os pugilistas do Flamengo no ginásio do Pacaembu, em evento que Waldemar Zumbano era o organizador. O placar final foi de sete vitórias para os paulistas e duas para os cariocas.

Em dezembro de 1942, Zumbano era jurado e anunciador do importante confronto internacional entre os pesos pesados Arturo Godoy e Eduardo Primo, chileno e argentino respectivamente. Além de Zumbano, os juízes eram Arrigo Bevilacqua, Bruno Mufatti, Attilio Bianchi, Bergomas e Italo Hugo, todos desportistas da velha guarda do boxe brasileiro naquele longínquo início dos anos 1940. Em 1947, Waldemar participou da fundação da União Pugilística Brasileira, ocupando o cargo de presidente.

A organização congregava técnicos, boxeadores e simpatizantes do boxe para promover apoio ao atleta, assim como oferecer assistência médica e financeira a veteranos pugilistas que necessitassem. Segundo Newton Campos, a UPB foi mais uma boa iniciativa de Zumbano, mas não conseguiu realizar grandes feitos e foi extinta em 1963. Entretanto, foi a UPB quem articulou a volta do boxe nos circos de São Paulo no início dos anos 1950, colaborando com a expansão do esporte na cidade. Nos debruçamos sobre o boxe em circos nos anos 1950 no capítulo 1, subcapítulo 1.6.1 do presente texto.

9.4.4 - Atuação como educador

Apesar de não ter origens eruditas ou acadêmicas, Waldemar Zumbano sempre lutou pela aproximação do boxe com as ciências, buscando o aperfeiçoamento e a difusão do boxe através de estudos, cursos, manuais, livros e debates. No ano de 1946, por exemplo, Waldemar foi um dos orientadores da revista 'No Mundo do Box'. Ao lado de Kaled Cury, Waldemar colaborava na organização da publicação que visava difundir a modalidade através da comunicação escrita. Em julho de 1947, Waldemar trouxe o boxe para o campo da ciência ao apresentar o artigo "*A organização da educação física no estado de SP. Considerações sobre o processo francês e o desporto como meio educacional e como espetáculo. Plano geral de organização de pugilismo*", no II Congresso Paulista de Educação Física, organizado pela Associação dos Professores de Educação Física de São Paulo²⁰⁴. Devido à sua boa relação entre os educadores físicos, Waldemar foi o treinador escolhido para ministrar um curso de boxe destinado a sócios e não-sócios da Associação dos Professores de Educação Física em 1948.

Sua preocupação na melhoria do nível do boxe brasileiro aliado ao seu ímpeto pedagógico fez com que Waldemar organizasse uma Escola de Juízes e Jurados da Federação Paulista de Pugilismo, em 1948. Ao lado de Italo Hugo, Zumbano ministrava aulas sobre arbitragem e o regulamento de boxe. O curso era gratuito aos membros da comunidade pugilística e custava Cr\$50,00 aos que não tivessem relações com a Federação Paulista. O ponto alto da preocupação de Waldemar em difundir conhecimento acerca do boxe foi quando ele escreveu e organizou o livro "*Box ao alcance de todos*", publicado pela editora Brasiliense em 1951. O livro era em formato de manual e falava sobre as técnicas e regras boxe, assim como informações importantes sobre categorias de peso e a história da modalidade. Como o próprio nome

²⁰⁴ Jornal de Notícias, São Paulo, 9 de julho de 1947.

sugere, a ideia era a de tornar o boxe ao alcance de toda população, principalmente aqueles não afeiçoados com a comunicação escrita e aqueles que não tinham a oportunidade de frequentar uma academia de verdade, tal como fora Waldemar em sua infância:

*Há muitos anos já observei a falta de literatura técnico-instrutiva, escrita ou falada, de acordo com a capacidade de compreensão da juventude praticante, em sua grande maioria vinda das camadas pobres da nossa sociedade. Apesar de conhecer, naqueles tempos todos os elementos à execução de um trabalho nesse sentido, não me sentia capaz para tanto, pois o meu grau de conhecimento era muito precário. Não só por isso como também pelo tempo que sobrava depois de trabalhar 10 ou 12 horas, nas mais variadas profissões, seja como ajudante de soldador, seja como pintor, seja como jornalista ou ainda como puxador de uma carrocinha conduzia latas de balas de doce para serem despachadas na estação, e mais um tempinho para meu treinamento. [...] Por isso, nada mais justo levar ao conhecimento de todos os que militam, sob qualquer forma, no nosso pugilismo, os ensinamentos da experiência de uma vida dedicada a ele, por intermédio de um livro, onde procurarei, o mais claro possível, expor tudo que aprendi na existência de nosso boxe*²⁰⁵

O ímpeto educacional de Waldemar em popularizar o boxe no Brasil estava intimamente ligado às suas convicções políticas comunistas. Zumbano defendia o uso dos esportes, e não só o boxe, como uma forma da melhoria de vida da classe trabalhadora, bandeira esta posta em prática pelo Partido Comunista Cubano nos anos 1960, após a revolução cubana de 1959. O conceito de 'esporte social' do regime socialista busca utilizar o esporte e a atividade física como instrumento de melhoria da qualidade de vida da população em geral, incentivando também a sociabilidade²⁰⁶. Além disso, diversas modalidades esportivas são oferecidas à população através de aparelhos do estado, principalmente as escolas, já que naquele país o esporte é um direito social coletivo. O Instituto Nacional de Deportes, Educación Física y Recreación (INDER) foi criado pelo governo socialista cubano em 1961, tendo como principal função a organização, direção e execução do esporte no país. Dez anos antes, em 1951, Waldemar Zumbano falava a jornais brasileiros²⁰⁷ sobre a importância da massificação do esporte:

“DEVEMOS DIFUNDIR O BOXE NAS FÁBRICAS, ESCOLAS E QUARTEIS

[...] Waldemar é um esportista íntegro que, afastado das justas, acaba de escrever um livro valiosíssimo para os praticantes da nobre arte com o título ‘Box ao

²⁰⁵ ZUMBANO, Waldemar. *Boxe ao alcance de todos*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1951, p. 3 e 4

²⁰⁶ LIGABUE, Giuni. GREGORIS, Chiara. *Pugni e Socialismo: Storia Della Boxe a Cuba*, Roma, Red Star Press, 2015

²⁰⁷ Jornal de Notícias, São Paulo, 14 de outubro de 1951.

alcance de todos' [...]. Antes de mais nada vamos dizer que o boxe seria uma grande arma no combate ao crime se fosse mais difundido entre a população. Devemos, pois, introduzi-lo em todos os quarteis, fábricas e escolas do Brasil, pois, além de alcançarmos um objetivo civilizador, podíamos ainda formar muitos campeões[...]"

A forma de pensar no esporte de Waldemar se assemelhava também na maneira que a União Soviética implementava em seu regime socialista. Na mesma entrevista citada acima, Zumbano citou a União Soviética como modelo de humanização do boxe, introduzindo o resultado do nocaute técnico nas lutas amadoras. Segundo ele, na então nova regra soviética, “[...] *quando um pugilista cai por três vezes consecutivas em uma luta por motivo de golpes recebidos, é considerado vencido, não tendo os combates mais do que 5 assaltos. Dessa forma, a tendência de ‘matar’ acabará desaparecendo, de acordo com a ideia de humanidade que condena a violência*”.

A admiração de Zumbano pela União Soviética fez com que o treinador participasse de uma roda de conversa sobre o esporte soviético em 1953. O evento foi realizado na Casa do Povo, centro cultural e social da comunidade judaica de esquerda do Bom Retiro, na rua Três Rios. O local funciona até hoje desenvolvendo atividades artísticas, culturais, gastronômicas, esportivas e sociais, sempre debaixo dos valores antifascistas que combatem o racismo, a xenofobia, o machismo, o antissemitismo, entre outros tipos de discriminação. Na ocasião, Zumbano levou o pugilista Romeu Barbosa, seu pupilo, para participar junto a ele de uma mesa redonda com membros da comunidade. Barbosa havia há poucos meses retornado de uma viagem à União Soviética, onde participou como delegado brasileiro do Congresso dos Povos em Defesa da Paz, em Viena, em dezembro de 1952. Zumbano iniciou o debate realizando perguntas a Romeu sobre o esporte na União Soviética, onde o atleta pode ver o alto desenvolvimento das atividades esportivas. Disse que toda grande fábrica tem uma Praça de Esportes, onde os trabalhadores poderiam se dedicar ao esporte predileto sem prejuízo as atividades profissionais. Romeu, que ao que tudo indica não se tratava de um militante declaradamente comunista, disse ainda que em véspera de grandes competições, os trabalhadores-atletas ficam concentrados, sem prejuízo de seus vencimentos, podendo assim se dedicar inteiramente ao esporte. Romeu Barbosa abordou ainda outros assuntos como teatro e cinema, respondendo perguntas dos presentes, segundo o jornal A Nossa Voz²⁰⁸ que noticiou o inesperado debate entre um treinador comunista e um boxeador que fora à Moscou.

²⁰⁸ Jornal Nossa Voz, São Paulo, 8 de maio de 1953.

Por sua trajetória dentro e fora dos ringues, Waldemar pode ser considerado o pai do boxe com engajamento social e político no Brasil. Inconformado com as injustiças da sociedade a ponto de pegar em armas lutando por uma revolução, Waldemar foi um grande lutador-social, que encontrou no boxe o melhor caminho para atingir seu objetivo. Após ter sido preso, torturado e perseguido devido a seus ideais políticos, Zumbano elegeu o boxe como ferramenta revolucionária, transformando a vida de inúmeras pessoas que tiveram contato com este esporte por sua influência. A partir dos primeiros anos da década de 2000 começaram a surgir academias de boxe declaradamente antifascistas na Europa, principalmente Itália, onde os ginásios tradicionais de pugilismo possuíam forte tradição nacionalista, machista, xenófoba, homofóbica e racista. Buscado combater posturas discriminatórias dentro do boxe, militantes de esquerda e extrema esquerda organizaram-se em torno de suas próprias academias, que em italiano receberam o nome de *Palestra Popolare*. O livro *Boxe Populaire*²⁰⁹, de Fabio Pennetta, narra a trajetória de algumas destas equipes de boxe que hoje, décadas após Waldemar Zumbano, seguem princípios políticos semelhantes ao do militante comunista brasileiro. Atualmente, em 2019, existem academias de boxe antifascistas em diversas partes do mundo, como Itália, Argentina, Inglaterra, Espanha, França e Brasil, todas elas utilizando a prática do boxe como forma de transformação social. Apesar do uso do esporte como ferramenta política ter sido desprezado pela esquerda brasileira nas últimas décadas, Waldemar Zumbano foi o primeiro comunista brasileiro a enxergar o potencial revolucionário no boxe, estando décadas à frente de seus companheiros de Partido. Nestes termos, classificamos Waldemar Zumbano como um visionário, lutando pela popularização, difusão e valorização do boxe como um caminho para uma sociedade mais justa.

²⁰⁹ PENNETTA, Fabio. *Boxe populaire: pugni rosso sangue*, Milão: Agenzia X, 2017

11 - Conclusão

Parcamente estudado pelas ciências humanas no Brasil, o boxe é um esporte que muito se assiste e se pratica, mas pouco se pensa e se estuda. Mesmo com milhares de aficionados, campeões mundiais e medalhistas olímpicos, o boxe brasileiro nunca recebeu atenção de deveria do mundo acadêmico. O presente trabalho não pretende trazer uma ‘história oficial’ do boxe em São Paulo e no Brasil, mas sim trazer à luz os personagens deste submundo tão rico (mas também tão pobre). A história dos boxeadores, treinadores, dos lugares, das academias, dos campeonatos, é também a história da cidade, dos trabalhadores, dos oprimidos, da imprensa, dos imigrantes, dos miseráveis. Este desprezo por parte da Academia e do jornalismo esportivo (que tão pouco produziu materiais sobre o boxe nacional) não vem de hoje, como pudemos observar nesta pesquisa. O boxe ainda se encontrava em estágio embrionário no meio da década de 1920, mas jornalistas já clamavam por um ‘renascimento’ do pugilismo, tendo sua morte como fato. Tal clamor é cíclico e volta e meia ainda reaparece em nosso meio, mesmo em 2019. Seja por preconceito ou por má gestão de dirigentes e autoridades, o fato é que o boxe possuiu um histórico de ‘síndrome do vira-lata’, sempre considerado uma espécie de ‘primo-pobre’ de outras modalidades esportivas. Comumente chamado de não-esporte, violento, selvagem ou brutal, o boxe traz consigo um histórico de resistência, de luta e de perseverança.

Ao traçarmos um panorama dos locais onde aconteciam boxe em São Paulo dentro do recorte da pesquisa, fica nítido o processo de solidificação do boxe ocorrido lentamente durante as décadas. Inicialmente tratado como um show, e não como um esporte, o boxe teve seu primeiro abrigo em locais de entretenimento e lazer em São Paulo, sendo colocado ao lado de peças teatrais, exhibições de cinema, performances circenses, cassinos, jogos, feras amestradas, show de aberrações, riques de patinação e lutas teatralizadas. Cinemas, teatros, picadeiros, circos, frontões de pelota basca e estádios de futebol foram os primeiros locais onde ocorriam programações de boxe em São Paulo, local onde o boxe se difundiu, mas não criou raízes. Inserido dentro da lógica mercadológica e do lucro, o boxe paulista não ficou por muito tempo em nenhum destes espaços particulares, ficando desabrigado corriqueiramente até 1940. Foi somente com a inauguração de um aparelho público, o Ginásio Municipal do Pacaembu, que o boxe encontrou possibilidades de se fixar em um local, permitindo assim seu fortalecimento e expansão. Centenas de reuniões amadoras e profissionais foram realizadas no Pacaembu de forma contínua de 1940 até 1957, momento áureo do pugilismo brasileiro. O Pacaembu perdeu seu protagonismo nas realizações de lutas de boxe somente em 1957, ano em que foi inaugurado outro aparelho público, o Ginásio do Ibirapuera. A

necessidade da intervenção do Estado para a solidificação do boxe é notória, sendo a utilização de aparelhos públicos primordial para a estabilização do cenário pugilístico paulista.

A mudança da tutela do boxe, que passou do privado para o público, influenciou também o perfil dos treinadores de boxe. Se no ambiente privado o importante era o show, o entretenimento e os lucros, na esfera pública passou-se a valorizar mais a esportividade, a competitividade e a sociabilidade dentro do pugilismo. Os mestres pioneiros, que trabalhavam com o boxe nas décadas de 1920 e 30, tinham uma relação muito mais comercial com o boxe do que os mestres modernos. Os antigos professores Kid Pratt, Sangiovanni e Caverzasio eram treinadores, empresários, managers e *match-makers* de seus pupilos, atuando no boxe como um negócio. Waldemar Zumbano, Kid Jofre, Gaúcho e Loffredo, por exemplo, foram treinadores modernos (a partir dos anos 1940) que, beneficiados pelas condições de suas épocas, puderam ter uma abordagem mais humana, esportiva e educacional do boxe. Apesar de nos anos 1940 e 50 os treinadores encontraram condições muito mais propícias para o desenvolvimento do pugilismo do que seus antecessores, viver para e do boxe nunca foi fácil, independente da época. Os principais treinadores do Brasil acumulavam funções dentro do boxe (treinador-atleta, treinador, árbitro, jurado, anunciador, *match-maker*, organizador, promotor, montador de ringue, preparador físico, massagista) e muitas vezes trabalhavam também em outras áreas fora do esporte. Mal remunerados, não são raros os casos dos treinadores que abandonaram o ofício de mestre de pugilismo em busca de estabilidade financeira, como Oscar Davidson nos anos 1940.

Beneficiados pelo grande passo que o boxe deu nos anos 1940, os treinadores agora tinham uma plêiade de locais para desenvolver suas atividades, com o boxe sendo praticado dentro de clubes futebolísticos e em associações trabalhistas. Kid Jofre ficou décadas no São Paulo FC, Waldemar Zumbano foi treinador do Floresta e do Wilson Russo, Gaúcho estabeleceu-se no Corinthians, Loffredo foi treinador do Palmeiras e da Portuguesa. Os treinadores pioneiros, entretanto, trabalhavam de forma autônoma em suas próprias academias, sendo inseridos dentro da lógica do mercado que controlava o boxe brasileiro nos anos 1920 e 30. Sangiovanni, Kid Pratt e Caverzasio, apesar de serem rivais, organizavam-se para realizar rodadas amadoras no início dos anos 1930, quando ainda não existiam as Federação Paulista e a Confederação Brasileira. O esforço dos três treinadores em desenvolver o boxe amador não foi em vão, mas é minúsculo se comparado à quantidade de eventos amadores que passaram a ser realizados em São Paulo a partir de 1940, ano em que se iniciou a realização do Campeonato Popular de Boxe Amador da Gazeta Esportiva. Com a

organização deste torneio, milhares de pessoas passaram a acompanhar competições amadoras e centenas de boxeadores se inseriram no cenário competitivo, ambiente improvável nos anos 1920 e 30.

O 'efeito cascata' foi sentido em pouco tempo, e com a popularização das lutas amadoras através do Campeonato Popular da Gazeta Esportiva (Forja de Campeões) diversos outros locais passaram a receber eventos de boxe. Grandes clubes de futebol, pequenos clubes de várzea, associações de bairro, agremiações trabalhistas, academias privadas e aparelhos públicos montaram suas academias de boxe, dando emprego para treinadores e formando novos atletas. A inauguração do Pacaembu e a Temporada Internacional de 1946 também tiveram influência nesse 'boom' que o boxe deu nos anos 1940, década que possibilitou que o boxe alcançasse níveis inéditos nos anos 1950, tanto em resultados esportivos como em popularidade. Foi o Pacaembu quem recebeu as lutas dos astros argentinos no Brasil em 46, assim como sediou o importante Latino Americano Amador de 1947, que tanto mobilizou o cenário pugilístico brasileiro. Amadores que 'surfaram a onda' dos anos 1940, tais como Kaled Curi, Ralph Zumbano e Vicentão, passaram a competir internacionalmente em alto nível e tornaram-se astros nacionais. A excelente participação nas Olimpíadas de Londres em 1948 e o sucesso de bilheteria das rodadas profissionais a partir de 1949 são exemplos de benefícios concretos alcançados pelo pugilismo nacional após as mudanças da década de 1940.

Os resultados de relevância chegariam somente no final da década de 1950, com os títulos sul-americanos de Pedro Galasso, Luisão e Eder Jofre, e o título mundial de Eder em 1960. Não foram as vitórias, porém, que nortearam esta pesquisa, já que os resultados competitivos são apenas um detalhe perante o universo deste esporte no Brasil. Para que tais resultados fossem obtidos, centenas de pessoas dedicaram suas vidas a esta modalidade, permitindo a evolução do boxe no Brasil. Majoritariamente praticado em seus primórdios por imigrantes europeus, a influência estrangeira foi primordial para a estabilização do boxe no Brasil. As duas colônias europeias com maior população no Brasil, os portugueses e os italianos, foram também os que mais se envolveram com o boxe nas décadas de 1920 e 30. Os portugueses, embora oriundos de um país com fraca tradição no pugilismo, dividiam suas experiências nos ringues com boxeadores brasileiros, dada a proximidade do mercado pugilístico brasileiro e lusitano até o final dos anos 1930. Consumidores vorazes de boxe, a colônia lusitana foi uma das responsáveis pela popularização do boxe no Brasil, principalmente no Rio de Janeiro. Os italianos, por sua vez, tinham seu reduto em São Paulo, cidade onde aportou a maior parte dos imigrantes chegados da Itália em décadas de imigração

continuada. Pertencentes às classes subalternas, operários, trabalhadores braçais e moradores de bairros populares, membros da colônia italiana foram durante décadas os principais boxeadores paulistas, com nomes como Italo Hugo, Attilio Loffredo, Brasilino Fino, Beniamino Ruta, Attilio Bianchi, Victor Manini, Celestino Caverzasio, entre tantos outros. Pedro Galasso, ítalo-paulista morador do Bixiga, foi o primeiro boxeador brasileiro a conquistar um título internacional, o Sul-americano dos leves em 1958, fato bastante significativo para demonstrar a importância dos italianos no boxe brasileiro.

Não só imigrantes italianos e portugueses colaboraram com a construção do cenário boxístico paulista, mas também imigrantes de diversas outras partes do mundo. Dado o contexto de fluxo migratório em que o Brasil estava inserido entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, o papel de protagonismo dos imigrantes no boxe brasileiro pode ser visto como natural. Europeus, sul-americanos, árabes, caribenhos e africanos encontraram no Brasil solo fértil para desenvolver-se como pugilista, colaborando para a solidificação e expansão do pugilismo no país. Foi justamente nos anos em que os imigrantes estrangeiros tiveram seu auge, entre 1928 e 1940, que poucos boxeadores negros compunham o boxe paulista. Esporte historicamente marcado pela presença de afrodescendentes em todo o mundo, o boxe em São Paulo teve um hiato de algumas décadas no que diz respeito a grandes nomes de pugilistas negros, surpresa bastante curiosa. Enquanto no Rio de Janeiro dos anos 1920 e 30 diversos pugilistas negros mantinham-se entre os melhores do país, em São Paulo quem ocupava posição de destaque eram os imigrantes europeus, em detrimento de atletas pretos. Após Ditão e Harry Rosa, que perderam espaço após a metade dos anos 1920, somente com a chegada de Vicentão, Sacomã, Nelson de Andrade, Nelson Goiaba, Luisão e alguns outros pugilistas é que o boxe paulista voltou a ter bons atletas negros, a partir de 1944 (ano de estreia de Vicentão).

Ao estudar a trajetórias de pessoas pretas no boxe, nos deparamos com o caso de Luiz Campos Soares, o Gaúcho, preto retinto que durante décadas esteve na elite do boxe brasileiro. Mesmo tendo sido campeão brasileiro pesado como boxeador, ter sido o técnico da Olimpíada de Helsinque em 1952 e ter dirigido a equipe de boxe do Corinthians desde 1945 até o início dos anos 1980, Gaúcho é um treinador que não possuiu a mesma notoriedade do que seus pares brancos. O racismo estrutural da sociedade brasileira reflete também no boxe, uma vez que poucos eram os treinadores negros de destaque dentro do período estudado, além do sutil esquecimento de um dos principais treinadores do país. Ao estudarmos os casos de boxeadores que tiveram um final de vida entorpecido de miséria, violência, alcoolismo e criminalidade, é fácil perceber que eram os negros os que mais passavam por situações de dificuldades. Peter

Johnson, imigrante de Santa Helena (ilha do continente Africano), sofreu danos cerebrais após um combate e dependeu da caridade pública por anos. Ditão, talvez o primeiro grande nome do boxe paulista, foi 'jogado aos leões' com apenas três lutas, quase morreu após um combate em 1924 e ficou com sequelas que comprometiam sua mobilidade, dependendo também de caridade da comunidade boxística. Luisão, primeiro campeão pan-americano amador em 1955, não recebeu zelo por parte de empresários ou treinadores e terminou a carreira sonado, com demência pugilística, problemas financeiros e alcoolismo. Gibi, chamado nesse trabalho de boxeador maconheiro, foi campeão brasileiro, mas se envolveu em diversos casos policiais na Boca do Lixo até ser assassinado dez anos depois de seu afastamento dos ringues. Tais casos demonstram, mais uma vez, que o racismo da sociedade brasileira refletiu e reflete no boxe nacional, uma vez que a cor da pele dos grupos estudados interfere diretamente nos números de cada grupo social.

A rica e emocionante trajetória de Waldemar Zumbano, um dos principais nomes da História do boxe brasileiro, foi também estudada neste trabalho, trazendo luz à uma face pouco lembrada do lendário treinador. Waldemar, que com paixão e idealismo dedicou décadas de sua vida ao boxe, com as mesmas emoções se dedicou à transformação social do país através de mudanças no sistema político, econômico e social. Militante comunista durante a ditadura Vargas, Zumbano foi obrigado a viver na ilegalidade durante o auge de sua carreira como atleta, sendo obrigado a fugir de São Paulo e usar nome falso para boxear no interior do país. Visionário e comprometido com o bem comum, Waldemar utilizava o boxe como ferramenta de transmissão de valores, meio educacional e emancipação da classe trabalhadora, tal como seu irmão revolucionário Higino e seu irmão deputado Ralph. Preso, torturado e perseguido por anos, Waldemar abandonou as armas e dedicou-se exclusivamente às luvas, meio que elegeu como caminho para propagar seus ideais libertários e socialistas. Como atleta, treinador, dirigente e educador, Waldemar é um dos maiores personagens do boxe brasileiro e sua ação é precursora no campo do boxe como transformação social no Brasil.

Ao nos debruçarmos sobre os grupos sociais que praticavam boxe, também notamos quem não praticava boxe no Brasil dentro do período estudado. Historicamente taxado de esporte de pobres, de ignorantes e de iletrados, o boxe foi incentivado dentro do âmbito acadêmico durante os anos 1940, mas tal segmento não foi profícuo devido a ausência de pugilistas no ensino superior. Pouco praticado dentro de universidades e muito popular entre as classes sociais subalternas, o boxe tem como marca a presença de pessoas apartadas do conhecimento científico, acadêmico, escolar oficial. Um dos

denominadores comuns entre italianos, lusitanos, marinheiros, negros, migrantes, imigrantes europeus e os *bon vivant* é que os indivíduos pertencentes a estes grupos são, à grosso modo, marginalizados dentro de seus contextos sociais. Esta marginalização econômica e social reflete também no acesso à cultura e conhecimento, sendo a comunidade do boxe muito distante do ensino erudito e científico. Esta marginalização reflete também em outros aspectos do cenário pugilístico, como o preconceito por parte da imprensa, a resistência à prática do boxe por parte de dirigentes esportivos, desorganização dentre organismos do boxe, entre outros. O boxe, mais uma vez, surge como o ‘primo pobre’, ou esporte-marginal.

São Paulo, 30 de julho de 2019

Breno Costa de Macedo

Apêndice 2 – Imagens relativas aos capítulos 5, 6, 7 e 8

21 – Início do Campeonato Popular da Gazeta arrastava multidões a diferentes pontos da cidade. FONTE: A Gazeta Esportiva, São Paulo, 31 de maio de 1941

22 – A entrada dos clubes de futebol no boxe amador foi um dos importantes acontecimentos nos anos 1940. Na foto vemos Ralph Zumbano com o calção do São Paulo FC – FONTE: A Gazeta Esportiva, São Paulo, 29 de setembro de 1945

23 – Vicentão participou das Olimpíadas de Londres 48 e profissionalizou-se em 1949, trazendo vida ao boxe profissional paulista – FONTE: Correio Paulistano, São Paulo, 27 de outubro de 1949

24 – Italo Hugo foi um dos maiores representantes da colônia italiana nos anos 1930 – FONTE: A Gazeta Esportiva, São Paulo, 10 de fevereiro de 1930.

25 – Pedro Galasso foi o primeiro brasileiro a conquistar um título internacional no boxe profissional e um dos últimos ítalo-paulistas com sucesso – FONTE: A Gazeta Esportiva, São Paulo, 24 de abril de 1958

26 – O português Antonio Rodrigues foi um dos maiores ídolos da colônia lusitana – FONTE: A Batalha, Rio de Janeiro, 21 de março de 1931.

27 – Após ter boxeadado em Portugal por um ano, Brasilino Fino tornou-se o melhor boxeador do Brasil, mantendo uma série de 49 lutas invictas. FONTE: Diário de Notícias, São Paulo, 28 de outubro de 1939

28 – Como milhões de pessoas, Nelson Goiaba deixou o interior de São Paulo e foi tentar a vida na capital. Acabou tornando-se boxeador profissional – FONTE: A Gazeta Esportiva, São Paulo, 17 de abril de 1956

29 – Em uma de suas raras fotografias, Ditão aparece treinando com Spalla dez anos depois da tragédia de 1924. Ditão tinha dificuldades de locomoção, mas ainda assim fazia exhibições. Ditão e Spalla tornaram-se amigos após a luta em que o brasileiro quase morreu em 1924 – FONTE: Correio de S Paulo, São Paulo, 19 de novembro de 1934

30 – A mídia se utilizava de termos racistas para se referir a boxeadores negros nos anos 1920 e 30. FONTE: A Batalha, Rio de Janeiro, 18 de março de 1931.

31 – O paulista Luisão foi campeão pan-americano amador em 1955 e campeão sulamericano em 1959, regatando a importância de boxeadores negros no boxe paulista. – FONTE: A Gazeta Esportiva, São Paulo, 18 de maio de 1955.

32 – Somente nos anos 1950 que boxeadores negros paulistas voltaram a ocupar posição de destaque no cenário pugilístico. Ilustração de chamada para a luta entre Paulo Sacomã e Nelson de Andrade – FONTE: Diário da Noite, São Paulo, 1 de dezembro de 1954

33 – Apesar de ser boêmio e indisciplinado, Zumbanão foi um dos principais profissionais paulistas dos anos 1940 – FONTE: A Gazeta Esportiva, São Paulo, 22 de janeiro de 1945

34 – Conhecido por seu sorriso e seu estilo provocativo, Rubens Soares fez sucesso como boxeador e como sambista na década de 1930 – FONTE: boxrec.com

GIBI, que vai encontrar em Ciquelo um adversário perigoso

35 – Personagem da Boca do Lixo, perigosa região central de São Paulo, Gibi fumou maconha durante toda sua carreira, de 1949 a 1959. – FONTE: A Gazeta Esportiva, São Paulo, 21 de novembro de 1957

Zumbano, o esplendido peso leve paulista, estava destinado a ser desenhista quando Kid Pratt o “descobriu”

O ÚNICO PUGILISTA DE SUA CLASSE QUE ELLE ENFRENTARA' COM DESPRAZER, E' LOFREDO, O CAMPEÃO DOS LEVES

na aberta de tanto sapapo que apanhei. Mas enfim, não sei porque bamba da sorte, conseguí encaixar uns socco e levei o Pepino à derrota.

Zumbano diz das suas esperanças como profissional. Do seu amor aos treinos, à vida regrada, que o levarão à melhor forma e à conquista de novas victorias. Tem muito desejo de combater no Rio. Já esteve uma vez na capital da Republica, quando disputou com Jack Rezende no campeonato brasileiro de amadores, e onde a representação paulista foi vergonhosamente roubada. Deram a victoria a Rezende, por pontos.

Perguntámos a Zumbano se não queria disputar o titulo maximo dos leves, em São Paulo.

— Está o titulo nas mãos do meu amigo Loffredo, homem com quem não desejarei lutar.

Diante de nossa admiração, explica: — Estivemos juntos na revolução e onde firmamos uma amizade immorredoura. Elle é o unico homem que eu enfrentaria com desprazer.

— Mas se fôr para a disputa do titulo, quando você se tornar candidato numero um?

Zumbano sorri: — Se fôr uma questão inappellavel para disputa do titulo, então... — E espera chegar a campeão ab-

ZUMBANO, o peso leve paulista, julando a um redactor do "CORREIO DE S. PAULO"

36 – Waldemar Zumbano foi o primeiro irmão da família a fazer sucesso como boxeador. – FONTE: Correio de S Paulo, São Paulo, 20 de setembro de 1934

agougueiro. a direita, que recebeu ferimentos graves

Os communistas possuíam uma “Brigada de Choque” para inutilizar a acção policial durante os comícios de propaganda subversiva

O pugilista Waldemar Zumbano, pertencente á Federação da Juventude Communista, intimado a comparecer em Juízo

Durante os largos mezes em que desenvolveram em nossa Capital, assim como em outros Estados do país sua nefasta propaganda, os communistas não ficaram, — o que allás, está sobejamente pro-

nesta Capital e garantir a sua realização, protegendo seus oradores”.

REQUISITOS PARA PERTENCER A’ BRIGADA

Em seu relatório, diz a autoridade

clarações e dos movimentos executados pelos indicados por ocasião do comício realizado na Lapa, no dia 3 de novembro, do anno passado, e do assalto de que foi victima por parte de Diogo

37 – Como boxeador, Waldemar fazia parte da Brigada de Choque que participava de comícios e manifestações. – FONTE: Correio de S Paulo, São Paulo, 5 de fevereiro de 1936

TRIBUNAL DE SEGURANÇA NACIONAL

Communistas condemnados

O juiz commandante Lenhos Basto, em sentença de hoje, condemnou a 1 anno de prisão Diogo de Barros; a 7 mezes e 15 dias, Armando Mary, Waldemar Zumbano, Miguel Bignardi, José Sanches e Jacob Leipz e a 3 mezes, Francisco Guineney e Victor Maida, todos indicados no processo 127 de S. Paulo, accusados de propaganda bolshevista.

Funcionou na accusação o procurador Mac Dowell e na defesa o advogado Medrado Dias.

38– Condenado como terrorista, Waldemar fugiu e usou o nome de Frank Eder para lutar no interior. Mesmo assim foi preso e torturado diversas vezes. – FONTE: Correio de S Paulo, São Paulo, 5 de fevereiro de 1936

10 - Bibliografia

10.1 - Bibliografia Geral

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: ed. Zahar, 2001

BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: ed. Marco Zero, 1983

BOURDIEU, Pierre. "Sport and Social Class". In: *Social Science Information*, nº 17, 1978.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Difel, Ed. Bertrand Brasil, 1990

DUNNING, Eric; ELIAS, Norbert. *Em busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: Uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994, v I.

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens*. São Paulo: Perspectiva, 1996

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. São Paulo: Loyola, 1996

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. HOLANDA, Fabíola. *História Oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2015

PORTELLI, Alessandro. *Ensaio de história oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2010

SANTOS, João Manuel C. Malaia. DRUMOND, Maurício. FORTES, Rafael. MELO, Victor Andrade de. *Pesquisa histórica e história no esporte*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2013

10.2 - Bibliografia de pesquisa

AMADO, Janaína. O Grande Mentiroso, tradição, veracidade e imaginação em história oral. *História (São Paulo)*, v.14, p.125-136, 1995

ARAÚJO, Vicente de Paula. *Salões, Circos e Cinemas de São Paulo*. São Paulo: Perspectiva, 1981

BARTHES, Roland. *Mitologias*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1993

- BARTHES, Roland. O que é esporte. *Revista Serrote* v.3, p.97. São Paulo: Instituto Moreira Sales, 2009
- BODNER, Allen J. & CIULLA, Joanne B. *When Boxing Was A Jewish Sport*. Westport: Greenwood Publishing Group, Incorporated, 1997
- CISCATI, Marcia Regina, *Malandros da Terra do Trabalho: Malandragem e boemia na cidade de São Paulo (1930 - 1950)*. São Paulo: Annablume: FAPESP, 2001
- COAKLEY, J. J. DUNNING, Eric. *Handbook of sports studies*. New York: SAGE, 2000
- CURI, Kaled. *O Poeta do Ringue*. p.17. São Paulo: Editora Preferência, 1996
- DA MATTA, Roberto. *Universo do futebol. Esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothèque, 1982
- DEL PRIORE, Mary; MELO, Victor Andrade de (org). *História do Esporte no Brasil*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- DUNNING, Eric. MALCOLM, Dominic. *Sport: the development os sport*. London: Routledge, 2003
- ELIAS, Nobert e DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1991.
- FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930: historiografia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997
- FLEISCHER, Nat. ANDRE, Sam. *A pictorial history of boxing*. London: Hamlyn. 1959
- FRANCO JUNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura*. São Paulo: ed Cia das Letras, 2007
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990
- HOLANDA, Bernardo B.; MELO, Victor A. *O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.
- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, *Alguns dados sobre a emigração italiana para o Brasil*, Rio de Janeiro, 1958
- IBGE, Centro de Documentação e Disseminação de Informações. *Brasil: 500 anos de povoamento*. Rio de Janeiro : IBGE, 2007.
- LE GOFF, J. *História e memória*. 2.ed. Campinas: Unicamp, 1992

- LIGABUE, Giuni. GREGORIS, Chiara. *Pugni e socialismo: storia della boxe a Cuba*, Roma: Red Star Press, 2015.
- KARAM, Maria Lúcia. *Proibições, Riscos, Danos e Enganos: as Drogas Tornadas Ilícitas*. Vol 3. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2009.
- MATTEUCCI, Henrique. *Eu já beije a lona*. São Paulo: Editora Fulgor, 1957
- MATTEUCCI, Henrique. *Boxe: mitos e história*. São Paulo: Editora Hemus, 1988
- MATTEUCCI, Henrique. *O Galo de Ouro: a história de Eder Jofre*. São Paulo: Editora Soma, 1979.
- MELO, Victor Andrade de. *História da educação física e do esporte no Brasil: panorama e perspectivas*. São Paulo: IBRASA, 1999
- NORA, Pierre. Entre memórias e história - a problemática dos lugares. *Projeto História* 10, p. 9, São Paulo: PUC-SP, Dez/1993
- OLIVEIRA FILHO, Pedro Pio Azevedo de. *Ringues de gênero: representações sobre a feminilidade entre praticantes de boxe*. 2011. 273 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-graduação em Antropologia, Departamento de Antropologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.
- PENNETTA, Fabio. *Boxe populaire: pugni rosso sangue*, Milão: Agenzia X, 2017
- POLLACK, M. Memória, esquecimentos e silêncio. *Estudos Históricos*, v.2, n.3, p.3-15, 1989
- PORTELLI, Alessandro, *Projeto História- Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP*. P.41, São Paulo, SP – Brasil, 1981
- QUEIROZ, Juvenal. *No Mundo do Boxe*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1969.
- RÚBIO, Kátia. *Atletas Olímpicos Brasileiros*. São Paulo: SESI Editora, 2015
- SAMMONS, Jeffrey. *Beyond the ring: the role of boxing in american society*, Illinois: University of Illinois Press, 1990
- SILVA, Francisco Carlos Teixeira. SANTOS, Ricardo Pinto (org.). *Memória social dos esportes. Futebol e política: a construção de uma identidade nacional*. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 2006.

SOUZA, Denaldo Alchorne de. *O Brasil entra em campo. Construções e reconstruções da identidade nacional (1930 – 1947)*. São Paulo: Annablume, 2008

TRENTO, Angelo, *Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil*. São Paulo: Studio Nobel, 1989

VIANNA, Marly de A. G.. *As Rebeliões de Novembro de 1935 in Revista Novos Rumos*, São Paulo, n.34, p. 01-40, 2001

WACQUANT, Loic. *Corpo e Alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*; Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002

WACQUANT, Loic. Os três corpos do lutador profissional. In: D.S.Lins et alii, *a Dominação Masculina Revisitada*. Campinas: Papirus. Pp. 173-96. 1998b.

ZUMBANO, Waldemar. *Box ao alcance de todos*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1951.

10.3 – Filmografia

Quebrando a Cara. Direção de Ugo Giorgetti. São Paulo, 1986

Raging Bull, direção Martin Scorsese. Estados Unidos, United Artists, 1980.

10.4 – Banco de dados eletrônico

Registro da plataforma *BoxRec* dos lutadores profissionais estudados durante a realização da pesquisa.

Brasileiros²¹⁰ -

AMÉRICO, Mario <http://boxrec.com/en/boxer/626794>

ACOSTA, Oscar - <http://boxrec.com/es/boxer/624977>

ALVES, João - <http://boxrec.com/es/boxer/124437>

ASSOBRA, Joe - <http://boxrec.com/es/boxer/625242>

BEVILACQUA, Arrigo - <http://boxrec.com/es/boxer/625214>

BIANCHI, Attilio - <http://boxrec.com/es/boxer/624970>

BIANNA, Tobias - <http://boxrec.com/es/boxer/348485>

²¹⁰ Boxeadores brasileiros e estrangeiros radicados no Brasil

BRICKMANN, José - <http://boxrec.com/es/boxer/625247>

CANSECO, Jose - <http://boxrec.com/es/boxer/616317>

CARDOSO, Balthazar - <http://boxrec.com/es/boxer/624960>

CARDOSO, Seraphim - <http://boxrec.com/es/boxer/624557>

CRESPO, João Tavares - <http://boxrec.com/es/boxer/516185>

CURI, Kaled - <http://boxrec.com/en/boxer/194528>

DAVIDSON, Oscar - <http://boxrec.com/en/boxer/624966>

DELAUNEY, Adriano (ou Fred Delaune) - <http://boxrec.com/en/boxer/157670>

FERNANDES, Anibal - <http://boxrec.com/es/boxer/521309>

FINO, Brasilino - <http://boxrec.com/es/boxer/483947>

FRANCISCO, Mario - <http://boxrec.com/es/boxer/450846>

GALASSO, Pedro - <http://boxrec.com/en/boxer/156800>

GAMBI, Giuseppe ou José - <http://boxrec.com/es/boxer/624967>

GERBICH, Jan - <http://boxrec.com/es/boxer/626059>

GIBSON, Clarence - <http://boxrec.com/es/boxer/625238>

HUGO, Ítalo - <http://boxrec.com/en/boxer/374369>

JANUARIO, Waldemar - <http://boxrec.com/es/boxer/290001>

JESUS, Antonio Fernandes (Marta Rocha) - <http://boxrec.com/en/boxer/78321>

JESUS, Paulo de - <http://boxrec.com/en/boxer/106893>

JOFRE, Armando (Kid Pratt) - <http://boxrec.com/en/boxer/629668>

JOFRE, Aristides (Kid Jofre) - <http://boxrec.com/en/boxer/628836>

JOFRE, Eder - <http://boxrec.com/es/boxer/11505>

JOHNSON, Peter - <http://boxrec.com/es/boxer/625962>

KLAUSNER, Erwin - <http://boxrec.com/es/boxer/45084>

KOLTUM, Leo - <http://boxrec.com/en/boxer/692619>

LADISLAO, Sebastião (Gibi) - <http://boxrec.com/en/boxer/221016>

LEDOUX, Angelo - <http://boxrec.com/es/boxer/624956>

LOFFREDO, Atílio - <http://boxrec.com/en/boxer/375265>

LOFFREDO, Oswaldo - <http://boxrec.com/en/boxer/626762>

LUCCA, Savino de - <http://boxrec.com/es/boxer/626055>

MANINI, Victor - <http://boxrec.com/es/boxer/624963>

MARIN, Jack - <http://boxrec.com/es/boxer/626081>

MARTINEZ, Jess - <http://boxrec.com/es/boxer/205013>

MEDINA, Jose - <http://boxrec.com/es/boxer/624982>

MESQUITA, Antonio (Índio da Armada) - <http://boxrec.com/en/boxer/261527>

MONTEIRO, Viriato - <http://boxrec.com/es/boxer/624203>

NASCIMENTO, Sebastião - <http://boxrec.com/en/boxer/30305>

NORBERT, Hans (Metralhadora Austríaca) - <http://boxrec.com/en/boxer/62836>

NOWINA, Aaron - <http://boxrec.com/en/boxer/311478>

OLIVEIRA, Miguel de - <http://boxrec.com/fr/boxer/33386>

OLIVEIRA, Nelson (Goiaba) - <http://boxrec.com/en/boxer/194522>

OLIVEIRA, Virgolino 'Lampeão' - <http://boxrec.com/es/boxer/624203>

OLIVEIRA, Servilio de - <http://boxrec.com/en/boxer/92621>

PACHECO, Arnaldo 'Chico' - <http://boxrec.com/hu/boxer/260637>

PIRES, Manoel 'Piranha' - <http://boxrec.com/es/boxer/624228>

PRIOR, Anibal - <http://boxrec.com/es/boxer/62463>

RAGAZZI, Armando - <http://boxrec.com/es/boxer/374369>

RODRIGUES, Antonio - <http://boxrec.com/es/boxer/62323>

ROSA, Ignácio ou Tupy - <http://boxrec.com/es/boxer/630711>

ROSA, Milton - <http://boxrec.com/en/boxer/114755>

ROSA, Harry ou Quirino - <http://boxrec.com/es/boxer/626061>

RUTA, Benjamin - <http://boxrec.com/en/boxer/626505>

SÁ, Isidro Pinto de - <http://boxrec.com/es/boxer/41786>

SACOMÃ, Paulo - <http://boxrec.com/en/boxer/96845>

SANTOS, Alvaro - <http://boxrec.com/es/boxer/624964>

SANTOS, Adão - <http://boxrec.com/es/boxer/624980>

SANTOS, João dos (Tobis) - <http://boxrec.com/es/boxer/626470>

SCHENEIDER, Guilherme - <http://boxrec.com/es/boxer/626510>

SILVA, Oswaldo (84) - <http://boxrec.com/en/boxer/70191>

SOARES, Antonio - <http://boxrec.com/en/boxer/98634>

SOARES, Rubens - <http://boxrec.com/en/boxer/290002>

SPALLA, Bruno - <http://boxrec.com/es/boxer/625774>

TIGRE, Jack - <http://boxrec.com/es/boxer/375264>

TONELLI, Claudio- <http://boxrec.com/en/boxer/156794>

ZUMBANO, Antônio 'Tonico' ou 'Zumbanão' -<http://boxrec.com/en/boxer/631039>

ZUMBANO, Ralph - <http://boxrec.com/en/boxer/261193>

ZUMBANO, Waldemar- <http://boxrec.com/en/boxer/626234>

Estrangeiros:

ALFARA, Jose Martinez de – <http://boxrec.com/de/boxer/51877>

ARA, Ignácio – <https://boxrec.com/en/proboxer/35197>

BARBENS, Ramon - <http://boxrec.com/es/boxer/200967>

CALDERA, Irineo - <http://boxrec.com/en/boxer/98633>

CARMELINO, Jose - <http://boxrec.com/es/boxer/624197>

CARNERA, Primo - <http://boxrec.com/es/boxer/12086>

CASALA, Juan Carlos - <http://boxrec.com/es/boxer/145164>

CHAROL II, Kid - <http://boxrec.com/es/boxer/90109>

FARABULLINI, Mario - <http://boxrec.com/es/boxer/66589>

GERBICH, Jan - <http://boxrec.com/en/boxer/626059>

GODFREY, George - <http://boxrec.com/es/boxer/17618>

GODOY, Arturo - <http://boxrec.com/en/boxer/12126>

GONZALEZ, Jose - <http://boxrec.com/es/boxer/296922>

HIDALGO, Mariano Gallart (Kid Charol II) - <http://boxrec.com/en/boxer/90109>

KNOPF, Alfonso - <http://boxrec.com/en/boxer/233237>

LAGAY, Alfredo - <http://boxrec.com/en/boxer/35632>

LENZI, Mario - <http://boxrec.com/es/boxer/61275>

LOUIS, Joe – <http://boxrec.com/en/boxer/9027>

MARTINEZ, Dogomar - <http://boxrec.com/en/boxer/11105>

MOORE, Archie - <http://boxrec.com/en/boxer/8995>

NILLES, Marcel - <http://boxrec.com/es/boxer/17600>

PARBONI, Romulo - <http://boxrec.com/es/boxer/148089>

PATRIZIO, Francisco – <http://boxrec.com/en/boxer/271505>

PRIMO, Eduardo - <http://boxrec.com/en/boxer/39862>

ROSSE, Frank - <https://boxrec.com/en/proboxer/38125>

ROTH, Gustave - <http://boxrec.com/en/boxer/35199>

SABATINO, Atilio - <http://boxrec.com/es/boxer/12417>

SANTA, José - <http://boxrec.com/es/boxer/28185>

SPALLA, Erminio - <http://boxrec.com/es/boxer/13549>

TAUWEL, Walter - <http://boxrec.com/en/boxer/619866>

TOMASULO, Norman - <http://boxrec.com/es/boxer/64889>

TOLES, Roscoe - <http://boxrec.com/en/boxer/12116>

URLICH, Juan - <http://boxrec.com/en/boxer/25119>

VELHA, Horacio - <http://boxrec.com/es/boxer/57300>

WEBER, Fritz - <http://boxrec.com/en/boxer/625197>